UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

WILLIAN PERPÉTUO BUSCH

HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS: DO HERÓI CIENTISTA DE JOHN W. CAMPBELL AO HERÓI ANTROPÓLOGO DE URSULA KROEBER LE GUIN

CURITIBA

2019

WILLIAN PERPÉTUO BUSCH

HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS: DO HERÓI CIENTISTA DE JOHN W. CAMPBELL AO HERÓI ANTROPÓLOGO DE URSULA KROEBER LE GUIN

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien.

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Busch, Willian Perpétuo
História da ficção científica nos Estados Unidos : do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin. / Willian Perpétuo Busch. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientador : Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien

1. Literatura norte-americana – História e crítica. 2. Ficção científica americana. 3. Heróis na literatura. 4. Antropologia. I. Título.

CDD – 813.09

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIENCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **WILLIAN PERPÉTUO BUSCH**, intitulada: **HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS: DO HERÓI CIENTISTA DE JOHN W. CAMPBELL AO HERÓI ANTROPÓLOGO DE URSULA KROEBER LE GUIN.**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Março de 2019.

RAFAEL FARACO BENTHIEN
Presidente da Banca Examinadora

CLÓVIS MENDES GRUNER
Avaliador Interno (UFPR)

ALEXANDRO NEUNDORF
Avaliador Externo (PUC/PR)

Ursula Kroeber Le Guin (1929-2018)

AGRADECIMENTOS

Sou grato pelos caminhos abertos e a proteção diária concecidas pelo Orixá Exu, Exu Tranca-Ruas, Exu Capa-Preta, Exu Sete-Garras, Exu Marabô e Papa Legba.

Pela inspiração concedida por Lilith, Baphomet, Abraxas e a Estrela da Manhã.

Aos Orixás Xangô e Iansã por firmar minha vontade e renová-la; ao Orixá Oxóssi por sempre me indicar para onde deveria seguir.

Agradeço a minha mãe, Tetê Perpétuo Busch, pelo apoio constante durante a pesquisa e como a primeira leitora e crítica do texto.

Mayra Sousa Resende pelas longas discussões sobre Ficção Científica e Fantasia, bem como pela leitura e revisão deste e de muitos outros trabalhos.

O apoio de Darko Suvin que acompanhou essa dissertação desde o começo, sempre esteve disposto em responder minhas perguntas e compartilhou poesias que mantiveram minha estabilidade ao longo do percurso.

Ao meu orientador Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien, que apostou nessa pesquisa e aceitou explorar espaços imaginários e debater sobre magia e alienígenas.

Prof. Dr. Sérgio Odilon Nadalin por ser uma fonte de inspiração acadêmica e profissional.

Prof. Dr. Hector Guerra Hernandez, Prof. Dr. Clóvis Gruner e o Prof. Dr. Alexandro Neundorf pela leitura, análise e crítica desta aventura.

Sou grato a todos que viabilizaram a existência desta dissertação, bem como abriram caminho para o ingresso no doutorado em 2019 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

CAPES/CNPQ pela bolsa de quatro meses.

I talk about the gods, I am an atheit. But I am an artist too, and therefore a liar.

Distrust everything I say. I am telling the truth.

(LE GUIN, 1969)

RESUMO

O objetivo desta dissertação é compreender como a Ficção Científica foi estruturada nos Estados Unidos durante o século XX. Partiremos da construção editorial de Hugo Gernsback e tencionaremos com as modulações autorais de Edgar Rice Burroughs e H. P. Lovecraft. Na sequência, problematizaremos as estratégias de escrita e de edição, estabelecidas por John W. Campbell Jr., e os seus reflexos nos trabalhos de Isaac Asimov e Robert A. Heinlein. O modelo de herói de Campbell será o cientista engenheiro que faz uso da tecnologia para superar as adversidades. A Segunda Guerra Mundial será um ponto de inflexão, com Campbell aproximando-se da Dianética e depois do Psi, consolidando assim uma orientação para o campo que se aproximava das Ciências Sociais. Noutro viés, a inserção da Ficção Científica como um tópico de estudos nas universidades norte-americanas num contexto amplo de recepção e mudança nos estudos literários marcará outro eixo referencial. A criação do Science-Fiction Studies em 1973 e a atuação de Ursula Kroeber Le Guin como autora e crítica estruturaram um novo modelo de herói: o antropólogo.

Palavras-chave: Ficção Científica. História da Literatura Norte-Americana. Herói. Antropologia.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to understand how science fiction was structured in the United States during the 20th century. We will start with the editorial work of Hugo Gernsback and intend to use the editorial modulations of Edgar Rice Burroughs and H. P. Lovecraft. Next, we will discuss the strategies of writing and editing, established by John W. Campbell Jr., and his reflections in the works of Isaac Asimov and Robert A. Heinlein. Campbell's hero model will be the scientist engineer who makes use of technology to overcome adversity. World War II will be a turning point, with Campbell approaching Dianetics and then the Psi, thus consolidating an orientation to the field that approached the Social Sciences. In another bias, the insertion of Science Fiction as a topic of study in North American universities in a broad context of reception and change in literary studies will mark another referential axis. The creation of Science-Fiction Studies in 1973 and the performance of Ursula Kroeber Le Guin as author and critique structured a new model of hero: the anthropologist.

Keywords: Science Fiction. History of North American Literature. Hero. Anthropology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Essa dissertação, dividida em quatro capítulos, visa construir uma narrativa da construção da Ficção Científica nos Estados Unidos durante o século XX.

Dentro dos estudos contemporâneos sobre Ficção Científica, um dos argumentos mais famosos especifica que a origem dessa literatura se deu com Hugo Gernsback a partir da publicação da revista *Amazing Stories* em 1926. Vários pesquisadores defenderam tal hipótese, como, por exemplo, Leon Stover[1]. Para Stover, a Ficção Científica foi batizada pela revista de Gernsback, e essa, em seu turno, remetia aos trabalhos de H. G. Wells e Jules Verne[2].

> A ficção científica glamourizou a revolução da pesquisa por um pequeno grupo de jovens leitores antes que o público, em geral, soubesse disso pela explosão da bomba atômica. Muitos dos trabalhadores de pesquisa e desenvolvimento de hoje cresceram com as revistas de ficção científica, fazendo com que baseassem suas carreiras profissionais nas pessoas sobre as quais leram. Antes do advento da revolução da pesquisa, os cientistas eram profissionais modestamente remunerados na universidade, onde a maioria deles tinha finalmente vindo para descansar depois dos tempos da Guerra Civil.[3]

Considerando esse apontamento de Stover, nosso primeiro capítulo visou enquadrar o projeto de Hugo Gernsback, visando elucidar quais eram os seus interesses e suas estratégias de publicação. Intercruzamos isso com dois autores do período: Edgar Rice Burroughs e H. P. Lovecraft.

Burroughs alcançou o sucesso e enriqueceu, enquanto Lovecraft faleceu numa situação oposta. Olhar para momentos das trajetórias destes autores nos permite compreender quais símbolos a Ficção Científica mobilizou no começo do século XX e os seus desdobramentos imediatos (no caso de Burroughs) e num prazo mais longo (em Lovecraft).

A comparação entre Burroughs e Lovecraft nos leva ao período da década de 1930, quando apresentamos a ascensão de John W. Campbell, Jr. como escritor de Ficção Científica. O que difere os dois primeiros autores em relação ao terceiro era

---

1 No original: Science fiction glamorized the research revolution for a small coterie of young readers before the general public was made aware of it by the explosion of the atomic bomb. Many of today's research-and-development workers grew up with the science-fiction magazines, modeling their professional careers on those of the people they read about there. Before the advent of the research revolution, scientists were modestly paid professionals in the university, where most of them had finally come to roost after Civil War times. STOVER, Leon E., La Science-Fiction Américaine: Essai d'anthropologie culturelle, Paris: Aubier Montaigne, 1972; STOVER, Leon E., Anthropology and Science Fiction, Curr. Anthropol., v. 14, n. 4, p. 471–474, 1973. Tradução nossa.

2 STOVER, Anthropology and Science Fiction, p. 472.

3 *Ibid.*, p. 471,472.

sua trajetória universitária, bem como sua concepção sobre o que deveria ser aquela literatura que estava a ser produzida.

O segundo capítulo trata de Campbell no papel de editor, versando as relações que estabeleceu com Isaac Asimov e Robert Heinlein. Guiando como objetivo a demarcação do eixo simbólico posto em operação. Advindo de Campbell, a Ficção Científica encontra em Asimov e Heinlein possibilidades distintas para se manifestar.

Optamos por Asimov e Heinlein, mas mencionamos outros autores que publicavam e circulavam no período. O que queremos com isso é demonstrar que o contexto de leitura, escrita e publicação da Ficção Científica cresceu junto com uma comunidade de fãs.

Discutiremos os impactos que a Segunda Guerra Mundial teve nesse arranjo simbólico. Asimov e Heinlein consolidaram as suas carreiras, enquanto Campbell daria maior ênfase para temáticas que dialogam com as Ciências Sociais. Navegaremos pela Dianética e a sua transformação na religião da Cientologia, tendências particularmente importantes naquele período.

O que veremos com o capítulo dois será a emergência de um modelo de herói guiado por Campbell e realizado nos trabalhos de Asimov e Heinlein. As ciências mobilizadas eram orientadas para o campo da engenharia, técnica e para as infinitas possibilidades atômicas.

A explosão das bombas no Japão e o pós-guerra foram acompanhados por uma mudança no rumo da Ficção Científica. Algumas pistas haviam surgido antes mediante o interesse pelo ocultismo e pelo paranormal. A guinada foi feita pela Dianética e depois pelo “Psi”. Retraçar essa trajetória nos permite acompanhar a mudança nos interesses científicos, saindo do átomo e indo para a psique.

O terceiro capítulo romperá, provisoriamente, com a narrativa que vinhamos construindo. Tomaremos como objetivo principal estabelecer o caminho percorrido pelos estudos literários na universidade norte-americana. Mapeando as principais correntes teóricas, veremos que as influências estrangeiras foram importantes para a ampliação e eventual inclusão da Ficção Científica como tópico legítimo de estudo na década de 1970.

A resposta do trabalho de J.O Bailey foi feita nas próprias revistas, ganhando forma numa resenha de Willy Ley. Considerando essa crítica, tornar-se-á viável

entender os aspectos constitutivos da interação entre literatura e crítica. Somaremos a isso um artigo de Thomas D. Clareson, que visara reconstruir a historicidade da Ficção Científica.

A partir da década de 1960, a influência do Estruturalismo serviu como indicador para contextualizar as transposições ocorridas nas universidades norte-americanas. Diante de tal disposição, Darko Suvin publicou um artigo em 1972 com uma proposta de compreensão e interpretação da Ficção Científica. Explicitaremos quais eram seus conceitos, pois, o artigo publicado pelo crítico em 1972 viria a se tornar, em 1979, um livro publicado pela editora da Universidade de Yale e uma das principais referências do campo.

Com R. D. Mullen, Suvin teve participação na criação do periódico *Science-Fiction Studies*, que é o primeiro propriamente acadêmico dedicado ao tema. O primeiro número lançado em 1973 almejava a publicação de artigos, resenhas, comentários e discussões sobre a Ficção Científica. Veremos ao longo dessa dissertação que existem iniciativas anteriores, mas com outro escopo (publicavam apenas resenhas) e atreladas a associações específicas.

Discutiremos como se deu as primeiras interações entre a academia e as revistas. Tal mediação produzirá efeitos no fim de 1940 e ganhará força posteriormente. A criação do periódico *Science-Fiction Studies*, em 1973, será tratada como um ponto de convergência na consolidação entre a literatura e a crítica.

No quarto capítulo nos propusemos a discutir a trajetória de Ursula Kroeber Le Guin, a sua relação com a Antropologia, com o setor universitário e com a Ficção Científica. A sua consolidação como uma autora de relevância ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970 e estava inscrita em um processo histórico que difere daquele experimentado por Campbell, Asimov e Heinlein.

Para entender como isso ocorreu, partiremos do estado da Antropologia nos Estados Unidos e seguiremos apresentando a trajetória de Le Guin. Marcaremos como suas primeiras obras aparecem, bem como seu conteúdo e as premiações recebidas. Próxima de Darko Suvin, Le Guin apareceu no *Science-Fiction Studies* ocupando duas posições: 1) autora reconhecida e, objeto de estudo e crítica; 2) crítica literária da Ficção Científica.

Considerando ambos os itens, mapearemos essa dupla presença de Le Guin, cruzando com algumas das questões que eram levantadas pela Ficção Científica e pela crítica naquele momento. O que encontraremos em Le Guin será um novo modelo de herói. Recusando o postulado científico técnico-militar de Campbell e afins, a autora é guiada por um herói antropólogo que não visa suprimir outrem. O contato com a alteridade deixará de ser uma questão imperialista para ser substituído por um processo de mudança e aprendizagem do protagonista.

Nas considerações finais da nossa dissertação proporemos uma leitura da obra de Le Guin. O que queremos, é estabelecer uma relação entre o conceito de *Ekumen*, tal qual é usado pela autora, e o de *Oikoumen*, que advém de seu pai, o antropólogo Alfred Kroeber. O produto disso viabilizará e ampliará a compreensão em torno dos efeitos e implicações resultantes das ações do herói antrópologo.

Dois autores estimulam a nossa empreitada: Roy Wagner e Hayden White. O primeiro, Wagner[4], propôs que o processo de compreensão do contexto constitui parcialmente a experiência de contato e interação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa. O contato entre elementos simbólicos advindos de culturas diferentes interagem e reagem, a produzir sentidos como metáforas.

O segundo, White[5], sugeriu que o historiador deve ter controle sobre as metáforas que utiliza no seu trabalho, evitando sobrecarregar as fontes, reconhecer os seus limites e a criar metáforas.

A compreensão de Wagner e de White sobre metáforas diferem, mas sua combinação nos ajuda para o alvo desta dissertação — a invenção da Ficção Científica como uma literatura e a sua transformação em objeto de estudo acadêmico.

A nossa premissa definiu a Ficção Científica como um símbolo mutável que interage de formas variadas com outros símbolos: contexto, história, sociedade, trajetória do autor, proposta editorial, etc. Não há uma Ficção Científica, mas uma simbologia com dinâmicas de funcionamento.

---

4 WAGNER, Roy, **The Invention of Culture. Revised and Expanded Edition**, Chicago, London: The University of Chicago Press, 1981.

5 WHITE, Hayden, Interpretation in History, **New Lit. Hist.**, v. 4, n. 2, p. 281–314, 1973; WHITE, Hayden, The Value of Narrative in the Representation of Reality, **Crit. Inq.**, v. 7, n. 1, p. 5–27, 1980; WHITE, Hayden, The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory, **Hist. Theory**, v. 23, n. 1, p. 1–33, 1984; WHITE, Hayden, Historical Pluralism, **Crit. Inq.**, v. 12, n. 3, p. 480–493, 1986; WHITE, Hayden, Historiography and Historiophoty, **Am. Hist. Rev.**, v. 93, n. 5, p. 1193–1199, 1988; WHITE, Hayden, **Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism**, Maryland: Johns Hopkins University Press, 1985.

1 INVENTANDO A FICÇÃO CIENTÍFICA

Este primeiro capítulo começará com Hugo Gernsback em 1908 e seguirá até 1937, com a ascensão de John W. Campbell, Jr. para a função de editor da *Astounding*. O nosso objetivo não é escrever uma história exaustiva sobre todas as publicações da época ou discutir todos os detalhes biográficos dos editores. O que queremos, é construir uma narrativa do surgimento da Ficção Científica enquanto invenção simbólica que tenha bases históricas e sociais para ocorrer.

Não podemos escapar de mencionar alguns dos principais nomes de autores que surgem no período de 1908 até 1937, mas também não discutiremos todos eles. Optamos por alguns casos que nos ajudam a fabular sobre a Ficção Científica estadunidense.

Em específico, trataremos de Edgar Rice Burroughs por dois motivos: o primeiro é seu sucesso como um autor nesse período, principalmente com as obras *A Princess of Mars*[6] e *Tarzan*[7]. Veremos que Burroughs construiu a sua carreira de escritor associada com uma postura ativa de negociação com os editores. O segundo é que o núcleo que constitui o herói nestes proporciona um olhar sobre os processos simbólicos que a literatura invocava em torno de si.

O outro autor que trataremos será H.P. Lovecraft, comentando sobre a sua trajetória e pontuando algunas de suas contribuições literárias e o seu fracasso financeiro. Experiências que refletem uma decadência aristocrática e uma modalidade relacional com a ciência que diferirá doutros nomes da Ficção Científica.

Veremos que o projeto editorial de Hugo Gernsback teve por objetivo a divulgação duma literatura que era informada pela ciência, como Edgar Allan Poe, Jules Verne e H. G. Wells. As escolhas em imprimir as histórias (que já haviam sido publicadas em outros lugares) destes autores não era gratuita, pois, Gernsback visava o lucro. Quando optou por publicar alguns dos textos originais de Burroughs e Lovecraft, pagou pouco por elas e afastou ambos das suas revistas.

Logo na sequência falaremos sobre Campbell e daremos pistas sobre a sua constituição enquanto um autor de Ficção Científica que, na sua estreia, demarca e apresenta um novo diferencial simbólico que se viabilizava por conta da sua

6 BURROUGHS, Edgar Rice, **A Princess of Mars**, New York: A. C. McClurg & Co, 1917.

7 BURROUGHS, Edgar Rice, Tarzan of the Apes (Complete Novel), **The All-Story**, p. 241–397, 1912.

trajetória acadêmica. Há outro lado em Campbell que se manifestou com o pseudônimo de Don A. Stuart e que arrasta consigo Lovecraft.

De Burroughs até Campbell há também uma transição de heróis — algo que encontramos em Jack Williamson. O protagonista mantém os seus trajes de veterano, mas a Guerra Civil e as *memórias do passado* cedem espaço para *memórias do futuro* e a possibilidade da escrita duma história do futuro, que se iniciaria por Campbell e se executaria pelos autores que estariam sob a sua editoria.

1.1 DE MARTE PARA A ESCURIDÃO.

Em 1908, Hugo Gernsback (1884 – 1967) criou uma revista chamada *Modern Electrics* com o objetivo de vender equipamentos de rádio.[8] Judeu migrante de Luxemburgo, o seu interesse por ferramentas científicas marcou a sua trajetória.[9] Em 1909, fundou a *Wireless Association of America*, um ato que serviu como um ensaio para a criação da *Science Fiction League*, em 1934.[10]

Gernsback, em 1911, colocou em catálogo o primeiro episódio duma série chamada *Ralph 124C 41+*. O objetivo era explorar as invenções que apareciam na revista a partir dum personagem que advinha do ano 2660[11]: "*Ele era Ralph 124C 41 +, um dos maiores cientistas vivos e um dos dez homens de todo o planeta Terra que tinha a permissão de usar o sinal de + após o seu nome*".[12]

No número de dezembro de 1911, o protagonista perseguia alienígenas de intenções duvidosas e usou um equipamento de rastreamento descrito como um diagrama.[13] Com esse texto, Gernsback previu o radar (palavra que só seria inventada em 1935 por Robert Watson-Watt), mas não obteve crédito ou patente.[14]

Enquanto Gernsback estabelecia as bases para a Ficção Científica, Edgar Rice Burroughs debutou no cenário das pulps. No ano seguinte à previsão do radar,

---

8 ASHLEY, Mike, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, Cambridge: Liverpool University Press, 2000, p. 28.
9 *Ibid*.
10 *Ibid*., p. 29.
11 *Ibid*.
12 No original: "He was Ralph 124C 41 +, one of the greatest living scientists and one of the ten men on the whole planet earth permitted to use the Plus sign after his name." Tradução nossa. GERNSBACK, Hugo, Ralph 124C 41+, **Modern Electrics**, v. 4, n. 1, p. 19, 1911.
13 GERNSBACK, Hugo, Ralph 124C 41+, **Modern Electrics**, v. 4, n. 9, p. 593, 1911, p. 593.
14 ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 30.

Burroughs publicou *Under the Moons of Mars*[15], serializada na *The All Story*, de Frank Munsey (1854-1924).

Nascido em Chicago, Edgar (1875–1950) era filho do Major George Tyler Burroughs (1833–1913) que serviu na Guerra Civil.[16] Edgar em 1892 entrou na Academia Militar de Michigan[17] e se graduou em 1895.[18] Na sequência prestou exame para a Academia West Point, mas não passou e optou por assumir o cargo de professor onde havia se formado.[19]

A sua experiência enquanto alistado durou entre 1896 e 1897[20]. Após dar baixa no exército e passar algum tempo trabalhando para a empresa do seu pai, seguiu para Nova York em 1899 e teve o seu primeiro contato com os trabalhos de Charles Darwin.[21] Casou-se no ano seguinte e escreveu a sua primeira história em 1903[22]. Nos anos subsequentes teve diferentes empregos e até uma tentativa de alistamento nas forças armadas chinesas[23].

A aparente trajetória sem direção de Burroughs serve como um indicador de que o trabalho de escrita ficcional não era, naquele momento, a única possibilidade. A errância entre empregos e a curiosa tentativa de alistamento nas fileiras sínicas revela isso. Como veremos, isso estava prestar a mudar. Noutra via convergente, a leitura de Darwin terá as suas ramificações dentro da literatura que viria a ser produzida por Burroughs.

Em 1911 escreveu e vendeu *Under the Moons of Mars* (*Sob as Luas de Marte*). A primeira versão em livro, com o título que ficaria mais conhecido posteriormente, *A Princess of Mars*[24] (*Uma Princesa de Marte*), saiu em 1917 pela A.C. McClurg & Co. A narrativa pode ser vista como ponto de mudança da temática

---

15 BURROUGHS, Edgar Rice, Under the Moons of Mars (Part 1 of 6), **The All-Story**, p. 193–233, 1912; BURROUGHS, Edgar Rice, Under the Moons of Mars (Part 2 of 6), **The All-Story**, p. 404–480, 1912; BURROUGHS, Edgar Rice, Under the Moons of Mars (Part 3 of 6), **The All-Story**, p. 621–688, 1912; BURROUGHS, Edgar Rice, Under the Moons of Mars (Part 4 of 6), **The All-Story**, p. 71–112, 1912; BURROUGHS, Edgar Rice, Under the Moons of Mars (Part 5 of 6), **The All-Story**, p. 256–278, 1912; BURROUGHS, Edgar Rice, Under the Moons of Mars (Part 6 of 6), **The All-Story**, p. 256–278, 1912.

16 HOLTSMARK, Erling B., **Edgar Rice Burroughs**, Boston: Twayne Publishers, 1986.

17 Michigan Military Academy.

18 HOLTSMARK, **Edgar Rice Burroughs**.

19 *Ibid*., p. 03.

20 *Ibid*.

21 *Ibid*., p. 04.

22 *Ibid*., p. 05.

23 *Ibid*., p. 06.

24 BURROUGHS, **A Princess of Mars**.

do *western* (faroeste) e do contexto da Guerra Civil para a Ficção Científica do século XX, levando o leitor para Marte e seus habitantes.

O *western* emergiu como uma literatura nacional, de circulação popular, que tinha como foco um sujeito heroico que enfrentava, explorava e conquistava o desconhecido.[25] As histórias que combinavam personagens reais com aventuras fantásticas eram estruturados pelo mito do progresso, a valorização do individualismo, a democracia e afirmavam que a fronteira era algo que deveria ser conquistada.[26] Como literatura, tensionava a mobilidade do herói (aventura) e a construção dum lar, bem como a relação entre lei e justiça.[27]

Os *westerns* refletiam a recepção popular das teorias de Darwin[28], além de marcar a oposição entre civilizados (cowboys e colonos) e uma natureza não civilizada e dominada por "selvagens" (indígenas)[29]. Dois dos principais trabalhos de *western* eram: *Riders of the Purple Sage* (*Cavaleiros do Sábio Roxo*)*,* publicada em 1912 e autorada Zane Grey (1872 – 1939); *The Virginian* (*O Virginiano*)*,* de 1902, escrita por Owen Wister. Textos que "celebravam a independência, nobreza natural e individualidade do americano moderno[30]" na medida em que "enfatizavam a ação, o progresso, e as bênçãos conferidas pelo destino manifestado".[31]

> […] Histórias sobrepostas, histórias populares e espetaculares do Velho Oeste serviram para reforçar a narrativa nacional enquanto construíam uma revisão nostálgica das origens antes que a memória fosse diminuída pela urbanização dos anos 1890 e além. Com a transformação da fronteira, parecia quase mais importante mantê-la e embelezá-la imaginativamente, simulada através do discurso popular no imaginário coletivo de autores, intérpretes e público-alvo[32].

---

25 CAMPBELL, Neil, The Western, *in*: SEED, David (Org.), **A Companion to Twentieth-Century United States Fiction**, Malden & Oxford: Blackwell Publishing, 2010, p. 37.

26 CAMPBELL, The Western.

27 *Ibid*.

28 RICHTER, Virginia, **Literature After Darwin - Human Beasts in Western Fiction, 1859-1939**, New York: Palgrave Macmillan, 2011.

29 HAMILTON, Cynthia S., **Western and Hard-Boiled Detective Fiction in America - From High Noon to Midnight**, London: The Macmillan Company, 1987.

30 No original: "celebrated the self-reliance, natural nobility and individuality of a modern American". GRAY, Richard, A Brief History of American Literature, Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, p. 242. Tradução nossa.

31 No original: "emphasis on action, progress, and the blessings of a manifested destiny". *Ibid*.

32 No original: "[…] overlapping histories, popular stories, and Wild West spectaculars served to reinforce the national narrative whilst constructing a nostalgic review of origins before the memory was diminished by the urbanized 1890s and beyond. With the transformation of the frontier, it seemed almost more important to maintain and embellish it imaginatively, simulated through popular discourse in the collective imagination of authors, performers, and their audience." Tradução nossa. CAMPBELL, The Western, p. 37.

Under the Moons of Mars[33] era centrada em John Carter, um veterano confederado da Guerra Civil. Findado o conflito, Carter e outro colega passou a prospectar ouro na região do Arizona. A dupla foi atacada por nativos e apenas Carter sobreviveu, refugiando-se numa caverna e adormecendo numa estranha neblina que o transportou para Marte. Lá descobriu ter poderes sobre-humanos por conta da diferença de gravidade, além de travar relações com os nativos — os *Tharks* (marcianos verdes) e com a princesa *Dejah Thoris* (líder dos marcianos vermelhos).

A Princess of Mars foi o primeiro duma série de onze livros publicados entre 1917 e 1964. O resultado foi que "sozinho Burroughs criou uma forma de aventura científica fantástica e influenciou toda uma geração de escritores".[34] O pagamento das revistas nesse momento era maior para histórias curtas e menor para aquelas mais longas.[35] Burroughs vendeu[36] *The Chessman of Mars* para a *All-Story* em 1921, todavia, quando Gernsback conseguiu os direitos por outro texto de Burroughs, pagou pouco[37] por eles.[38] Burroughs se afastou de Gernsback, algo que também ocorreu com H.P. Lovecraft. Após terminar *A Princess of Mars*, Burroughs escreveu *Tarzan of the Apes*[39], comprada no ano seguinte pela *The All-Story.*[40]

Com *Tarzan of the Ape*s (1912), Burroughs consolidou o seu sucesso e riqueza. Em 1921, a sua renda das propriedades literárias beiravam U$ 98 238,28.[41] O sucesso de Burroughs não era apenas como escritor, mas também como um homem de negócios:

> Nas negociações com Burroughs, editores logo perceberam que eles estavam diante dum escritor que até então era desconhecido. Astuto e se impondo, ele tinha a percepção de que estava negociando um produto que todos queriam, então Ed [Burroughs] vendia pelo preço mais alto. Os editores estavam acostumados a ver os autores como mercadorias dispostas num mercado que definia os preços e agora a situação havia mudado. As regras de aquisição das histórias eram uma transação direta de negócios. E se essas eram as regras, Ed [Burroughs] propôs a sua

33 BURROUGHS, **A Princess of Mars**.
34 No original: "[...]single-handedly Burroughs created a new form of fantastic scientific adventure, and influenced a whole generation of writers". Tradução nossa. ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 36.
35 TYMN, Marshall B.; ASHLEY, Mike (Orgs.), **Science Fiction, Fantasy, and Weird Fiction Magazines**, London: Greenwood Press, 1985, p. 18.
36 Por U$3,50 — uma história que tinha 93 000 palavras.
37 Gernsback pagou U$ 100,00.
38 TYMN; ASHLEY (Orgs.), **Science Fiction, Fantasy, and Weird Fiction Magazines**, p. 18.
39 BURROUGHS, Tarzan of the Apes (Complete Novel).
40 O valor pago foi de U$ 700,00.
41 HOLTSMARK, **Edgar Rice Burroughs**, p. 10.

> extensão lógica — vender histórias também era uma transação de negócios. […] [Burroughs] almejou fazer uma importante mudança nas regras: dentro dos limites dos seus poderes, ele estabelecia o preço das suas histórias. Os editores estavam pela primeira vez diante dum homem que tinha instintos e percepções afiadas para os negócios tanto quanto os seus compradores. Eles não tiveram escolha a não ser barganhar. Ed [Burroughs], nas suas futuras negociações, estabeleceu-se como uma combinação nada comum, um tipo de personalidade dupla. Era raro um escritor conseguir unir uma imaginação fértil com uma praticidade racional para dólares e centavos. Ele tornou-se um empresário-escritor por excelência[42].

Em *Tarzan*, flertando com ideias presentes no imaginário da época sobre a teoria da evolução, bem como com questões antropológicas tangendo a experiência de crianças nas selvas[43], o trabalho de Burroughs vinha na esteira temática que Rudyard Kipling (1865–1936) inaugurou com as suas histórias sobre *Mowgli*[44] (1892/1893). Burroughs, que não possuía uma educação científica oriunda do ensino superior, estava a fazer uso da ideia do Bom Selvagem, fornecendo uma roupagem acessível desta para o público norte-americano.

Tarzan se tornou um grande sucesso e foi adaptado para o cinema em 1918 com *Tarzan of the Apes* (*Tarzan dos Macacos*) e depois com *The Romance of the Tarzan* (*O Romance de Tarzan*). *Tarzan the Ape Man*[45] (*Tarzan o Homem-Macaco*), de 1932, dirigido por W. S. Van Dyke (1889–1943) inaugurou uma ampla franquia de doze películas. Isso para não mencionar outras produções e os trabalhos baseados em Tarzan de diversos autores.

> O que Tarzan ou John Carter impuseram nas sociedades estrangeiras foi um sistema de justiça melhor e mais justa do que havia sido imposto à força, isso desconsidera o pressuposto norte-americano típico de que a "nossa" maneira é mais desejável e deve ser imposta. Nota-se que

---

42 No original: "In negotiations with Burroughs, editors and publishers soon realized they were encountering a type of writer they had no previously known. Shrewd and demanding, aware he was marketing a product everybody wanted, Ed [Burroughs] sought the highest bidder. The editors who were accustomed to viewing authors' so much as merchandise, purchasable in a buyer's market in which they set the prices, now received a rude awakening. By their rules of acquisition of stories was a straight forward business transaction. If these were to be the rules, Ed [Burroughs] proposed a logical extension – selling stories was also a business transaction. [….] [Burroughs] intended to make an important change in the rules: within the limits of his powers, he would set the prices for his stories. The editors for the first time were confronted by a man whose shrewd business instincts and perception more than matched their own. They had no choice but to bargain with him. Ed [Burroughs], in his future dealings, established himself as an unusual combination, a kind of dual personality. Seldom had a writer joined a soaring imagination with a cold dollars-and-cents practicality. He became the businessman-writer par excellence". Tradução nossa. PORGES, Irwin, **Edgar Rice Burroughs: The Man Who Created Tarzan**, Provo: Brigham Young University Press, 1975, p. 165.

43 LANGER, Julian, **Feral Consciousness: Deconstruction of the Modern Myth and Return to the Woods**, Berkeley: Aragorn Moser, 2016.

44 KIPLING, Rudyard, **Many Inventions**, New York: Macmillan and Co., 1893.

45 VAN DYKE, W. S., **Tarzan the Ape Man**, United States: Metro-Goldwyn-Mayer, 1932.

> raramente há (e é o que ocorreu) debate sobre o tipo de governo que deveria se estabelecer — apenas as maneiras para inaugurar o que é tido como a única forma possível: uma república na forma norte-americana. Tanto Tarzan quanto John Carter são agentes destas transformações políticas[46].

No começo da Primeira Guerra, em 1914, os Estados Unidos atuaram com uma postura neutra que se tornou insustentável no decorrer do conflito. Um evento que contribuiu para o aumento das tensões entre os americanos e a Alemanha foi o afundamento do Lusitânia, que resultou na morte de 1200 pessoas (124 delas estadunidenses).[47]

A declaração de guerra ocorreu em abril de 1917[48]. O conflito terminou em 1918 e o período que se seguiu foi de novo crescimento na economia americana. A produção de carros atingiu maiores proporções, e Hollywood assumiu uma posição central no entretenimento popular.[49] A propaganda e a indústria caminharam lado a lado.

Em agosto de 1923, Gernsback lançou um número da *Science and Invention* (*Ciência e Invenção*) com a temática de *Scientific Fiction* (Ficção Científica)[50]. Nele, apareceram os autores Ray Cummings (1887–1957), G. Peyton Wertenbaker (1907–1968), Jack G. Huekels[51], Clement Fezandié (1865–1959), Teddy J. Holman[52] e Gernsback. Era o começo da carreira de Wertenbaker, que, na ocasião, tinha dezasseis anos e seguiria com outras publicações na *Amazing Stories*.[53]

---

46 No original: "What a Tarzan or a John Carter imposed on foreign societies was a better and more just system than whad had been in force, but it is worth noting that there is a very American assumption as well as presumption that "our" way is unquestionably desirable and therefore to be imposed. We may note that rarely if ever is there any debate about what kind of governance should be established – only about the means for inaugurating what is automatically assumed to be the only form possible: an American-style republican form of government. Both Tarzan and John Carter are agents of numeros such political transformations." Tradução nossa. HOLTSMARK, **Edgar Rice Burroughs**, p. 07.

47 LARSON, Erik, **Dead Wake: The Last Crossing of the Lusitania**, New York: Crown Publishing Group, 2015.

48 SIMKINS, Peter; JUKES, Geoffrey; HICKEY, Michael, **The First World War - The War to End All Wars**, Oxford: Osprey Publishing, 2003.

49 BALIO, Tino, **Grand Design - Hollywood as a modern business enterprise, 1930-1939**, New York: Simon & Schuster, 1993; HALL, Sheldon; NEALE, Steve, **Epics, spectacles, and blockbusters: A Hollywood history**, Detroit: Wayne State University Press, 2010.

50 WERTENBAKER, G. Peyton, The Man from the Atom, **Science and Invention**, n. 4, p. 1–19, 1923.

51 Não encontramos informações sobre esse autor.

52 Não encontramos informações sobre esse autor.

53 **Chronological Bibliography: G. Peyton Wertenbaker**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?620>, acesso em: 5 abr. 2018.

> A sua história é emocionalmente forte e considera o destino dum explorador que viajou no macrocosmo apenas para descobrir que não pode voltar a Terra, pois, com o tempo sendo relativo a massa, a Terra envelheceu e morreu minutos após o seu tempo subjetivo. Wertenbaker foi a primeira descoberta importante de Gernsback[54].

Após a Segunda Guerra (1939–1945), Wertenbaker passou a trabalhar na indústria aeroespacial e em 1953, junto com Hubertus Strughold (1898–1986), publicou um texto sobre as possibilidades de vida em Marte.[55] Essa transição da literatura para a divulgação científica foi um elemento recorrente noutros autores e pessoas envolvidas com a Ficção Científica, tais quais, Isaac Asimov e Willy Ley.

Gernsback lançou o primeiro número da *Amazing Stories* em abril de 1926. O mercado alvo era o das pulps, que estavam se proliferando, o que foi possível por conta da criação de novas técnicas de impressão em papel de madeira. Além da expansão das ferrovias e a popularização dos correios para enviar e receber livros.[56]

O número inaugural da revista contou com histórias de Jules Verne (1828–1905), H. G. Wells (1866–1946), Wertenbaker, George Allen England (1877–1936), Austin Hall (1880–1933) e Edgar Allan Poe (1808–1849). Gernsback, na posição de editor, justificou tais escolhas afirmando que o diferencial da sua revista era a ideia de cientificção[57], "*um romance atraente que mistura fatos científicos e visões proféticas*[58]".

> Os conteúdos selecionados visavam atrair o maior número de leitores possíveis. England e Hall eram populares nos pulps de Munsey, *The Argosy* e *The All Story*. England havia publicado como livro as suas melhores histórias. Wertenbaker era o único desconhecido, apesar de que leitores recorrentes da *Science and Invention* haviam encontrado uma história dele, três anos antes, na edição especial de Ficção Científica.[59]

---

54 No original: "His story is emotionally strong and considers the fate of an explorer who travels through into the macrocosm only to discover that he cannot return to Earth because, with time relative to mass, the Earth had grown old and died within minutes of his own subjective time. Wertenbaker was Gernsback's first important writing discovery". Tradução nossa. ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 47.

55 ASHLEY, Mike, Wertenbaker, G. Peyton, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

56 MENDLESOHN, Farah, Fiction, 1926-1949, *in*: BOULD, Mark *et al* (Orgs.), **The Routledge Companion to Science Fiction**, London & New York: Routledge, 2009, p. 52.

57 Scientifiction.

58 No original: "[…] a charming romance intermingled with scientific fact and prophetic vision". Tradução nossa. GERNSBACK, Hugo, A New Sort of Magazine, **Amazing Stories**, v. 1, n. 1, p. 3, 1926, p. 03.

59 No original: "The contents were obviously selected to attract a maximum readership. Wells, Verne and Poe are respectable names to any reader. Both England and Hall were popular contributors to the Munsey pulps, Argosy and All-Story, and England's best novels had appeared in book form. Only Wertenbaker was unknown, although regular readers of Science and Invention would have

A função do romance científico foi a de divulgar o conhecimento científico e o horizonte profético. Coube a essa literatura a capacidade de sugerir invenções que viriam a se materializar no futuro — tal qual o submarino de Jules Verne[60], autor que não era tão conhecido nos Estados Unidos. Um dos objetivos da Amazing Stories era sanar esta questão a partir da divulgação.

Na França, Verne era um autor popular, mas seus trabalhos não eram estudados na universidade.[61] Os romances científicos recebiam o rótulo de literatura secundária ou paraliterária.[62] De maneira que: "Verne não foi citado em livros literários de referência e a totalidade das *Viagens Extraordinárias* permaneceram fora do cânone literário francês "oficial"."[63]

Dada as diferenças entre os Estados Unidos e a França, podemos inferir que a opção de Gernsback por Verne não era o nicho universitário, mas sim o público geral. Trata-se duma exposição literária inspirada pela ciência que se sustentava pela sua acessibilidade e facilidade de compreensão.

Em vista dessa posição, a situação de Wells era diferente. A sua obra circulava na Inglaterra e com o trabalho de Gernsback atingiu o grande público nos EUA. O modelo de texto de Wells foi uma fonte de inspiração para os autores da Ficção Científica. A sua literatura visava a compreensão do universo através duma perspectiva científica.[64] A tecnologia não era neutra, mas causadora de impactos nos humanos, na medida que entravam em contato com novas possibilidades.[65]

Já Edgar Allan Poe era um autor com um estatuto diferente dentro dos Estados Unidos.[66] Com obras que oscilam entre temas românticos, góticos e com a ciência. O seu trabalho foi criticado por outros literatos, como Ralph Waldo

---

encounter the story in the special SF issue three years earlier". Tradução nossa. TYMN; ASHLEY (Orgs.), **Science Fiction, Fantasy, and Weird Fiction Magazines**, p. 16.

60 Trata-se do Nautilus, o submarino do capitão Nemo que aparece em *Vingt mille lieues sous les mers: Tour du monde sous-marin* (1869–1870) e depois em *L'Île mystérieuse* (1874). O design de Verne foi inspirado no *Nautilus* (1793–1797) de Robert Fulton que havia pensado num equipamento naval para a França fazer frente as forças navais britânicas.

61 EVANS, Arthur B., Jules Verne and the French Literary Canon, *in*: SMYTH, Edmund J. (Org.), **Jules Verne: Narratives of Modernity**, Liverpool: Liverpool University Press, 2000, p. 17.

62 *Ibid*.

63 No original: " Verne was not cited in literary reference books, and the entirely of the Voyages extraordinaires continued to remain outside the 'oficial' French Literary canon". Tradução nossa. *Ibid*.

64 EVANS, Arthur B., Nineteenth-Century SF, *in*: BOULD, Mark *et al* (Orgs.), **Routledge Companion to Sci. Fict.**, New York: Routledge, 2009, p. 21.

65 *Ibid*.

66 LEWIS, Paul, From Emerson to Edmundson: The Case Against Poe, **The Edgar Allan Poe Review**, v. 11, n. 2, p. 73–84, 2010.

Emerson[67] (1803–1882), James Russell Lowell[68] (1819–1891) e T. S. Eliot[69] (1888-1965). Mesmo que negativas, tais percepções sobre Poe revelam que ainda em vida os seus textos circulavam e eram lidos. Na visão de Darko Suvin:

> A influência de Poe tem sido imensa tanto na Ficção Científica anglo-americana quanto na francesa (a última ainda não se recuperou). Embora a sua ideologia e horizonte de tempo tendam a formas de horror-fantasia, o pioneirismo incompleto da sua obra forneceu a SF uma riqueza de pistas para fundir o racional com o simbólico, como as suas técnicas de domesticação gradual do extraordinário e do olho semi-fechado "alienação apenas vislumbrando o extraordinário. Com Poe, a tradição da busca moral tornou-se urbanizada, escapista e pouco ortodoxa. .[70]

Poe também era envolvido com jornais e revistas. Convém adiantar que o debate em torno de Edgar Allan Poe produzir Ficção Científica apareceu na *Science-Fiction Studies* a partir dum artigo de David Ketterer[71]. Na ocasião, Ketterer argumentou que Poe produziu uma confluência entre o campo corporal e espiritual criando uma realidade arabesca, que pode ser vista como uma dimensão alternativa[72].

> O texto selecionado de Poe era *The Facts in the Case of M. Valdemar* (*Os fatos no caso de M. Valdemar*), de 1845 Mesmo que hoje seja considerada uma história de horror, ela tem uma base científica: a possibilidade de a mente hipnotizada permanecer viva após o corpo morrer. É um testamento do talento de Poe que essa história, que na ocasião tinha 80 anos, fosse um exemplo do que era Ficção Científica[73].

---

67 *Ibid*.

68 LOWELL, James Russell, **A Fable for Critics; or, Better, A Glace at a Few of Our Literary Progenies**, Boston: Ticknor and Fields, 1848.

69 ELIOT, T. S., From Poe to Valéry, **The Hudson Review**, v. 2, n. 3, p. 327–342, 1949.

70 No original: "Poe's influence has been immense in both Anglo-American and French SF (the latter has yet to recover from it). Though his ideology and time-horizon tend to horror-fantasy forms, the pioneering incompleteness of his work provided SF with a wealth of hints for fusing the rational with the symbolical, such as his techniques of gradual domestication of the extraordinary, and of the "half-closed eye" estrangement just glimpsing the extraordinary. With Poe, the tradition of the moral quest became urbanized, escapist, and unorthodox." Tradução nossa. SUVIN, Darko, Radical Rhapsody and Romantic Recoil in the Age of Anticipation: A Chapter in the History of SF, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 255–269, 1974, p. 268.

71 KETTERER, David, The SF Element in the Work of Poe: A Chronological Survey, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 197–213, 1974.

72 *Ibid*.

73 No original: "The Poe selection was "The Facts in the Case of M. Valdemar". Although today regarded as a horror story, it does have a scientific base: the possibility that a hypnotized mind may stay alive after the body has died. It was a testament to Poe's talent that this story, which was 80 years old, could stand as an example of science fiction in 1926." Tradução nossa. ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 51.

No caso de England, o seu primeiro trabalho, *Beyond White Seas* (*Além dos Mares Brancos*), dividido em seis partes, foi publicado na *The All-Story Magazine* (editada por Frank A. Munsey), entre dezembro de 1909 e maio de 1910[74]. A partir desta, o autor escreveu cerca de trezentas histórias. A sua popularidade foi apropriada por Gernsback quando optou por publicá-lo. Hall também inaugurou a sua carreira na revista de Munsey, com *Into the Infinite* (*Para o Infinito*), publicado entre abril e maio de 1919[75], bem como outras tantas histórias na *Weird Tales* e na *Argosy*[76].

A revista de Gernsback colocou em contato três categorias de publicação: o romance científico; o formato da história de massa (protagonizado pelas pulps); e o jornalismo científico (divulgação da ciência)[77]. O público almejado por Gernsback era jovem e criativo, pautado na ideia de criação e inovação científica, inaugurada por Thomas Edison (1847–1931).[78] Assim, quando o editor optou pela publicação de histórias de Verne, Wells e Poe, tratava-se da construção de um imaginário científico.

As histórias de invenção dominaram as revistas nos anos subsequentes, junto com narrativas de invasão alienígena e a experiência de descoberta de planetas e civilizações perdidos. Com isso se configurou o seguinte padrão narrativo:

> Na maior parte da Ficção Científica desse período, casamento, ou disponibilidade para o casamento, assinalava a sanidade dos personagens: a filha do professor está ali para indicar o seu local no mundo e interesse romântico. Em contraste, professores loucos e inventores excessivamente obcecados não têm uma companhia feminina. A masculinidade é conferida como conhecimento. Autoridade psicológica, a habilidade em analisar e convencer os outros, é um dos traços que domina as posições de gênero na Ficção Científica de 1930 e 1940[79].

---

74 **Beyond the White Seas**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/title.cgi?1107066>, acesso em: 6 abr. 2018.

75 **Into the Infinite**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/title.cgi?55010>, acesso em: 6 abr. 2018.

76 **Austin Hall**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/title.cgi?55010>, acesso em: 6 abr. 2018.

77 ATTEBERY, Brian, The Magazine Era: 1926-1960, *in*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.), **The Cambridge Companion to Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 33.

78 ASHLEY, Mike, Science Fiction Magazines: The Crucibles of Change, *in*: SEED, David (Org.), **A Companion to Science Fiction**, Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 60–76.

79 No original: “In most sf of this period, marriage, or the availability for marriage, signals a man’s sanity as it does a woman’s: the professor’s daughter is there as much to indicate his place in the world as she is to provide a love interest. In contrast, mad professors and overly driven inventors are almost always without female companionship. Masculinity is conferred in many of these fictions in terms of knowledge. Psychological authority, the ability to analyze and to convince others, is one of the dominating gender makers of sf in the 1930s and 1940s.” Tradução nossa. MENDLESOHN, Fiction, 1926-1949, p. 59,60.

Franz Rottensteiner utilizou a expressão “Ilusão de Gernsback” para falar de narrativas interessadas em popularizar a ciência ou tentar fazer alguma profecia tecnológica.[80] Na visão de Richard Dale Mullen, considerar Gernsback como pai da Ficção Científica é um equívoco. A importância das suas revistas são inegáveis, mas suas limitações devem ser evidenciadas:

> Gernsback nunca foi um editor inovador para além do estabelecimento de revistas dedicadas exclusivamente à Ficção Científica. Ocasionalmente, ele procurava histórias de escritores bem estabelecidos (a quem ele presumivelmente pagava uma taxa decente), mas na maioria das vezes ele editava as suas revistas simplesmente lendo os manuscritos não solicitados que lhe eram enviados por escritores muito pouco sofisticados para saber quão baixo eram seus preços ou muito ruins para os mercados que eram mais bem pagos. Ainda não vi nenhuma evidência de que ele tenha colaborado de alguma forma com seus escritores, e não conheço nenhuma leitura para acreditar que ele tenha tido alguma influência apreciável nos modos como a ficção científica se desenvolveu como uma forma de arte. Gernsback estava lá na hora certa, e ele providenciou um abrigo - uma casa sem aquecimento com refeições muito pequenas - para escritores como [Jack] Williamson, E. E. Smith e John Campbell, e para isso ele talvez mereça ser chamado de Padrasto de Ficção Científica. Mas o incipiente movimento de Ficção Científica precisava de algo mais do que abrigo e um lugar para se encontrar, também precisava de liderança intelectual, e isso só surgiu em 1938.[81]

Dos pulps até Gernsback há uma constante: a produção dum afeto nos leitores que, a partir dos personagens, realizam as suas pulsões e desejos sexuais com a mediação científica. O espaço consolidado por Gernsback chocou-se com o trabalho doutros editores que tinham mais experiência na área e dominaram o mercado com narrativas menos preocupadas com a questão científica e mais com o lucro.

---

80 ROTTENSTEINER, Franz, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes?, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 269–276, 1974.

81 No original: “Gernsback was never an innovative editor other than in establishing magazines devoted exclusively to science fiction. He occasionally sought stories from well-established writers (whom he presumably paid a decent rate), but for the most part h he edited his magazines simply by reading such unsolicited manuscripts as were submitted to him by writers too unsophisticated to know how low his rates were or too unskillful to see to the better-paying markets. I have yet to see any evidence that he collaborated in any way with his writers, and can see no readon to believe that he had any appreciable influence on the ways in which science fiction developed as an art form. Gernsback was there at the right time, and he did provide a shelter – an unheated house with very skimpy meals – for writers like [Jack] Williamson, E. E. Smith, and John Campbell, and for that he perhaps deserves to be called the Stepfather of Science Fiction. But the inchoate science-fiction movement needed something more than shelter and a place to meet, it also needed intelectual leadership, and that did no emerge until 1938.” Tradução nossa. MULLEN, R.D., The SF Writer as a Young Man: Asimov, del Rey, and Williamson, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 278–280, 1975, p. 280.

O processo de publicação das histórias de Ficção Científica nas revistas foi enriquecido pela veiculação de cartas dos leitores. Nestas, os fãs expressavam opiniões sobre edições anteriores. Posteriormente, alguns escreveram e publicaram as suas próprias histórias. A troca de correspondências serviu para aproximar o público das revistas, produzindo grupos de leitura e discussão.[82] Em 1934, Gernsback e Charles D. Horning (1916–1999) criaram a Science Fiction League (*Liga da Ficção Científica*).[83]

Um ano antes da *SFL*, Horning criou a *The Fantasy Fan*, uma revista dedicada aos trabalhos de literatura fantástica e científica. Apesar de a revista ter durado pouco tempo (1935), o seu trabalho foi o ponto de conexão que colocou Lovecraft e Robert E. Howard (1906–1936), criador de *Conan*[84] – e quem viria a ser uma das principais referências ao campo do fantástico – em destaque.

H.P. Lovecraft, em setembro de 1923, teve uma carta e depois um conto, *Dagon*[85], publicados na *Weird Tales*. Em 1930, a mesma revista publicou uma carta de Howard elogiando Lovecraft. Esse diálogo foi o começo duma troca de cartas que se encerrou com o suicídio de Howard, em 1936.

Lovecraft escreveu *Dagon* em julho de 1917[86]. A história carregou elementos que foram desenvolvidos em narrativas posteriores, como a existência de criaturas macabras e monstros. Dagon versa sobre um marujo que teve o seu barco atacado por piratas e escapou num bote. Levado à exaustão, o marujo desmaiou e acordou numa grande massa de terra que parecia ter se erguido do oceano recentemente. O marujo de Dagon explorou o novo espaço até encontrar um gigantesco monólito. Neste havia representações de criaturas do mar que eram desconhecidas. Uma delas foi descrita como:

> Imenso, repugnante e polimorfo, lançava-se como pesadelo monstruoso em direção ao monólito, o qual agarrava com os seus gigantescos braços escamosos, enquanto movimentava a cabeça e dava vazão para certos sons rítmicos. Foi então que penso que enlouqueci[87].

---

82 ATTEBERY, The Magazine Era: 1926-1960, p. 38.
83 *Ibid*.
84 HOWARD, Robert, The Scarlet Citadel [Conan], **Weird Tales**, v. 21, n. 1, p. 51–77, 1933.
85 LOVECRAFT, H. P., Dagon, **Weird Tales**, v. 2, n. 3, p. 23–25, 1923.
86 LOVECRAFT, H. P., **The Complete Fiction**, New York: Barnes and Noble, 2011, p. 23.
87 No original: “Vast, Polyphemus-like, and loathsome, it darted like a stupendous monster of nightmares to the monolith, about which it flungs its gigantic scale arms, the while it bowed its hideous head and gave vent to certain measured sounds. I think I went mad them.” Tradução nossa. *Ibid*., p. 26.

Lovecraft não estava necessariamente escrevendo Ficção Científica no sentido de Gernsback e nem era essa a proposta os editores da *Weird Tales*. Em carta, o autor comentou sobre o seu hábito de escrever e ler histórias fantásticas que eram estranhas e macabras:

> Tenho o hábito de escrever sobre o estranho, macabro e histórias fantásticas para o meu próprio proveito, eu vinha sendo simultaneamente assombrado por amigos próximos e bem-intencionados que me levaram a enviar horrores góticos para o seu recém-inaugurado periódico[88].

A trajetória de vida de Lovecraft oferece um espelho invertido em relação à Burroughs. Nascido em Providence, foi o único filho de Winfield Scott Lovecraft (1853–1898) e Sarah Susah Phillips Lovecraft (1857–1921). A família tinha ascendência inglesa e Winfield trabalhava como funcionário duma importante empresa. Em 1893, após uma crise psicótica, Winfield foi internado. Faleceu anos depois.[89] O pai de Sarah faleceu em 1904 e isso implicou vários problemas a ela e Howard. A família perdeu a sua mansão e teve que se mudar para uma casa mais simples.[90]

A educação de Lovecraft foi errática, oscilando entre experiências na escola e aulas com tutores particulares. As tensões com a sua mãe, somadas com o impacto da crise econômica que transpassava refletiu na literatura de Lovecraft. A sua formação como autodidata e o seu interesse científico compartilhavam espaço com uma aristocracia que desaparecia, invocando os sentimentos de melancolia e saudosismos[91].

Lovecraft era interessado numa literatura de horror que retomava aspectos da literatura gótica e reconfigurava o sobrenatural. Uma das suas principais influências literárias foi Lord Dunsany[92] (1878–1957), que era imitado em termos de estilo de escrita e proporção de criação de um universo fantástico.

---

88 No original: “Having a habit of writing weird, macabre, and fantastic stories for my own amusement, I have lately been simultaneously hounded by nearly & dozen well-meaning friends into deciding to submit a few of these Gothic horrors to your newly-founded periodical.” Tradução nossa. LOVECRAFT, H. P., Letter, **Weird Tales**, v. 2, n. 2, p. 80, 1923, p. 80.

89 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, **Lovecraft: A Biography**, New York: Doubleday & Company, 1975, p. 29.

90 *Ibid*., p. 38.

91 JOSHI, S. T., **A Dreamer and a Visionary - H. P. Lovecraft and his Time**, Kindle Edition. Liverpool: Liverpool University Press, 2001, p. n.

92 LOVECRAFT, H. P., Supernatural Horrors in Literature, **The Recluse**, p. 23–60, 1927.

É interessante adiantar que Ursula Kroeber Le Guin, a autora que discutiremos posteriormente, também foi influenciada por Dunsany, mas de modo diferente. Não se tratou duma cópia ou imitação estilística (como Lovecraft), mas do interesse pelo fantástico.[93] Em Lovecraft, diferente do gótico tradicional, não se tratava mais de fantasmas, mas divindades doutras dimensões que eram incompreensíveis para a racionalidade humana.

Lovecraft estava inscrito numa perspectiva filosófica materialista, marcado por um profundo conhecimento das ciências e da metodologia de pesquisa científica[94]. Todavia, o uso feito pelo autor das ciências orientava-se para "um ataque contra o espírito da ciência como uma troca livre de teorias, seus testes por um processo de tentativa e erro, e a impropriedade das tentativas em andamento de falsificar resultados anteriores"[95]. Rottensteiner reiterou que:

> O tipo de "conhecimento" que ele [Lovecraft] tem em mente não é aberto, nem orientado para o futuro, nem abstrato, nem preocupado com as teorias; está enraizada no passado, baseada na tradição e na história, fundada no conhecimento do livro em vez das investigações dos espíritos livres, na autoridade, e não na prova, e conectada com suplementos secretos ou esquecidos à história. H. P. Lovecraft é, portanto, penso, mais interessado em estudos históricos do que em empreendimento científico; ele tem erudição no sentido classicista, em vez duma mente sedenta por conhecimento e compreensão do mundo. O seu reino é quase história, não filosofia da ciência.[96]

Junto a isso havia no seu pensamento, teorias raciais, ideias dum arianismo, bem como um certo culto pela ideia do guerreiro branco de olhos azuis.[97] No campo político, a sua perspectiva começou com uma visão nacionalista e militarista, um pensamento conservador que depois foi substituído por uma visão liberal[98].

---

93 LE GUIN, Ursula K., **The Language of the Night - Essays on Fantasy and Science Fiction**, Revised Edition. New York: HarperCollins, 1993, p. 18,19.

94 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, **Lovecraft: A Biography**, New York: Doubleday & Company, 1975, p. 05.

95 No original: "an onslaught against the spirit of science as a free exchange of theories, their testing by a processes of trial-and-error, and the improtance of the on-going attempts to falsify previous results." Tradução nossa.ROTTENSTEINER, Franz, Lovecraft as Philosopher. H.P. Lovecraft: The Decline of the West by S. T. Joshi, **Science Fiction Studies**, v. 19, n. 1, p. 117–121, 1992, p. 119.

96 No original: "The sort of "knowledge" he [Lovecraft] has in mind is not open, not future-oriented, not abstract, and not concerned with theories; it is rooted in the past, based on tradition and history, founded in book-knowledge rather than the inquiries of free spirits, on authority rather than proof, and connected with secret or forgotten supplements to history. H. P. Lovecraft is therefore, I think, more interested in historical scholarship than in scientific enterprise; he has erudition in the classical sense rather than a mind thirsty for knowledge and understanding of the world. His realm is quasi-history, not philosophy of science." Tradução nossa. *Ibid*., p. 120.

97 SPRAGUE DE CAMP, **Lovecraft: A Biography**, p. 05.

98 *Ibid*.

Em 1917 Lovecraft estreou como escritor com *A Reminiscence of Dr. Samuel Johnson*[99] (*Uma reminiscência do Dr. Samuel Johnson*), publicado pela *United Amateur* sob o pseudônimo de Humphrey Littlewit[100]. Em 1919, *Beyond the Wall of Sleep*[101] (*Além da parede do sono*) foi publicado pela Pine Cones, revista amadora, e inaugurou um modelo de relato onde o narrador comenta sobre uma experiência com a loucura e o incompreensível. Algo que apareceu em *Dagon*, discutido anteriormente.

Isso se repetiu em *The Case of Charles Dexter Ward*[102] (*O Caso de Charles Dexter Ward*), serializado na *Weird Tales* em 1941, e trata do relato do protagonista, um médico, que conta como o seu paciente embarcou numa jornada de estudos ocultistas e abriu caminho para a manifestação de horrores que fogem da capacidade de descrição racional. A racionalidade dos personagens é constantemente desafiada a partir do contato com o oculto.

Em 1928, Lovecraft publicou *The Call of Cthulhu*[103] (*O Chamado de Cthulhu*) na *Weird Tales*. Escrito dois anos antes, a história é um ponto de inflexão, principalmente quando comparada com *A Princess of Mars,* de Burroughs. A narrativa consiste num relato do personagem principal (Francis Thurston) sobre uma jornada de investigação. Nesta, descobre a existência de cultos ancestrais para uma entidade cósmica, chamada Cthulhu. A descrição fornecida por Lovecraft foi a seguinte:

> Há um segredo que nenhuma tortura faz revelar. A humanidade não está absolutamente sozinha entre as coisas conscientes da Terra, pois, há formas que vêm da escuridão para visitar aqueles que lhes são fiéis. Mas esses não são os Grandes Velhos Antigos. Homem nenhum jamais viu os Velhos Antigos. O ídolo esculpido é o grande Cthulhu, mas não se pode dizer se os outros são ou não parecidos com ele. Ninguém pode ler a escrita dos Antigos agora, mas há coisas que são contadas pelas palavras da boca. Os cânticos rituais não são o segredo — que não deve ser falado em voz alta, apenas sussurrado. O cântico significa apenas isso: "na sua casa em R'lyeh o morto Cthulhu aguarda sonhando"[104].

---

99 LOVECRAFT, H. P., A Reminiscence of Dr. Samuel Johnson, **United Amateur**, 1917.

100 **H.P. Lovecraft Archive**: http://www.hplovecraft.com/writings/texts/fiction/rdsj.aspx. Acesso em 08/03/2018.

101 LOVECRAFT, H. P., Beyond the Wall of Sleep, **Pine Cones**, 1919.

102 LOVECRAFT, H. P., The case of Charles Dexter Ward (Part 1 of 2), **Weird Tales**, v. 35, n. 9, p. 6–20, 1941; LOVECRAFT, H. P., The case of Charles Dexter Ward (Part 2 of 2), **Weird Tales**, v. 35, n. 9, p. 84–121, 1941.

103 LOVECRAFT, H. P., The Call of Cthulhu, **Weird Tales**, v. 11, n. 2, p. 159–178, 1928.

104 No original: "There was a secret which even torture could not extract. Mankind was not absolutely alone among the conscious things of earth, for shapes came out of the dark to visit the faithful few. But these were not the Great Old Ones. No man had ever seen the Old Ones. The carved idol was great Cthulhu, but none might say whether or not the others were precisely like him. No one could

Na interpretação de Graham Harman, o ato de descrição de Cthulhu é um elemento constitutivo da escrita de Lovecraft, na medida em que é produzido de forma vertical — "ele produz uma fenda entre a coisa indizível e as descrições vagamente relevantes que o narrador tenta fazer[105]". Já o aspecto horizontal é produzido a partir duma mudança do campo da zoologia para a arquitetura[106].

> Onde Husserl está preocupado com exemplos do quotidiano como pássaros negros e caixas de correios com qualidades inexauríveis, Lovecraft nos faz sentir a diferença usando objetos que ameaçam o bem-estar humano. Para cada objeto, incluindo Cthulhu, há um "espírito da coisa" e um "contorno geral do todo" que é irreduzível às bordas do octopus, do dragão e do humano.[107]

The Call of Cthulhu tornou-se parte do *Cthulhu Mythos*[108], um conjunto de textos que lida com essas divindades extra-universais, como *The Dunwich Horror*[109] (*O Horror em Dunwich*) de 1929; *The Whisperer in Darkness*[110] (*O Sussurro na Escuridão*) de 1931; *At the Mountains of Madness*[111] (*Nas Montanhas da Loucura*) de 1936; *The Shadow Over Innsmouth*[112] (*A sombra sobre Innsmouth*) de 1936; *The Shadow Out of Time*[113] (*A Sombra Fora do Tempo*) de 1936; *The Haunter of the Dark*[114] (*O Escuro Assombroso*) de 1936, entre outras[115].

---

read the old writing now, but things were told by word of mouth. The chanted ritual was not the secret—that was never spoken aloud, only whispered. The chant meant only this: "In his house at R'lyeh dead Cthulhu waits dreaming." Tradução nossa. LOVECRAFT, **The Complete Fiction**, p. 366.

105 No original: "[…] the gap he produces between an ungraspable thing and the vaguely relevant descriptions that the narrator is able to attempt". Tradução nossa.

106 HARMAN, Graham, **Weird Realism: Lovecraft and Philosophy**, Washington: Zero Books, 2012, p. n.

107 No original: "But whereas Husserl is concerned with everyday examples such as blackbirds and mailboxes unexhausted by their series of qualities, Lovecraft make us feel the difference by using objects that threaten human well-being. For every object, including Cthulhu, there is a "spirit of the thing" and "a general outline of the whole" irreducible to cheerful bundles of octopus, dragon and human." Tradução nossa. HARMAN, Graham, **Weird Realism: Lovecraft and Philosophy**, Washington: Zero Books, 2012, p. n.

108 O conceito de *Cthulhu Mythos* não foi elaborado ou sistematizado por Lovecraft.

109 LOVECRAFT, H. P., The Dunwich Horror, **Weird Tales**, v. 13, n. 4, p. 481–508, 1929.

110 LOVECRAFT, H. P., The Whisperer in Darkness, **Weird Tales**, v. 18, n. 1, p. 32–71, 1931.

111 LOVECRAFT, H. P., At the Mountains of Madness (Part 1 of 3), **Astounding Stories**, v. 16, n. 6, p. 8–32, 1936; LOVECRAFT, H. P., At the Mountains of Madness (Part 2 of 3), **Astounding Stories**, v. 17, n. 1, p. 125–155, 1936; LOVECRAFT, H. P., At the Mountains of Madness (Part 3 of 3), **Astounding Stories**, v. 17, n. 2, p. 132–150, 1936.

112 LOVECRAFT, H. P., **The Shadow Over Innsmouth**, New York: Visionary Publishing Company, 1936.

113 LOVECRAFT, H. P., The Shadow Out of Time, **Astounding Stories**, v. 17, n. 4, p. 110–156, 1936.

114 LOVECRAFT, H. P., The Haunter of Dark, **Weird Tales**, v. 28, n. 5, p. 538–553, 1936.

115 Para uma lista completa ver: http://www.isfdb.org/cgi-bin/pe.cgi?9426+None. Acesso em 05/06/2018.

No início de 1927, Lovecraft escreveu *The Colour Out of Space*[116] (*A Cor de Fora do Espaço*), que foi publicada na edição de junho do mesmo ano na *Amazing Stories*, de Gernsback. A narrativa é o relato dum sujeito enviado para verificar o espaço em que seria construído um novo reservatório para a cidade de Arkham. Para a sua surpresa, tal localização não era habitada.

Após algumas investigações, ele descobriu que um meteorito havia caído ali. Professores e pesquisadores tentaram estudar o objeto, sem sucesso. Numa noite de chuvas com tempestade, vários raios caíram na pedra e ela desapareceu. Todavia, a família que ali morava e tinha uma fazenda sentiu progressivamente os seus efeitos. As plantações, o gado e os humanos morreram aos poucos. Uma equipe de policiais chegou ao local para investigar, mas foi surpreendida por uma luz intensa e sinistra que seguiu em direção ao céu e deixou rastros na região.

Essa história, que contém todos os elementos que discutimos, caiu nas mãos de Gernsback que demorou algum tempo para pagar poucos dólares por ela[117]. Isso irritou Lovecraft, de maneira que nunca mais submeteu as suas histórias para a *Amazing Stories*.

Lovecraft faleceu pobre, em 1937. A sua fama veio posteriormente. O principal continuador do seu trabalho foi August Derleth (1909–1971) que concebeu, sistematizou e depois expandiu a ideia dos *Cthulhu Mythos* nas suas narrativas.

A primeira publicação de Derleth dentro desse universo foi *The Thing That Walked on the Wind*[118] (*A Coisa que Andou no Vento*), em 1933. Junto com Donald Wandrei (1908–1987), pleitearam pela publicação das histórias de Lovecraft e vieram a fundar a Arkham House Publishers para isso.

Em 1963, *The Case of Charles Dexter Ward* foi adaptado para o cinema como *The Haunted Palace*[119] (*O Palácio Assombrado*). Todavia, a partir da metade da década de 1980 ocorreu uma explosão de filmes baseados na obra de Lovecraft, como *Re-Animator*[120], de 1985 e *From Beyond*[121] (*Do Além*) em 1986, que ganhou mais força no século XXI. Os trabalhos de Lovecraft também viraram jogos, além de

---

116 LOVECRAFT, H. P., The Colour Out of Space, **Amazing Stories**, p. 556–567, 1927.
117 U$ 25,00.
118 DERLETH, August, The Thing That Walked on the Wind, **Strange Tales of Mystery and Terror**, v. 8, n. 1, p. 18–26, 1933.
119 CORMAN, Roger, **The Haunted Palace**, United States: American International Pictures, 1963.
120 GORDON, Stuart, **Re-Animator**, United States: Empire International Pictures, 1985.
121 GORDON, Stuart, **From Beyond**, United States: Empire Pictures, 1986.

inspirar bandas como Metallica, Black Sabbath, Iced Earth, Dream Theater, entre outras[122].

Howard também atingiria o sucesso após a sua morte, mas através dum processo diferente do de Lovecraft. O campo do fantástico ganhou destaque com a publicação das obras de J. R. R. Tolkien na década de 1970 nos Estados Unidos. Em 1974 foi lançado *Dungeons & Dragons*, um jogo que parcialmente fazia referência ao trabalho de Howard.

Conan foi republicado e expandido por outros autores e ocupou várias mídias como quadrinhos e videogames. A primeira adaptação para o cinema veio com *Conan the Barbarian*[123] (*Conan o Bárbaro)*, em 1982, dirigida por John Millus. Dois anos depois foi lançada a sequência, *Conan the Destroyer*[124] (*Conan o Destruidor*), sob direção de Marcus Nispel.

A figura de Cthulhu se transformou num ícone da cultura nerd[125] contemporânea, sendo vendida como um urso de pelúcia ao lado de Mickey Mouse e Pikachu. Dentro dos estudos filosóficos, Lovecraft inspira os autores do Realismo Especulativo, como é o caso de Graham Harman[126], Dylan Trigg[127] e Eugene Thacker[128]. Marc Michaud e S. T. Joshi fundaram em 1980 o periódico Lovecraft Studies com o intuito de consolidar os estudos sobre o autor e as suas obras.

Conforme vimos no caso de Burroughs, a carreira de escritor era uma profissão que demandava elementos que estavam além e aquém do trabalho de escrita. O processo de negociação entre autor e editor era importante e, no caso de Lovecraft, não estava presente. O resultado se manifestou como pobreza e isolamento.

Todavia, a ausência do sucesso em vida por Lovecraft é transmutado ao longo do século XX. Identificamos isso, por um lado, pelas adaptações para o cinema, e doutro, com o surgimento dos estudos sobre a sua obra.

---

122 Para uma lista mais completa e detalhada: http://www.hplovecraft.com/popcult/music.aspx. Acesso em 08/07/2018.

123 MILIUS, John, **Conan the Barbarin**, United States: Universal Pictures, 1982.

124 FLEISHCHER, Richard, **Conan the Destroyer**, United States: Universal Pictures, 1984.

125 JENKINS, Henry, **Textual Poachers: Televison Fans & Participatory Culture**, London: Routledge, 1992.

126 HARMAN, **Weird Realism: Lovecraft and Philosophy**.

127 TRIGG, Dylan, **The Thing: A Phenomenology of Horror**, Alresford: Zero Books, 2013.

128 THACKER, Eugene, **In the Dust of this Planet**, Winchester and Washington: Zero Books, 2011; THACKER, Eugene, **Tentacles Longer than Night**, Winchester and Washington: Zero Books, 2015; THACKER, Eugene, **Starry Speculative Corpse**, Winchester and Washington: Zero Books, 2015.

O herói de Burroughs, John Carter, era a manifestação da imposição dos valores culturais norte-americanos noutras civilizações. Isso não ocorre em Lovecraft, pois, o herói, quando esteve em contato com a fronteira (*Dagon, Cthulhus*, por exemplo), deparou com formas de existência que se recusam a serem significadas ou descritas.

Os monstros, dentro da literatura de Lovecraft, recusam-se a ser significados. Ao sair do eixo literário, a restrição se desfaz e um *outrem* indescritível é comercializado na forma de brinquedos e de pelúcias.

1.2 A ASCENSÃO

Gernsback passou a ter sérios problemas em conseguir pagar os autores que havia publicado, como Burroughs, Lovecraft e E. E. Smith[129]. Por conta disso, cada vez menos autores estavam interessados e começaram a encontrar outras revistas para lançar os seus trabalhos.[130]

Gernsback perdeu o controle da *Amazing* em 1929, que passou para T. O'Conor Sloane e, depois, Raymond Palmer. A reação, no mesmo ano, de Gernsback veio com o lançamento de *Science Wonder Storie*s e *Air Wonder Stories*. No ano seguinte ambas se juntaram como *Wonder Stories* e, em 1936, mudaram o nome para *Thrilling Wonder Stories*[131].

Por conta de preocupações sobre direitos de marca sobre o uso do termo "*scientifiction*" (cienciaficção) na *Amazing*, Gernsback decidiu agir com cautela e para a *Science Wonder Stories* usou o novo termo *"Science Fiction"* (Ficção Científica). Empregando-o nas suas cartas e também numa circular que enviou para os assinantes sobre uma competição "*O que a Ficção Científica Significa*". Assim, quando a *Science Wonder Stories* surgiu, o uso do termo já era comum.

> Curiosamente, Gernsback, ou talvez tenha sido Sloane, usou o termo antes da Amazing Stories. Um leitor reclamou sobre o uso das histórias antigas de Jules Verne e o editorial respondeu que "*Jules Verne é um tipo de Shakespeare para a Ficção Científica*".[132]

129TYMN; ASHLEY (Orgs.), **Science Fiction, Fantasy, and Weird Fiction Magazines**, p. 18.
130*Ibid*.
131MENDLESOHN, Fiction, 1926-1949, p. 53.
132No original: "Because of worries over the trademarked use of the phrase 'scientifiction' at Amazing, Gernsback decided to tread carefully and for Science Wonder Stories coined the new phrase 'science fiction'. He had started to use the phrase in his letters and in a circular he mailed to subscribers for a competition on 'What Science Fiction Means to Me' so that by the time Science

A primeira edição da *Astounding Stories of Super Science* foi lançada por William Clayton em janeiro de 1930. A sua experiência editorial e a criação da Clayton Publications ocorreu a partir da *Snappy Stories*, em 1912, e se consolidou com *westerns* e histórias de detetives. O editor foi escolhido por Harry Bates e, como notou Ashley:

> Foi com a Astounding que o destino da Ficção Científica foi selado. Astounding era antes e diretamente uma revista pulp de aventuras. Ela não tinha intenção de educação através da ciência e nem compartilhava nenhum ideal com Gernsback. […] O objetivo era fazer uso da popularidade da Ficção Científica e conseguir lucro com isso.[133]

Em oito de novembro de 1932, Franklin Roosevelt foi eleito e propôs uma série de políticas para reverter a situação financeira dos Estados Unidos, com o *New Deal*[134]. Todavia, apenas após a Segunda Guerra Mundial (1939–1945) a economia norte-americana se recuperou.

Em abril de 1933, William Clayton decretou falência e as suas principais revistas (*Clues*, *Cowboy Stories* e *Astounding Stories*) foram compradas pela Street & Smith[135]. Quando Gernsback criou a sua revista em 1926, não havia uma escrita de Ficção Científica no sentido que o termo viria a ter posteriormente.[136] Como as revistas pagavam pouco para os autores, o nicho de produção entre 1927 e 1930 ficou restrito a Miles J. Breuer, David H. Keller, S. P. Meek, Ed Earl Repp, A. Hyatt Verrill e Harl Vincent.[137] Entre 1931 e 1936, Vincent permaneceu, mas os outros autores desaceleraram. Assim novos autores começaram a aparecer para suprir

---

Wonder Stories appeared the phrase was in common usage throughout. Interestingly Gernsback, or it may have been Sloane, had used the phrase earlier in Amazing Stories. A reader wrote in complaining about the use of Jules Verne's old stories, to which the editorial response was that 'Jules Verne was a sort of Shakespeare in science fiction'." Tradução nossa. ASHLEY, The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950., p. 66.

133 No original: "It is with Astounding that science fiction's fate became sealed. Astounding was the first and always a straight adventure pulp magazine. It had no intention of education through science and shared no ideals with Gernsback. […] The aim was to tap into the popularity of science fiction and make what profit was possible." Tradução nossa. ASHLEY, The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950., p. 79.

134 RAUCHWAY, Eric, **The Great Depression: A Very Short Introduction**, Oxford: Oxford University Press, 2008.

135 ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 82.

136 BLEILER, Everett; BLEILER, Richard J., **Science-Fiction: The Gernsback Years. A Complete coverage of the genre magazines Amazing, Astounding, and others from 1926 through 1936**, Kent, Ohio and London: The Kent State University Press, 1998, p. XXII.

137 *Ibid*.

esses espaços, como John W. Campbell, Jr., Stanton A. Coblentz, Raymond Z. Gallun, Edmond Hamilton, Nat Schachner e Jack Williamson[138].

Fritz Leiber[139], Ross Rocklynne[140], Clifford Simak[141], E. E. Smith, Williamson e C. L. Moore[142] estão entre os autores que escreveram e publicaram Ficção Científica após 1936. Edward E. Smith (1890–1965), apelidado de "Doc" por conta da sua carreira como engenheiro químico foi considerado o principal responsável pelo desenvolvimento da Ópera Espacial[143], a partir de *Skylark of Space*[144] (*Skylark do Espaço*), publicado na Amazing Stories. O núcleo principal das aventuras narradas por Smith se organiza em volta da nave espacial *Skylark*, que serve como meio para a aventura e o encontro com formas alienígenas[145].

F. Orlin Tremaine, que já havia sido editor de várias revistas, assumiu a Astounding Stories em 1933. A edição de abril de 1934 foi uma das mais

138 *Ibid*., p. XXII, XXIII.

139 Fritz Leiber (1910–1992) é outro autor que estava dentro da Ficção Científica e da Fantasia. Trocou correspondências com Lovecraft até a morte deste, em 1937. Na década de 1930, Leiber publicou After the Darkness (Depois da Escuridão) de 1935, Children of Jerusalem (Crianças de Jerusalém), também de 1935, entre outras. Em 1970, recebeu tanto o Hugo quanto o Nebula, com Ill Met in Lankhmar (Conheci em Lankhmar).

140 Ross Rocklynne (1913-1988) teve uma carreira com menor destaque quando comparada às outras figuras citadas. Com algumas publicações na Astounding Stories (editada por Tremaine), como Man of Iron (Homem de Ferro) em 1935 e The Men and the Mirror (Os homens e o espelho), em 1938. Posteriormente publicou narrativas de maior fôlego, como The Day of the Cloud (O dia da Nuvem) de 1942 e Pirates of the Time Trail (Piratas da Trilha do Tempo) de 1943. A sequência de publicações do autor entrou em hiato entre 1954, com Winner Take All (Vencedor leva tudo) e 1968 com Touch of the Moon (Toque da Lua). Um retorno que demonstrou a qualidade técnica do autor, bem como a sua capacidade a se adaptar às novas exigências do campo.

141 Clifford Donald Simak (1904-1988) publicou a sua primeira história de Ficção Científica na Wonder Stories, também de Gernsback, em dezembro de 1931. Com outras contribuições espaçadas entre as revistas, os trabalhos do autor ganharam mais destaque nas páginas da Astounding, com Cosmic Enginners (Engenheiros Cósmicos) de 1939. Em 1977, Simak recebeu o Grand Master Award.

142 Catherine Lucille Moore (1911–1987) era uma das poucas mulheres que circulava nos espaços da Ficção Científica nesse período. As suas primeiras publicações foram na Weird Tales e depois na Astounding. Em 1940 casou-se com Henry Kuttner (1915–1958) e juntos publicaram várias narrativas usando diferentes pseudônimos: C. H. Liddell, Lawrence O'Donnell, Lewis Padgett, etc.

143 **Space Opera (Opera Espacial)** são narrativas de Ficção Científica que se focam em temáticas espaciais e aventuras heroicas. Ênfase essa que reaproxima a Ficção Científica com a Fantasia. **Star Wars**, por exemplo, pode ser considerado como um space opera. Ver: STABLEFORD, Brian; LANGFORD, Jonathan, Space Opera, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

144 SMITH, Edward E.; GARBY, Lee Hawkins, The Skylark of Space (Part 1 of 3), **Amazing Stories**, v. 3, n. 5, p. 390–417, 1928; SMITH, Edward E.; GARBY, Lee Hawkins, The Skylark of Space (Part 2 of 3), **Amazing Stories**, v. 3, n. 6, p. 528–558, 1928; SMITH, Edward E.; GARBY, Lee Hawkins, The Skylark of Space (Part 3 of 3), **Amazing Stories**, v. 3, n. 7, p. 610–636, 1928.

145 ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 60, 61, 62.

importantes, pois, contou com *The Legion of Space*[146] (*A Legião do Espaço*) de Williamson.

The Legion of Space começa com o relato dum homem chamado John Delmar que revela para o seu médico que sabe o dia em que morrerá. A sua trajetória pode ser vista como uma continuidade temática em relação ao John Carter de Burroughs, tal como se pode perceber na seguinte descrição:

> Ele contou-me que cresceu na fronteira do Oeste; ele cavalgou com uma arma durante a guerra do gado quando era apenas um garoto, e dalguma forma ingressou nos Rangers texanos antes da maioridade. Depois ele serviu com os Rough Riders (Cavaleiros Durões) e na guerra Boer e depois sob o comando de Porfirio Diaz. Em 1914 se alistou no exército inglês — para equilibrar, ele disse-me, por ter lutado contra os ingleses na África do Sul. Depois ele esteve na China e em Rif, também no Grão Chaco e na Espanha. Foi num campo de prisioneiros espanhol que ele começou a sofrer com o seu joelho. O seu corpo endurecido começou a falhar e ele finalmente voltou para casa, velho demais para continuar lutando. Foi aí que nos conhecemos[147].

John Carter transita para Marte a partir do mundo onírico, já Delmar tem memórias sobre o futuro. É a partir delas que relata a conquista que a humanidade fará do espaço e os desafios que enfrentará. O futuro que se relata é a trajetória dos descendentes de John, desde o seu neto que chega na Lua no fim da década de 1950, como vários outros Delmar que participaram dos principais eventos da história. Eles tomam o poder como "Imperadores", são destronados e uma democracia é instaurada e protegida pela legião do espaço — que fornece o título para a narrativa.

Delmar também conta que o seu nome mudará para Ulnar, mas antes de terminar a história morre. O médico lê os textos que relatava como John Ulnar, que

---

146 WILLIAMSON, Jack, The Legion of Space (Part 1 of 5), **Astounding Stories**, v. 13, n. 2, p. 10–30, 1934; WILLIAMSON, Jack, The Legion of Space (Part 2 of 5), **Astounding Stories**, v. 13, n. 3, p. 99–109, 1934; WILLIAMSON, Jack, The Legion of Space (Part 3 of 5), **Astounding Stories**, v. 13, n. 4, p. 113–123, 1934; WILLIAMSON, Jack, The Legion of Space (Part 4 of 5), **Astounding Stories**, v. 13, n. 5, p. 102–123, 1934; WILLIAMSON, Jack, The Legion of Space (Part 5 of 5), **Astounding Stories**, v. 13, n. 6, p. 123–140, 1934.

147 No original: "He had grew up, he told me, in the frontier West; he rode with a gun in a cattle war when he was only a boy, and somehow he got into the Texas Rangers a little short of the legal age. Later he served in the Rough Riders, and in the Boer War, and under Porfirio Diaz. In 1914 he joined the British Army – to make up, he said, for fighting the British in South Africa. Later he was in China and in the Rif, in the Gran Chaco and in Spain. It was a Spanish prison camp that stiffened his bad knee. His hard-seasoned body began to fail him at last, and he finally came home, too old to fight again. That was when we met." Tradução nossa. WILLIAMSON, Jack, **The Legion Of Space - The Complete Book Version**, New York: World Éditions, Inc., 1950, p. 08.

depois seria John Star, conseguiu derrotar a invasão dos "*Medusae*", impedir a ascensão dum novo império e salvar o sistema solar.

> Em Verne, Wells e Williamson, os eventos futuros, ainda não alcançados, mas registrados e confirmados como fatos históricos completos por um narrador ausente pertencente ao futuro deste futuro, são reconhecidos pelo que são - a saber, o produto simples e cru do autor da imaginação e da aprendizagem, imerso nos levantes do século XIX ou XX, que não se esforça para se afastar deles. [148]

Em 1976, a Science Fiction Writer Association concedeu o título de *Grand Master of Science Fiction*[149] (*Grande Mestre da Ficção Científica*) para Williamson. Durante a década de 1940, Williamson criou o termo "terraformação"[150], que tratava do processo de viabilização da vida humana em planetas alienígenas — uma ideia que migraria para a ciência.

> Em suma, a primeira ficção científica e os seus imitadores posteriores repetiram a experiência da ficção *western* ao criar um tema de violência, alienação e desintegração social, sociedades que um herói poderia salvar, mas nas quais ele não poderia viver confortavelmente. Se a ficção científica é a mitologia do século XX, é uma mitologia da fragmentação e padrões morais e sociais ambivalentes, e não de unidade e reconciliação, como no folclore tradicional. Suas características dificilmente são exclusivas da ficção científica nesta formulação. A ficção científica é parte da cultura americana geral […].[151]

Outro item importante de abril de 1934 foi a serialização de *Lo!*, escrita por Charles Fort (1874–1932) e com a intenção de inspirar futuros autores[152]. Ashley

148 "In Verne, Wells, and Williamson, future events, not yet come to pass but recorded and confirmed as completed historical facts by an absent narrator belonging to the future of this future, are recognized for what they are – namely, the plain, raw product of the imagination and learning author immersed in the upheavals of the 19th or 20th century, who makes no effort to depart from them." Tradução nossa. EIZYKMAN, Boris, Temporality in Science-Fiction Narrative, Science Fiction Studies, v. 12, n. 1, p. 66–87, 1985, p. 77.

149 **Jack Williamson**, Science Fiction Awards Database, disponível em: <www.sfadb.com/jack_williamson>, acesso em: 17 jul. 2018.

150 No original: terraforming.

151 No original: "In short then, early Science Fiction and its later imitators repeated the experience of western fiction in creating a theme of violence, alienation, and social disintegration, societies which a hero could save but in which he could not comfortably live. If Science Fiction is the mythology of the 20th century, it is a mythology of fragmentation and ambivalent moral and social standards rather than of unity and reconciliation as in traditional folklore. Its characteristics are hardly unique to Science Fiction in this formulation. Science Fiction is part of overall American culture […]". Tradução nossa. BERGER, Albert I., Love, Death, and the Atomic Bomb: Sexuality and Community in Science Fiction, 1935-55, **Science Fiction Studies**, v. 8, n. 3, p. 280–296, 1981, p. 284.

152 ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 85.

considerou que esse efeito não ocorreu e que as histórias que vieram a usar os conceitos de Fort foram poucas[153].

> No começo as políticas editoriais da Street and Smith eram construídas numa fundação de aventura tradicional, mas logo foram ornamentadas com inovações: a história com "pensamento variante". Tratava-se duma história impulsionada primariamente pelo interesse de produzir um conceito especulativo (em oposição ao dispositivo tecnológico, como nas histórias de Gernsback), extrapolando a partir de teorias que já existiam[154].

Apesar desta indicação de Ashley, convém lembrar do trabalho de Eric Frank Russell (1905–1978). De origem britânica, publicou diversos textos entre 1937 e 1950[155]. Entre estes: *The Prr-r-eet*[156] (*O Prr-r-eet*), *The Saga of Pelican West*[157] (*A Saga do Pelicano West*), *The Great Radio Peril*[158] (*O Grande Perigo do Rádio*), etc. Em 1939, publicou na *Unknown Stories* (criada por Campbell) a história *Sinister Barrier*[159], que flertava com as teorias de Fort.

Fort estava interessado em "anomalias" e eventos que desafiavam as explanações científicas da época. A síntese das suas pesquisas aparecem em *The Book of the Damned*[160] (*O Livro dos Condenados*), de 1919.

> O catálogo de fatos condenados de Fort circunscreveu uma área liminar de conhecimento duplamente rejeitado. Os tópicos que ele estudou forneceram uma forma de capital epistêmico precisamente porque foram rejeitados. Em 1931, um grupo de amigos de Fort fundou a The Fortean Society para continuar o estudo desses fenômenos. Ocultistas, ufologistas e criptozoologistas têm sido afiliados à Fortean Society e ao trabalho de Fort, ao qual o discurso popular e a categoria "paranormal" em si são fortemente endividados.[161]

153 *Ibid*.
154 No original: "While the editorial policies in the early Street and Smith years were built on a foundation of traditional adventure, they were soon adorned with a key innovation, the "thought-variant" story. This was a story propelled primarily by the interest generated by a novel speculative concept (as opposed to a technological device, as in a Gernsbackian story), extrapolated from existing scientific knowledge or theory." Tradução nossa. TYMN; ASHLEY (Orgs.), **Science Fiction, Fantasy, and Weird Fiction Magazines**, p. 62.
155 **Eric Frank Russell**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?51>, acesso em: 11 jul. 2018.
156 RUSSELL, Eric Frank, The Prr-r-eet, **Tales of Wonder**, n. 1, p. 76–91, 1937.
157 RUSSELL, Eric Frank, The Saga of Pelican West, **Astounding Stories**, v. 18, n. 6, p. 12–28, 1937.
158 RUSSELL, Eric Frank, The Great Radio Peril, **Astounding Stories**, v. 19, n. 2, p. 47–56, 1937.
159 RUSSELL, Eric Frank, Sinister Barrier, **Unknown**, v. 1, n. 1, p. 09–93, 1939.
160 FORT, Charles Hoy, **The Book of the Damned**, New York: Boni and Liverlight, 1919.
161 No original: "Fort's catalogue of damned facts circumscribed a liminal area of dually rejected knowledge. The topics he studied provided a form of epistemic capital precisely because they had been rejected. In 1931, a group of Fort's friends founded The Fortean Society to continue the study of these phenomena. Occultists, Ufologists and cryptozoologists have been affiliated with the Fortean Society and Fort's work, to which popular discourse and the category "paranormal" itself is strongly indebted." Tradução nossa. LAYCOCK, Joseph P., Approaching the Paranormal, **Nova**

A aproximação de Russell com Fort nos sugere que apesar de o interesse científico dominante operar no campo das ciências físicas, os autores de Ficção Científica do período eram sensíveis a outras leituras, mais "fronteiriças". Além de Russell, outro autor de ficção científica, Damon Knight, lançou em 1970 pela Doubleday uma biografia sobre Fort[162] e, em 1974, editou um volume com quatro trabalhos do autor[163].

> Referências a Fort começaram a aparecer nos livros de discos voadores que surgiram na década de 1950; mais ainda nos livros sobre OVNIs que surgiram na década de 1960. Então, os próprios livros reapareceram e, depois disso, o início dos novos grupos Forteanos, à medida que a sua influência se tornou clara em todos os aspectos do que começou a ser conhecido como Paranormal.[164]

A presença, mesmo que discreta, de Fort como uma fonte de inspiração e interesse para a Ficção Científica sugere que o domínio das ciências voltadas para a técnica não era hegemônico. Conforme veremos no segundo capítulo, uma das ramificações desse interesse desabrochou, a partir de Campbell, na Dianética e no Psi. A fronteira entre as ciências e a inserção das Ciências Sociais na Ficção Científica, que discutiremos no quarto capítulo, seria a outra rota possível.

Em novembro de 1934, *Twilight* de John W. Campbell, foi publicado, com o pseudônimo de Don A. Stuart — o que marcou o começo de mudanças que se concretizariam nos anos seguintes[165].

John Wood Campbell Jr. (1910–1971) ingressou em 1928 no MIT, participando do Departamento de Física[166]. Na época a sua principal influência foi Norbert Wiener, futuro criador da cibernética[167]. Durante a sua juventude, era leitor da *Argosy*, *Weird Tales* e também da *Amazing Stories*. O seu texto favorito era

---

Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions, v. 18, n. 1, p. 5–15, 2014, p. 10.

162 KNIGHT, Damon, **Charles Fort: Prophet of the Unexplained**, Michigan: Doubleday, 1970.

163 FORT, Charles Hoy, **The Complete Books of Charles Fort: The Book of the Damned, New Lands, Lo!, Wild Talents**, New York: Dover Publications, 1974.

164 No original: "References to Fort began to appear in the flying saucer books that came out in the 1950s; more still in the UFO books that came out in the 1960s. Then, the books themselves, reappeared, and after that the start-up of new Fortean groups as his influence became clear in every aspect of what began to known as the Paranormal." Tradução nossa. WOMACK, Jack, Come, Steam Engine Time, *in*: FORT, Charles Hoy (Ed.), **The Book of the Damned**, Kindle Edition. New York: Baen Books, 2014, p. n.

165 ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 86.

166 NEVALA-LEE, Alec, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, New York: Harper Collins, 2018, p. 28.

167 *Ibid*.

Skylark of Space, de E. E. Smith, publicado na *Amazing Stories e* foi uma das influências para Campbell se focar em energia atômica.[168]

A primeira experiência de escrita ocorreu nessa época com *Invaders from Infinity*, produzida num ritmo frenético.[169] Campbell submeteu para Sloane que aceitou este e um segundo texto, *When the Atoms Failed*[170] (*Quando os Átomos Falharam*). A demora na publicação de ambos fez com que Campbell fosse até o escritório de Sloane. Lá o editor contou que o texto inicial havia sido perdido, mas a segunda história apareceu na *Amazing* de janeiro de 1930.[171]

> Campbell era um dos únicos escritores na época que tinha conhecimento de Física teórica ao nível universitário e o seu uso dos jargões científicos fez com que os leitores sentissem que quase poderiam entender o que estava acontecendo, com um realismo suficientemente capaz de oferecer a ilusão de mais[172].

When the Atoms Failed[173] se passa em 1947 e a sua primeira parte narra a invenção duma nave espacial que permitiria ao homem viajar entre os planetas e explorar o sistema solar. Toda a descrição enaltece as qualidades da energia atômica, a partir da qual se permitiu a construção duma máquina. Essa foi capaz de deduzir a equação base de toda a matéria e permitiu a criação da nave espacial.

Na segunda parte, a Terra é invadida por alienígenas oriundos de Marte. Com uma colossal frota espacial, os marcianos disparam contra o planeta e iniciam a sua conquista. Os cientistas passam algum tempo preparando a nave espacial para o combate, pois, com a energia atômica ela é a única esperança de vitória.

Em combate, a Terrestrian, nome dado para a nave espacial, aniquila os marcianos. A superioridade tecnológica é tamanha que após terminar o conflito, os pilotos se dirigem para todos os governos da Terra e ordenam que todas as armas sejam destruídas — e quem não o cumprisse seria eliminado. A Terra e Marte selam um acordo de paz e formam uma aliança para a exploração e descoberta científica.

---

168 *Ibid*., p. 30.
169 *Ibid*.
170 *Ibid*.
171 *Ibid*., p. 30, 31.
172 No original: “Campbell was one of the only writers at the time with any knowledge of theoretical physics at the college level, and his use of scientific jargon made readers feel as if they could almost understand what was happening, with enough realism to offer the illusion of more.” Tradução nossa. *Ibid*., p. 31.
173 CAMPBELL, John W. Jr., When the Atoms Failed, **Amazing Stories**, v. 4, n. 10, p. 910–925, 1930.

When the Atoms Failed tem todos os elementos que viriam a constituir o projeto editorial de Campbell: 1) ênfase na invenção; 2) genialidade dos cientistas; 3) conflitos espaciais e 4) vitória dos humanos.

Em 1932, Campbell se matriculou na Duke University e teve contato com Joseph B. Rhine, que conduzia experimentos num laboratório de Parapsicologia.[174] Nessa época, Campbell escreveu *The Derelicts of Ganymede*[175] (*Os Derelictos de Ganimedes*), *Invaders from the Infinite*[176] (*Invasores do Infinito*), *The Electronic Siege*[177] (*O Cerco Eletrônico*) e *The Last Evolution*[178] (*A Última Evolução*).

The Last Evolution era sobre um confronto entre humanos e invasores extraterrestres. A humanidade foi derrotada, mas conseguiu construir robôs que sobreviveriam, derrotariam os aliens e se espalhariam pela galáxia. Era "o trabalho mais forte que ele havia publicado com o seu próprio nome e já tinha no seu horizonte, temas que viriam a ser centrais na Ficção Científica[179]".

Antes de concluir a graduação em Física, Campbell escreveu *Beyond the End of Space*[180] (*Além do Fim do Espaço*), *The Battery of Hate*[181] (*A Bateria de Ódio)* e *Space Rays*[182] (*Raios Espaciais*). Essa última foi publicada na *Wonder Stories*, mas quando Gernsback leu, ficou tão irritado que mandou fazer uma nova edição sem a história.[183]

---

174 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 55.

175 CAMPBELL, John W. Jr., The Derelitcs of Ganymede, **Wonder Stories**, p. 938–948, 1932.

176 CAMPBELL, John W. Jr., Invaders from the Infinite, **Amazing Stories Quarterly**, p. 146–229, 1932.

177 CAMPBELL, John W. Jr., The Electronic Siege, **Wonder Stories**, p. 1246–1255, 1932.

178 CAMPBELL, John W. Jr., The Last Evolution, **Amazing Stories**, v. 7, n. 5, p. 413–420, 1932.

179 No original: "the strongest work that he ever published under his own name, and it looked ahead to themes that would later become central do science fiction." Tradução nossa. NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 56.

180 CAMPBELL, John W. Jr., Beyond the End of Space (Part 1), **Amazing Stories**, v. 7, n. 12, p. 1096–1112, 1933; CAMPBELL, John W. Jr., Beyond the End of Space (Part 2), **Amazing Stories**, v. 8, n. 1, p. 26–44, 1933.

181 CAMPBELL, John W. Jr, The Battery of Hate, **Amazing Stories**, v. 8, n. 7, p. 52–77, 1933.

182 CAMPBELL, John W. Jr., Space Rays, **Wonder Stories**, p. 584–584, 1932.

183 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 56.

Tremaine se interessou pelos trabalhos de Campbell e a primeira publicação deste, na *Astounding*, saiu em dezembro de 1934 com *The Mightiest Machine*[184] e seguiu por mais quatro números em 1935.

Para publicar *Twilight*[185] (*Crepúsculo*), Tremaine sugeriu um pseudônimo, dado que o texto era muito diferente do que Campbell estava fazendo e isso poderia confundir os leitores. Assim surgiu Don Stuart — e Karl van Campen, outro pseudônimo do autor. A diferença entre Campbell e Stuart foi sintetizada por Alec Nevala-Lee da seguinte maneira:

> [Campbell] Um gênio solitário desenvolve poder atômico e utiliza para construir uma nave espacial, usando recursos ilimitados dalgum benfeitor rico. Após uma bela descrição da nave, ele encontra uma guerra entre duas raças aliens, escolhe um lado sem hesitar e triunfa com o seu armamento superior. Tecnologia é retratada como inerentemente boa, enquanto o cientista herói ou engenheiro – avatar do movimento tecnocrático do começo dos anos 1930 – é elevado para a posição dum Deus. […] [Stuart] eles [os personagens] estão cientes dos limites da tecnologia, que pode retirar da humanidade as suas qualidades mais preciosas – a iniciativa e a curiosidade[186].

Entre 1934 e 1937 Campbell publicou dezenas de histórias. Apesar de não ser fã de Lovecraft, o texto *At the Mountains of Madness*[187], outrora serializada na *Astounding*, causou impacto. Campbell "foi atraído para o desafio de retratar horrores que os outros deixam sem descrever e isso deu a ele ainda mais prazer do que qualquer coisa que ele havia escrito antes"[188].

---

184 CAMPBELL, John W. Jr., The Mightiest Machine (Part 1 of 5), **Astounding Stories**, v. 14, n. 4, p. 10–30, 1934; CAMPBELL, John W. Jr., The Mightiest Machine (Part 2 of 5), **Astounding Stories**, v. 14, n. 5, p. 124–138, 1935; CAMPBELL, John W. Jr., The Mightiest Machine (Part 3 of 5), **Astounding Stories**, v. 14, n. 6, p. 108–135, 1935; CAMPBELL, John W. Jr., The Mightiest Machine (Part 4 of 5), **Astounding Stories**, v. 15, n. 1, p. 110–131, 1935; CAMPBELL, John W. Jr., The Mightiest Machine (Part 5 of 5), **Astounding Stories**, v. 15, n. 2, p. 82–101, 1935.

185 STUART, Don A., Twilight, **Astounding Stories**, v. 14, n. 3, p. 44–58, 1934.

186 No original: "[Campbell] A lone genius develops atomic power and uses it to build a spacecraft, drawing on the limitless resources of a wealthy benefactor. After a loving description of the ship, he encounter a war between two alien races, takes sides without hesitation, and triumphs through his superior weaponry. Technology was portrayed as an unalloyed good, while the heroic scientist or engineer – the avatar of the technocratic movement of the early thirties – was elevated to the status of a god. [Stuart] they were aware of the limits of technology, which could deprive mankind of its most precious qualities – its curiosity and initiative." Tradução nossa. NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 62.

187 LOVECRAFT, At the Mountains of Madness (Part 1 of 3); LOVECRAFT, At the Mountains of Madness (Part 2 of 3); LOVECRAFT, At the Mountains of Madness (Part 3 of 3).

188 No original: "was drawn to the challenge of depicting horrors that others left underscribe, and it gave him more pleasure than anything else he had ever written". Tradução nossa. NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 67.

O resultado apareceu em *Who Goes There*[189] (*Quem vai lá*), no qual Campbell levou os leitores para a Antártida, onde um grupo de cientistas descobriu uma nave que caiu e ficou presa no gelo. Os pesquisadores conseguiram entrar na nave e encontraram uma forma de vida alienígena capaz de assumir todos os aspectos daquele que é devorado por ela, como memória e personalidade.

> A coisa quicava como uma bola de borracha azul. Um dos seus tentáculos se estendeu como um bote duma cobra. Numa mão na forma de sete tentáculos, o brilho metálico dum lápis de seis polegadas piscou e se ergueu, encarando-os. Os seus lábios finos contraíram-se como presas de serpente, com olhos vermelhos brilhando e um sorriso odioso. O revólver de Norris trovejou no pequeno espaço. O rosto de puro ódio se contorceu em agonia, com os tentáculos arrebentando tudo na sua volta. A coisa prateada na sua mão agora era uma ruína de metal amassado e a mão de sete tentáculos se transformou numa massa de carne batida que escorria pus amarelo-esverdeado. O revólver trovejou três vezes mais. Cada um dos três olhos foi perfurado por buracos escuros antes de Norris lançar a arma contra a sua face. A coisa gritou um ódio feroz, um tentáculo chicoteando enxugando os olhos cegos. Por um momento ele arrastou-se no chão, tentáculos selvagens atacando e o corpo se contorcendo[190].

A maneira como Campbell usou a ação na cena acima nos sugere duas diferenças importantes em relação a Lovecraft. Enquanto para Lovecraft era impossível descrever o horror, em Campbell isso é possível. O protagonista de Lovecraft, ao encontrar a criatura, reagiria entrando em colapso, desmaiando ou algo semelhante. Já em Campbell, a criatura é eliminada com sucesso.

O herói de Campbell, tal como o de Lovecraft, encontra com a alteridade radical. Todavia, enquanto em Lovecraft o efeito produzido é a instabilidade mental e a loucura, Diante do indescritível, o herói é paralisado. Por oposição, o herói de Campbell reage e consegue estabelecer uma estratégia para eliminar a ameaça extraterrena.

Essa história de Campbell foi adaptada para o cinema em 1951, em *The Thing from Another World*[191], com direção de Christian Nyby (1913–1993). Uma

---

189 STUART, Don A., Who Goes There?, **Astounding Science-Fiction**, v. 21, n. 6, p. 60–98, 1938.

190 No original: “Like a blue-rubber ball, a Thing bounced up. One of its four tentacle-like arms looped out like a striking snake. In a seven-tentacled hand a six-inch pencil of winking, shining metal glinted and swung upward to face them. Its line-thin lips twitched back from snake-fangs in a grin of hate, red eyes blazing. Norris' revolver thundered in the confined space. The hate-washed face twitched in agony, the looping tentacle snatched back. The silvery thing in its hand a smashed ruin of metal, the seven-tentacled hand became a mass of mangled flesh oozing greenish-yellow ichor. The revolver thundered three times more. Dark holes drilled each of the three eyes before Norris hurled the empty weapon against its face. The thing screamed a feral hate, a lashing tentacle wiping at blinded eyes. For a moment it crawled on the floor, savage tentacles lashing out, the body twitching.” Tradução nossa. STUART, Who Goes There?, p. 97.

191 NYBY, Christian, **The Thing from Another World**, United States: RKO Radio Pictures, 1951.

versão com mais sucesso saiu em 1982, dirigida por John Carpenter (1948-) e roteiro de Bill Lancaster (1947–1997), com o título de *The Thing*[192]. Em 2001, outra versão[193], dirigida por Matthijs van Heijningen Jr (1965-) e roteiro de Eric Heisserer (1970-), foi lançada. Em síntese:

> Campbell estava celebrando o individualismo, mas condenava a influência dos seus benefícios materiais numa época em que a continuação desses benefícios estava em dúvida. Insensível ou não, ele estava levantando a questão do desenvolvimento americano e também da filosofia: processo e desenvolvimento para quê? Para que fim o americano - de fato, o humano - está avançando??[194]

Campbell foi convidado por Tremaine em 1937 para assumir a Astounding, posição que ocupou até o seu falecimento, em 1971. Como tão bem expôs Nevala-Lee:

> De maneira inacreditável, Campbell havia tropeçado no trabalho que nasceu para ter — e seu talento que era inegável importava menos do que o fato que ele estava disponível. Ele sempre estava circulando pelo escritório ; ele era um escritor que poderia contar e tinha seguidores leais ; e ele estava na posição de começar o trabalho imediatamente. Seu histórico em escrita e edição técnica pode ter tido um papel, mas acima de tudo, foi um golpe de sorte — e não seria o último — sem o qual a história da Ficção Científica teria se desdobrado em linhas bem diferentes. Com 27 anos, Campbell não tinha como saber de nada disso, mas ele sabia o que ele tinha com a *Astounding*. Era o espaço perfeito para todas as suas ambições frustradas, e ele estava fervendo com ideias. Por hora, parte delas não iria se realizar — Tremaine manteve o controle editorial e uma pilha de histórias ainda deveriam ser publicadas. Mas uma mudança foi visível logo de imediato. Alguns meses depois, quando a edição de março de 1938 chegou na loja de doces do Brooklyn, Isaac Asimov viu e aprovou que o título não era mais Astounding Stories. Agora era Astounding Science Fiction.[195]

---

192 CARPENTER, John, **The Thing**, United States: Universal Pictures, 1982.

193 HEIJNINGEN, Matthijs van, **The Thing**, United States: Universal Pictures, 2001.

194 No original: “Campbell was celebrating the individualism, but decrying the influence of its material benefits at a time when the continuation of those benefits was most in doubt. Unfeeling or not, he was raising the least-raised question of American development and one of the most-raised questions of human philosophy: process and development for what? To what end is the American – indeed, the human – project proceeding?”. Tradução nossa. BERGER, Albert I., Theories of History and Social Order in “Astounding Science Fiction”, 1934-55, **Science Fiction Studies**, v. 15, n. 1, p. 12–35, 1988, p. 16.

195 No original : "Campbell had stumbled, unbelievably, into the job that he had been born to have—and his talent, which was undeniable, was less important than the fact that he was available. He was always hanging around the office; he was a dependable writer with a loyal following; and he was in a position to start right away. His background in technical writing and editing may have played a role, but above all else, it was a stroke of luck—and far from the last—without which the history of science fiction might have unfolded along utterly different lines. At twenty-seven, Campbell couldn’t have known any of this, but he knew what he had in Astounding. It was the perfect outlet for all of his frustrated ambitions, and he was bursting with ideas. For now, some would remain unfulfilled—Tremaine retained editorial control, and a backlog of stories still had to be published. But one change became visible almost at once. A few months later, when the March 1938 issue arrived at the candy store in Brooklyn, Isaac Asimov saw with approval that its title was

1.3 CONCLUSÃO

Símbolos são construídos em cima doutros símbolos a partir de práticas de leitura, releitura, interpretação e reinterpretação. O símbolo é produzido e circula coletivamente, realizando operações e sendo operacionalizado pela sociedade. Quando Gernsback operou com a Ficção Científica, atualizava um conjunto literário que já havia feito sucesso (e, portanto era rentável), junto com um projeto pedagógico que projetava uma visão sobre ciência do editor nos leitores.

A organização simbólica da Ficção Científica dependeu também da base material que vinha dos pulps. A sua longevidade corre em paralelo com outros conjuntos simbólicos, como os *westerns*, as histórias de detetive, a fantasia e o terror.

O herói de Burroughs, John Carter, fez uma mediação e estabeleceu conexões de fluxos simbólicos que presentificam a Guerra Civil — um evento traumático do passado dos Estados Unidos, na medida em que esta colocou em jogo a integridade da nação — e a conquista de Marte — um direcionamento para o espaço e para o futuro.

Comparando Burroughs com Lovecraft percebemos que o processo de consolidação simbólica não é uniforme e variações podem ocorrer. Assim, não basta a comparação entre o sucesso financeiro do primeiro e o fracasso do segundo.

A ascensão da literatura de Lovecraft começou após a sua morte e ganhou força nos setores acadêmicos junto com o processo de legitimação da Ficção Científica. Foi além. Cthulhu é nomeado por Lovecraft, mas suas ramificações interpretativas ganharam novas dinâmicas ao longo dos anos.

Quando Campbell começou a participar das trocas simbólicas que ocorriam nas revistas de Ficção Científica, trouxe consigo uma trajetória universitária que permitia a manipulação dum vocabulário e produzia outra legitimidade a partir deste. Seu processo autoral também não era uniforme, como o pseudônimo de Don A. Stuart indica.

Se dum lado Burroughs arrasta os seus leitores para Marte e doutro Campbell abre o caminho para outra Ficção Científica, o que há entre os dois é Williamson. A história deixa de ser uma *memória do passado* para ser do futuro e os símbolos se

---

no longer Astounding Stories. Now it was Astounding Science Fiction.” Tradução nossa. NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 69.

descolam das experiências do século XIX para adentrar no horizonte de perspectivas simbólicas atômicas do século XX.

Na literatura produzida por Campbell, o herói é aquele que faz a mediação entre um problema e a sua solução a partir da criação de um aparato científico. A ciência, orientada para a técnica, estava por estabelecer um modelo que viria a ser desenvolvido pelos autores que seriam editados por Campbell.

O contato entre Lovecraft e Campbell é importante pois revela duas maneiras de tratar a ciência e que são incorporadas pelo herói. Conforme discutimos, o herói em Lovecraft tinha experiências com formas de alteridade cósmicas que escapavam da sua compreensão. A ciência é desestabilizada e o efeito no protagonista era a insanidade.

O contato de Campbell com Lovecraft transformou essa relação com a ciência. A criatura cósmica permanecerá sendo um horror e uma ameaça, todavia o herói não fica refém. Ao contrário, a partir de sua inventidade foi capaz de eliminar a criatura e se salvar.

2 DO ATÓMO AO PSI

As primeiras negociações de Campbell como editor da *Astounding* ocorreram com autores que tinham prestígio nas pulps, como Arthur J. Burks e L. Ron Hubbard. Foi, contudo, com Isaac Asimov e com Robert A. Heinlein que o projeto editorial de Campbell ganhou materialidade. As relações de Campbell com estes autores diferiram. Asimov ocupou a posição dum discípulo enquanto Heinlein dispôs duma autonomia. O que não resultava nas rejeições das histórias do primeiro e a aceitação integral das do segundo.

Os modos distintos da influência exercida por Campbell permitem identificar em Asimov e em Heinlein facetas da proposta editorial. Após a Segunda Guerra Mundial, ambos alçaram o sucesso para fora do público das revistas.

Visando a compreensão do período inicial de publicação de Asimov e Heinlein, bem como de escritores paralelos como Hubbard, Lyon Sprague de Camp e A. E. Van Vogt, mapearemos algumas das suas obras. O intuito é identificar as facetas do projeto editorial.

Reconhecido como a "Era de Ouro", esse período entre meados de 1937 até a participação efetiva dos Estados Unidos no conflito mundial abrem caminhos para a interpretação dos dispositivos simbólicos que circundam Campbell e se manifestam em Heinlein e Asimov.

Não é da nossa competência discutir se a "Era de Ouro" existiu ou se tratava duma projeção. Preferimos tratá-la como um arranjo simbólico que se constituiu em torno de Campbell e reificou nomes e autoridades. Uma dinâmica de funcionamento que foi rearranjada após a Segunda Guerra Mundial e pelas explosões nucleares.

A fim de não considerar estritamente os autores, pontuaremos como a comunidade de fãs surgiu, com dinâmicas e conflitos em torno da Ficção Científica. Além disso, o grupo dos Futurians será apresentado enquanto oposição (ou alternativa) ao projeto de Cambpell.

O movimento final do capítulo tem como horizonte as mudanças que foram causadas após a Segunda Guerra em Campbell. A explosão das bombas atômicas servirá como indício para a transformação da Ficção Científica.

A mobilização simbólica dessa mudança será a exploração de novas propostas por Campbell. Primeiro com a Dianética criada por Hubbard, e depois, com o conceito de “Psi” e as habilidades psiônicas.

O símbolo que visamos construir nesse capítulo será o do herói que é cientista e militar. Originado de maneira humilde, o herói alça e se realiza pelo domínio intuitivo das ciências e a capacidade inventiva de solucionar problemas. O herói pode ser um indivíduo ou um grupo — mas sempre de humanos e homens. Os seus atos e invenções servem como solução para problemas bélicos e também garantem a paz mundial ou galática.

2.1 OS CONSTRUCTOS

Em outubro de 1937 circulava a primeira edição da *Astounding*[196] com a assinatura de John W. Campbell Jr., editor. A arte da capa de Howard V. Brown, na coloração amarela e ao fundo um planeta orbitado por uma estação espacial. Ao redor desta, três foguetes pretos com detalhes brancos transitam. Numa escrita na cor preta se anuncia a história *Galactic Patrol* (*Patrulha Galáctica*), com o nome de E. E. Smith, PhD em vermelho. Logo abaixo, *Out of the Night* (*Fora da Noite*) por Don A. Stuart.

Percebe-se a associação entre Campbell e Smith em termos temáticos. Todavia, Campbell não usou o seu nome, mas sim o pseudônimo — considerando que os leitores não sabiam que se tratava da mesma pessoa. Depois das propagandas, *Out of the Night*[197] abriu a revista e na sequência uma história de Jan Forman, *Mr. Ellerbee Transplanted*[198] (*Sr. Ellerbee Transplantado*) e *Rule of the Bee*[199] (*Regra da Abelha*) por Mainly Wade Wellman.

Mr. Ellerbee Transplanted[200] foi a única publicação de Jan Forman, possivelmente um pseudônimo. Entre a história de Campbell e de Forman há um anúncio duma narrativa que seria vinculada futuramente na edição de novembro – *The Golden Horseshoe*[201] de Arthur J. Burks.

196CAMPBELL, John W. Jr. (Org.), **Astounding Stories**, New York: Street & Smith Publications, 1937.
197STUART, Don A., Out of Night, **Astounding Stories**, p. 10–38, 1937.
198FORMAN, Jan, Mr. Ellerbee Transplanted, **Astounding Stories**, p. 39–50, 1937.
199WELLMAN, Manly Wade, Rule of the Bee, **Astounding Stories**, p. 51–56, 1937.
200FORMAN, Mr. Ellerbee Transplanted.
201BURKS, Arthur J., The Golden Horseshoe, **Astounding Stories**, p. 12–41, 1937.

Antes de *Galactic Patrol*[202], que era a segunda parte de seis (a primeira em outubro), há um editorial com o título de *Into the Future*[203]. Este servia para lembrar o leitor que aquele era o primeiro número do aniversário de cinco anos da *Astounding* e conclamava por uma reflexão com o tradicional "*Quo Vadis?" —para onde vai?* Os parágrafos posteriores esboçam uma resposta.

> Podemos sentar lado a lado apesar das milhas que nos distanciam — pois, estamos a ver as mesmas estrelas, a mesma lua. Eu e você aprendemos a conhecê-las, não como meros pontos de luz no céu distante, mas com uma distância familiar que atravessamos juntos… Para o cidadão comum, o "Buraco Negro de Cygnus" nada significa. Nós já caminhamos por vários caminhos lógicos sobre isso. Pensamos sobre isso e nos maravilhamos. É por isso que somos um grupo seleto. É possível uma área de energia negativa? (Isso deve soar estranho para alguém de fora!). Nós não sabemos, mas especulamos. Absorvemos explicações teóricas variadas sobre os fenômenos que o cidadão mediano desconhece completamente. Debatemos sobre eles de forma calma, educada, pois, essa é a maneira dos estudantes sérios. É por isso que sinto que posso responder a questão do primeiro parágrafo de forma honesta:"Em frente – em direção às estrelas".[204]

Astronomia, interesse pelas ciências e especulação sobre o futuro são os fatores enunciados por Campbell como aquilo que unia a comunidade de leitores, autores e editores. Conjunção que marcava uma diferença em relação a outrem, o cidadão comum, que não tinha os mesmos interesses.

Seguida da serialização de Smith há uma história de Raymond Z. Gallun, *A Menace in Miniature*[205] (A Ameaça em Miniatura) e um artigo de R. DeWitt Miller: Ra, the Inscrutable[206] (*Ra, o inescrutável*). Miller discutiu o impacto do elemento químico rádio (Ra, 88). As possibilidades abertas pelo rádio não se mantiveram no campo da Física e seguiram para a Biologia, considerando os tratamentos com radioatividade.

---

202 SMITH, Edward E., Galactic Patrol (Part 2 of 6), **Astounding Stories**, p. 58–87, 1937.

203 CAMPBELL, John W. Jr, Into the Future, **Astounding Stories**, p. 57, 1937.

204 No original: "We can sit side by side though we may be a thousand miles apart – for we are watching the same stars, the same moon, the same planets. You and I have learned to known them, not as flickering points of light in a distant sky, but as familiar distances which we traversed together…To the average person "The Black Hole of Cygnus" means nothing. But you and I have threaded our way along various threads of logic concerning it. We thinking about it, and wonder. That is why we are a select circle. It is, possibly, an area of negative energy? (How strange that question would sound to an outsider!) We don't know, but we speculate. We have absorbed variant theoretical explanations of phenomena concerning which the average person has never heard. We debate them calmly, restrained, for that is the manner of serious students. And that is why I feel I can answer the question in the first paragraph honestly in this way: "Forward – toward the stars"." Tradução nossa. *Ibid*.

205 GALLUN, Raymond Z., A Menace in Miniature, **Astounding Stories**, p. 88–100, 1937.

206 MILLER, R. DeWitt, Ra, the Inscrutable, **Astounding Stories**, p. 101–109, 1937.

> Nenhuma descoberta nos últimos cem anos foi capaz de atingir tantas expectativas como a invenção do rádio e a compreensão da radioatividade. As ciências básicas foram reconfiguradas duma forma que jamais havia ocorrido. Abriu as portas para o entendimento da estrutura do átomo. Forneceu para a medicina uma nova arma contra a doença mais terrível do mundo. Viabilizou novas linhas de pesquisa na matéria viva e na hereditariedade. Mostrou a força interna do átomo – a única que os foguetes podem utilizar para escapar da gravidade da Terra. Sem a descoberta do rádio e da radioatividade, as teorias de Einstein, Jeans, Eddington e vários outros nunca teriam ocorrido. Ninguém sonhou com uma partícula de matéria que tem velocidade, mas não tem massa. Por que revisar o passado? As maiores conquistas da radioatividade estão no futuro. Ra, o inescrutável, permanece na borda do desconhecido, brilhando e guiando o avanço da ciência – em direção a uma concepção maior e mais verdadeira do universo[207].

A história subsequente era *Penal World*[208] (*Mundo Penal*), assinada por Thorton Ayre, pseudônimo de John Russell Fearn. Na sequência um texto[209] redigido por Dow Elstar (alcunha de Gallun) e Robert S. McCready. Um artigo seguinte de John W. Campbell, *Sleet Storm*[210] (*Tempestade de Granizo*) discutiu as dificuldades que seriam enfrentadas pela exploração espacial, considerando a presença dos meteoritos, origem e composição. A revista se encerra com um editorial da sessão de discussão científica e cartas de Leslie A. Croutch, John D. Clark e Jack Speer.

> Por definição, a Ficção Científica dura é Campbelliana, nos moldes da ficção publicada e promovida por John W. Campbell [...]. A ficção científica dura impõe uma afirmação implícita de ser apolítico. Na Ficção Científica dura, quando os políticos aparecem, são geralmente tolos, ignorantes ou vilões, refletindo as experiências de cientistas reais. [...] A moral Campbelliana é que o universo não fornece finais felizes só porque os queremos. Essa atitude é incorporada por uma voz narrativa dura, pragmática e (geralmente) masculina. Mas também é futurista e muitas vezes utópica e, portanto, um pouco fantasiosa. Espera-se que esses aspectos se harmonizem naturalmente: a atitude decorrente da atitude apropriada[211].

---

207 No original: “No discovery in a hundred years has so completely fulfilled every hope as has the discovery of radium and radioactivity. It has revamped basic science as no other discovery has ever done. It has opened the door to the understanding of the structure of the atom. It was given medicine a new weapon against the world’s most terrible disease. It has opened new lines of research into living matter and heredity. It was show the force within the atom – the only force by which rockets can be driven outside the gravity of the Earth. Without the discovery of radium and radioactivity the theories of Einstein, Jeans, Eddington and a dozen others would never been born. No one would ever dreamed of such a thing as a particle of matter having velocity but no mass. But why review the past? The greatest conquests of radioactivity are still in the future. Ra, the inscrutable, stands at the edge of the unknown, beckoning science onward – to an ever larger and truer conception of the universe.” Tradução nossa. *Ibid*., p. 108.

208 AYRE, Thornton, Penal World, **Astounding Stories**, p. 111–121, 1937.

209 ELSTAR, Dow; MCCREADY, Robert S., Stardust Gods, **Astounding Stories**, p. 122–150, 1937.

210 CAMPBELL, John W. Jr, Sleet Storm, **Astounding Stories**, p. 151–155, 1937.

211 No original: “By definition, hard sf is Campbellian, in the mold of the fiction published and promoted by John W. Campbell [....]. Hard sf stakes an implicit claim to being apolitical. In hard sf, when politicians appear at all, they are usually ignorant fools or outright villains, reflecting the

Dito isso, a tipologia do conteúdo da revista de Ficção Científica era heterogênea e contava com: 1) narrativas serializadas; 2) histórias curtas; 3) artigos científicos; 4) anúncios; 5) editoriais e 6) correspondências. Ao intercalar os itens 1 e 2 com 3 e 5, o aspecto científico era, ao mesmo tempo, interno e externo às histórias.

A comparar esse número editado por Campbell em 1937 com o de Gernsback de 1926, percebemos concepções sobre a Ficção Científica que divergiam. Gernsback havia apostado em nomes conhecidos do grande público, como Poe e Verne. No seu turno, Campbell optou por Smith e Stuart.

> Os gostos de Campbell nesse período [1930-1940] eram ecléticos: essa era a força de Astounding e a gênese da sua revista de fantasia, Unknown. Campbell não rejeitou abordagens quase mitológicas ou mesmo religiosas à ficção científica e imprimiu a série de Lensman, mas o principal impulso da sua política editorial na Astounding era a ficção científica realista, que tratava a tecnologia como uma parte aceita e não misteriosa da vida quotidiana no futuro. […] Os escritores de Campbell, tentando descrever o que a tecnologia realmente significaria num futuro hipotético, muitas vezes foram capturados numa contradição inerente à filosofia geral da história. […] A ciência e a tecnologia foram os principais impulsionadores da história humana, mas o ponto […] era que às vezes a ciência e a tecnologia não seriam adequadas à tarefa. O seu impulso para frente seria bloqueado por preconceito e medo.[212]

A Ficção Científica no modelo de Gernsback era centrada na invenção e no objeto científico. Não há essa ênfase em Campbell. No seu horizonte são postas questões científicas a partir de descobertas que tinham sido feitas e as possibilidades destas – a ênfase na energia atômica, por exemplo.

---

experiences of actual working scientists. […] The Campbellian moral is that the universe does not furnish happy endings just because we want them. This attitude is embodied by a tough, pragmatic, (usually) masculine narrative voice. But it is also futuristic and often utopian, and therefore a bit fanciful. These aspects are expected to pair up naturally: the attitude arising from the proper attitude." Tradução nossa. CRAMER, Kathryn, Hard science fiction, *in*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.), **The Cambridge Companion to Science Fiction**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 188, 189.

212 No original: "Campbell's tastes in this period [1930 – 1940] were eclectic: that was Astounding's strength and the genesis of its companion fantasy magazine, Unknown. Campbell did not reject quasi-mythological or even religious approaches to Science Fiction and he printed the Lensman series, but the principal thrust of his editorial policy at Astounding was realistic SF, fiction which treated technology as an accepted and non-mysterious part of everyday life in the future. […] the Campbell writers, trying to depict what technology would actually mean in a hypothetical future, often were caught up in a contradiction inherent in their general philosophy of history. […] Science and technology were the prime movers of human history, but the point […] was that sometimes science and technology would not be adequate to the task. Their forward thrust would be blocked by prejudice and fear." Tradução nossa. BERGER, Love, Death, and the Atomic Bomb: Sexuality and Community in Science Fiction, 1935-55, p. 283,284.

> Nos bastidores o problema enfrentado por Campbell era que a maior parte dos textos submetidos não se encaixavam no seu projeto de Ficção Científica. Desde o começo, a quantidade de trabalho de Campbell era exaustiva. Posteriormente ele diria que leu mais Ficção Científica do que qualquer outra pessoa viva e inclusive gastava até doze horas por dia num único manuscrito.[213]

As adversidades causadas pela carência de autores e histórias para fechar as edições fizeram com que Tremaine indicasse Arthur J. Burks (1898–1974) e L. Ron Hubbard, conhecidos nas *pulps*, para Campbell.

A estreia de Hubbard na Ficção Científica foi com *The Dangerous Dimension*[214] (*A Dimensão Perigosa*), seguido por *The Tramp*[215] (*O Vagabundo*). Burks havia publicado *Dictator of the Atoms* na *Trillling Wonder Stories* em outubro de 1936, mas sua participação na proposta de Campbell foi com *The Golden Horseshoe* (*A Ferradura de Ouro*).[216]

A inclusão destes não foi exclusivamente com histórias. Eles participavam e tinham posições de destaque na *American Fiction Guild* (*Guilda da Ficção Americana*), o que facilitou o contato com outros escritores[217] e permitiu a viabilização e divulgação daquilo que seria aceito por Campbell.

Lafayette Ron Hubbard, nascido em Tilden, Nebraska, iniciou os seus estudos na George Washington University focando em engenharia e conheceu Cordwainer Smith (Paul Linebarger). Escrever sobre a trajetória de Hubbard tem uma gradação de múltipla complexidade. Há narrações feitas por Hubbard que portam o tom heroico, aventureiro e desbravador dos protagonistas das suas narrativas. Mirabolantes é um dos adjetivos possíveis.

Adam Roberts retratou com clareza esse processo: “Hubbard anunciou que em uma das suas vidas passadas tinha habitado um planeta alienígena,

---

213 No original: “From the beginning, Campbell’s workload was physically exhausting. He later said that he had read more lousy science fiction than anyone else alive, and he was spending up to twelve hours a day on manuscripts alone.” Tradução nossa. NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 77,78.

214 HUBBARD, L. Ron, The Dangerous Dimension, **Astounding Science Fiction**, v. 21, n. 5, p. 100–112, 1938.

215 HUBBARD, L. Ron, The Tramp (Part 1 of 3), **Astounding Science-Fiction**, p. 70–86, 1938; HUBBARD, L. Ron, The Tramp (Part 2 of 3), **Astounding Science-Fiction**, p. 90–105, 1938; HUBBARD, L. Ron, The Tramp (Part 3 of 3), **Astounding Science-Fiction**, p. 46–65, 1938.

216 BURKS, The Golden Horseshoe.

217 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 86.

manufaturado humanoides de metal, que vendeu para os thetans locais, ora diretamente, ora por empréstimo[218]".

Um dos primeiros trabalhos dedicados em denunciar Hubbard e a sua religião foi *The Scandal of Scientology*[219] (*O Escândalo da Cientologia*) por Paulette Cooper em 1971. Anos depois, em 1985, *Religion Inc The Church of Scientology*[220] (*Religião Inc A Igreja da Cientologia*), de Stewart Lamont foi lançado. No ano seguinte, Russell Miller publicou *Bare-Faced Messiah: The True History of L. Ron Hubbard*[221] (*Messias Descarado: A Verdadeira História de L. Ron Hubbard*). Em 1990, Jon Atack assumiu o posto de crítico central em *A Piece of Blue Sky: Scientology, Dianetics and L. Ron Hubbard Exposed*[222] (*Um Pedaço do Céu Azul: Cientologia, Dianética e a exposição de L. Ron Hubbard*), recebendo uma segunda edição expandida em 2013.

As discussões desses trabalhos fogem do escopo da nossa dissertação. Todavia, a sua existência é um indicativo da popularidade (positiva ou negativa) atingida por Hubbard. Dito isso, entendemos que o padrão de trabalho de Hubbard na *Astounding* se consolidou na alternância entre aventuras e conflitos em cenários futuristas, Óperas Espaciais e tentativas de humor[223].

The Dangerous Dimension exemplifica o raciocínio literário de Hubbard. Na história[224], o protagonista é um professor universitário que enquanto preparava uma apresentação sobre Baruch Spinoza, teve um devaneio e chegou até a Equação C. Trata-se duma fórmula que considera uma dimensão negativa a partir da qual o sujeito pode ir para qualquer lugar.

A leitura da equação seguida do pensamento num lugar resulta em ser teletransportado. O humor ocorre nas dificuldades do professor em controlar os seus pensamentos, o que acaba a levar para situações perigosas. Por fim, ele opta pela destruição da fórmula.

---

218 No original: "Hubbard himself announced that in one of his past lives he had lived on an alien planet, manufactured metal humanoids and sold them to the local thetans, sometimes selling them outright, sometimes hire-purchase." Tradução nossa. ROBERTS, Adam, **The History of Science Fiction**, Second Edition. New York: Palgrave Macmillan, 2016, p. 478.

219 COOPER, Paulette, **The Scandal of Scientology**, New York: Tower Publications, 1971.

220 LAMONT, Steward, **Religion Inc. The Church of Scientology**, London: Harrap, 1986.

221 MILLER, Russell, **Bare-Faced Messiah: The True History of L. Ron Hubbard**, London: Michael Joseph, 1987.

222 ATACK, Jon, **A Piece of Blue Sky: Scientology, Dianetics and L. Ron Hubbard Exposed**, New York: Lyle Stuart Books, 1990.

223 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 128.

224 HUBBARD, The Dangerous Dimension.

Theodore Sturgeon, outra figura dessa nova geração de Campbell, além de navegar pela Ficção Científica e a Fantasia, escreveu muitas resenhas e críticas literárias[225]. As suas primeiras publicações, no fim dos anos 1930, abriram caminho para a sua fama no campo, com a obra *More than Human*[226] (*Mais que humano*) de 1953, a receber no ano seguinte a *International Fantasy Award*[227] (*Prêmio Internacional de Fantasia*)[228].

O campo da convergência entre ciência e mística seria explorado por Lyon Sprague de Camp (1907–2000), escritor com centenas de publicações[229]. Nascido em New York, a sua carreira na engenharia aeronáutica foi feita no Instituto de Tecnologia da Califórnia[230], concluindo a graduação em 1930. O mestrado de Sprague de Camp foi em engenharia no Instituto Stevens de Tecnologia[231] (1933). Com a Segunda Guerra, ocupou o posto de pesquisador na Marinha[232].

Na edição de setembro de 1937 da *Astounding*, editada por F. Orlin Tremaine, Sprague de Camp publicou *The Isolinguals* (*Os Isolinguais*)[233]. Em abril de 1938, com a *Astounding* integralmente sob o controle de Campbell, lançou *Hyperpilosity*[234] (*Hiperpelagem*), *The Command*[235] (*O Comando*) e The Merman[236] (*O Homem-Sereia*). No ano seguinte circulou com *Divided and Rule*[237] (*Dividindo e Governando*), *The Gnarly Man*[238] (*O Homem Deformado*) e *Lest Darkness Fall*[239] (*Para que a escuridão não caia*).

---

225 **Theodore Sturgeon**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch-cgi?56>, acesso em: 17 jun. 2018.

226 STURGEON, Theodore, **More Than Human**, New York: Farrar, Straus and Young, 1953.

227 GOSTAK, Greg Pickersgill, **The International Fantasy Award**, Greg Pickersgill's Gostak, disponível em: <www.gostak.org.uk/ifa/ifaindex.htm>,.

228 Sturgeon também esteve envolvido na produção cinematográfica de Ficção Científica com Star Trek1, escrevendo os episódios Amok Time; Shore Leave; The Joy Machine (nunca foi ao ar e depois foi adaptado por James Gunn para a literatura); e sendo o responsável pela criação de detalhes da cultura e sociedade vulcan. Com o caso de Sturgeon se coloca em evidência que a Ficção Científica era dotada da capacidade de migrar e se frutificar noutras categorias de mídias.

229 **L. Sprague de Camp**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?18>,.

230 California Institute of Technology.

231 Stevens Institute of Technology.

232 CLUTE, John; EDWARDS, Malcolm, de Camp, L Sprague, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

233 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, The Isolinguals, **Astounding Stories**, p. 108–121, 1937.

234 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, Hyperpilosity, **Astounding Science-Fiction**, p. 39–47, 1938.

235 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, The Command, **Astounding Science-Fiction**, p. 70–80, 1938.

236 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, The Merman, **Astounding Science-Fiction**, p. 80–90, 1938.

237 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, Divided and Rule (Part 1 of 2), **Unknown**, p. 125–159, 1939; SPRAGUE DE CAMP, Lyon, Divided and Rule (Part 2 of 2), **Unknown**, p. 105–129, 1939.

238 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, The Gnarly Man, **Unknown**, p. 97–111, 1939.

239 SPRAGUE DE CAMP, Lyon, Lest Darkness Fall, **Unknown**, p. 16–87, 1939.

> L. Sprague de Camp descobriu que falava a mesma língua que Campbell. Polímata de primeira ordem, de Camp escrevia com propriedade em diversos temas e conseguia fazer um uso convincente na sua ficção. Ao fazer isso com facilidade, Sprague de Camp conseguiu incorporar o humor no seu trabalho. Isso era exatamente o que Campbell queria quando pensava no futuro da ficção contemporânea[240].

Hyperpilosity[241] é um exemplo disso. A história narra os eventos da "Grande Mudança" que aconteceu na década de 1970. Uma epidemia de gripe afetou a humanidade e aqueles que contraíram o vírus passavam por um efeito colateral inesperado: os pelos do corpo cresceram de forma rápida e constante.

O protagonista é um cientista que perseguia uma cura para a mutação. Sprague de Camp apresenta esse processo e mobiliza conceitos científicos e especulações sobre a evolução, enquanto aborda as mudanças na sociedade para se adaptar. O excesso de pelos tornava obsoleto o uso de roupas, por exemplo.

Um ponto que pensamos ser interessante destacar em Sprague de Camp é sua afinidade literária com H. P. Lovecraft e Robert E. Howard. Em 1975, publicou *Lovecraft: A Biography*[242] (*Lovecraft: Uma Biografia*) pela Doubleday, que foi o primeiro trabalho a analisar a trajetória do autor estabelecendo críticas tanto nos termos de estilo, quanto reconstruindo problemas em negociações editoriais.

Howard, como já mencionamos, foi influenciado por Lovecraft. Na década de 1950, os textos do universo de Conan passaram a ganhar destaque e a Gnome Press ficou interessada em publicar parte desse material, o que a fez contratar Camp para editá-lo. Todavia, ele fez mais, reescrevendo, criando narrativas para os personagens, etc.[243]

Campbell lançou em 1939 a revista *Unknown*. As histórias iniciais haviam sido submetidas para a *Astounding*, mas não se encaixavam exatamente naquilo que o editor queria. A *Unknown* serviu para fazer circular as histórias próximas da fantasia,

240 No original: "L. Sprague de Camp also found he was talking the same language as Campbell. A polymath of the first order, de Camp could write knowledgeably on most matters but, more importantly, he could also use that knowledge convincingly in his fiction. He could do it so easy, and allowed de Camp to bring a skein of humor to his work. This was exactly what Campbell wanted when he meant future contemporary fiction". Tradução nossa. ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 110.

241 SPRAGUE DE CAMP, Hyperpilosity.

242 SPRAGUE DE CAMP, **Lovecraft: A Biography**.

243 Sobre essa questão ver: **REH Issues FAQ**, The Barbarian Keep - The Conan and Robert E. Howard Website, disponível em: <www.barbariankeep.com/issues.html>, acesso em: 17 jul. 2018.

mas que detinham gradações de possibilidade: "Campbell assim trouxe a racionalidade da Ficção Científica para a Fantasia[244]".

> Na maior parte dos casos, a *Weird Tales* apresentava ficções bizarras com a intenção de assustar ou de chocar. A *Unknown* tratava a fantasia como uma ocorrência do quotidiano e, apesar de histórias que assustavam aparecerem ocasionalmente, deve-se notar que o humor atravessa a *Unknown* e a torna memorável.[245]

A. E. van Vogt (1912–2000) nasceu numa comunidade russa menonita no Canadá. A carreira como escritor começou com trabalhos na *True Story* e na Ficção Científica com *Black Destroyer*[246] (*Destruidor Obscuro*) em 1939, publicada por Campbell[247]. A primeira serialização foi *Slan*[248], no ano seguinte. Após a guerra, van Vogt efetuou diversas publicações, como *World of Null-A*[249] (*Mundo de Null-A*) em 1948, *The Voyage of the Space Beagle*[250] (*A Viagem do Beagle Espacial*) em 1950, etc.

Black Destroyer contou a história duma expedição humana num planeta em ruínas onde encontraram uma enorme criatura que parece a mistura de felino com um polvo. Esse espécime foi levado para a nave espacial e apenas mais tarde o grupo descobriu que a criatura era extremamente rápida, inteligente e responsável pela destruição da civilização daquele planeta.

A criatura eliminou vários humanos e conseguiu escapar numa pequena cápsula. Todavia a fuga durou pouco, pois, os humanos prepararam uma armadilha

---

244 No original: "Campbell had thereby brought the sceince fiction rationale to fantasy". Tradução nossa. ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 141.

245 No original: "In nearly every case Weird Tales presented bizarre fiction with the intent to frighten or shock. Not so Unknown, which treated fantasy as an everyday occurrence, and although the occasional scary story appeared, it was the note of humour pervading Unknown that makes it memorable." Tradução nossa. *Ibid*.

246 VAN VOGHT, A. E., Black Destroyer, **Astounding Science Fiction**, v. 23, n. 5, p. 09–31, 1939.

247 **A. E. van Vogt**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?58>,.

248 VAN VOGHT, A. E., Slan (Part 1 of 4), **Astounding Science Fiction**, v. 26, n. 1, p. 09–40, 1940; VAN VOGHT, A. E., Slan (Part 2 of 4), **Astounding Science Fiction**, v. 26, n. 2, p. 09–41, 1940; VAN VOGHT, A. E., Slan (Part 3 of 4), **Astounding Science Fiction**, v. 26, n. 3, p. 119–160, 1940; VAN VOGHT, A. E., Slan (Part 4 of 4), **Astounding Science Fiction**, v. 26, n. 4, p. 119–161, 1940.

249 VAN VOGHT, A. E.; CAMPBELL, John W. Jr., World of Null-A (Part 1 of 3), **Astounding Science Fiction**, v. 35, n. 6, p. 07–47, 1945; VAN VOGHT, A. E.; CAMPBELL, John W. Jr., World of Null-A (Part 2 of 3), **Astounding Science Fiction**, v. 36, n. 1, p. 07–46, 1945; VAN VOGHT, A. E.; CAMPBELL, John W. Jr., World of Null-A (Part 3 of 3), **Astounding Science Fiction**, v. 36, n. 2, p. 66–98, 1945.

250 VAN VOGHT, A. E., **The Voyage of the Space Beagle**, New York: Simon & Schuster, 1950.

e eliminaram o inimigo. A narrativa se encerrava com a genialidade humana e a capacidade de aplicar conhecimentos científicos sendo exaltada.

Van Vogt, também em 1940, lançou *Slan*[251], entre setembro e dezembro. Uma narrativa de maior fôlego com uma temática distinta de *Black Destroyer*. O protagonista Jommy Cross é uma criança slan que logo nas primeiras páginas do texto tem a sua mãe, que também é uma slan, assassinada pelo governo.

Os slans são sujeitos que têm uma estrutura biológica superior, bem como capacidades telepáticas. A diferença em aparência dos humanos é um caule presente no topo da cabeça.

Jommy Cross sobrevive ao longo dos anos entre os humanos, com o objetivo de resgatar um equipamento que havia sido desenvolvido pelo seu pai, também slan, e que poderia ajudar os slans. Estes são perseguidos por um governo totalitário que usa da propaganda para dominar a opinião pública.

Ao longo das suas explorações, o protagonista descobre a existência de slans que não tinham o caule e, eram incapazes de telepatia. Estes estão em guerra contra os humanos e vivem no espaço.

Com o passar dos anos Jommy Cross cresce e consegue recuperar a arma que o seu pai havia criado. Com ela, constrói uma fortaleza dentro duma montanha a partir do domínio da energia atômica. Os meio-slans e os humanos estavam prestes a iniciar uma guerra devastadora e para evitar isso o protagonista invade a fortaleza do líder da humanidade – para descobrir que se tratava doutro slan.

Ali é explicado que os slans são a evolução dos humanos, mas estes não estão prontos para aceitar isso. Assim, foi necessário estabelecer controle sobre a humanidade:

> A existência humana é uma bomba fusível. A vida queima lentamente por milhões de anos, então o fogo chega até a bomba – e ela explode. A explosão consegue acender outro fusível, mas nós apenas suspeitamos que a velha bomba e o fusível tinham se desativado. Agora, é certo que os seres humanos vão se esvair, desaparecendo da Terra como resultado da esterilidade que já começou a ganhar larga escala, apesar de não ser notada. O homem ficará para a história junto com o homem-macaco de Java, o homem-besta Neanderthal, e o primitivo Cro-magnon. Sem dúvidas, os slans serão culpabilizados pela esterilidade e quando os seres humanos descobrirem isso haverá uma segunda grande onda de ferocidade e terrorismo[252].

251VAN VOGHT, Slan (Part 1 of 4); VAN VOGHT, Slan (Part 2 of 4); VAN VOGHT, Slan (Part 3 of 4); VAN VOGHT, Slan (Part 4 of 4).

252 No original: “Human existence has been like a bomb fuse. Life burned slowly for millions of years, then the fire reached the bomb—which exploded. The explosion managed to set another fuse

A história termina na sequência, e o conflito foi postergado para outro texto, que van Vogt deixou apenas anotações, a partir das quais, Kevin J. Smith lançou a continuação, *Slan Hunter* (*Caçador Slan*), em 2007. Em 2016, durante a *MidAmeriCon II – 74 World Science Fiction Convention*, *Slan* recebeu o "*Retro-Hugo Award*" do ano de 1941.[253]

> O que van Vogt fez, mais que qualquer outro escritor, foi considerar de forma lógica e sistemática a totalidade dos seres humanos e concluir, através da sua ficção, que as habilidades e o futuro estão fundados mais nos poderes do cérebro que nos do corpo. O super-homem de van Vogt é cerebral, diferente dos super-heróis musculosos que tinham dominado a Ficção Científica na década de 1930. Tal proposta dentro da Ficção Científica viria a ser dominante na década de 1950, mas esse era o primeiro movimento que se afastava duma Ficção Científica tecnologicamente hardcore e se direcionaria para uma orientada para a psique.[254]

Além de refletir o ideal inicial de Campbell e depois a sua transição, Slan seria visto pelos leitores como um símbolo e uma representação: "fãs são slans".[255]

Em 1938, Campbell recebeu a primeira visita dum jovem que, mais tarde, ascendeu como um dos principais autores de Ficção Científica de toda a História: Isaac Asimov. Posteriormente, este viria a descrever o editor:

> Com o seu próprio nome, e com o seu pseudônimo de Don A. Stuart, era um dos autores de Ficção Científica mais famosos e apreciados, mas estava prestes a enterrar a sua reputação para conquistar um renome ainda maior como editor. Campbell era um homem grande, com opiniões, que fumava e falava o tempo todo, e que gostava de produzir, mais do que qualquer outra coisa, ideias ultrajantes que quicavam no seu ouvinte, desafiando a sua refutação. Era difícil refutar Campbell mesmo quando as suas ideias eram absolutamente e completamente ilógicas. Ilógicas elas pareciam para mim,

alight, but, though we only suspected it then, the old bomb and fuse were finished. Now, it is certain that human beings will sputter out, vanish from the Earth as a result of the sterility that has already started on a vast scale, though it is not yet noticeable. Man will go into history along with the Java ape man, the Neanderthal beast man, and the Cro-Magnon primitive. Undoubtedly, the sterility which will cause this will be blamed on the slans, and when human beings discover it there will begin the second great wave of ferocity and terrorism." Tradução nossa. VAN VOGHT, Slan (Part 4 of 4), p. 159,160.

253 **1941 Retro-Hugo Awards**, The Hugo Awards, disponível em: <http://www.thehugoawards.org/hugo-history/1941-retro-hugo-awards/>, acesso em: 1 jan. 2019.

254 No original: "What van Vogt did, more than any other writer, was to consider logically and systematically the totality of human beings and to conclude, through his fiction, that their abilities and future lay more through the powers of the brain than the powers of the body. Van Vogt's supermen, therefore, were cerebral, unlike the physical superheroes who had dominated sf in the thirties. This approach to sf was to become even more dominant in the fifties, but it was the first move away from the hardcore technological sf toward psi-oriented sf." Tradução nossa. ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 172.

255 No original: "Fans are slans". Tradução nossa. NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 123.

> pois, ele sempre foi um conservador idiossincrático nas suas visões da vida, enquanto eu era um liberal idiossincrático e nós nunca concordávamos com nada. Apesar de ele permanecer à direita de Átila o Huno na política, pessoalmente ele era gentil, generoso, um dos mais decentes seres humanos que conheci. Ele era o editor quintessente, que fertilizou e nutriu uma geração inteira de autores… não importava se ele rejeitou você. Havia um entusiasmo nele e um carisma amigável que era contagiante. Após os nossos encontros eu ficava com vontade de escrever ainda mais[256].

Isaac Asimov (1920 – 1992) nasceu na Rússia e mudou-se para os Estados Unidos com a família de ascendência judaica aos três anos[257]. O interesse pela Ficção Científica surgiu na infância e se desenvolveu na juventude[258]. O resultado dessa trajetória reverberou na inserção de Asimov dentro o circuito de leitores da Ficção Científica.

Asimov publicou cartas em revistas de Ficção Científica, mas seu primeiro texto foi *Cosmic Corkscrew* (*Saca-rolhas Cósmico*), entregue em mãos para Campbell no dia 21 de junho de 1938[259] e rejeitado pelo editor, que também recusou os seus dois textos subsequentes: *Stoway* (*Clandestino*), que ficou pronto em 18 de julho de 1938[260], e *Marooned Off Vesta*[261] (*Vagando em Vesta*).

Asimov submeteu *Marooned Off Vesta* para a *Amazing*, apesar de considerar a revista ruim[262]. Assim, apesar do protagonismo que a *Amazing* havia tido com Gernsback, na década subsequente a sua posição hegemônica havia sido solapada pela *Astounding*. A resposta de Palmer, editor da *Amazing*, veio em 22 de outubro, com um aceite à história e um cheque encaminhado.

---

256 No original: “Under his own name, and under his pen name of Don A. Stuart, he was one of the most famous and highly regarded authors of science fiction, but he was about to bury his writing reputation forever under the far greater renown he was to gain as editor. Campbell was a large man, an opinionated man, who smoked and talked constantly, and who enjoyed above anything else, the production of outrageous ideas, which he bounced off his listener and dared him to refute. And it was difficult to refute Campbell even when his ideas were absolutely and madly illogical. And illogical they certainly seemed to me, for he was always an idiosyncratic conservative in his views of life, whereas I was an idiosyncratic liberal and we never agreed on anything. Yet although he stood somewhere to the right of the Attila the Hun in politics, he was, in person, as kind, generous, and decent a human being as I have ever met. He was the quintessential editor, who fertilized and nourished a whole generation of writers...it didn’t matter that he rejected you. There was an enthusiasm about him and all-encompassing friendliness that was contagious. I always left him eager to write further.” Tradução nossa. ASIMOV, Isaac, **It’s Been a Good Life**, New York: Prometheus Books, 2002, p. 49,50.

257 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 47.

258 *Ibid*., p. 49,50.

259 *Ibid*., p. 90.

260 *Ibid*., p. 91.

261 *Ibid*., p. 93.

262 *Ibid*.

Marooned Off Vesta[263] retratava os astronautas Wareen Moore, Mark Brandon e Michael Shea. A nave deles, Silver Queen, acidentou-se numa chuva de meteoros e os três sobreviveram por conta dum processo de compartimentação. O que sobrou da embarcação não tinha propulsão e ficou à deriva próximo de Vesta, asteroide que continha uma base humana, mas sem condição de se deslocar até ela. A relação e o diálogo entre os personagens desdobrou-se num plano para sair da situação. A proposta era fazer um furo no tanque de água que fazia parte do mesmo compartimento da nave, de maneira que a pressão servisse como motor. O processo teve sucesso e os navegantes retornaram para Vesta.

A primeira amizade que Asimov estabeleceu a partir das cartas nas revistas foi com Simak. Asimov criticou um texto e Simak respondeu educadamente com questões acerca dos problemas.

> Fui reler a história para tentar responder e descobri, para a minha surpresa, que não tinha nada errado. O que ele havia feito era escrever a história em cenas separadas sem uma transição explícita entre elas. Eu não estava acostumado com essa técnica, então a história parecia cortada e sem coerência. Na segunda vez que eu vi, percebi o que ele tinha feito e que a história não era incoerente como também fluía com uma velocidade que seria impossível se todas as transições fossem inseridas. Escrevi para Simak para explicar e desculpar-me, e adotei o dispositivo nas minhas histórias. Tentei ao meu limite imitar o estilo descolado e sem floreios de Simak.[264]

Em 18 de setembro de 1938, Asimov foi convidado a participar da primeira reunião dos Futurians[265] (trataremos destes na próxima seção desse capítulo). Lá encontrou um grupo com o qual pôde se identificar e sentir-se parte[266]. A conclusão do primeiro encontro foi a seguinte:

> Depois da reunião, eles saíram para comer sanduíches e banana splits, menos Asimov, que gastou para se juntar ao grupo – o custo da iniciação era um quarto de dólar – e não comeu nada. Ele sentiu-se profundamente

263ASIMOV, Isaac, Marooned Off Vesta, **Amazing Stories**, p. 66–77, 1939.

264No original: “I reread the story in order to be able to answer properly and found, to my surprise, that there was nothing wrong with it at all. What he had done was to write the story in separate scenes with no explicit transition passages between. I wasn’t used to that technique, so the story seemed choppy and incoherent. The second time around I saw what he was doing and realized that not only was the story not in the least incoherent, but also that it moved with a slick speed that would have been impossible if all the dull bread-and-butter transitions had been inserted. I wrote to Simak to explain and to apologize, and adopted the same device in my own stories. What’s more, I attempted, as far as possible, to made use of something similar to Simak’s cool and unadorned style.” Tradução nossa. ASIMOV, **It’s Been a Good Life**, p. 53.

265NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 100.

266*Ibid*., p. 101.

> atraído para o aspecto combativo de Wollheim e os outros também eram outsiders simpáticos. Wollheim tinha sofrido com pólio, […] Pohl perdeu um ano na escola por conta da febre escarlate, Lowndes tinha o pé torto, os dentes de Kornbluth eram verdes e todos eles eram pobres. Asimov os viu como espíritos amigos.[267]

Posteriormente Asimov completou:

> Finalmente conheci pessoas que tinham o mesmo fogo que o meu; que amavam Ficção Científica como eu; que queria escrever Ficção Científica como eu; que compartilhavam comigo o brilho errático. Eu não tinha reconhecido uma alma gêmea de forma consciente. Eu senti de uma vez sem a necessidade de intelectualizar isso.[268]

Quando Asimov terminou de redigir *The Weapon Too Dreadful to Use*[269] (*A Arma Terrível Demais para Usar*), decidiu não mostrar para Campbell e encaminhou direto para a *Amazing Stories* em fevereiro.[270] A publicação ocorreu no mês seguinte e tinha como foco o planeta de Vênus. Colonizado por humanos, a população nativa dos venusianos vivia num estado de sujeição e inferioridade. Todavia, a descoberta duma arma viabilizou um movimento de resistência e expulsão dos colonizadores.

Ring Around the Sun[271] (*Anel ao redor do Sol*) foi submetido para a Thrilling Wonder Stories e recusado. No começo de fevereiro de 1939, Charles D. Hornig da *Future Fiction* aceitou a história. A publicação não se deu no mês seguinte, o que levou Asimov a ir atrás de Hornig, mas sem sucesso em encontrá-lo.[272] O texto saiu em março de 1940 e rendeu vinte e cinco dólares, combinação de fatores que fez com que Asimov nunca mais enviasse nada para Hornig.[273]

Half-Breed recebeu uma rejeição da *Amazing Stories*. Pohl assumiu como editor da *Astonishing Stories* em 27 de outubro de 1939. Em fevereiro de 1940, a

---

267 No original: “Afterward, they went out for banana slipts and sandwiches, although Asimov, who was smarting from the expense of joining – the initiation fee was a quarter – ate nothing. He was powerfully drawn to the combative Wollheim, and the others seemed like fellow outsiders. Wollheim had suffered from polio […] Pohl had missed a year of school because of scarlet fever, Lowndes had a clubfoot, Kornbluth’s teeth are green, and they are all poor. Asimov saw them as kindred spirits.” Tradução nossa. *Ibid*., p. 102.

268 No original: “At last I met people who burned with the same fire I did; who loved Science Fiction as I did; who wanted to write Science Fiction as I did; who had the same kind of erratic brilliance that I had. I did not have to recognize a soul mate consciously. I felt it at once without the necessity of intellectualizing it.” Tradução nossa. ASIMOV, **It’s Been a Good Life**, p. 42.

269 ASIMOV, Isaac, The Weapon Too Dreadful to Use, **Amazing Stories**, p. 110–125, 1939.

270 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 92.

271 ASIMOV, Isaac, Ring Around the Sun, **Future Fiction**, v. 1, n. 2, p. 89–98, 1941.

272 ASIMOV, Isaac, **The Early Asimov or, Eleven Years of Trying**, New York: Doubleday & Company, 1972, p. 28.

273 *Ibid*.

publicação estreou na revista[274]. A história trata dum cientista que estava prestes a desenvolver um gerador de energia atômica. As dificuldades finais do seu trabalho são resolvidas por um *tweenie*, meio-humano e meio marciano, que vivia na rua.

Convém lembrar que em 1936, Asimov passou a trabalhar na Administração Nacional da Juventude[275], contratado pelo professor de Antropologia Social Bernhard J. Stern[276] (1894–1956), que lecionava na Universidade Columbia[277]. A função de Asimov era redigir pequenos resumos de livros que abordavam processos de resistência às mudanças tecnológicas[278]. Esse material serviu para que Asimov escrevesse, em 1939, *Ad Astra*, submetida para Campbell.[279]

Campbell indicou uma revisão que enfatizasse a noção de resistência às viagens espaciais[280]. O editor pagou sessenta e nove dólares pelo texto que saiu em julho de 1939, número que incluiu *Black Destroyer*[281] de Van Vogt. Oito histórias de Asimov foram rejeitadas antes dessa publicação e sete depois[282]. A única modificação foi no título: *Ad Astra* foi rebatizado como *Trends* (*Tendências*)[283].

Asimov começou a trabalhar com a ideia de escrever sobre robôs em 1940[284]. A tentativa foi rejeitada por Campbell que explicou a necessidade de três regras para os robôs: 1) não poderiam machucar humanos; 2) deveriam obedecer sem causar danos; 3) deveriam se proteger sem causar danos aos outros[285].

A proposta seguinte era dum robô que se recusava a acreditar que havia sido criado por humanos numa fábrica. O resultado da empreitada foi *Reason* (*Razão*), publicado em abril de 1941[286].

> As Três Leis da Robótica foram usadas por mim como a base para dezenas de histórias e três romances (um juvenil) sobre robôs. Eu sou mais famoso por elas do que qualquer outra coisa que tenha escrito e sou citado para fora do mundo da Ficção Científica. A palavra “robótica” foi inventada por

---

274*Ibid*., p. 145.
275National Youth Administration.
276**Bernhard J. Stern papers, circa 1894-1956**, Archives West, disponível em: <http://archiveswest.orbiscascade.org/ark:/80444/xv62136>, acesso em: 1 jan. 2019.
277NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 93.
278*Ibid*.
279*Ibid*.
280*Ibid*.
281VAN VOGHT, Black Destroyer.
282ASIMOV, **The Early Asimov or, Eleven Years of Trying**, p. 182.
283ASIMOV, Isaac, Trends, **Astounding Science-Fiction**, v. 23, n. 5, p. 33–45, 1939.
284NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 135.
285*Ibid*., p. 136.
286ASIMOV, Isaac, Reason, **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 2, p. 33–45, 1941.

> mim. As Três Leis revolucionaram a Ficção Científica. Uma vez que foram estabelecidas na série de histórias, elas fizeram sentido e se provaram populares entre os leitores, de maneira que os escritores também as usaram. Eles não poderiam citar diretamente, mas assumiam a sua existência, a saber que os leitores conheciam e entendiam do que se tratava.[287]

Asimov não se considerava um autor do calibre de Heinlein ou van Vogt[288]. Isso viria a mudar com *Nightfall*[289] (*Anoitecer*), publicado na *Astounding* de setembro de 1941[290]. A história ocorre em Kalgash, um planeta dentro dum sistema com vários astros solares, que impedem a ocorrência da noite.

Todavia, cada uma das estrelas que ilumina Kalgash vai se apagando. O grupo dos pesquisadores de astronomia estabelecem a hipótese da existência doutro astro. A cada dois mil anos, o alinhamento desse astro com os outros, produz a noite.

A noite resulta num estado de pânico e a civilização sofre o colapso. O que sobra é uma religião que fala sobre o evento, mas de maneira imprecisa e indireta. Para impedir a queda da civilização, os cientistas construíram um espaço seguro, de maneira que o ciclo não se repetisse. O horror é a revelação da existência doutras estrelas e sistemas.

A história foi amplamente elogiada e marcou uma divisória na trajetória de Asimov. Com exceção de Campbell, nenhum outro editor viria a recusar os seus trabalhos.[291] A ideia do colapso da civilização ganhou mais força quando Asimov teve a ideia de escrever sobre a queda dum Império Galáctico.[292]

A narrativa geral foi baseada na teoria de Edward Gibbon (1737–1794) sobre a queda do Império Romano. Inscrito dentro do pensamento iluminista, Gibbon argumentou que a partir da orientalização do Império (mudança da capital para

---

287 No original: "These Three Laws of Robotics have been used by me as the basis for over two dozen short stories and three novels (one a juvenile) about robots. I am probably more famous for them than anything else I have written, and they are quoted even outside the Science-Fiction world. The very word "robotics" was coined by me. The Three Laws revolutionized Science Fiction. Once they were well established in a series of stories, they made so much sense and proved so popular with the readers that other writers began to use them. They couldn't quote them directly, of course, but they could simply assume their existence, knowing well that the readers would be acquainted with the Laws and would understand the assumption." ASIMOV, **It's Been a Good Life**, p. 45,48,50.

288 ASIMOV, Isaac, **Nightfall and Other Stories**, Kindle. New York: Doubleday & Company, 1969.

289 ASIMOV, Isaac, Nightfall, **Astounding Science-Fiction**, v. 28, n. 1, p. 9–34, 1941.

290 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 138.

291 ASIMOV, **Nightfall and Other Stories**.

292 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 138.

Constantinopla; influência das elites asiáticas no governo), houve um decréscimo significativo no poderio militar.

Isso foi somado à difusão do Cristianismo, sendo visto pelo historiador como uma ameaça às outras religiões e portador duma dogmática que no seu horizonte tornava os seus fiéis insensíveis às necessidades de lutar contra os "invasores"[293]. A releitura de Asimov operou do seguinte modo:

> A explicação é simples. A futura destruição de Trantor não é um evento em si, isolado do esquema do desenvolvimento humano. Ele será o clímax dum intrincado drama que começou séculos atrás e que está a se acelerar de forma contínua. Refiro-me […] ao desenvolvimento do declínio e queda do Império Galáctico. […] A Psico-história, que pode prever a queda, pode produzir enunciados sobre a idade das trevas que seguirá. O Império […] durou doze mil anos. Mas a idade das trevas virá e não vai durar doze, mas trinta mil anos. Um Segundo Império vai surgir, mas entre ele e a nossa civilização haverá […] sofrimento da humanidade. Devemos lutar contra isso. […] Salvando o conhecimento da raça humana. A soma de todo o conhecimento humano está além de qualquer homem; ou qualquer milhar. Com a destruição do nosso tecido social, a ciência vai quebrar em milhares de pedaços. Indivíduos vão saber alguma coisa de pequenas facetas daquilo que poderia ser conhecido. […] Os pedaços de conhecimento, sem sentido, não vão ser passados adiante. Eles serão perdidos entre as gerações. Mas, se nós prepararmos agora um sumário de todo o conhecimento, isso nunca será perdido. As próximas gerações vão construir a partir disso, e não terão que redescobrir por si próprias. Um milênio fará o trabalho de trinta mil anos.[294]

A teoria de Gibbon, apesar de popular, já foi desconstruída por diversos especialistas.[295] Todavia o núcleo – uma história na qual um império está fadado a passar por uma era "das trevas" – foi transposto por Asimov para os seus textos a partir da ideia de psico-história, que afirma que esse destino da humanidade pode ser previsto a partir de amplas estatísticas e, além disso, pode ser manipulado.

---

293 POCOCK, John G. A., **Barbarism and Religion Vol. 1 - The Enlightenments of Edward Gibbon, 1737-1764**, Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

294 No original: "The explanation is simple. The coming destruction of Trantor is not an event in itself, isolated in the scheme of human development. It will be the climax to an intricate drama which was began centuries ago and which is accelerating in pace continuously. I refer [….] to the developing decline and fall of the Galactic Empire. […] Psychohistory, which can predict the fall, can make statements concerning the succeeding dark ages. The Empire […] has stood twelve thousand years. The Dark Ages to come will endure not twelve, but thirty thousand years. A Second Empire will rise, but between it and our civilization will be […] of suffering humanity. We must fight that. […] By saving the knowledge of the human race. The sum of human knowing is beyond any one man; any thousand men. With the destruction of our social fabric, science will be broken into a million pieces. Individuals will know much of exceedingly tiny facets of what there is to know. [….] The bits of lore, meaningless, will not be passed on. They will be lost through the generations. But, if we now prepare a giant summary of all knowledge, it will never be lost. Coming generations will build on it, and will not have to rediscover it from themselves. One millennium will do the work of thirty thousand." Tradução nossa. ASIMOV, Isaac, **Foundation**, New York: Gnome Press, 1951.

295 BROWN, Peter, **The World of Late Antiquity (150-750)**, New York: Harcourt Brace & Company, 1971; LE GOFF, Jacques, **Uma longa Idade Média**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

De modo que, num Império Galáctico que está fadado a cair diante de uma nova era das trevas, o período de transição pode ser diminuído e a civilização pode vir a florescer novamente.

Foundation (*Fundação*) foi publicada em maio de 1942[296], seguida *Bridle and Saddle*[297] (*Bridão e Sela*) em junho. Em 1944, Asimov lançou *The Big and the Little*[298] (*O Grande e o Pequeno*) na edição de agosto e *The Wedge*[299](*A Cunha*) em outubro. No ano seguinte, *Dead Hand*[300](*Mão Morta*) em abril e *The Mule*[301] (*A Mula*) em novembro e dezembro. Retornando em 1948, com *Now you see it…*[302] (*Agora você vê*) em janeiro e *And now you don't* (*Agora você não*) serializada entre novembro de 1949 e janeiro de 1950[303]. O formato em livro veio em 1951[304]. Nos anos seguintes, Asimov se dedicou a publicação de obras de divulgação científica e na década de 1980, Asimov retornou e publicou outros livros que também foram bem recebidos. Nas suas palavras: "essas histórias contribuíram mais do que qualquer outra para me tornar rico e famoso duma forma que nunca tinha imaginado[305]".

> Não há indicação nas histórias da "Fundação" de que avanços científicos - por exemplo, viajar mais rápido que a luz, desenvolver tecnologia atômica, prever e controlar eventos humanos, controlar mentes, etc. - afetam as pessoas. O homem continua essencialmente o mesmo; as fontes da ação humana permanecem inalteradas. Esse conflito entre os preceitos e a prática de Asimov é uma consequência de noções contraditórias que ele mantém sobre a natureza da mudança histórica. Apesar de sua alegação de que a ficção científica lida com a mudança e, além disso, que "a mudança econômica científica é mestre e a mudança política é a servidora", de modo que "as mudanças tecnológicas estão na raiz da mudança política", Asimov não acredita em mudanças significativas. […] Asimov cria uma futura estrutura política modelada nos impérios romano e britânico.[306]

296ASIMOV, Isaac, Foundation, **Astounding Science-Fiction**, v. 29, n. 3, p. 38–52, 1942.
297ASIMOV, Isaac, Bridle and Saddle, **Astounding Science-Fiction**, v. 29, n. 4, p. 09–30, 1942.
298ASIMOV, Isaac, The Big and the Little, **Astounding Science-Fiction**, v. 33, n. 6, p. 7–55, 1944.
299ASIMOV, Isaac, The Wedge, **Astounding Science-Fiction**, v. 34, n. 2, p. 64–79, 1944.
300ASIMOV, Isaac, Dead Hand, **Astounding Science-Fiction**, v. 35, n. 2, p. 06–60, 1945.
301ASIMOV, Isaac, The Mule (Part 1 of 2), **Astounding Science-Fiction**, v. 36, n. 3, p. 7–53, 1945; ASIMOV, Isaac, The Mule (Part 2 of 2), **Astounding Science-Fiction**, v. 36, n. 4, p. 60–98, 1945.
302ASIMOV, Isaac, Now You See It..., **Astounding Science-Fiction**, v. 40, n. 5, p. 7–61, 1948.
303ASIMOV, Isaac, And Now You Don't (Part 1 of 3), **Astounding Science-Fiction**, v. 44, n. 3, p. 5–40, 1949; ASIMOV, Isaac, And Now You Don't (Part 2 of 3), **Astounding Science-Fiction**, v. 44, n. 4, p. 120–150, 1949; ASIMOV, Isaac, And Now You Don't (Part 3 of 3), **Astounding Science-Fiction**, v. 44, n. 5, p. 111–152, 1950.
304ASIMOV, **Foundation**.
305No original: "These stories contributed more than any others to making me more nearly rich and famous than I could have imagined." Tradução nossa. ASIMOV, **It's Been a Good Life**, p. 68–69.
306No original: "There is no indication in the "Foundation" stories that scientific advances – e.g. traveling faster than light, developing atomic technology, predicting and controlling human events, controlling minds, etc. - have *any* effect on people. Man remains essentially the same; the springs of human action are unchanged. This conflict between Asimov's precepts and practice is a consequence of contradictory notions he holds about the nature of historical change. Despite his contention that Science Fiction deals with change, and moreover that "scientific economic change

Charles Elkins sugeriu que a psico-história teve a sua origem no Marxismo[307]. Todavia, James Gunn descartou essa hipótese e argumentou que a gênese estava no interesse de Campbell por lógica simbólica[308]. O editor ofereceu para Asimov a ideia de explorar a possibilidade de prever as ações humanas na sua totalidade e agir a partir disso[309].

Escrevendo para Campbell, Asimov também focou na sua carreira acadêmica. Realizou e concluiu a sua graduação em Química pela *Columbia University School of General Studies* em 1939 e o seu mestrado em 1941. Após a guerra, onde atuou num laboratório militar, começou o seu doutorado na Columbia, terminando em 1948. O título do trabalho, que rendeu uma sátira na *Astounding*, era *The Kinetics of the Reaction Inactivation of Tyrosinase During Its Catalysis of the Aerobic Oxidation of Catechol*[310] (A cinética da inativação da reação da tirosinase durante sua catálise da oxidação aeróbica do catecol).

Interessado em ciências, mas também em história e psicologia, as publicações de Asimov não se restringiam à literatura ficcional. Na área da divulgação das ciências, na forma dum manual para leigos, estrelou com *The Intelligent Man's Guide to Science*[311] (O Guia do Homem Inteligente para a Ciência), de 1960, além de escrever sobre História Antiga (Grécia[312], Roma[313], Babilônia[314]), bem como sobre a Bíblia[315].

A proporção que Asimov teve dentro da Ficção Científica foge do escopo e da competência do nosso trabalho. Além da vasta bibliografia ficcional e não ficcional produzida pelo autor, em 1977 foi lançada a *Isaac Asimov's Science Fiction*

---

is master and political change is the servant" so that "technological changes lie in the root of political change" - Asimov does not believe in significant change. […] Asimov creates a future political structure modeled on the Roman and British empires." Tradução nossa. ELKINS, Charles, Isaac Asimov's "Foundation" Novels: Historical Materialism Distorted into Cyclical Psycho-History, **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 26–36, 1976, p. 27.

307 ELKINS, Isaac Asimov's "Foundation" Novels: Historical Materialism Distorted into Cyclical Psycho-History.

308 GUNN, James, **Isaac Asimov: The Foundations of Science Fiction**, Oxford: Oxford University Press, 1982, p. 41.

309 *Ibid*.

310 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 220.

311 ASIMOV, Isaac, **The Intelligent Man's Guide to Science**, New York: Basic Books, 1960.

312 ASIMOV, Isaac, **The Greeks: A Great Adventure**, Boston: Houghton Mifflin, 1965.

313 ASIMOV, Isaac, **The Roman Republic**, Boston: Houghton Mifflin, 1966.

314 ASIMOV, Isaac, **The Near East: 10,000 Years of History**, Boston: Houghton Mifflin, 1968.

315 ASIMOV, Isaac, **Asimov's Guide to the Bible - The Old and the New Testaments**, New York: Random House, 1981.

Magazine, editada por George H. Scithers. A revista circula até hoje com o título de *Asimov's Science Fiction*.

Robert Heinlein (1907–1988) nasceu em Butler, Missouri, duma família com ascendência alemã. Ingressou na Academia Naval, vindo a servir na marinha. Recebeu a sua baixa militar em 1934 por conta de tuberculose pulmonar[316]. A sua carreira na Ficção Científica começou com *Life-Line*[317](Linha de Vida) e *Misfit*[318] (Desajuste), ambas de 1939 e se encaixando dentro do projeto editorial de Campbell.

Diferente de Asimov, Heinlein não entrou na Ficção Científica com o intuito de ser um autor ou para pertencer a um grupo. Depois que recebeu baixa militar e com as contas para pagar, viu um anúncio da *Thrilling Wonder Stories* oferecendo um valor padrão[319] por histórias de Ficção Científica.[320]

Em quatro dias escreveu *Life-Line*, mas não enviou para a *Thrilling Wonder Stories* e sim para a *Astounding Science-Fiction*. *Life-Line*[321] conta a história dum cientista que inventou uma máquina capaz de identificar com precisão o dia e a hora que ocorrerá a morte das pessoas. Desacreditado pelas universidades e visto como um charlatão, o seu sucesso resulta numa queda nos contratos das seguradoras. Estas tentam processar o inventor, mas sem sucesso. O que restou foi providenciar o seu assassinato.

Se *Life-Line*[322] problematizou as implicações duma invenção científica, *Misfit*[323] celebrou valores e ideais da humanidade. A história centra em grupo de soldados que foi enviado para construir uma base espacial em um asteroide. Somado aos prédios, também seriam instalados motores que permitiram a movimentação da base. O personagem central é A. J. Libby, um recruta que revela ser capaz de realizar os mais complexos cálculos matemáticos de forma intuitiva e isso salva o grupo e a base em diversas ocasiões.

Requiem[324] saiu em janeiro de 1940 na *Astounding*. A narrativa é protagonizada por um magnata, Delos David Harriman, que, no fim da sua vida,

316CLUTE, John; PRINGLE, David, Heinlein, Robert A., *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.
317HEINLEIN, Robert, Life-Line, **Astounding Science Fiction**, v. 23, n. 6, p. 83–95, 1939.
318HEINLEIN, Robert, Misfit, **Astounding Science Fiction**, v. 24, n. 3, p. 53–66, 1939.
319U$50,00
320HEINLEIN, Robert A., **Expanded Universe**, New York: Ace Books, 1980, p. 4.
321HEINLEIN, Life-Line.
322*Ibid*.
323HEINLEIN, Misfit.
324HEINLEIN, Robert A., Requiem, **Astounding Science-Fiction**, v. 24, n. 5, p. 80–91, 1940.

tenta realizar o seu sonho de ir até à Lua. As viagens espaciais foram popularizadas, mas há regras que impedem pessoas com problemas de saúde a realizá-las.

Harriman viabilizou a exploração espacial, mas, ao mesmo tempo, estava fora dela. Ele contratou uma dupla de pilotos para realizar a viagem e no diálogo para convencê-los explicou que a sua geração foi influenciada pelas revistas de Ficção Científica e pelas possibilidades trazidas por elas.

Heinlein escreveu *If This Goes On-*[325] (*Se isso continuar-*), retratando uma configuração social norte-americana que foi dominada por lideranças religiosas — os Profetas. Pela via militar foi erigido um governo distópico que controla todas as ações dos indivíduos. O protagonista é um oficial da guarda do Profeta que se apaixona por uma sacerdotisa.

O Profeta tentou estuprar a sacerdotisa e, para salvá-la, John Lily juntou-se à rebelião – um movimento intitulado como Cabal. Os rebeldes se organizam no subterrâneo e oferecem resistência ao governo e a história se conclui com a deposição e a declaração duma nova constituição – *Covenant* (A Convenção).

> O plot político e filosófico reaparecerá de várias formas ao longo dos trabalhos de Heinlein, pois ele continua a ver, essencialmente, duas alternativas: ou a elite (a boa elite) salva o dia, o que entra em contradição com os princípios democráticos que ele parece defender ocasionalmente, ou a sociedade sucumbe diante da ignorância e da loucura das massas de populares. O seu conceito de revolução social imagina algo criado por uma elite para o benefício do resto, geralmente de modo temporário. Ele parece ser incapaz de acreditar que a mudança social progressiva pode surgir pelo desenvolvimento das forças produtivas e consequentemente pela ação das classes exploradas. Assim, Heinlein se coloca em oposição direta em relação às principais forças de mudança social do século XX.[326]

---

325 HEINLEIN, Robert A., If This Goes On - (Part 1 of 2), **Astounding Science-Fiction**, p. 9–40, 1940; HEINLEIN, Robert A., If This Goes On - (Part 2 of 2), **Astounding Science-Fiction**, p. 117–151, 1940.

326 No original: “This basic political and philosophic problem will reappear in many forms throughout Heinlein's works, for he will continue to see essentially just two alternatives: either the elite (the good elite) saves the day, which obviously contradicts democratic principles he sometimes espouses, or society succumbs to the ignorance and folly of the masses of common people. His concept of revolutionary social change imagines something created by an elite for the benefit of the people, usually quite temporarily. He seems incapable of believing that progressive social change could come through the development of the productive forces and consequent action by the exploited classes themselves. Thus Heinlein places himself consistently in direct opposition to the most powerful forces of social change in the twentieth century.” Tradução nossa. FRANKLIN, H. Bruce, **Robert A. Heinlein - America as Science Fiction**, Oxford: Oxford University Press, 1980, p. 34.

Outros títulos de Heinlein entre 1940 e 1941 são exemplares como *The Roads Must Roll*[327] (As Estradas Devem Rolar), *Coventry*[328] (Covenção), *Blowups Happen*[329] (Explosões Acontecem), *Universe*[330] (Universo), *Solution Unsatisfactory*[331] (Solução Insatisfatória*)* e *Methuselah Children*[332] (Crianças de Methuselah).

Universe[333] saiu na edição de maio de 1941 e narra a vivência duma nave colonizadora que por conta duma rebelião nunca chegou a seu destino. As gerações posteriores passaram a interpretar os manuais de comando como ordenações religiosas e coube ao protagonista descobrir a verdade.

Solution Unsatisfactory[334] também apareceu na edição de maio de 1941, mas sob o pseudônimo de Anson MacDonald. A história fala sobre a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial fazendo uso duma substância atômica que servia como arma química. A vitória dos aliados cede espaço para a ascensão dum governo totalitário.

Methuselah Children[335] é a primeira das aventuras de Lazarus Long, membro da família Howard que consegue viver mais tempo que os outros humanos. O Estado tenta capturá-los para descobrir o segredo da longevidade, e a família foge para o espaço, retornando anos depois – quando a humanidade descobriu por sua própria conta como aumentar o tempo de vida.

Na edição de maio de 1941, o editorial de abertura de Campbell explicou o projeto de história de Heinlein. Entre as páginas 123 e 125, uma tabela foi oferecida, começando em 1940 e seguindo até 2140. Dentro desse recorte, as histórias que já tinham sido publicadas são categorizadas. *Life-Line*, por exemplo, se passa em 1940, enquanto *The Roads Must Roll* em 1970 e vinte anos depois *Requiem*. Os personagens são incluídos, junto com os desenvolvimentos técnicos e os desdobramentos sociais.

---

327 HEINLEIN, Robert A., The Roads Must Roll, **Astounding Science-Fiction**, v. 25, n. 4, p. 9–37, 1940.

328 HEINLEIN, Robert A., Coventry, **Astounding Science-Fiction**, v. 25, n. 5, p. 56–92, 1940.

329 HEINLEIN, Robert A., Blowups Happen, **Astounding Science-Fiction**, v. 26, n. 1, p. 51–85, 1940.

330 HEINLEIN, Robert A., Universe, **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 3, p. 9–42, 1941.

331 HEINLEIN, Robert A., Solution Unsatisfactory, **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 3, p. 56–86, 1941.

332 HEINLEIN, Robert A., Methuselah's Children (Part 1 of 3), **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 5, p. 9–43, 1941; HEINLEIN, Robert A., Methuselah's Children (Part 2 of 3), **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 6, p. 63–108, 1941; HEINLEIN, Robert A., Methuselah's Children (Part 3 of 3), **Astounding Science-Fiction**, v. 28, n. 1, p. 133–164, 1941.

333 HEINLEIN, Universe.

334 HEINLEIN, Solution Unsatisfactory.

335 HEINLEIN, Methuselah's Children (Part 1 of 3); HEINLEIN, Methuselah's Children (Part 2 of 3); HEINLEIN, Methuselah's Children (Part 3 of 3).

> As histórias da história do futuro (entre outras) mostram a evolução dos tipos de caráter distintivos de Heinlein à medida que se inter-relacionam: seus heróis filósofos sábios (e fatigados) (tão conscientes das suas próprias limitações quanto das suas oportunidades e limitações de seus irmãos humanos), seus acólitos excessivamente ansiosos, e a afiliação dos dois em seu senso compartilhado de alienação de suas sociedades.[336]

Nesse período, Heinlein considerava o seu trabalho como algo temporário, que rendia um adicional para a sua renda mensal[337]. Campbell sugeriu para Heinlein escrever *Sixth Column* (Sexta Coluna), um texto que o editor produziu e guardou. Comentando por cima, Heinlein concordou, mas teve dificuldades.

> Se Campbell o tivesse tratado da forma como era bruto com Asimov, Heinlein teria abandonado a escrita. Diferente de Asimov, que era viciado em Ficção Científica, Heinlein tratava como uma carreira em potencial, mas, sem um encorajamento externo, poderia ter abandonado.[338]

Heinlein vendeu vários textos para Campbell, constantemente afirmando que a sua “aposentadoria” estava chegando. Em 21 de agosto de 1941, o editor rejeitou *Creation Took Eight Days*[339] (A Criação Levou Oito Dias). Semanas depois, Campbell mandou uma correspondência para Heinlein perguntando o que havia ocorrido. A resposta comentava sobre a rejeição, e o editor pediu para rever o texto e solicitou alterações discretas e um novo título: *Goldfish Bowl*[340] (Aquário).

Após a guerra (que trataremos logo a frente), Heinlein publicou uma série de histórias para jovens pela *Scribner: Rocket Ship Galileo*[341] (Foguete Espacial Galileu), em 1947, *Space Cadet*[342] (Cadete Espacial) em 1948, *The Puppet*

336 No original: “The future-history stories (among others) all display the evolution of Heinlein’s distinctive character-types as they interrelate: his wordly-wise (and weary) philosopher-heroes (as aware of their own limitations as they are of their opportunities and the limitations of their human brethren), his over-eager acolytes and the affiliation of the two in their shared sense of alienation from the mainstream of their societies.” Tradução nossa.
BERGER, Theories of History and Social Order in “Astounding Science Fiction”, 1934-55, p. 24.

337HEINLEIN, **Expanded Universe**.

338No original: “If Campbell had treated him [Heinlein] as ruthlessly as Asimov, Heinlein might well have given up on writing altogether. Unlike Asimov, who was obsessed with science fiction, Heinlein saw it as just another potential career, and without outside encouragement, he might have dropped it”. Tradução nossa. NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 111.

339*Ibid*., p. 143.

340*Ibid*., p. 145.

341HEINLEIN, Robert, **Rocket Ship Galileo**, New York: Charles Scribner’s Sons, 1947.

342HEINLEIN, Robert, **Space Cadet**, New York: Charles Scribner’s Sons, 1948.

Masters[343](O Mestre dos Fantoches) em 1951 e *Citizen of the Galaxy*[344] (Cidadão da Galáxia) em 1957. Foi nesse novo público que Heinlein investiu, visando incutir nos jovens o interesse pela ciência e engenharia[345].

Starship Troopers (Tropas Estelares) de 1959, serializado originalmente como *Starship Soldier*[346] (Soldado Estelar) na *The Magazine of Fantasy and Science Fiction* e, no mesmo ano, como livro[347], foi rejeitado pela editora para integrar o selo juvenil. A obra foi o movimento final de Heinlein para receber reconhecimento fora da Ficção Científica[348].

> Com as reações humanas regidas por secreções químicas e geralmente dominadas pelo medo irracional e pela resistência popular à mudança, outro fator nas abordagens dos escritores de ficção científica à inovação tecnológica foi revelado. Dizer que a tecnologia era o motor primordial da história humana era uma coisa, mas dizer que deveria ser como um impulsionador primário era outra completamente diferente. Os escritores de ficção científica estão dizendo as duas coisas implicitamente, mas apenas a primeira explicitamente. Isso deixou uma grande quantidade de ficção científica lidando com inter-relações humanas mostrando oscilações entre uma vaga e geralmente (mas nem sempre) desconfiada, anarquia violenta e foros políticos altamente autoritários. […] Já em 1941, com as potências nucleares, uma realidade iminente, em vez de simplesmente a metáfora do poder que eles tinham anteriormente em Ficção Científica. Heinlein sugeriu que a emoção e o preconceito popular fariam apenas um tipo de sistema político capaz de integrar uma sociedade armada com aparato nuclear - uma ditadura militar com o monopólio das armas atômicas.[349]

---

343 HEINLEIN, Robert, The Puppet Masters (Part 1 of 3), **Galaxy Science Fiction**, v. 2, n. 6, p. 5–66, 1951; HEINLEIN, Robert, The Puppet Masters (Part 2 of 3), **Galaxy Science Fiction**, v. 3, n. 1, p. 100–156, 1951; HEINLEIN, Robert, The Puppet Masters (Part 3 of 3), **Galaxy Science Fiction**, v. 3, n. 2, p. 101–158, 1951.

344 HEINLEIN, Robert, **Citizen of the Galaxy**, New York: Charles Scribner's Sons, 1957.

345 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 229.

346 HEINLEIN, Robert, Starship Soldier (Part 1 of 2), **The Magazine of Fantasy and Science Fiction**, v. 17, n. 4, p. 103–164, 1959; HEINLEIN, Robert, Starship Soldier (Part 2 of 2), **The Magazine of Fantasy and Science Fiction**, v. 17, n. 5, p. 51–94, 1959.

347 HEINLEIN, Robert, **Starship Troopers**, New York: G. P. Putnam's Sons, 1959.

348 STOVER, Leon, **Robert A. Heinlein**, Boston: G. K. Hall & Company, 1987, p. 46.

349 No original: "With human reactions governed by chemical secretions and generally dominated by irrational fear and popular resistence to change, another factor in Science Fiction writers' approaches to technological innovation was revealed. To say that technology was the primer mover of human history was one thing, but to say that it *ought to be* sucha prime mover was quite another. SF writers are saying both things implicitly, but only the first excplitily. This left a great deal of Science Fiction dealing with human interrelationships showing oscillations between a vague and generally (but not always) distrusted, violent anarchy and highly authoritatian political forumlations. […] As early as 1941, with nuclear powers an imminent reality rather than simply the metaphor of power which they had previously been in Science Fiction. Heinlein suggested that popular emotion and prejudice would make only one kind of political system capable of integrating a nuclear-armed society – a military dictatorship armed with a monopoly on atomic weapons." Tradução nossa. BERGER, Love, Death, and the Atomic Bomb: Sexuality and Community in Science Fiction, 1935-55, p. 286.

Em 1934, Gernsback e Charles Hornig haviam criado a *Science Fiction League*, que logo foi ocupada por fãs e por disputas entre estes. Donald A. Wollheim (1914–1990) era um deles. Figura importante, tanto como escritor de Ficção Científica, quanto como crítico. Responsável por publicar várias fanzines e organizar um encontro entre grupos de fãs de Nova York e da Filadélfia, em 22 de outubro de 1936.

Wollheim foi um dos criadores do grupo *Futurians* e a sua primeira publicação foi na *Wonder Stories* de Gernsback, com *The Man from Ariel*[350](O Homem de Ariel), em 1934[351]. A polarização entre os fãs da ficção científica se deu a partir da oposição entre Sam Moskowitz e David Wollheim[352].

Quando um evento de maio de 1938 estava a ocorrer, Wollheim pediu a oportunidade de fazer uma fala, mas não teve o pedido aceito, pois, havia o receio de que ele atacaria Campbell (que também estava presente)[353]. Moskowitz citou uma parte da comunicação que atribuiu para Wollheim:

> Será que um sujeito estuda Ciência no ensino médio e na universidade, consegue um título de bacharel e também um mestrado, ou finalmente um doutorado apenas para se tornar o editor duma revista pulp? O que faz ele não utilizar o seu conhecimento técnico que foi obtido de forma tão difícil para seguir numa carreira de pesquisa?… A resposta é fácil, mas triste. A sociedade não tem espaço para a sua mente treinada.[354]

O conflito entre os dois grupos cresceu e Campbell, junto com Leo Margulies da *Thrilling Wonder Stories*, tiveram que intervir a marcar uma reunião com Sykora e Wollheim. O resultado foi a dissolução da *Greater New York Science Fiction League*. Moskowitz criaria a *New Fandom* e assumiria o controle das futuras *Worldcons*, enquanto Wollheim seria um dos líderes dos *Futurians*.

350 WOLLHEIM, Donald A., The Man from Ariel, **Wonder Stories**, p. 604–608, 1934.

351 Aparentemente Gernsback não pagou Wollheim e foi necessário abrir um processo (junto com outros autores) para solucionar a situação.

352 MOSKOWITZ, Sam, **The Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom**, New York: Hyperion, 1974, p. 20.

353 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 101.

354 No original: “Does a man study science in high school and college, master a B.D., an M.S., or finally perhaps a Ph.D only to be become the editor of a pulp magazine? Why did he not utilize this hard won technical knowledge to pursue a research career?…The answer is easy but sad. Society had no place for this trained mind”. Tradução nossa. MOSKOWITZ, **The Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom**, p. 149.

A *Worldcon* foi celebrada pela primeira vez em julho de 1939, na cidade de New York. Sob a liderança de Sam Moskowitz, o evento contou com cerca de duzentos participantes – entre eles, Asimov, Campbell e Ray Bradbury.

O encontro foi duma cisão, na medida em que Moskowitz vetou a participação dos *Futurians*. Sujeitos como Wollheim, Pohl, e Kornbluth foram impedidos de participar por conta dos seus posicionamentos políticos comunistas e considerados como “esquerda”.[355]

A *Worldcon* passou a ser um evento recorrente, apesar de ser interrompida nos anos da Segunda Guerra Mundial. Em setembro de 1953, na sua décima primeira edição, conhecida como Philcon II, sediada na Fidalélfia e apoiada pela *Philadelphia Science Fiction Society* (Sociedade de Ficção Científica da Filadélfia), o prêmio Hugo *Award* foi conferido pela primeira vez.

Dividido em sete categorias (que mudaram ao longo do tempo), o seu nome era uma homenagem ao trabalho de Hugo Gernsback, e rapidamente se transformou no reconhecimento máximo dentro do campo.

A primeira publicação de Sam Moskowitz (1920-1997) foi *The Way Back* (O Caminho de Volta) em janeiro de 1941 por Tremaine, que havia assumido como editor da *Comet*. Quando escreveu a primeira história sobre os fãs de Ficção Científica, *The Immortal Storm: History of Science Fiction Fandom*[356] (*A Tempestade Imortal: História do Fandom de Ficção Científica*), Moskowitz afirmou que a origem de tudo foram as cartas dos leitores que Gernsback começou a publicar na *Amazing Stories*.[357]

Apesar de lançado em 1951, essa primeira edição era artesanal e possivelmente com baixa circulação. O que não impediu que, em 1952, uma resenha[358] aparecesse na *Amazing Stories* de agosto e outra[359] na *Astounding* em setembro. Em 1974, a *Hyperion Press* produziu duas novas edições, aumentando mais uma vez a sua tiragem.

Em dezembro de 1950, Moskowitz foi convidado para participação na Universidade de Nova York. Em setembro de 1953 ofertou um curso sobre escrita da

---

355 SICLARI, Joe, **NYcon 1 – 1939 WorldCon**, The Fanac - Fan History Project, disponível em: <http://fanac.org/worldcon/NYcon/w39-p00.html>,.

356 MOSKOWITZ, **The Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom**.

357 *Ibid*., p. 5.

358 MERWIN, Sam, Review: The Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom by Sam Moskowitz, **Amazing Stories**, v. 25, n. 1, p. 150, 1952.

359 MILLER, P. Schuyler, Review: The Immortal Storm by Sam Moskowitz, **Astounding Science Fiction**, v. 50, n. 1, p. 162–164, 1952.

Ficção Científica no Colégio da Cidade de Nova York[360]. Nesta ocasião convidou nomes conhecidos do público, como Isaac Asimov, Lester Del Rey e Robert A. Heinlein. Em dezembro do mesmo ano, foi convidado para outra participação, desta vez na Columbia University[361].

Em 1963, Moskowitz publicou *Explorers of the Infinite: Shapers of Science Fiction*[362] (*Exploradores do Infinito: Formadores da Ficção Científica*), pela World Publishing Co., que, em 1974, viria a ser reeditado pela Hyperion. Esse livro é, na realidade, um conjunto de ensaios nos quais o editor reflete sobre a história da Ficção Científica. Partindo do “período moderno” com Cyrano De Begerac, seguindo por Mary Shelley, Poe, Verne, Wells, Burroughs, Lovecraft, e vários outros. A proposta de Moskowitz construiu o que podemos chamar de uma visão internalista do gênero.

No primeiro número do *Science-Fiction Studies*, uma resenha de Robert M. Philmus comparou essa obra de Moskowitz com *Pilgrims* de J.O. Bailey e *Into Other Worlds: Space-Fight in Fiction from Lucian to Lewis*, de 1958 e autorado por Roger Lancelyn Green. No entender de Philmus, *Explorers* era um texto repleto de problemas que fornecia, de forma genérica, alguns dados biográficos sobre os autores citados e nada além.

> Se as suposições de Moskowitz sobre o valor literário não são conducentes a uma compreensão compreensiva da FC que não é "moderna", os seus mal-entendidos são consideravelmente agravados por sua irresponsabilidade intelectual. Ele, sem dúvida, renunciaria a qualquer pretensão de ser um estudioso e evitaria assiduamente qualquer coisa tão pedante quanto uma nota de rodapé (ou uma bibliografia para esse assunto). Em vez disso, ele critica de forma indiscriminada as opiniões que extrai indiscriminadamente de fontes que não se incomoda em citar; e às vezes o resultado é que um ponto que, judiciosamente, pode ser debatível, torna-se, na sua versão, ridículo.[363]

---

360 City College of New York.

361 WOLFE, Gary K., **Critical Terms for Science Fiction and Fantasy - A Glossary and Guide to Scholarship**, New York & London: Greenwood Press, 1986.

362 MOSKOWITZ, Sam, **Explorers of the Infinite - Shapers of Science Fiction**, New York: World Publishing Company, 1963.

363 No original: “If Moskowitz’s assumptions about literary value are not conductive to a sympathetic understanding of SF that is not “modern”, his misunderstandings are considerably aggravated by his intellectual irresponsibility. He would no doubt disclaim any pretentions to be a scholar, and assiduously avoids anything so pedantic as a footnote (or a bibliography for that matter). Instead, he uncritically purveys the opinions he indiscriminately picks up from sources he does not bother to cite; and somethimes the result is that a point which, put judiciously, might be debatable, becomes, in his rendition, ludicrous.” Tradução nossa. PHILMUS, Robert M., The Shape of Science Fiction: Through the Historical Looking Glass, **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 37–41, 1973, p. 38,39.

Em 1966, Moskowitz lança *Seekers of Tomorrow*[364] (Buscadores do Amanhã), que funciona como uma continuação da proposta de *Explorers of the Infinite*. O formato ensaístico permaneceu, mas outros autores foram abordados e um quadro robusto do grande conjunto de escritores de Ficção Científica no período das revistas foi consolidado. Como ressaltou Gary K. Wolfe:

> […] tendiam distintamente para celebrações acríticas e caça obstinada, algumas vezes sacrificando a exatidão de detalhes para a narrativa dramática e frequentemente tratando fontes de informação como segredos. No entanto, esses volumes foram lidos amplamente e foram, por um tempo considerável, virtualmente a única fonte publicada de dados biográficos sobre vários escritores.[365]

Junto com Wollheim estava Frederick Pohl que ajudou a fundar o grupo *Futurians*, e além de escritor, editor e crítico de Ficção Científica, fez parte do *Young Communist League*, e, entre 1943 e 1945, serviu no Exército norte-Americano. Curiosamente, a sua carreira não começou com a publicação duma história de Ficção Científica ou de fantasia, mas com um poema: *Elegy to a Dead Satellite: Luna* (sob o pseudônimo de Elton Andrews) para a *Amazing Stories* de 1937[366].

Cyril Kornbluth (1923–1958), também membro dos *Futurians* e amigo de Pohl e Wollheim, serviu nas Forças Armadas durante a Guerra. Após a sua morte prematura, Pohl editou e publicou várias das histórias[367] de Kornbluth. Judith Merill também compartilhou a caneta de Kornbluth, como em *Mars Child/Outpost Mars*[368](Criança de Marte/Posto Avanço de Marte) e *Gunner Cade*[369] (Artilheiro Cade).

---

364 MOSKOWITZ, Sam, **Seekers of Tomorrow**, New York: World Publishing Company, 1966.

365 No original: […] tended distinctly toward uncritical celebration and dogged source-hunting, sometimes sacrificing accuracy of detail for the dramatic anecdote and often treating sources of information as proprietary secrets. Yet these volumes were read widely and were for a considerable time virtually the only published source of biographical data about a number of writers. WOLFE, Gary K., **Evaporating Genres - Essays on Fantastic Literature**, Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2011, p. 196,197.

366 POHL, Frederik, Elegy to a Dead Satellite: Luna, **Amazing Stories**, v. 11, n. 5, p. 136, 1937.

367 **C. M. Kornbluth**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?285>,.

368 KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith, Mars Child (Part 1 of 3), **Galaxy Science Fiction**, v. 2, n. 2, p. 18–76, 1951; KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith, Mars Child (Part 2 of 3), **Galaxy Science Fiction**, v. 2, n. 3, p. 94–163, 1951; KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith, Mars Child (Part 3 of 3), **Galaxy Science Fiction**, v. 2, n. 4, p. 44–115, 1951.

369 KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith, Gunner Cade (Part 1 of 3), **Astounding Science Fiction**, v. 49, n. 1, p. 8–53, 1952; KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith, Gunner Cade (Part 2 of 3), **Astounding Science Fiction**, v. 49, n. 2, p. 114–159, 1952; KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith, Gunner Cade (Part 3 of 3), **Astounding Science Fiction**, v. 49, n. 3, p. 108–155, 1952.

Outro membro dos Futurians foi Robert A. W. “Doc” Lowndes (1916–1998). A sua carreira foi estimulada por cartas que recebeu de H.P. Lovecraft em 1937[370]. Dois anos antes, uma situação interessante ocorreu: Lowndes submeteu uma história para a *Wonder Stories* (na ocasião editada por Gernsback), que tinha o título *Letter: Report of the Plutonian Ambassador*[371] (*C*arta: Relato dum Embaixador Plutoniano), assinada por “Sir Doc Lowndes”. Ocorre que ela não foi publicada na parte das histórias, mas como uma carta enviada por um fã.

Os editores da *Science Fiction Encyclopedia* acreditam que, após esse evento, o primeiro texto publicado foi *The Outpost at Altark*[372] (Posto Avançado em Altark) para a *Super Science Stories* (1940), escrita junto com Wollheim (e não creditada a Lowndes). [373]

A Legend of Lanth[374] (A Lenda de Lanth) circulou em 1939 na *Spaceways*, fanzine editada por Harry Warner Jr[375]. Como editor, na década de 1940, Lowndes operou o *Future Fiction* e o *Science Fiction Quarterly* e o seu trabalho se expandiu significativamente no campo do horror em 1950, assumindo diversas revistas, bem como a *Avalon Books*, entre 1955 e 1967[376].

Fora do eixo dos autores de Campbell, os *Futurians* eram a principal força de criação e também de crítica[377]. Em 1940, como editor, Pohl assumiu a *Astonishing Stories* e também a *Super Science Stories*. Apesar do sucesso de ambas revistas, ele foi demitido em 1941. Depois da guerra, começou a atuar como agente literário, além de trabalhar como assistente de Horace L. Gold, na *Galaxy Science Fiction*[378]. Na década de 1960, assumiu como editor da *If* e da *Galaxy* (ambas premiadas com Hugo e Nebula)[379].

---

370 JOSHI, S. T.; SCHULTZ, David E, **An H.P. Lovecraft Encyclopedia**, New York: Greenwood Press, 2001, p. 158.

371 LOWNDES, Robert A., Letter: Report of the Plutonian Ambassador by Sir Doc Lowndes, **Wonder Stories**, p. 500, 1935.

372 WOLLHEIM, Donald A.; LOWNDES, Robert A., The Outpost at Altark, **Super Science Stories**, v. 2, n. 1, p. 112–126, 1940.

373 STABLEFORD, Brian; NICHOLLS, Peter; CLUTE, John, Lowndes, Robert A W, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

374 LOWNDES, Robert A., A Legend of Lanth, **Spaceways**, v. 1, n. 7, p. 11–12, 1939.

375 **Robert A. W. Lowndes**, The Internet Speculative Fiction Database, disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?1360>,.

376 STABLEFORD; NICHOLLS; CLUTE, Lowndes, Robert A W.

377 ASHLEY, **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.**, p. 149.

378 CLUTE, John; STABLEFORD, Brian; LANGFORD, David, Kornbluth, C M, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

379 **Frederik Pohl**, Science Fiction Awards Database, disponível em: <www.sfadb.com/Frederik_Pohl_Chronology>,.

Wollheim passou a ocupar a função de editor na *Cosmic Stories* e na *Stirring Science Stories*, depois na editora Avon (1947-1952) e na *Ace Books* (1952-1971). Foi o responsável por lançar vários novos autores no campo, dentre elas, uma que está fadada a ocupar um grande espaço neste trabalho: Ursula Kroeber Le Guin[380].

No caso dela, em específico, Wollheim contou na introdução da primeira edição de *Rocannon's World*[381](O Mundo de Rocannon) que encontrou, por acaso, o texto da autora na pilha de manuscritos enviados sem a mediação dum agente. Além disso, aproximou o trabalho dela, como iniciante, ao de J.R. R. Tolkien[382].

As primeiras contestações do trabalho que Campbell vinha fazendo apareceram com o editorial de Cele Goldsmith, na *Fantastic* e na *Amazing* e pelo de Frederik Pohl, na Galaxy e na *Worlds of If*[383]. Na Inglaterra, Moorcock assumiu o posto de editor da *New Worlds* e investiu nos trabalhos de J.G. Ballard, bem como nos de Thomas Disch, que flertavam com um método de escrita surrealista, que era considerado inovador. Essa empreitada foi divulgada por Merril no fim da década de 1960 numa coluna da F&SF[384].

Os trabalhos de Moorcock foram recebidos tanto de forma positiva quanto negativa nos Estados Unidos. Damon Knight, Joanna Russ, Gene Wolf, Tery Carr, Harry Harrison, Robert Silverberg e Harlan Ellison eram favoráveis aos novos métodos para o trabalho de escrita e inclusive fizeram uso disso[385].

Em 1953, vinte e oito revistas diferentes circulavam, mas no começo de 1970, restavam somente seis[386]. O que potencializou a decadência das revistas foi a acessibilidade de circulação dos livros, dando ao campo uma nova dinâmica[387]. Tal transição viria a refletir no *Science-Fiction Studies*, principalmente no trabalho de R.D. Müllen que dedicou várias páginas para anunciar e comentar as reimpressões e coletâneas que apareciam.

Ainda em 1966, a posição do Hugo Award perdeu a sua exclusividade com a criação do Nebula.

380CLUTE, John; EDWARDS, Malcolm, Wollheim, Donald A., *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.
381LE GUIN, Ursula Kroeber, **Rocannon's World**, New York: Ace Books, 1966.
382*Ibid*.
383LATHAM, Rob, The New Wave, *in*: SEED, David (Org.), **A Companion to Science Fiction**, Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 204.
384*Ibid*., p. 209.
385LATHAM, The New Wave, p. 210,211.
386ASHLEY, Science Fiction Magazines: The Crucibles of Change, p. 69.
387ATTEBERY, The Magazine Era: 1926-1960, p. 46.

O Nebula surgiu a partir da *Science Fiction Writers of America*[388] (SFWA), criada em 1965 por Damon Knight (1922-2002) – que, lembrando, fazia parte dos *Futurians*. A SFWA tinha por intuito ser uma associação de cunho burocrático, servindo para auxiliar a vida profissional dos escritores associados[389]. Tal como Moskowitz, Knight também era leitor das revistas de Ficção Científica desde cedo e construiu uma carreira como escritor e como resenhista.

Além da SFWA e do Nebula, Knight junto com Judith Merril (1923-1997) e James Blish (1921-1975), em 1956, estruturaram a Conferência de Escritores de Milford[390], um evento que era voltado para o desenvolvimento da escrita de Ficção Científica.

Judith Merril era o nome utilizado por Judith Josephine Grossman, para assinar os seus textos. Outro cognome utilizado pela autora foi Cyril Judd, principalmente nos textos escritos com Kornbluth (1923-1958). Originária de Boston, após completar o colegial Merril era próxima das teorias trotskistas e na década de 1940 ingressou aos *Futurians* de New York. Além de escritora, Merril também organizou coletâneas de Ficção Científica e, entre 1965 e 1969, assumiu a função de editora na *The Magazine of Fantasy and Science Fiction* (F&SF).

James Blish (1921-1975), nascido em East Orange em New Jersey, ávido leitor de Ficção Científica, começou a participar dos encontros dos *Futurians*, travando amizades com Kornbluth, Merril e Knight. A trajetória acadêmica de Blish foi na Rutgers University, graduando-se em 1942 e, após uma passagem pelas forças armadas, começou um mestrado em Zoologia na Columbia University. Publicando nas revistas, Blish foi o primeiro escritor a ser contratado para adaptar Star Trek para a literatura, algo que permaneceu fazendo até a sua morte, em 1975 (e foi continuado por sua segunda esposa J.A. Lawrence).

Em 1959, Blish recebeu um Hugo por *A Case of Conscience*[391] (Um Caso de Consciência), e em 1977, a SFF criou o prêmio James Blish para trabalhos de criticismo de Ficção Científica, equivalente ao Pilgrim, sendo conferido a Brian W. Aldiss. O impacto de Blish como crítico ganhou a forma de duas publicações, *The*

388Atualmente *Science Fiction and Fantasy Writers of America*.

389NICHOLLS, Peter; CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan, Science Fiction and Fantasy Writers of America, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

390NICHOLLS, Peter; LANGFORD, Jonathan, Milford Science Fiction Writers' Conference, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

391BLISH, James, **A Case of Conscience**, New York: Ballantine Books, 1958.

Issue At Hand[392] (A Questão a Mão), de 1964, e *More Issues at Hand*[393](Mais Questões nas mãos) de 1970. Escritas sob o pseudônimo de William Atheling Jr., o primeiro número era composto de resenhas do autor sobre diferentes histórias que eram publicadas nas revistas. Já no texto de 1970, as resenhas cederam espaço para ensaios de maior fôlego sobre questões mais gerais da Ficção Científica.

2.2 A GUERRA, A BOMBA E O PSI

Quando Adolf Hitler assumiu o poder na Alemanha, em 1933, começando as suas políticas de perseguição aos opositores[394], os Estados Unidos não intervieram.

Entre 1939 e 1940, Hitler avançava contra diversos países europeus[395]. Ainda em 1940, Roosevelt enfrentou uma corrida eleitoral tendo Wendelll Willkie como o seu principal opositor. Apesar da reeleição, Roosevelt manteve uma política discreta de auxílio à Grã-Bretanha. Apenas com o ataque a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, os Estados Unidos adentram no conflito[396].

Campbell ficou sabendo do ataque por um telefonema de Heinlein[397]. A USS Oklahoma, no qual tanto Heinlein como o pai de Hubbard haviam servido, foi um dos alvos dos japoneses[398]. Hubbard foi mobilizado para servir na Marinha, mas os problemas apareceram e logo foi afastado.[399]

Heinlein começou a trabalhar numa doca da Marinha em maio, junto com Asimov no posto de engenheiro químico junior[400]. Nesse mesmo lugar estava estacionado o oficial L. Sprague de Camp. Campbell, no que lhe concerne, não conseguiu uma colocação imediata. A sua primeira ideia foi contribuir com pesquisa, mas isso não seria possível por conta das suas qualificações. Sem experiência com laboratórios, o que restou foi a *Astounding*[401].

392 ATHELING, William Jr, **The Issue at Hand: Studies in Contemporary Magazine Science Fiction**, New York: Advent Publishers, 1964.
393 ATHELING, William Jr, **More Issues at Hand**, New York: Advent Publishers, 1970.
394 DAVIDSON, Eugene, **The Making of Adolf Hitler: The Birth and Rise of Nazism**, Missouri: University of Missouri Press, 1997.
395 KAUFMANN, J. E; KAUFMANN, H. W., **Hitler's Blitzkrieg Campaings: The Invasion and Defense of Western Europe, 1939-1940**, Pennsylvania: Combined Books, 1993.
396 DAVENPORT, John C., **The Attack on Pearl Harbor - The United States Enters World War II**, New York: Infobase Publishing, 2009.
397 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 149.
398 *Ibid.*, p. 151.
399 *Ibid.*, p. 160.
400 *Ibid*.
401 *Ibid.*, p. 154.

> No fim, ele decidiu permanecer com a sua revista, uma função civil com uma alta prioridade por conta da sua importância moral. Heinlein nunca o perdoou e anos depois comentaria 'trabalhava no limite do meu coração e arruinando a minha saúde durante a guerra enquanto ele estava publicando Astounding'[402].

Para Campbell, Heinlein e Hubbard, a guerra tratava-se de um "rito de passagem", "que demonstraria que eles eram iguais aos homens competentes de sua ficção[403]", enquanto para Asimov "foi uma distração do seu caminho escolhido[404]" na universidade.

Com a guerra, toda a sociedade norte-americana foi mobilizada para o conflito. O governo estimulou o emprego de mulheres dentro da indústria, bem como políticas de casamento e aumento de natalidade. A produção de equipamentos militares, desde armas até caminhões, aviões e tanques, reorganizou toda a economia. Hollywood, mais uma vez, foi fundamental para manter uma propaganda favorável ao Estado.

Em 1942, Enrico Fermi[405] demonstrou na Universidade de Chicago que a fissão nuclear era possível. O Projeto Manhattan, organizado pelo General Leslie Groves, permitiu a construção da primeira bomba nuclear, que foi testada em julho de 1945 no Novo México[406].

Campbell tentou uma posição no Comite de Pesquisa da Defesa Nacional, mas não conseguiu[407]. Deslocado, a resposta de Campbell veio com *Deadline* (*Data-limite*) em março de 1944, escrita por Cleve Cartmill. O efeito foi certeiro:

> O Projeto Manhattan tinha vários fãs de Ficção Científica como os seus funcionários, e as novidades da história rapidamente se espalharam, logo todos estavam falando sobre na cafeteria do laboratório de armas atômicas no Novo México. O aparelho de Cartmill não tinha semelhança com o que estava sendo desenvolvido, mas não importava. Edward Teller,

402 No original: "In the end, he decided to stay with his magazines, a civilian role with a high priority rating because of its perceived importance to morale. Heinlein never forgave him, speaking years later of "working my heart out and ruining my health during the war while he was publishing Astounding." Tradução nossa. *Ibid*., p. 169.

403 No original: "that would demonstrate that they were equals of the competent men of their fiction". Tradução nossa.

404 No original: "it was a distraction from his chosen path". NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 153.

405 COOPER, Dan, **Enrico Fermi and the Revolutions of Modern Physics**, Oxford, New York: Oxford University Press, 1998, p. 81.

406 MASCO, Joseph, **The Nuclear Borderlands - The Manhattan Project in Post-Cold War New Mexico**, Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2006.

407 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 169.

> posteriormente conhecido como o pai da bomba de hidrogênio, lembrou que a reação em Los Alamos foi de astonishment. [408]

Agentes do governo foram enviados para investigar Campbell e Cartmill[409]. O editor prometeu que não divulgaria nenhuma outra história que tivesse o mesmo teor[410]. Os agentes cogitaram imputar censura na *Astounding*, mas não se realizou e o assunto se encerrou[411].

Agora sob a liderança de Harry S. Truman, que assumiu a presidência após a morte de Roosevelt e foi eleito para seu próprio mandato em 1945, a primeira bomba foi lançada em seis de agosto do mesmo ano, em Hiroshima. A segunda, três dias depois, em Nagasaki, resultando, logo em seguida, na rendição do Japão e encerrando a guerra[412]. Quando as bombas atômicas foram detonadas, Campbell experimentava a materialização do seu projeto ficcional que havia começado com *When the Atoms Failed*. Por outro lado, foi incapaz de ter um impacto direto no conflito[413].

> A bomba atômica era o triunfo da tecnologia, mas também apontava para o fato – que Heinlein em *Solution Unsatisfactory* previu – que os sistemas políticos e sociais não tinham capacidade para controlar isso. Campbell se movia em direção da sociologia como novo campo da Ficção Científica, e a próxima fronteira, tal como entendia, era o cérebro. Campbell fracassou em ter um impacto direto na guerra, mas o trabalho da sua vida foi clarificado. No mundo do amanhã, o poder virá da mente e não da indústria. Campbell não tinha como realizar uma operação de pesquisa capaz de produzir uma arma atômica, mas para um breakthrough psicológico, ele não precisava de nada além daquilo que já estava a sua disposição. Na realidade, não era necessário nada além do que dois homens em uma sala silenciosa. A Ficção Científica, decidiu ele, salvaria a humanidade da bomba – e dessa vez, o projeto estaria sob o seu controle.[414]

---

408 No original: “The Manhattan Project counted many science fiction fans among its workers, and word of the story rapidly spread, until employees were talking about it openly in the cafeteria of the atomic weapons lab in New Mexico. Cartmill’s device bore minimal resemblance to the designs under development, but it didn’t matter. Edward Teller, who would later be known as the father of the hydrogen bomb, recalled that the reaction at Los Alamos was “astonishment”. Tradução nossa. NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 190

409 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 192.

410 *Ibid*.

411 *Ibid*., p. 196.

412 CHUN, Clayton K. S., **Japan 1945 - From Operation Downfall to Hiroshima and Nagasaki**, New York: Osprey Publishing, 2008.

413 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 213.

414 No original: “The atomic bomb had been a triumph of technology, but it also pointed to the fact—which Heinlein’s “Solution Unsatisfactory” had foreseen—that existing social and political systems weren’t up to the task of controlling it. Campbell had already moved to make sociology a province of science fiction, and the next frontier, as he had long understood, would be in the brain. He had

Em 1949, Hubbard começou a falar sobre uma teoria psicológica e Campbell se interessou[415]. A proposição era de que havia duas partes no cérebro humano, uma analítica (racional) e a outra reativa, onde as memórias se localizam[416]. As memórias poderiam influenciar o âmbito analítico em momentos de stress, além de produzir padrões de comportamento[417] e Hubbard queria conseguir apagar essas memórias.

Campbell começou a receber esse tratamento de Hubbard e convidou Joseph Winter, um médico que já havia escrito para a *Astounding*, para participar[418]. Os efeitos apareceram com Campbell emagrecendo e se livrando da sinusite que tinha há anos[419]. O que não significava que havia segurança no que estava sendo feito:

> Num determinado ponto, Campbell tentou hipnotizar sujeitos usando uma espiral pintada num gravador de toca-discos – que era parecido com um dispositivo que Hubbard mencionou em uma das suas […] histórias – e eles tentaram combinar escopolamina com altas doses de fenobarbital [...]. As drogas colocaram Campbell para dormir, roncando, ou, quando os outros conseguiam estimulá-lo para o experimento, ficava acordado e incapaz de ser hipnotizado[420].

O método experimental também implicava mudanças terminológicas. O que era chamado de “impedimento” passou a ser “norn” e depois “engrama”[421]. O sujeito que já tinha passado pela terapia era um “livre” e a sessão passou a ser chamada de “auditoria” e ocorria do seguinte modo:

> Um encontro típico começava com o paciente sentado em uma cadeira numa sala silenciosa. […] O auditor percorria as memórias do paciente, avançando ao longo de uma “time track” de incidentes, que seriam aliviadas quantas vezes fosse necessário para descarregá-las de emoções. A ênfase

failed to make a direct impact on the war, but his life’s work had been clarified. In the world of tomorrow, power would be based on the mind, rather than on industrial might. Campbell couldn’t run a research operation on the scale necessary to produce an atomic weapon, but for a psychological breakthrough, he needed nothing but the resources that were at his disposal. In fact, it required nothing more than two men in a quiet room. Science fiction, he decided, would save mankind from the bomb—and this time, the project would be one that he could control.” Tradução nossa. *Ibid*.

415 *Ibid*., p. 249.

416 *Ibid*.

417 *Ibid*.

418 *Ibid*.

419 *Ibid*., p. 252.

420 No original: “At one point, Campbell attempted to hypnotize subjects using a spiral painted on a record turntable – which was reminiscent of a device that Hubbard had mentioned in one his […] stories – and they tried combining scopolamine with heavy doses of phenobarbital […]. The drugs either put him to sleep, snoring, or, when the others roused him enough to conduct a session, left him awake and unhypnotizable.” Tradução nossa. *Ibid*., p. 253.

421 *Ibid*.

> especial era no trauma pré-natal, incluindo tentativas abortivas, e o objetivo final era apagar o primeiro engrama, que tinha sido instalado após o nascimento.[422]

Em dezembro de 1949, Campbell publicou um artigo que fazia menção à Dianética, mas sem citar Hubbard[423]. Com a supervisão de Campbell e Hubbard, Winter encaminhou um artigo para o *Journal of the American Medical Association*, mas foi recusado[424]. A segunda tentativa foi para o *American Journal of Psychiatry*, também com uma resposta negativa[425].

Hubbard publicou *Terra Incognita: The Mind* (Terra Incognita: A Mente) no *The Explorers Journal* de 1950. As origens da Dianética eram imputadas na *General Semantics* e na Cibernética[426]. Todavia, nem Hubbard ou Campbell dominavam os trabalhos de Alfred Korzybski, de maneira que a função de integrá-lo na Dianética foi imputada em Winter[427]. No que tangia à Cibernética, Norbert Wiener tinha sido professor de Campbell no MIT. A ideia de feedback logo foi importada para a Dianética[428].

> Ambas as teorias traçavam paralelos entre o cérebro e o computador – Wiener retratava as ‘neuroses de ansiedade’ como processos circulares que drenavam da mente sua capacidade, enquanto a dianética invocava o ‘circuito demoníaco’, uma memória parasita que consumia a força vital do cérebro. […] Todos os elementos da cibernética que aparecem na dianética vieram do período que Campbell estava trabalhando com Hubbard para apresentar para os seus leitores. O seu papel central foi adicionar uma camada de ciência, algo que tinha feito com vários escritores. Efetivamente, foi ele o editor do livro *Dianetics*, e seu impacto é tão importante quanto qualquer ficção que publicou.[429]

422No original : “A typical encounter began with the patient seated in an armchair in a quiet room. […] The auditor ran through the patient’s memories, advancing along a “time track” of incidents, which would be relieved as many times as necessary to discharge them of emotion. A special emphasis was placed on prenatal trauma, including attempt abortions, and the ultimate objective was to erase the very first engram, which had been installed shortly after conception.” Tradução nossa. *Ibid*.

423*Ibid*., p. 254.

424*Ibid*., p. 255.

425*Ibid*.

426*Ibid*., p. 258.

427*Ibid*., p. 259.

428*Ibid*., p. 250.

429No original: “Both theories drew parallels between the brain and a computer—Wiener pictured “anxiety neuroses” as circular processes that drained the mind of its capacity, while dianetics evoked the “demon circuit,” a parasitic memory that depleted the brain of its life force. [...] Any cybernetic elements in dianetics emerged, in short, during the period in which Campbell was working with Hubbard to position it for his readers. His primary role was to add a layer of science over what was already there, as he had with so many other writers. He effectively edited the book Dianetics, and his impact on it was just as meaningful as it was on the fiction that he published.” Tradução nossa. *Ibid*., p. 261.

Em Maio de 1950, *Dianetics: The Evolution of a Science* (Dianética: A Evolução duma Ciência) saiu na *Astounding*. Junto com o artigo havia uma propaganda do lançamento de *Dianetics: The Modern Science of Mental Health*[430] (Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Moderna). A publicação seguiu um arranjo estratégico. O nome de Campbell foi removido do texto e deslocado para uma nota editorial de abertura.

O comentário editorial de Campbell, nesse momento, era favorável à Dianética sintetizada por um conjunto de passos de cunho metodológicos científicos: agrupamento de dados relevantes; construção de hipótese; predição a partir da hipótese; validade da predição a partir da experimentação; variação dos experimentos e coleta de mais dados; formulação da nova teoria; retorno à hipótese e predição[431].

Junto a isso, Campbell reiterou que "no método científico, a autoridade não tem sentido[432]", assim se basear em grandes nomes como Freud ou Jung para questionar a evidência dos experimentos não tinha sentido.[433]

A *Hubbard Dianetic Research Foundation* foi criada em abril de 1950 e rapidamente teve público[434]. Campbell era uma peça central, considerando que havia passado por mais horas de auditoria do que qualquer outro e estava capacitado para atender [435].

A Dianética rendeu dinheiro de modo imediato. Hubbard convidou van Vogt, que lera *Dianetics*.[436] Os problemas começaram e não tardou para Campbell se desligar.[437] A personalidade de Hubbard marcada por uma paranoia alcançou proporções que resultaram no rompimento da amizade com o editor.[438]

---

430 *Ibid*., p. 268.
431 CAMPBELL, John W. Jr., Concerning Dianetics, **Astounding Science Fiction**, v. 45, n. 3, p. 4–6, 1950, p. 04.
432 No original: "In the scientific method, authority is meaningless. That the new theory disagrees with the Great Name, or with previous theory, or with "as everybody knows", is a statement best classified as a meaningless noise, so far as evidential value is concerned". CAMPBELL, Concerning Dianetics.
433 Considerando esse aparecimento da Dianética, sua proposta teórica indicava um horizonte de experiência concreta que se projetava em oposição ao que estava sendo feito na Psicologia e Psiquiatria dos Estados Unidos. Por hora não temos condição de nos aprofundar nessa questão, mas pensamos ser importante pontuar que essa proposta de Hubbard aparecia em um momento no qual a Psicanálise havia consolidado sua influência dentro da área1.
434 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 269.
435 *Ibid*., p. 270.
436 *Ibid*., p. 272.
437 *Ibid*., p. 293.
438 *Ibid*., p. 294.

> Tanto Hubbard quanto van Vogt viam seus sistemas como panacéias que, através de sua aplicação aos indivíduos, revolucionariam a sociedade e substituiriam as formas existentes de organização política. Ambos assumiram que uma sociedade composta inteiramente de pessoas que passaram por um treinamento apropriado não precisaria mais de uma estrutura de representação formal ou de governo. As necessidades de uma comunidade seriam tão claramente entendidas e as pessoas seriam tão bem equilibradas que as organizações formais não seriam necessárias. Até então, no entanto, os seres humanos permaneciam basicamente criaturas violentas que precisavam ser mantidas na linha.[439]

Em 1951, Hubbard declarou que a Dianética havia sido superada pela Cientologia. A base dessa mudança era tomar o indivíduo como um *thethan*, uma entidade imortal e que tinha capacidades como telepatia, levitar, memórias de vidas passadas, etc.[440]

A resposta de Campbell foi focar na intuição e no âmbito psiônico, termo criado por Jack Williamson em 1950.[441] Em janeiro de 1959, Campbell dedicou um editorial[442] da *Astounding* para explicar quais mudanças haviam ocorrido e qual o destino futuro da Ficção Científica. Este texto nos parece fundamental, pois, oferece um marco de inflexão no campo.

A Ficção Científica estava se transformando e o que viria a aparecer na década de 1960 e 1970 estaria marcado por esta ruptura. No entender do editor, se a Ficção Científica tivesse por objetivo manter a sua posição como uma “literatura de fronteira[443]”, era necessário deixar de lado a questão da engenharia e da mecânica e passar para as ciências sociais: sociologia, psicologia e antropologia.

O título do editorial de Campbell é revelador: “Precisamos estudar Psi[444]”. Mas o que é o Psi, e como isso seja um ponto de inflexão na Ficção Científica?

Psi era um termo guarda-chuva para um conjunto vasto de práticas que envolvem o uso de poderes mentais: telepatia, precognição, clarividência,

---

439 No original: Both Hubbard and van Vogt saw their systems as panaceas which would, through their application to individuals, revolutionize society and replace existing forms of political organization. Both men assumed that a society composed entirely of people who had passed through appropriate training would no longer need a structure of formal representation or government. The needs of a communiy would be so clearly understood and people would be so well balanced that formal organizations would not be needed. Until then, however, human beings remained basically violent creatures who had to be kept in line. Tradução nossa. BERGER, Love, Death, and the Atomic Bomb: Sexuality and Community in Science Fiction, 1935-55, p. 288.

440 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**, p. 329.

441 NEVALA-LEE, **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**.

442 CAMPBELL, John W. Jr., Editorial - We Must Study Psi, **Astounding Science Fiction**, v. LXII, n. 5, p. 4–7; 159–162, 1959.

443 *Ibid*.

444 *Ibid*.

telecinesia, levitação, etc. No campo da Psicologia, Campbell tomou como referência os trabalhos de Joseph Banks Rhine (1895-1980), doutor em Botânica pela Universidade de Chicago e criador da Parapsicologia[445] e que publicava sobre a percepção extrassensorial desde 1934.

Já no campo da Antropologia, a referência não era um autor em específico, mas todos os trabalhos que tratavam da magia nas diferentes culturas. Para Campbell, o psi era o equivalente da magia.

Campbell denunciava que as pesquisas sobre psi foram descartadas pela ciência. O problema não era a ciência dizer que se tratava de algo falso, mas se recusar inteiramente a estudar tal fenômeno. Este que era tratado pelo editor como algo que estava no mesmo nível da emoção e do desejo e sujeito a leis de funcionamento[446]. Leis que eram diferentes daquelas da ciência, da lógica e da semântica, tratando-se duma estranha ocorrência – em psi, "o mapa é o território!".[447]

> Os laços entre os seres humanos eram tão frágeis que não podiam suportar o choque do desastre, a menos que esse desastre fosse mitigado pelas ações de tipos de elites que sempre haviam habitado a ficção científica e os modos de tecnologia que sempre usaram. Em especial, o desenvolvimento de armas nucleares não havia desafiado a crença anterior na metáfora do poder tecnológico. Na verdade, reafirmou-a, elevando as novas ciências ao status anteriormente ocupado pela física nuclear, na tentativa de limitar a extensão de um holocausto nuclear. A maioria dessas ciências alternativas era de natureza psicológica, mas ao lidar com as emoções como elementos nas relações sociais, os escritores de Ficção Científica não mudavam sua abordagem para as pessoas ou para a tecnologia. A psicologia da ficção científica era mais manipuladora e social do que pessoal e terapêutica, e muitas vezes era incorporada a um ambiente político altamente autoritário. Como em tantos outros aspectos, a ficção científica estava imitando a sociedade, em geral, e a ciência na qual se baseava.[448]

445Convém notar que o interesse (ou interface) entre Psicologia e Ocultismo não era uma novidade de Rhine. A tese de doutorado de Carl G. Jung, *Zur Phsychologie und Pathologie sogennanter occulter Phänomene* (1902), orientada por Bleuer, havia tomado como objetivo discutir um fenômeno que oscilava entre vários rótulos (narcolepsia; letargia; automatismo etc) e que não havia sido definido. Em específico, Jung tratou de casos onde a inferioridade psicótica era um sinal de um caso histérico que tinha sua principal manifestação nos sonhos e nas alucinações. O diferencial do trabalho de Jung foi demonstrar que o estado clínico não era irracional e que tinha similaridades com poetas, artistas, profetas e fundadores de religiões. Ver: JUNG, Carl Gustav, **The Collect Works of C. G. Jung - Complete Digital Editions Volumes 1-19**, Princeton: Princeton University Press, 2014, p. 16.

446CAMPBELL, Editorial - We Must Study Psi, p. 69,70.

447"[…] the map is the terrritory." (Tradução nossa). CAMPBELL, Editorial - We Must Study Psi, p. 62.

448No original: "The bonds among human beings were so fragile that they could not withstand the shock of disaster unless that disaster was mitigated by the actions of kinds of elites who had always populated Science Fiction, and the modes of technology which they had always used. In Astounding especially, the development of nuclear weapons had not challenged the earlier belief in the metaphor of technological power. It actually reaffirmed it, elevating new sciences to the status

2.3 CONCLUSÃO

A Ficção Científica que discutimos no primeiro e no segundo capítulo é misantropa, elitista, recusa a mudança social e reforça a ideologia burguesa como universal[449]. A contradição aparece na medida em que a liberdade e a individualidade não são garantidas pelo processo democrático, mas sim por um governo militarizado.

A construção do projeto editorial de Campbell é um símbolo centralizado pelo interesse nos potenciais e nas possibilidades da energia atômica. Esse elemento estrutural tem ramificações e define o modelo de herói como um cientista e engenheiro que soluciona os problemas a partir dalgum tipo de invenção.

Heinlein e Asimov entram em contato com essa ramificação, mas a desenvolvem de modos diversos. O herói em Heinlein começa inscrito na modalidade inventiva, mas seu diferencial é a proeza militar. Cientistas e engenheiros são integrados pelas Forças Armadas e a realização máxima é o protagonista de *Starship Troopers* que domina os inimigos alienígenas, como também as ciências exatas.

Asimov encontra nos robôs a realização absoluta do potencial humano. A criação, desenvolvimento e superação da humanidade é o que confere aos robôs o seu diferencial. As Três Leis da Robótica, desenvolvidas em conjunto com Campbell, servem como uma linha mestra – uma ética absoluta. O robô supera o cientista e produz a sociedade perfeita.

A relação com a escrita da Ficção Científica oferece outra ramificação simbólica. Escrever Ficção Científica, para Campbell, foi uma opção que integrava a sua trajetória acadêmica com rendimentos extras. A posição de editor era um desdobramento disso, de modo que permitia perseguir outros interesses e tendências.

Asimov adentrou na escrita da Ficção Científica guiado por Campbell. A recusa nas publicações iniciais têm por base um diálogo e uma relação de tutoria.

---

previously occupied by nuclear physics in an attempt to limit the extent of a nuclear holocaust. Most of these alternative sciences were psychological in nature, but in dealing with the emotions as elements in social relationships Science Fiction writers did not change their approach to people or to technology. Science Fiction psychology was manipulative and social rather than personal and therapeutic and it was often incorporated into a highly autoritarian political setting. As in so many other aspects, Science Fiction was imitating the society at large and the science on which it was based." Tradução nossa. BERGER, Love, Death, and the Atomic Bomb: Sexuality and Community in Science Fiction, 1935-55, p. 287,288.

449BERGER, Theories of History and Social Order in "Astounding Science Fiction", 1934-55, p. 32.

Todavia, essa interação simbólica não é vertical. Asimov, na medida em que realiza o que Campbell buscava, leva a Ficção Científica para outros caminhos. O aspecto horizontal fica evidente, considerando a sua relação com os *Futurians*.

A guerra e as explosões atômicas atualizam os problemas da Ficção Científica. Campbell vinha caminhando dentro da questão atômica, ao ponto do evento da previsão. Todavia, não conseguir uma posição social e funcional para contribuir com a guerra demonstrou o quanto estava deslocado.

Em Heinlein, o que barra a história são grupos que tomam o poder e agem contra o ideal democrático. O que garante o avanço da história é o herói engenheiro, que através da invenção e da luta, restaura os valores que foram suprimidos.

Para Asimov, a história é um processo cíclico marcado por etapas de progresso e de regresso. O regresso é uma necessidade, cabendo ao herói engenheiro agir contra. Não há possibilidade de evitar a “era das trevas”, mas sua duração pode ser diminuída.

A guinada para a Dianética demonstra que todo o símbolo tem potencialidades (ou virtualidades) que podem se manifestar em momentos distintos. Com a invenção e a história resolvida, a técnica científica se realizou.

O horizonte psicológico é outro campo para ser explorado, pois, oferece possibilidades que estão fora do alcance da ciência atômica. A aplicação dos métodos da Dianética nas pessoas (e a sua ascensão como religião) demonstram que o potencial simbólico da Ficção Científica que não se restringe as revistas. Campbell, Asimov, Heinlein e Hubbard contribuíram, nos seus termos, para a popularização da Ficção Científica.

3 ALIENS NAS UNIVERSIDADES

Sairemos agora do universo das revistas que publicavam Ficção Científica para abordar a situação das universidades norte-americanas, buscando entender como estas se interessavam por aquelas.

Nas universidades britânicas, os estudos literários ingleses não eram considerados pelos classicistas como um tópico legítimo[450]. Um argumento recorrente, por parte daqueles que eram contrários ao estudo dessa literatura, é que não existiriam critérios objetivos para avaliar uma produção moderna[451]. O espaço desta só foi conquistado com força efetiva após a Segunda Guerra Mundial, mais uma vez por conta do interesse cada vez maior na ciência[452].

O crescimento dos estudos literários nos Estados Unidos correu em paralelo com a ideia da constituição duma literatura diferente daquilo que vinha sendo feito na Europa. Assim, os estudos literários são dinamizados pelo contato com a literatura americana modernista em emergência[453].

Somado a isso, houve a introdução dum novo modelo universitário que reconfigurou o sistema de ensino, a partir de 1876, com a criação dos programas de doutorado na John Hopkins University e que tinham como base a experiência de ensino superior germânica[454]. Como nação, os Estados Unidos se transformavam, e surgiu a demanda de construção de novas universidades no fim do XIX, bem e o aumento de público que as frequentava – algo proporcionado tanto pela expansão territorial quanto pela econômica.[455]

Neste vai e vem entre Inglaterra e Estados Unidos, configurou-se uma primeira polarização em torno da literatura e da história (e da relação entre essas), colocando dum lado os eruditos (*scholars*), envolvidos dalguma forma com o campo da história, e doutro os críticos.[456]

---

450 MARTIN, Wallace, Criticism and Academy, *in*: LITZ, A. Walton; MENAND, Louis; RAINEY, Lawrence (Orgs.), **Cambridge Hist. Lit. Crit. Vol. 7 - Mod. New Crit.**, Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 269–321.

451 SHIPPEY, Tom, Literary Gatekeepers and the Fabril Tradition, *in*: WESTFAHL, Gary; SLUSSER, George (Orgs.), **Sci. Fict. Canonization, Marginalization Acad.**, Westport: Greenwood Press, 2002, p. 07–24.

452 *Ibid*.

453 BARRISH, Phillip, **American Literary Realism, Critical Theory and Intellectual Prestige 1880-1995**, Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

454 GRAY, **A Brief History of American Literature**.

455 RUDOLPH, Frederick, **The American College and University: A History**, New York: Alfred A. Knopf, 1962.

Consolidando-se como a principal força teórica, a Nova Crítica oferecia uma abordagem que viria a modelar os estudos literários. O contato com as teorias estrangeiras, como o Formalismo Russo e depois o Estruturalismo, ofereceram um terreno fecundo para tensões e debates.

Nesse contexto apareceu a primeira crítica acadêmica de Ficção Científica, produzida por J. O. Bailey. Publicado em 1947, o texto era parte da sua tese de doutorado. A recepção desse trabalho ocorreu em 1948, com uma resenha de Willy Ley para a *Astounding*.

Considerando a trajetória de Ley e a crítica, um conjunto de elementos (simbólicos) revela os interesses e o que se esperava em torno da interação entre o campo acadêmico e o literário. A identificação destes tem uma relevância para a nossa interpretação ao correlacionar com o trabalho de Thomas D. Clareson.

Em 1953, três anos antes de concluir o seu doutorado, Clareson publicou um artigo na *Science Fiction Quarterly*. Neste era proposto uma análise histórica do gênero e considerava elementos que se cruzam com Bailey e com os apontamentos de Ley. Além do artigo, Clareson esteve envolvido com a criação do primeiro periódico dedicado exclusivamente ao estudo da Ficção Científica – o *Extrapolation*, em 1956; bem como a *Science Fiction Foundation*, em 1970.

Os trabalhos de Clareson ocorrem num momento em que as teorias francesas, como o Estruturalismo, por exemplo, ganhavam força nos Estados Unidos. O que nos permite compreender quais tendências projetavam-se para a década de 1970.

Em 1972, Darko Suvin publicou um artigo sobre a Ficção Científica propondo uma distinção da Fantasia e estabelecendo dois mecanismos de operação: analogia e extrapolação. Discutiremos esse trabalho, considerando que Suvin foi um dos editores responsáveis pela criação do *SFS* em 1973.

3.1 ALIENS ERUDITOS, ALIENS CRÍTICOS.

Os eruditos eram figuras como Thomas Wharton (1728–1790), Henry Hallam (1777–1859), Henry Morley (1822–1894), Leslie Stephen (1832–1904), William John Courthope (1842–1917), Hippolyte Adolphe Taine (1828–1893), Jean Jules Jusserand (1855–1932), Louis Cazamian (1877–1965), e Edwin Greenlaw (1874–

456GRAFF, Gerald, **Professing Literature - An Institutional History**, Chicago and London: The University of Chicago Press, 2007, p. 184.

1931). O que estes tinham em comum era tratar a literatura como um documento secundário para a história, sendo integralmente moldado por esta[457].

Já o segundo grupo, os críticos, era formado por sujeitos que estavam mais próximos duma visão coletiva na qual a literatura era uma arte[458] (e portanto, suficiente em si mesma), como Charles Augustin Sainte-Beuve (1804–1869), Edmund Gosse (1849–1928), Oliver Elton (1861–1945) e George Saintsbury (1845–1933). Essa oposição entre eruditos e críticos também pode ser compreendida em termos da oposição entre externalistas e internalistas.

O cenário começou a mudar com Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) e William Wordsworth (1770-1850)[459], que fizeram emergir uma percepção do poeta como a fonte e a base para a arte. Em Wordsworth[460] há uma ênfase em falar de objetos que fazem parte do quotidiano campestre, mas que estão sob o olhar familiar e deixam de ser percebidos. O poeta deve resgatar e fornecer uma desfamiliarização, tornando uma experiência quotidiana e natural como um contato sobrenatural.

> […] sua ênfase na "linguagem real" conectava o sentimento verdadeiro com um modo de expressão que estava disponível para todos. […] ele apresenta a sua poesia como um discurso de autenticidade — uma linguagem que coloca luz na realidade que estava oculta, ou em curto-circuito, pelo linguajar quotidiano.[461]

Coleridge, em *Biographia Literaria*[462] (Biografia Literária) de 1817, havia recolocado as questões estéticas da filosofia de Kant, Schiller e Schelling em termos mais próximos aos interesses ingleses[463]. Já Wordsworth[464], enfatizando a importância do jogo estético para a produção artística, partiu de Schiller para pensar em como a poesia poderia operar dentro duma polarização marcada pela oposição

---

457 *Ibid*., p. 187.

458 *Ibid*., p. 182.

459 CASTLE, Gregory, **The Blackwell Guide to Literary Theory**, Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 19.

460 WORDSWORTH, William, Preface to Lyrical Ballads, *in*: **Lyrical Ballads, With Pastoral and Other Poems. V1**, London: Biggs and Cottle, 1802.

461 No original: "[…] his promotion of 'real language' links true feeling with a mode of expression said to available to all. […] he presents his poetry as a discourse of authenticity – a language that brings to light a reality otherwise hidden, or even short-circuted, by the 'degenerate' chatter of the everyday." Tradução nossa. ALLEN, Stuart, **Wordsworth ans thé Passions of Critical Poetics**, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010, p. 64.

462 COLERIDGE, Samuel Taylor, **Biographia Literaria or Biographical Sketches of my literary life and opinions**, London: S. Curtis, 1817.

463 CASTLE, **The Blackwell Guide to Literary Theory**.

464 WORDSWORTH, Preface to Lyrical Ballads.

entre aquelas que eram reflexivas (como conteúdo) e aquelas espontâneas.[465] Assim, a poesia é expressão dos sentimentos do poeta em relação à natureza (que os desperta) e os percebe.[466]

A ascensão do criticismo no contexto britânico, foi marcada por Matthew Arnold (1822–1888), que defendeu uma diferença entre o papel do poeta e o do crítico. Num ensaio de 1865, com o título de *The Function of Criticism at the Present Time*[467] (A Função do Criticismo no Presente), Arnold recolocou o crítico como alguém que era fundamental para a literatura a partir da postura desinteressada.

> E como o crítico demonstra desinteresse? Mantendo-se distante do que é chamado de "a visão prática das coisas": seguindo resolutamente a lei da sua própria natureza, que é ser um jogo livre da mente sobre todos os assuntos que ela toca. Recusando-se firmemente a prestar-se a qualquer daquelas considerações ulteriores, políticas e práticas sobre as ideias, que muitas pessoas certamente se ligariam a elas, o que talvez devesse estar frequentemente ligado a elas [...]. O seu negócio é, como eu disse, simplesmente conhecer o melhor que é conhecido e pensado no mundo e, no que lhe concerne, tornar isso conhecido, criar uma corrente de ideias verdadeiras e novas. O seu negócio é fazer isso com honestidade inflexibilidade, com devida habilidade; mas seu negócio não é mais, e deixar sozinhos todas as perguntas que nunca deixarão de ter o devido destaque dado a elas[468].

A tarefa do crítico era positiva e se diferenciava do poeta[469]. O que o crítico fazia era criar ideias a partir da análise das obras, revelando o que os objetos eram e criando uma base para a imaginação poética[470]. O poeta, em seu turno, faz uso dessas novas ideias[471].

O argumento de Arnold[472] sustentava-se por uma base historiográfica que postulava a existência de duas épocas: uma de expansão, em que a cultura é rica com novas ideias que estão circulando, cabendo ao poeta fazer uso delas e

465CASTLE, **The Blackwell Guide to Literary Theory**, p. 17.
466WORDSWORTH, Preface to Lyrical Ballads.
467ARNOLD, Matthew, The Function of Criticism at the Present Time, *in*: **Essays in Criticism**, London & Cambridge: Macmillian and Co., 1865.
468No original: "And how is criticism to show disinterestedness? By keeping aloof from what is called "the practical view of things": by resolutely following the law of its own nature, which is to be a free play of the mind on all subjects which it touches. By steadily refusing to lend itself to any of those ulterior, political, practical considerations about ideas, which plenty of people will be sure to attach to them, which perhaps ought often to be attached to them […]. Its business is, as I have said, simply to know the best that is known and thought in the world, and by in its turn making this known, to create a current of true and fresh ideas. Its business is to do this with inflexibility honesty, with due ability; but its business is to o no more, and to leave alone all questions which will never fail to have due prominence given to them." Tradução nossa. *Ibid.*, p. 18,19.
469*Ibid.*, p. 16.
470*Ibid.*, p. 16,17.
471*Ibid.*, p. 17,18.
472*Ibid.*, p. 07.

converter em arte; e outra época de concentração, em que as ideias estão estagnadas e não há uma circulação.

Era na época da concentração que o crítico deveria recolocar as ideias em circulação a partir do seu trabalho[473]. Arnold trouxe a questão de que a literatura deveria servir como um guia moral e espiritual para a produção duma nova sociedade secular[474]. Essa ideia da educação como um fim civilizatório[475] seria atacada logo na sequência, com a emergência do modernismo que discordava de tal perspectiva.

T. S. Eliot (1888–1965) desenvolveu as ideias de Arnold em *Tradition and the Individual Talent*[476](*Tradição e o Talento Individual*), de 1917. O crítico recusou a ênfase no espontâneo e no novo para se focar em como o poeta é alguém que carrega o passado consigo e torna-o contemporâneo a partir da sua poesia.

Essa dependência ainda maior dum cânon do qual a poesia é embasada projeta uma imagem do poeta que não é um sujeito, mas algo que permite a fusão entre o passado e o contemporâneo[477]. A questão da emoção do poeta reapareceu em *Hamlet and His Problems*[478] (Hamlent e seus problemas), de 1919, em que Eliot argumentou que a fusão entre o contexto e o texto é dada a partir da emoção.

> O negócio do poeta não é encontrar novas emoções, mas usar as comuns e, ao transformá-las em poesia, expressar sentimentos que não estejam de fato em emoções reais. E as emoções que ele nunca experimentou servirão, assim como as que lhe são familiares[479].

Entre o criticismo e o historicismo, o positivismo oferecia uma ameaça para a poesia, uma vez que recusava que a ironia, metáfora, simbolismo, paradoxos e ambiguidades fossem dignos[480]. A Nova Crítica, quando surgiu nos Estados Unidos, reagiu a isso afirmando que a objetividade dum poema está associada a um

473*Ibid*., p. 17.
474CASTLE, **The Blackwell Guide to Literary Theory**, p. 19.
475*Ibid*., p. 20.
476ELIOT, T. S., Tradition and Individual Talent (1917), *in*: **Selected Essays**, London: Faber and Faber Limited, 1932, p. 13–22.
477*Ibid*., p. 17.
478ELIOT, T. S., Hamlet and His Problems (1941), *in*: **Selected Essays**, London: Faber and Faber Limited, 1932, p. 141–146.
479No original: “The business of the poet is not to find new emotions, but to use the ordinary ones and, in working them up into poetry, toe xpress feelings which are not in actual emotions at all. And emotions which he has never experienced will serve his turn as well as those familiar to him.” Tradução nossa. ELIOT, T. S., **The Sacred Wood: Essays on Poetry and Criticism**, London: Methuen & Co, Ltd., 1920, p. 52.
480HABIB, M. A. R., **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**, Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 470.

conjunto de leis que são formais: há um conteúdo que se desdobra numa estética que remete ao transcendental[481], temática esta que será desenvolvida a seguir.

I. A. Richards foi o ponto médio entre a Inglaterra e os EUA nesse amplo debate. Em *Science and Poetry*[482] (Ciência e Poesia), de 1926, Richards argumentou que os enunciados da poesia não deveriam ser medidos pela perspectiva da ciência. Já em 1930 com *Practical Criticism*[483](Criticismo Prático), esta ideia foi reorganizada e avançada, postulando que o campo da ciência diz respeito a crenças intelectuais, oriundas duma racionalidade e um ordenamento de ideias, enquanto a poesia lida com crenças emocionais, falando de sentimentos e sensações.

John Crowe Ransom (1888–1974) postulou em *Criticism as Pure Speculation* (Criticismo como Pura Especulação) que era necessário recusar as aproximações psicológicas sobre a literatura (emoções do poeta ou emoções do leitor)[484]. O foco deveria ser no objetivo, considerando o poema como portador dum núcleo lógico e passível de ser parafraseado[485].

Assim, o poema era tão coerente quanto qualquer enunciado científico[486]. Esta visão kantiana da poesia faz com que o poema, além de ser autônomo, habilite o crítico a assumir a posição de explicá-lo[487].

> Em suma, ele argumenta que a literatura e a crítica literária deveriam gozar de autonomia tanto ontologicamente quanto institucionalmente. Os seus argumentos foram freqüentemente abreviados numa caracterização da Nova Crítica, com foco no "próprio texto" ou "as palavras na página"[488].

W. K. Wimsatt e Monroe C. Beardsley em *The Intentional Fallacy*[489](A Falácia Intencional), de 1946 e depois em *The Affective Fallacy*[490] (A Falácia Afetiva) em 1949, argumentam pela necessidade de desconsiderar a intenção do autor, bem

---

481 *Ibid*., p. 563.
482 RICHARDS, I. A., **Science and Poetry**, Michigan: The University of Michigan Press, 1926.
483 RICHARDS, I. A., **Practical Criticism - A Study of Literary Judgment**, London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co, 1930.
484 RANSOM, John Crowe, Criticism as Pure Speculation, *in*: STAUFFER, Donald A. (Org.), **The Intention of the Critic**, Princeton: Princeton University Press, [s.d.].
485 HABIB, **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**, p. 622.
486 *Ibid*.
487 *Ibid*.
488 No original: "All in all, he argues that literature and literary criticism should enjoy autonomy both ontologically and institutionally. His arguments have often been abbreviated into a characterization of New Criticism as focusing on "the text itself" or "the words on the page". Tradução nossa. *Ibid*.
489 WIMSATT, W. K.; BEARDSLEY, Monroe, The Intentional Fallacy, **The Sewanee Review**, v. 54, n. 3, p. 468–488, 1946.
490 WIMSATT, W. K.; BEARDSLEY, Monroe, The Affective Fallacy, **The Sewanee Review**, v. 57, n. 1, p. 31–55, 1949.

como a resposta do leitor. O texto literário tem uma integridade poética e uma existência ontológica que é revelada pela análise. Esta proposta insiste na ideia do poema como algo público, que não pertence nem ao crítico, muito menos ao poeta.

> Rejeitando, então, todos os modelos de resposta do leitor ou teoria afetiva, sejam estes modelos históricos altamente ou intersubjetivos, [...] afirmam que a crítica não deve perder de vista os seus objetos especificamente literários de pesquisa, que não devem se tornar dependentes da história social ou de antropologia […][491].

Cleanth Brooks (1906-1994) em *The Well Wrought Urn*[492] (1947) sugeriu que não há um sumário para o poema, de modo que a sua existência é a junção entre a estrutura e o texto, que, no que lhe concerne, estão em constante tensão[493]. A ideia de estrutura que aparece em Brooks refere-se a uma noção de padrão – todos os sentidos possíveis do poema[494]. O que o poeta faz é balancear essas tensões, produzindo uma unidade que não é estática, tem concretude e é dinâmica[495].

> Primeiro, a Nova Crítica separa a crítica literária do estudo das fontes, origens sociais, história das idéias, política e efeitos sociais, buscando tanto purificar a crítica poética de tais preocupações “extrínsecas” quanto focalizar a atenção diretamente no “objeto literário” em si. Segundo, a Nova Crítica explora a estrutura de uma obra, não as mentes dos autores ou as reações dos leitores. Terceiro, a Nova Crítica defende uma teoria "orgânica" da literatura, em vez de uma concepção dualista de forma e matéria; concentra-se nas palavras do texto em relação ao contexto completo do trabalho: cada palavra contribui para um contexto único e deriva seu significado preciso de seu lugar no contexto poético. Quarto, a Nova Crítica pratica a leitura atenta de trabalhos individuais, atendendo escrupulosamente a nuances de palavras, figuras retóricas e nuances de significado, à medida que tenta especificar a unidade contextual e o significado do trabalho em questão. Quinto, a Nova Crítica distingue a literatura da religião e da moralidade principalmente porque muitos dos seus adeptos têm visões religiosas definidas e não buscam substitutos para religião, moralidade ou literatura[496].

---

491 No original: “Rejecting, then, all models of reader-response or affective theory, whether these be highly or intersubjective historical models, […] affirm that criticism should not lose sight of its specifically literary objects of inquiry, that is should not become dependent on social history or of anthropology […].” Tradução nossa. HABIB, **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**, p. 626.

492 BROOKS, Cleanth, **The Well Wrought Urn - Studies in the Structure of Poetry**, London: Harvest Books, 1947.

493 BERTENS, Hans, **Literary Theory: The Basics**, London: Routledge, 2001, p. 21.

494 *Ibid*., p. 22.

495 *Ibid*., p. 23.

496 No original: “First, New Criticism separates literary criticism from the study of sources, social backgrounds, history of ideas, politics, and social effects, seeking both to purify poetic criticism from such “extrinsic” concerns and to focus attention squarely on the “literary object” itself. Second, New Criticism explores the structure of a work, not the minds of the authors or the reactions of readers. Third, New Criticism champions an “organic” theory of literature rather than a dualistic conception of form and matter; it focuses on the words of the text in relation to the full

Convém lembrar que a principal consolidação da Nova Crítica foi didática, a partir do trabalho de Brooks e de Roberts Penn Warren, editando vários manuais como *Understanding Poetry: An Anthology for College Students*[497] (Compreendendo a Poesia: Uma Antologia para Estudantes Universitários) de 1938 e *Understanding Fiction*[498](Compreendendo a Ficção) de 1959, que levaram a teoria para as salas de aula e garantiram sua longevidade.

Assim, mesmo que nas décadas seguintes a vinda das teorias francesas (Estruturalismo e Pós-Estruturalismo) tenha colonizado o imaginário intelectual norte-americano, a metodologia da Nova Crítica continuava existindo[499].

A Nova Crítica construiu a sua posição num momento de emergência dos departamentos de Inglês e da produção do crítico acadêmico como um profissional do saber[500]. Esse domínio da técnica recusava o modelo tradicional e lidava com literaturas dos mais variados períodos. Além disso, após o conflito na Europa grande parte dos argumentos contra o estudo da literatura moderna já tinham desaparecido[501].

Na medida em que pautava por uma análise do texto em si, a Nova Crítica fortalecia uma posição da literatura como independente em relação às outras áreas. Além de tomar para si como objeto de análise a literatura que era considerada como tradicional e canônica, a Nova Crítica também se abria para a literatura norte-americana moderna que estava emergindo desde o começo do século XX.

3.2 OS PEREGRINOS

---

context of the work: each word contributes to a unique context and derives its precise meaning from its place in the poetics context. Fourth, New Criticism practices close reading of individual works, attending scrupulously to nuances of words, rhetorical figures, and shades of meaning as it attempts to specify the contextual unity and meaning of the work in hand. Fifth, New Criticism distinguishes literature from both religion and morality mainly because many of its adherents have definite religious views and seek no substitutes for religion, morality or literature." Tradução nossa. LEITCH, Vincent B., **American Literary Criticism from the Thirties to the Eighties**, New York: Columbia University Press, 1988, p. 26,27.

497 BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert P., **Understanding Poetry - An Anthology for College Students**, New York: Henry Holt and Company, 1938.

498 BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert P., **Understanding Fiction**, New Jersey: Prentice-Hall Inc., 1959.

499 CASTLE, **The Blackwell Guide to Literary Theory**.

500 GRAFF, **Professing Literature - An Institutional History**, p. 196.

501 *Ibid*., p. 206.

James Osler Bailey (1903-1979), em 1942, publicou na *American Literature*, um artigo[502] sobre a obra *Symzonia: A Voyage of Discover*y (Symzonia: Uma Viagem de Descoberta), de 1820[503]. Esta se tratava duma expedição protagonizada pelo Cap. Seaborn, que almejava encontrar o centro da Terra.

A teoria científica presente nesta empreitada ficcional é a da Terra Oca[504], que no século XIX era defendida por John Cleves Symmes, Jr (1780-1829). Em 1818, Symmes afirmou que a parte interna do planeta era composta por esferas concêntricas e passíveis de serem acessadas a partir dos polos.

Posteriormente, a proposta da Terra Oca receberia um estatuto científico semelhante àquele da Dianética: pseudociência. Isso parece indicar que a Ficção Científica opera numa fronteira muito tênue entre ciências e ciências “outras”. Symzonia, no entender de Bailey havia sido autorada por Symmes, de modo que a literatura era usada para divulgar uma ideia de cunho científico.

Em 1947, Bailey desenvolveu este argumento, que serviu como base para a constituição daquilo que é tomado como a primeira crítica[505] de Ficção Científica produzida por um acadêmico: *Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction*[506] (*P*eregrinos Através do Espaço e do Tempo: Tendências e Padrões na Ficção Científica e Utópica).

O texto de Bailey era fruto da sua trajetória acadêmica, construída majoritariamente dentro da Universidade da Carolina do Norte. Nesta instituição, Bailey obteve o seu bacharel em 1924, e, em 1927, defendeu uma dissertação de mestrado focada em H.G. Wells.

Completou o doutorado na sequência, em 1934, com uma tese que estendia as questões de Wells em vista da literatura inglesa do período Vitoriano. Bailey trabalhou como professor no Colégio Wofford, em Spartanburg, South Carolina, e posteriormente passou a integrar o Departamento de Inglês da Universidade da Carolina do Norte.[507]

502BAILEY, James Osler, An Early American Utopian Fiction, **Am. Lit.**, v. 14, n. 3, p. 285–293, 1942.

503SYMMES, John Cleves, **Symzonia: A Voyage of Discovery**, South Australia: University of Adelaide, 1820.

504Hollow Earth.

505NICHOLLS, Peter; LANGFORD, David, Critical and Historical Works About SF, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

506BAILEY, James Osler, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**, New York: Argus Books, 1947.

507NICHOLLS, Peter; ROBERTS, Adam, Bailey, J. O., *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

A importância efetiva deste texto viria a ser reconhecida pela SFRA em 1970, com a criação e organização dum prêmio anual que elegeria uma obra crítica sobre Ficção Científica como importante e fundamental para o campo de estudos. A obra de Bailey não apenas recebeu o prêmio, como também conferiu a este seu nome: *Pilgrim Award*.

Em 1948, *Pilgrims* foi resenhado por Willy Otto Oskar Ley (1906-1969), na *Astounding Science Fiction*[508]. Digno de nota que essa avaliação da obra de Bailey tem um teor (ou um sabor) acadêmico importante, e, no nosso entender, configurou um aspecto constitutivo do que estava envolvido dentro da prática de legitimação do campo. Isto porque a resenha é um momento de encontro entre uma produção oriunda do cenário acadêmico e a opinião de alguém que estava envolvido nas revistas de Ficção Científica.

Ponto de tensão e conflito, a trajetória de Ley corrobora para apresentar outro caminho possível para a construção do pertencimento ao campo. Oriundo da Alemanha, Ley estudou diferentes ciências na *Friedrich-Wilhelms-Universität*, atualmente *Humboldt-Universität zu Berlin*. Os seus tópicos de interesse variavam da Paleontologia e Zoologia até a Física e Astronomia. Marcado por uma postura autodidata, Ley tinha uma visão neo-Humboldtiana, que almejava a ciência como uma totalidade[509].

O desenvolvimento dos foguetes e a proposta de exploração espacial não passaram despercebidos para o jovem Ley. Participando de associações e produzindo vários textos que almejavam a divulgação científica, o entusiasta foi contratado por Fritz Lang para ser um assessor técnico das representações científicas de um filme que estava sendo produzido pelo diretor: *Die Frau im Mond*[510] (1929).

Após a tomada de poder pelos nazistas, a situação de Ley mudou e ele optou por fugir da Alemanha. Em 1935, chegou a Londres e de lá seguiu para os EUA. Seu conhecimento científico foi empregado pelo estado norte-americano e, em 1936, assumiu a supervisão dum projeto que almejava distribuir correspondências usando foguetes[511].

508 LEY, Willy, Book Review, **Astounding Science Fiction**, v. 41, n. 1, p. 153–156, 1948.

509 BUSS, Jared S., **Willy Ley - Prophet of Space Age**, Gainesville: University Press of Florida, 2017, p. 26.

510 Lançado no Brasil como *A Mulher na Lua*.

511 NICHOLLS, Peter, Ley, Willy, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

Quatro anos antes de resenhar o texto de Bailey, em 1944, Ley publicou *Rockets – The Future of Travel Beyond the Stratosphere*[512] (Foguetes - o futuro da viagem além da estratosfera), em que tratava do funcionamento dos foguetes, e de perspectivas de exploração espacial. Assim, o encontro de Ley com Bailey não foi apenas entre o cenário acadêmico e o público especializado, mas entre duas pessoas que, apesar de ocuparem áreas distintas na sociedade, estavam de algum modo envolvidas com ciência.

Ley foi detalhista na sua análise[513] de Pilgrim[514], atentando para demarcar qual era a importância material e intelectual daquele trabalho, bem como a sua editora de origem, Argus Book, que fazia a sua estreia. Outro ponto enfatizado é a trajetória de Bailey e como o livro era composto por um conjunto de recortes do seu mestrado, e depois do doutorado.

Para Ley, que esteve desde cedo envolvido com divulgação científica, isso era altamente problemático por dois motivos. O primeiro era que a proposta de Bailey estava restrita a poucos autores, como Wells, Poe, Stapledon e Verne. E, o segundo, era a ausência de estilo na escrita, ao ponto do resenhista tecer um comentário ácido: “Dr. Bailey parece ser um exemplo categórico dum Doutor de Literatura desprovido de qualquer senso de humor[515]”.

Para além da atenção com o lugar que a obra de Bailey vinha a ocupar no campo dos *English Studies,* a sua forma de escrita e a trajetória do autor, Ley[516] também discutiu a proposta de interpretação e a questão de Symzonia.[517] A teoria da Terra Oca não era uma proposta original, mas algo que já havia sido discutido por Edmund Halley (1656–1742)[518] e que, no entender do resenhista, Bailey parecia desconhecer.

Outra ausência, ao entender de Ley[519], materializou-se noutros autores que poderiam ser utilizados para se pensar na origem da Ficção Científica, tais como

---

512LEY, Willy, **The Future of Travel Beyond the Stratosphere**, New York: The Viking Press, 1944.
513LEY, Book Review.
514BAILEY, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**.
515No original: “Dr. Bailey seems to be an outstanding example of a Doctor of Literature minus any sense of humor.” LEY, Book Review, p. 154. Tradução nossa.
516LEY, Book Review.
517BAILEY, An Early American Utopian Fiction.
518HALLEY, Edmund, An Account of the cause of the change of the variation of the magnetic needle; with an hypothesis of the structure of the internal parts of the earth, **The Philosophical Transactions of the Royal Society of London**, v. 16, n. 179–191, p. 470–476, 1692.
519LEY, Book Review.

Alexey Tolstoi (1883–1945)[520], Kurd Lasswitz (1848–1910), Hans Dominick (1872–1945). E, conforme vimos, o resenhista tinha participado na produção dum filme de Ficção Científica, e esse tipo de mídia também foi ignorado por Bailey. Mas as ausências em termos históricos revelam um segundo conjunto identificado por Ley.

Isto é, autores contemporâneos, como Asimov, Campbell, de Camp, Heinlein, entre outros. Tal agrupamento pode ser percebido, em linhas gerais, como o núcleo de pessoas que estavam envolvidas com a Ficção Científica norte-americana do período, e no entender do resenhista, tinham óbvia importância.

Ley[521] também não ficou satisfeito com a maneira pela qual os autores que são citados por Bailey, como Burroughs e Otis Adalbert Klin, são utilizados. As histórias escolhidas destes, em nenhum dos casos, parece representar em termos individuais o que de melhor estes haviam feito.

O que podemos perceber, a partir da proposta de Bailey[522] e da recepção/reação de Ley[523], é que o contato entre o campo acadêmico e a Ficção Científica, que na época circulava nas revistas, não pode ser pensado em vista duma posição horizontal. Não há, dum lado, o sujeito acadêmico que é dotado do saber e, do outro, um receptor amorfo e passivo.

Pelo contrário, é o choque entre dois sujeitos que detêm trajetórias acadêmicas e que ocupam posições específicas. Bailey detinha a posição dum doutor em Letras e, posteriormente, de professor universitário. Já Ley era um cientista com interesses variados, que era reconhecido como propagador das ciências, mas também como escritor de Ficção Científica. Ser o resenhista na *Astounding Science Fiction* implicava que a figura chefe, o editor Campbell, concordava (ou ao menos era favorável) às opiniões de Ley.

As críticas presentes na resenha de Ley[524] exclamam para uma tipologia que pode ser instrutiva para a compreensão do processo de legitimação. O que ganhava contorno era uma definição da Ficção Científica. Essa não era estável e dada de antemão, mas construída a partir dos autores que o crítico utilizaria para traçar a historicidade do gênero, bem como a sua circulação coetânea. Produzir uma história

---

520A obra de Tolstoi chegaria ao cinema soviético com *Aelita* em 1924, com direção de Yakov Protazanov.
521LEY, Book Review.
522BAILEY, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**.
523LEY, Book Review.
524*Ibid*.

que valida tais autores e recusa outros, era o núcleo da legitimação. E na medida em que isso era feito, também se colocava em questão como interpretar e divulgar tal material.

No que se refere à interpretação, isto aparece em Ley na medida em que as omissões de Bailey são apresentadas, como também quais autores e histórias são escolhidos e as implicações de tal prática. Já a divulgação, e esse nos parece ser um interesse que reflete principalmente na trajetória de Ley, está na produção dum estilo que fosse capaz de circular para o público geral e não apenas no setor acadêmico.

O Formalismo Russo entrou nos Estados Unidos pelo *Theory of Literature* (Teoria da Literatura) de Wellek e Warren em 1949, bem como pelo *Russian Formalism* de Victor Erlich, publicado em 1955[525]. O ponto em comum era "uma crítica orientada para a linguagem, centrada no exame minucioso das construções verbais autônomas, concebida como padrões altamente estruturados e uniformes de linguagem poética milagrosa"[526].

No começo da década de 1950, a Escola de Chicago despontou. A proposta era "determinar a lógica intrínseca da construção duma obra[527]"[528], de modo que o foco era "apreender e explicar os arranjos, proporções e interconexões das partes dum texto para realizar a sua estrutura formal geral[529]". Todavia, a influência desse grupo foi eclipsada pela Nova Crítica[530].

Thomas Dean Clareson (1926-1993), professor do Colégio de Wooster, de Ohio nos EUA, que protagonizou, em 1970, a fundação da *Science Fiction Research Association* (SFRA) e permaneceu como presidente até 1976. Nascido em Austin, Minnesota, Clareson fez a sua graduação na University of Minnesota, o mestrado na Indiana University, em 1949, e o doutorado na University of Pennsylvania, em 1956[531].

525LEITCH, **American Literary Criticism from the Thirties to the Eighties**, p. 53.
526*Ibid*.
527No original: "determine the intrinsic rationale of a work's construction"
528LEITCH, **American Literary Criticism from the Thirties to the Eighties**, p. 69.
529No original: "apprehend and explain the arrangements, proportions, and interconnections of the parts of a text in order to realize its overall formal structure". *Ibid*.
530HABIB, **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**, p. 626.
531HOWE, Marvine, T.D. Clareson, 66, A Leading Scholar on Science Fiction, **The New York Times**, p. D000118, 1993.

Três anos antes, em 1953, Clareson publicou na *Science Fiction Quarterly* um texto sobre a historicidade da Ficção Científica[532]. E em 1959, criou um periódico dedicado a divulgar resenhas das obras do gênero. Intitulada *Extrapolation: An Annotated Checklist of American Science-Fiction 1880-1915*[533], a sua sede era o próprio espaço do editor na universidade: o Departamento de Inglês do Colégio de Wooster.

Convém notar que Clareson não estava trabalhando sozinho. O editorial da *Extrapolation* de 1959, *From the Launching Pad*[534] (Da Plataforma de Lançamento), foi assinado junto com Edward S. Lauterbach[535], da Universidade Purdue. A dupla havia organizado[536], em 1958, o primeiro painel de Ficção Científica na conferência anual da *Modern Language Association of America*[537].

Apesar de a ETP ser concebida e estruturada por dois professores doutores, a sua circulação nos anos iniciais era mínima, tanto como tiragem quanto de divulgação. Não havia subsídios para a produção, que era feita de modo artesanal. O periódico não tratava de artigos ou ensaios, apenas de breves resenhas, menções e o seu foco estava naqueles que tivessem alguma relação com as conferências da MLA e interessados por Ficção Científica[538].

Se, em 1948, Ley[539] rechaçava a obra de Bailey[540], convém questionar como houve um movimento de transformação para que em 1970 a obra tivesse um estatuto diferente, ao mesmo em tempo em que recebia e se transformava no prêmio de reconhecimento crítico em torno da legitimação do estudo da Ficção Científica. O artigo[541] de Clareson anteriormente mencionado, aquele que havia sido publicado em 1953 na *Science Fiction Quarterly*, parece ser um marcador das mudanças.

532CLARESON, Thomas D., The Evolution of Science Fiction, **Science Fiction Quarterly**, v. 2, n. 4, p. 85–108, 1953.

533LAUTERBACH, Edward S.; CLARESON, Thomas D., From the Lauching Pad, **Extrapolation**, v. 1, n. 1, p. 1, 1959.

534*Ibid*.

535Por hora carecemos de informações sobre a trajetória intelectual de Lauterbach.

536YASZEK, Lisa, Cultural History, *in*: BOULD, Mark *et al* (Orgs.), **The Routledge Companion to Science Fiction**, London & New York: Routledge, 2009, p. 198.

537A **Modern Language Association of America** foi fundada em 1883, por Aaron Marshall Elliott (1844-1910), sendo uma associação com reconhecimento internacional e agregando professores e pesquisadores universitários.

538LAUTERBACH; CLARESON, From the Lauching Pad.

539LEY, Book Review.

540BAILEY, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**.

541CLARESON, The Evolution of Science Fiction.

The Evolution of Science Fiction[542] (A Evolução da Ficção Científica*)* é um texto surpreendente em diversos aspectos. Escrito num teor didático e, ao mesmo tempo, refinado, a partir do uso e discussão de referências literárias e teóricas, a aposta de Clareson foi perceber que a Ficção Científica era definida até então por critérios subjetivos, feitos por pessoas que o autor chamou de “entusiastas”.

Assim, a partir de preferências pessoais, algumas histórias eram valorizadas no lugar doutras. Essa relatividade desconsiderava que tal literatura fazia uso de formas epistêmicas da sua época e que estas adquiriram caráter obsoleto com o passar do tempo. A tipologia proposta por Clareson[543] almejava construir uma percepção sobre a história da Ficção Científica em vista de quatro grandes grupos.

O primeiro grupo era formado por aquilo que veio antes do século XIX e era base para a posterioridade. O segundo era datado do começo do XIX, principalmente com o retorno do Romantismo e a maneira como diferentes autores se apropriaram de propostas científicas nas suas histórias. O terceiro abrangeria o fim do XIX e o começo do XX, no qual o desenvolvimento das ciências da geologia, psicologia, biologia, arqueologia, física e química, tornaram possível uma produção que seguiu até o começo da década de 1940.

Por fim, o quarto grupo seria o período contemporâneo ao momento em que Clareson escreveu, no qual ele reconheceu que cada vez mais questões de cunho sociológico e psicológico eram utilizadas para pensar a relação entre homem, ciência e sociedade[544].

O argumento de Clareson ganhou forma a partir de referências ao conhecimento científico e como este impactava as obras de literatura que o circundavam[545]. A reação da literatura não era pensada apenas em vista duma escolha superficial de autores e histórias — tal como Ley[546] tinha acusado Bailey[547] de fazer.

Clareson optou por usar referências acadêmicas tais quais James Gunn (1923-), e Dorothy Scarborough (1878–1935). A última, estudou na Universidade de Oxford e na Universidade de Chicago e obteve o seu doutorado pela Universidade

542*Ibid*.
543*Ibid*.
544*Ibid*.
545*Ibid*.
546LEY, Book Review.
547BAILEY, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**.

de Columbia, com *The Supernatural in Modern English Fiction*[548] (O Supernatural na Ficção Inglesa Moderna). É a este trabalho que Clareson retorna no seu texto.

Revalidando os critérios de Ley[549] para arguir contra Bailey[550], percebemos que Clareson estabeleceu uma estratégia retórica sólida, que combinou erudição acadêmica e estilo de divulgação científica, afinal o texto seria publicado numa revista de histórias de Ficção Científica e não num periódico científico.

Clareson circulou entre as teorias científicas e a literatura com uma fluidez tamanha, o que contribuiu para a construção do seu principal argumento. A Ficção Científica enquanto uma arte original que, a partir do contato com o conhecimento sociológico e antropológico, deixou de ser uma literatura orientada para as plots[551], e passou a mirar nos personagens[552]. A Ficção Científica era tanto uma forma de análise e interpretação do mundo quanto um espaço para especular sobre o seu futuro[553].

DESEMBARQUE ALIENÍGENA

Na década de 1960, um escritor britânico visitou a Universidade de Princeton e ministrou algumas aulas sobre a escrita da Ficção Científica. Tratava-se de Sir Kingsley William Amis (1922–1995), que na época já havia alcançado sucesso por conta de obras como *Lucky Jim* (1954), *That Uncertain Feeling* (1955) e *Take a Girl Like You* (1960). Leitor de Ficção Científica desde jovem, foi a partir da década de 1960 que Amis passou a tratar de temas cada vez mais próximos ao gênero, como em *The Anti-Death League* (1966), *The Green Man* (1969) e *The Alteration* (1976).

Essas aulas foram publicadas em New Maps of Hell: A Survey of Science Fiction[554](Novos Mapas do Inferno: Uma Pesquisa de Ficção Científica) em 1960, e, em linhas gerais, eram um apanhado de resenhas sobre diferentes autores feitas por Amis. Mas, além disso, algo havia mudado — Amis não era alguém da academia discutindo dentro duma revista, mas um escritor adentrando no espaço universitário.

548SCARBOROUGH, Dorothy, **The Supernatural in Modern English Fiction**, New York: G. P. Putnam's Sons, 1917.

549LEY, Book Review.

550BAILEY, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**.

551O alvo aqui é principalmente Asimov.

552CLARESON, The Evolution of Science Fiction, p. 97.

553*Ibid.*, p. 98.

554AMIS, Kingsley, **New Maps of Hell: A Survey of Science Fiction,** New York: Harcourt Brace & Company, 1960.

Podemos inscrever Amis dentro dum movimento de migração intelectual da Europa para os Estados Unidos. Três momentos configuram essa transição: exílio por conta da guerra (1940–1945); situação imediata ao pós-guerra (1945-); e a conferência de 1966 na John Hopkins University[555].

Em relação aos dois momentos iniciais, o núcleo era composto por figuras como Theodor Adorno, Ernst Bloch, Davi Le Breton, Ernst Cassirer, Claude Lévi-Strauss, André Masson, Henri Matisse, entre outros. A chegada de intelectuais europeus nos Estados Unidos foi parte disso e corroborou para a consolidação duma febre e empolgação por teorias francesas nas universidades. Apesar da maioria destes autores não estarem inscritos dentro do pensamento estruturalista, que abordaremos logo na sequência, consideramos que tais presenças apontam para um largo processo de constituição intelectual acadêmica.

Jean-Paul Sartre (1905–1980) foi um dos primeiros filósofos franceses que consolidou uma presença intelectual nos Estados Unidos. A sua principal obra, *L'Être et le néant*[556](O Ser e o Nada) de 1943 com o núcleo básico de sua teoria da consciência, foi traduzida para o inglês em 1956.

Ali, Sartre pautou por uma consciência que, esvaziada de conteúdo, estabelecia relações com a alteridade a partir de escolhas que recorriam numa expansão da ideia de responsabilidade. Em 1962 foi criada a *Society for Phenomenology and Existencial Philosophy* (Sociedade de Fenomenologia e Filosofia Existencial*)*, um marco na inclusão da filosofia continental nos EUA[557].

O existencialismo passou a disputar espaço com o destaque que o estruturalismo ganhou a partir dos trabalhos de Claude Lévi-Strauss e de Jacques Lacan. Durante o seu exílio nos EUA, Lévi-Strauss teve contato com Roman Jakobson (1896–1982) e com Franz Boas. A confluência entre as duas perspectivas, bem como as teses da Escola Sociológica Francesa de Durkheim, ganharam uma nova forma.

Jakobson, em 1956, argumentou que a linguagem tinha uma estrutura com duas extremidades: a metáfora e a metonímia[558]. A oscilação entre um polo e outro

555CUSSET, François, **French Theory - How Foucault, Derrida, Deleuze, & Co. Transformed the Intellectual Life of the United States**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003, p. 10–15.

556SARTRE, Jean-Paul, **L'Être et le néant: Essai d'ontologie phénoménologique**, Paris: Gallimard, 1943.

557DOSSE, François, **History of Structuralism V.1 - The Rising Sign, 1945-1966**, Minneapolis & London: University of Minnesota Press, 1997, p. 25.

558HABIB, **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**, p. 620.

está presente em qualquer construção simbólica[559]. Todavia, a poesia é mais próxima da metáfora, enquanto a prosa é dominada pela metonímia[560].

> A publicação da monumental *Anatomy of Criticism* (*Anatomia do Criticismo*), de Northrop Frye, em 1957, sinalizou para muitos críticos e estudiosos a fruição da crítica ao mito e o fim do domínio incontestado da Nova Crítica[561].

O crítico canadense Northrop Frye (1912–1991) usou as teorias de Carl G. Jung para discutir elementos recorrentes nas estruturas narrativas[562]. Com isso, o mito assumiu uma função narrativa que podia oscilar entre a analogia e a metáfora[563]. Frye correlacionou modalidades literárias e históricas[564].

> Os quatro mythoi constituíram aspectos ou episódios dum mito de busca unificador central. Noutras palavras, todos os gêneros literários são derivados do mito da busca. Tal derivação era mais lógica ou mais teórica que histórica. O que Frye fez aqui foi elevar o romance e a sua busca pelo status de "arquétipo" superior ou controlador. O trabalho total da literatura contava sobre a passagem da luta através da confusão, da catástrofe e da morte ritual para o reconhecimento e o renascimento. Esse movimento de mythoi para monomito promulgou uma mudança de crítica arquetípica para anagógica[565].

O mito pertence ao período clássico. O romance ao medievo. Mimética alta ao Renascimento. Mimética baixa aos séculos XVIII e XIX. E ironia ao século XX.[566] Há etapas que sustentam essas tradições: descritiva[567], formal[568], mítica[569] e

---

559*Ibid*.
560*Ibid*., p. 633.
561No original: “The publication of Northrop Frye’s monumental Anatomy of Criticism in 1957 signaled for many critics and scholars both the fruition of myth criticism and the end of the uncontested dominance of New Criticism.” Tradução nossa. LEITCH, **American Literary Criticism from the Thirties to the Eighties**, p. 135.
562FRYE, Northrop, **Anatomy of Criticism - Four Essays**, Princeton, Oxford: Princeton University Press, 1957.
563*Ibid*., p. 124,125.
564*Ibid*., p. 139, 140.
565No original: “The four mythoi constituted aspects or episodes of a central unifying quest-myth. In other words, all literary genres derived from the quest-myth. Such derivation was more logical or more theoretical than historical. What Frye did here was to elevate romance and its quest to the status of superior or controlling “archetype”. The total work of literature told of the passage from struggle through confusion, catastrophe, and ritual death to recognition and rebirth. This movement from mythoi to monomyth enacted a shift from properly archetypal to anagogic criticism.” Tradução nossa. LEITCH, **American Literary Criticism from the Thirties to the Eighties**, p. 140.
566FRYE, **Anatomy of Criticism - Four Essays**.
567*Ibid*., p. 74.
568*Ibid*., p. 83,84.
569*Ibid*., p. 95.

analógica[570]. Por fim, Frye recolocou a literatura como dividida entre as categorias de épico[571], drama[572], lírico[573] e ficção[574].

> Dada a recorrência de motivos simbólicos básicos, a história literária é um ciclo repetitivo e autocontido. Portanto, os elementos históricos que ostensivamente informam o formalismo de Frye são efetivamente revogados, sendo a literatura vista como uma construção atemporal, estática e autônoma. O modelo estático de Frye, exibindo padrões recorrentes, é uma característica compartilhada pelas visões estruturais da linguagem e da literatura[575].

Para Lévi-Strauss[576], o fenômeno cultural era de natureza inconsciente e a sua compreensão era possível a partir de leis que provinham da linguística. O sistema de parentesco não era um dado natural, mas um "sistema arbitrário de representações[577]", na forma de símbolos, que poderiam ser compreendidos e manipulados pelo antropólogo[578].

> Uma importante afirmação de Lévi-Strauss foi que o seu método elimina a problemática busca duma versão verdadeira ou anterior dum mito. Ele definiu o mito como consistindo em todas as suas versões. […] Mesmo quando as variantes exibem diferenças, elas podem ser correlacionadas. Portanto, não existe uma única versão verdadeira da qual todas as outras sejam apenas cópias ou distorções. Toda a versão pertence ao mito. Um mito exibe uma estrutura programada, que vem para a superfície através da repetição. O mito cresce em espiral até que o impulso intelectual por trás dele se esgote. O seu crescimento é um processo contínuo, enquanto a sua estrutura permanece descontínua[579].

570*Ibid*., p. 115.
571*Ibid*., p. 250.
572*Ibid*., p. 269.
573*Ibid*., p. 275.
574*Ibid*., p. 303.
575No original: "Given the recurrence of basic symbolic motifs, literary history is a repetitive and self-contained cycle. Hence the historical elements ostensibly informing Frye's formalism is effectively abrogated, literature being viewed as a timeless, static, and autonomous construct. Frye's static model, exhibiting recurrent patterns, is a feature shared by structuralist views of language and literature.". Tradução nossa. HABIB, **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**, p. 224.
576LÉVI-STRAUSS, Claude, A análise estrutural em linguística e antropologia, *in*: **Antropol. Estrutural**, São Paulo: Cosac-Naify, 2012, p. 57–86; LÉVI-STRAUSS, Claude, Linguagem e Sociedade, *in*: **Antropol. Estrutural**, São Paulo: Cosac-Naify, 2012, p. 103–122.
577LÉVI-STRAUSS, A análise estrutural em linguística e antropologia, p. 85.
578*Ibid*., p. 86.
579No original: "An important claim of Lévi-Strauss was that his method eliminates the problematic quest for a true or earlier version of a myth. He defined the myth as consisting of all of its versions. […] Even when variants exhibit differences, the latter can themselves be correlated. Hence there is no single true version of which all the others are but copies or distortions. Every version belongs to the myth. A myth displays a slated structure, which comes to the surface through repetition. Myth grows spiral-wise until the intellectual impulse behind it is exhausted. Its growth is a continuous process whereas its structure remains discontinuous". Tradução nossa. HABIB, **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**, p. 632.

Para Jacques Lacan (1901–1981), informado por uma releitura das teorias de Freud a partir de Saussure, a linguagem era responsável por construir a sexualidade e a subjetividade[580]. A sua proposta recusava a ideia duma natureza humana e construía o sujeito a partir da ordem simbólica inconsciente — o discurso do Outro[581].

A implicação mais importante desse *insight* foi que as operações inconscientes eram fundamentalmente linguísticas e que se poderia dizer que a linguagem penetrava até as bases da existência humana. Ele também postulou ordens de experiência humana, que ele descreveu como o Simbólico (lei e linguagem), o Imaginário (fantasia) e o Real (existência material não mediada)[582].[583]

Isso significa que "o sujeito é aquele que fala ao Outro[584]", produzindo a subjetividade como uma relação. Como pontuou Jacques-Alain Miller, "o inconsciente não tem profundidade, não é uma interioridade[585]", sendo o Outro "efetivamente a nossa exterioridade, a exterioridade em relação a todo sujeito".[586]

Jacques Derrida (1930–2004), no seu turno, disparou contra o estruturalismo, demonstrando como esse era portador dum discurso "logocêntrico", uma prática recorrente na qual se estabelecia a polarização entre dois elementos e um deles era privilegiado em detrimento do outro.

> É porque o Logos une as ordens da linguagem e da realidade que a relação entre significante (palavra) e significado (conceito) [...] é estável e fixa; assim também é a relação b, a conexão entre o signo como um todo e o objeto ao qual ele se refere no mundo[587].

580LACAN, Jacques, **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

581LACAN, Jacques, **Seminário, Livro 7: A Ética da Psicanálise, 1959-1960.**, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

582No original: "The most important implication of this insight was that unconscious operations were fundamentally linguistic and that language could be said to penetrate to the very basis of human existence. He also posited orders of human experience, which he described as the Symbolic (law and language), the Imaginary (fantasy), and the Real (unmediated material existence)." Tradução nossa.

583CASTLE, **The Blackwell Guide to Literary Theory**, p. 46.

584LACAN, Jacques, **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**, Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 104.

585MILLER, Jacques-Alain, **Matemas I**, Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 74.

586*Ibid*., p. 79.

587No original: "It is because the Logos holds together the orders of language and reality that the relation between signifier (word) and signified (concept) […] is stable and fixed; so too is relation b, the connection between the sign as a whole and the object to which it refers in the world." Tradução nossa.HABIB, **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**, p. 651.

Em *De la Grammatologie*[588] (1967), Derrida demonstrou como a ideia de signo usada por Saussure ganhava sentido a partir duma oposição que produzia uma diferença, neutralizada. Derrida entendeu que "a exterioridade do significante é a exterioridade da escritura em gera*l* [589]" e "*s*em esta exterioridade, a própria ideia de signo arruína-se"[590].

> Nós só podemos usar metáfora, daí a linguagem na sua própria natureza é metafórica. Portanto, não pode haver uma distinção nítida entre, digamos, as esferas da filosofia e da ciência, por um lado, que muitas vezes se presume usar uma linguagem "literal" baseada na razão, e a literatura e as artes, por outro lado, que se caracterizam por usar a linguagem metafórica e figurada de maneira inacessível à razão. Mesmo as linguagens da matemática, da ciência e da filosofia são, em última análise, metafóricas, e não podem reivindicar qualquer conexão natural e referencial com o mundo que pretendem descrever.[591].

A questão feminista era próxima das reflexões do cenário pós-estruturalista, ao mesmo tempo em que era marcada por tensões internas[592]. Em 1949, Simone de Beauvoir havia proposto como a construção da mulher estava centrada em uma alteridade[593]. Tratava-se de uma categoria que não tinha substância e era moldada pelas fantasias masculinas.

Em 1963, Betty Friedan em *The Feminine Mystique*[594] estabeleceu uma proposta liberal que almejava reintegrar a mulher à sociedade, mas sem romper integralmente com esta. Já Sheila Rowbotham[595], Kate Millett[596] e Anne Koedt[597] produziram um outro discurso de cunho radical que almejava construir um projeto político que fosse capaz de rejeitar os mecanismos de dominação masculina.

Foi na convergência entre as teorias francesas e feministas que em 1966, ocorreu na John Hopkins um evento organizado por Richard Macksey e Eugenio

588DERRIDA, Jacques, **De la grammatologie**, Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.
589DERRIDA, Jacques, **Gramatologia**, São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 17.
590*Ibid*.
591No original: "We can only use metaphor, hence language in its very nature is metaphorical. Hence there cannot be a sharp distinction between, say, the spheres of philosophy and science, on the one hand, which are often presumed to use a "literal" language based on reason, and literature and the arts, on the other hand, which are characterized as using metaphorical and figurative language in a manner inaccessible to reason. Even the languages of mathematics, science, and philosophy are ultimately metaphorical, and cannot claim any natural and referential connection with the world they purport to describe." Tradução nossa.
592THORNHAM, Sue, Second Wave Feminism, *in*: GAMBLE, Sarah (Org.), **The Routledge Companion to Feminism and Postfeminism**, London & New York: Routledge, 2006, p. 25–35.
593BEAUVOIR, Simone de, **La Deuxième Sexe I-II**, Paris: Gallimard, 1949.
594FRIEDAN, Betty, **The Feminine Mystique**, New York: W. W. Norton and Co., 1963.
595ROWBOTHAM, Sheila, **Women, Resistence and Revolution**, New York: Verso, 1973.
596MILLETT, Kate, **Sexual Politics**, London: Doubleday, 1970.
597KOEDT, Anne, **The Myth of the Vaginal Orgasm**, New England: New England Free Press, 1970.

Donato, que colocou as principais figuras teóricas do momento lado a lado[598]. Nesse encontro compareceram Roland Barthes, Jaques Derrida, Jacques Lacan, René Girard, Jean Hyppolite, Lucien Goldmann, Charles Morazé, Georges Poulet, Todorov, Jean-Pierre Vernant entre outros. Esse encontro construiu uma aproximação entre as universidades francesas e norte-americanas, que facilitava a circulação dos alunos[599].

Os recursos teóricos importados foram fundamentais para que os problemas sociais fossem repensados a partir dum novo fôlego teórico. Havia um diferencial importante: as universidades norte-americanas operavam dentro de campi parcialmente isolados do restante da sociedade.[600]

Em vias de definir a Ficção Científica enquanto gênero literário, percebemos que um artigo de 1972, publicado na *College of English*, periódico de alto prestígio no cenário de ensino norte-americano[601], foi de extrema importância. Com o seu título provocativo: *On the Poetics of the Science Fiction Genre*[602], Darko Suvin lançou as primeiras pistas para a definição acadêmica do gênero.

Nascido na antiga Ioguslávia (território atual sob controle da Croácia), Darko Suvin é duma família de judeus que foram perseguidos pelo regime nazista. A sua experiência mais marcante na juventude foi quando uma bomba alemã caiu ao seu lado, mas não explodiu, levando-o a refletir sobre a possibilidade de uma realidade diferente, na qual ele havia morrido.

Suvin construiu a sua carreira como professor de literatura comparada na *Zagreb University* e mudou-se para os Estados Unidos em 1967. Numa entrevista para Horst Pukallus[603], situou que o contexto da sua chegada, bem como o interesse por parte dos estudantes em debater a Ficção Científica, eram consonantes com o crescimento de diferentes movimentos sociais que buscavam melhores direitos dentro da sociedade norte-americana.

598MACKSEY, Richard; DONATO, Eugenio (Orgs.), **The Structuralist Controversty - The Languages of Criticism and the Sciences of Man**, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1972.
599CUSSET, **French Theory - How Foucault, Derrida, Deleuze, & Co. Transformed the Intellectual Life of the United States**, p. 32.
600*Ibid.*, p. 37.
601O periódico havia sido criado em 1939 e fazia parte do **National Council of Teachers of English**.
602SUVIN, Darko, On the Poetics of the Science Fiction Genre, **College English**, v. 34, n. 3, p. 372–382, 1972.
603PUKALLUS, Horst, An Interview with Darko Suvin: Science Fiction and History, Cyberpunk, Russia, **Sci. Fict. Stud.**, v. 18, n. 2, p. 253–261, 1991.

Afirmou também que os pesquisadores interessados em estudar a Ficção Científica faziam parte duma intelectualidade orientada para a "Esquerda", interessados em pautas sobre as minorias, feminismo, pós-colonialismo etc, em oposição aos leitores norte-americanos brancos de classe média que consumiam aquela literatura.

Salientamos que a trajetória de Suvin refletiu na maneira pela qual uma vasta gama de teóricos foram utilizados para a construção do argumento no seu livro de 1979[604]. Suvin tomou Northrop Frye e Karl Marx como pontos de partida para discutir a literatura de Ficção Científica, relacionando-a com diferentes autores, como Mikhail Bakthin, Erich Auerbach, Henry Lefebvre, Friedrich Engels, Émile Durkheim, Wolfgang Kaiser, Raymond Williams, entre outros. Suvin encontrou nas obras literárias de Jack London, Yevgeny Zamiatin, Jules Verne e H. G. Wells uma relação crítica aos fundamentos da ciência, feita a partir da prática ficcional.

A proposta teórica de Suvin foi tratar a Ficção Científica considerando tanto as suas questões sociológicas como as metodológicas. Por sociológicas, Suvin tinha em mente perceber quais relações o gênero travava com o conhecimento científico da sua época, além de para com os seus subgêneros e demais gêneros literários. Já no aspecto metodológico, Suvin discorreu para conceber um tipo de análise que tomasse a Ficção Científica como uma literatura de estranhamento cognitivo[605].

A imagem de análise utilizada por Suvin foi a de um espectro analítico que em uma das suas extremidades posiciona a ideia duma construção literária na qual o mundo empírico apresentado pelo autor é idêntico ao seu próprio. E do outro lado um ambiente totalmente estranho e diferente, que Suvin chamou de novum. Quando essa "espectralidade" é aplicada na história da literatura, o que Suvin percebeu foi uma oscilação entre um extremo e outro, sobretudo entre os séculos XVIII e XX[606].

Por conta dessa metodologia, a Ficção Científica foi pensada por Suvin como uma herdeira das utopias do período moderno, bem como das narrativas de viagem que remontam até a Grécia Antiga.

Para definir a Ficção Científica como um gênero literário e ainda pensando na ideia dum espectro de variação, Suvin propôs a ideia do "mundo zero". Esse mundo está presente na literatura de cunho naturalista, na qual o mundo em que a história

---

604SUVIN, Darko, **Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre**, New Haven & London: Yale University Press, 1979.
605SUVIN, On the Poetics of the Science Fiction Genre, p. 372.
606*Ibid*., p. 373.

se passa tem as mesmas leis e o mesmo funcionamento daquele em que o autor se encontra[607].

Já a Ficção Científica, bem como os mitos, estão situados num mundo metafísico, que difere em grau do mundo do autor[608]. Para compreender essa gradação é necessário ter em vista a ideia do estranhamento.

O estranhamento, no entender de Suvin, é um ato ao mesmo cognitivo e criativo. Não é exclusivo à Ficção Científica, estando presente também no mito, nos contos de fadas e na fantasia. Para Suvin, o mito almeja apresentar as relações humanas como fixas e determinadas por entidades superiores (deuses, espíritos, etc.)[609]. Há uma identidade no mito que se mantém imutável e as narrativas que se desenvolvem a partir dele acabam por reafirmá-lo[610].

Essa percepção do mito como uma história que varia na sua forma, mas se repete na sua estrutura perpassa vários autores. Para Claude Lévi-Strauss[611], o mito é uma necessidade do homem para o processo de criação cultural. O mito é visto como uma ferramenta que incorpora a natureza a partir de valores e códigos. Essa atitude "primitiva" não é uma "participação mística", como sugeriu Lucien Levy-Bruhl[612], mas uma operação simbólica entre signos e conceitos, de modo que a experiência concreta e prática é o que confere lógica para a cultura.

Carl G. Jung[613], deu outro sentido para a ideia de participação mística. Para Jung o mito é uma forma de expressar conteúdos compartilhados de forma inconsciente pela humanidade. A ideia do inconsciente coletivo é amarrada a partir da postulação de elementos míticos que são imutáveis — os arquétipos — e que se manifestam na consciência individual a partir de imagens arquetípicas.

Os arquétipos estão próximos da noção de coisa-em-si[614] de Immanuel Kant e, portanto, dependem duma correlação com o sujeito transcendental para se manifestarem na consciência. As imagens arquetípicas são símbolos dotados duma realidade que é empírica e se revela a partir dos ritos religiosos, dos sonhos, das produções artísticas e dos estados mentais anormais[615].

---

607 *Ibid*., p. 377.
608 *Ibid*.
609 *Ibid*., p. 375.
610 *Ibid*.
611 LÉVI-STRAUSS, Claude, **Anthropologie Structurale**, Paris: Plon, 1958.
612 LEVY-BRUHL, Lucien, **Primitive Mentality**, New York: AMS Press, 1975.
613 JUNG, **The Collect Works of C. G. Jung - Complete Digital Editions Volumes 1-19**.
614 KANT, Immanuel, **Crítica da Razão Pura**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
615 JUNG, **The Collect Works of C. G. Jung - Complete Digital Editions Volumes 1-19**.

Já para Ernst Cassirer[616], o homem é definido como um produtor de imagens-mundo que são expressas a partir de formas simbólicas, como a linguagem, o mito, a religião, a arte e a ciência. Estes aparecem a partir da imaginação humana que integra elementos cognitivos, morais e estéticos.

Estas formas simbólicas possuem movimentos e tensões dentro de si, mas podem adquirir um viés estático quando comparadas umas às outras. Cassirer entende que essa relação dialética que faz oposição entre a vida (*Leben*) e espírito (*Geist*) se manifesta nas formas simbólicas[617].

Para Lévi-Strauss[618], a base do mito é cultural e implica numa separação entre natureza e cultura oriunda da experiência prática. Já para Jung[619], o mito é uma forma de manifestação de conteúdos culturais inconscientes que emergem na consciência e se apresentam como mitos. Para Cassirer[620], o mito é uma forma simbólica possível a partir de um arranjo cultural. A objetividade do mito não está descolada do mundo empírico, mas é uma imagem que confere forma e função[621].

Apesar das propostas de Lévi-Strauss, Jung e Cassirer serem diferentes, em todas elas, percebemos que o mito possui uma centralidade na medida em que é tanto referência quanto um mecanismo de leitura do mundo. O que corrobora com a hipótese de Suvin, de que o mito não é uma insurreição em relação às normas vigentes ou uma crítica do pensamento concreto, dos limites entre natureza e cultura, dos arquétipos ou da forma simbólica, mas uma reafirmação deles a partir duma narrativa. A variação da narrativa pode diferir, mas seu horizonte é o mesmo.

Darko Suvin[622] caracteriza a Ficção Científica como um ato de cognição que reage diferente em relação às normas sociais e científicas duma época. As normas providas pelo conhecimento científico ou pela organização moral e ética da

---

616CASSIRER, Ernst, **A Filosofia das Formas Simbólicas: I. A Linguagem**, São Paulo: Martins Fontes, 2001; CASSIRER, Ernst, **A Filosofia das Formas Simbólicas: II. O Pensamento Mítico**, São Paulo: Martins Fontes, 2004; CASSIRER, Ernst, **A Filosofia das Formas Simbólicas: III. Fenomenologia do Conhecimento**, São Paulo: Martins Fontes, 2011; CASSIRER, Ernst, **The Philosophy of Symbolic Forms. Vol. IV - The Metaphysics of Symbolic Forms**, New Haven & London: Yale University Press, 1996; CASSIRER, Ernst, **Linguagem e mito**, São Paulo: Perspectiva, 2013.

617CASSIRER, **The Philosophy of Symbolic Forms. Vol. IV - The Metaphysics of Symbolic Forms**; BARASH, Jeffrey Andrew (Org.), **The Symbolic Construction of Reality - The Legacy of Ernst Cassirer**, Chicago and London: The University of Chicago Press, 2008; BAYER, Thora Ilin, **Cassirer's Metaphysics of Symbolic Forms - A Philosophical Commentary**, New Haven & London: Yale University Press, 2001.

618LÉVI-STRAUSS, **Anthropologie Structurale**.

619JUNG, **The Collect Works of C. G. Jung - Complete Digital Editions Volumes 1-19**.

620CASSIRER, **Linguagem e mito**.

621CASSIRER, **A Filosofia das Formas Simbólicas: II. O Pensamento Mítico**, p. 36.

622SUVIN, On the Poetics of the Science Fiction Genre.

sociedade são postas em questão, na medida em que o autor as problematiza[623]. É por isso que a Ficção Científica também difere do Conto de Fadas e da Fantasia.

No Conto de Fadas, o autor fecha um mundo paralelo que foge tanto do conhecimento científico quanto do social. O exemplo que Suvin utiliza para ilustrar isso é a ideia do tapete voador e do herói como aquele que sai da sua condição miserável inicial para se tornar rei[624].

Já a Fantasia, e com isso Suvin inclui as histórias de Fantasma, Horror, Gótico e aquelas comuns na Weird Tales, estipula leis que não têm relação com o ambiente em que elas aparecem.

Para explorar o caso da Fantasia, podemos pensar nos trabalhos de Lovecraft. Sugerimos anteriormente que os protagonistas dessas histórias, geralmente cientistas, médicos ou detetives, entram em contato com formas de vida alienígenas que escapam da compreensão racional. Suvin sugeriu que essas obras são fantásticas por escaparem tanto da cognição do leitor quanto do autor ou do crítico.

Nos termos dos autores mencionados, podemos pensar no Conto de Fadas em vista do pensamento de Lévi-Strauss enquanto uma narrativa que pode começar a partir de dados concretos (personagens), sendo informada por conteúdos do imaginário (fadas, anões, gnomos) e que se descola do concreto para oferecer algum tipo de formulação moral.

Numa perspectiva mais próxima de Cassirer, os contos de fadas não seriam outra forma simbólica, mas uma forma simbólica mítica em que a orientação moral assumiria o posto de centralidade em relação ao campo do rito religioso e do sagrado. Em Jung os contos de fadas serviriam como outras roupagens dos arquétipos, mas seguiriam dependendo destes para existir na vida consciente.

Já no caso da Fantasia, encontramos uma tensão e também um limite com o mundo empírico. Se a base para a separação entre natureza e cultura, como quis Lévi-Strauss, é constituída pelo contato material, as fantasias seriam uma negação disso.

Convém pontuar que as fantasias para uma sociedade como a nossa, na qual um tipo de pensamento científico é predominante são diferentes das fantasias de outra sociedade, em que os padrões de referência são distintos. Diferentes práticas

623*Ibid.*, p. 375.
624*Ibid*.

produzem diferentes ciências, algo que ganhou muito destaque nos trabalhos de Ursula K. Le Guin, conforme veremos no próximo capítulo.

A fantasia enquanto conceito geral é a negação de ambos. No viés de Jung, a fantasia não atravessa o sonho, mas também pode tomar o controle da consciência a partir de experiências que são nocivas para o coletivo. Um exemplo é a fantasia da superioridade ariana, uma manifestação da sombra coletiva, que tomou conta da sociedade alemã durante a ascensão de Adolf Hitler[625]. Esse arianismo nos interessa, principalmente no capítulo 4, por ter sido alvo de crítica por Le Guin.

Numa perspectiva informada pela teoria de Cassirer, uma Fantasia pode ser um momento no qual a forma simbólica passa a ter problemas para explicar um evento ou fenômeno. É o aparecimento de algo que não estava dentro daquele conjunto e que a sua ressignificação e integração pode vir a fazer romper os próprios mitos. Como exemplo podemos pensar na maneira como as ontologias ameríndias tiveram dificuldade em integrar a existência dos brancos e suas maneiras de sociabilidade, guerra e conquista[626].

Os modelos de extrapolação portam consigo um estranhamento científico e social, mas têm limitações, que se revelam pela realidade do autor. Um caso utilizado como exemplo por Suvin é *We*[627] (Nós, 1924) de Zamiatin.

Yevgeny Zamiatin (1884-1937) foi um engenheiro naval russo que era próximo dos bolcheviques durante a Revolução Russa. Responsável por traduzir trabalhos de London e Wells para o russo, a sua crítica diante dos cerceamentos da liberdade tornaram a sua posição frágil dentro da Rússia. Zamiatin escreveu *We* e conseguiu enviar o texto para publicação nos Estados Unidos, tendo sido lançado em 1924. Uma cópia do texto em russo foi enviada para Marc Lvovich Slonim (1894–1976), que o publicou em Praga. A resposta dos soviéticos foi a proibição do texto e de quaisquer outras publicações do autor.

A história de *We* se passa mil anos no futuro. O planeta é regido pelo Estado Único e todas as necessidades dos citadinos são providas por ele. A vida é organizada milimetricamente a partir de tempos específicos para o trabalho e o lazer (tabelas semelhantes àquelas do horário do trem). A sexualidade também está

625JUNG, Carl Gustav, **Civilization in Transition**, New York: Bollingen Foundation, 1970.
626VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, **A inconstância da alma selvagem**, São Paulo: Cosac Naify, 2011.
627ZAMIATIN, Eugene, **We**, New York: E. P. Dutton, 1924.

inscrita dentro da lógica do Estado que a regula a partir de um cupom rosa. O sexo é visto como uma atividade que deve ser regida por moderação.

O protagonista é D-503, construtor chefe da Integral que se apaixona por I-330. As suas experiências com ela, diferem daquelas que ele havia tido antes. Eles começam a ter relações fora do tempo especificado, quebrando as regras instituídas pelo Estado.

A Integral estava sendo construída para levar a racionalidade do Estado para todo o universo e I-330 fazia parte dum grupo que almejava sabotar esse equipamento, bem como destruir um grande muro que separava o Estado de uma outra área habitada por humanos. A resposta do Estado foi remover completamente as emoções e a imaginação. Mas os atos dos revolucionários conseguiram dar início a um processo de mudança dentro do próprio governo.

Pensando a partir do modelo de extrapolação proposto por Suvin, o que Zamiatin fez foi levar até a última consequência os modelos de pensamento que estavam circulando durante o período posterior da Revolução Russa.

A lógica do Estado Único é uma extrapolação das possibilidades que o regime soviético poderia tomar. A extrapolação também atinge o campo das ciências, na medida em que o Estado é regido por uma matemática e uma lógica minuciosa em que não há espaço para o irracional. Isso implica numa remoção da individualidade que começa com a organização da vida social, atravessando o controle do prazer e descambando na supressão das emoções e da imaginação.

Já o modelo analógico é situado por Suvin[628] entre os trabalhos de Jorge L. Borges, Stanislaw Lem, Karel Capek, entre outros. Nestes, há um uso de analogias fornecidas pelo conhecimento filosófico que pode colocar em questão todo o conjunto duma sociedade.

Suvin reforça que não precisa ser uma mudança ampla, mas um detalhe que teria consequências. Comentamos que os trabalhos de Lovecraft seriam inscritos por Suvin dentro do eixo fantástico. Ocorre que em 1975 Borges lançou um conto, dentro do *El libro de arena* (O Livro de Areia), que fazia homenagem direta a Lovecraft (como consta na dedicatória): *There Are More Things*[629] (Há mais coisas).

A história é focada na experiência do protagonista que, quando estava prestes a terminar a sua graduação em Filosofia nos Estados Unidos, recebeu a

628SUVIN, On the Poetics of the Science Fiction Genre.
629O livro foi escrito em espanhol e conta com uma coleção de contos. Todos os contos tinham títulos espanhóis, exceto esse que recebeu o título em inglês.

notícia de que o seu tio havia falecido na Argentina. A experiência de retorno foi mesclada por relatos da sua infância e de como o seu tio era interessado por filósofos, pensadores e matemáticos que flertavam com o Idealismo. Borges gastou muitas páginas para construir um emaranhado de referências que sustentavam uma visão positiva sobre a racionalidade e a ciência.

O protagonista vendeu a casa em que o seu tio morava para um forasteiro. Posteriormente ele descobriu que o sujeito havia destruído grande parte da estrutura interior e essa curiosidade se desdobrou em uma visita noturna à antiga casa, situação na qual ele encontrará uma criatura monstruosa que causa tamanho estranhamento que a torna impossível de ser descrita.

Enquanto o modelo de extrapolação leva ao limite um tipo de conhecimento científico e social, como o Estado Único no caso de Zamiatin, não é pautado para algo que esteja além. Os limites do Estado não se rompem e não se cria uma forma de organização pensada fora do eixo de "civilizados" vs "primitivos". A limitação do estranhamento cognitivo nesse caso é a limitação da própria especulação sobre a sociedade. Na extrapolação, duma perspectiva unilateral revela-se que há outro lado possível.

Na analogia há outro tipo de intenção. No caso de Borges, a analogia parte do idealismo filosófico e o coloca em xeque propondo um tipo de existência que não é passível de ser pensada pelos critérios da relação entre sujeito e objeto. A analogia não está propondo uma leitura materialista do mundo, que seria oposta ao idealismo. Ao contrário, ela ultrapassa essa oposição e produz um estranhamento cognitivo que questiona os critérios-base que serviam para construir o idealismo.

O artigo de Suvin[630] marcou uma posição que entendemos ser de máxima importância: a literatura ficcional não deve contradizer a ciência do período. Por exemplo, ao analisar uma obra como a de H.G. Wells, deve-se verificar se as suas propostas científicas seguem o modelo do período em que o texto foi produzido. Com isso, equívocos científicos do passado não são julgados a partir de critérios do presente. Mas, além disso, a Ficção Científica não deve ser um manual ilustrado da ciência. Ela deveria, a partir da imaginação, gerar problemas para a ciência, revelando os seus limites a partir da extrapolação e da analogia.

Em 1970, quando a SFRA despontou sob o comando de Clareson, possuía um periódico de divulgação, o *The Newsletter, The Review* que posteriormente ficou

630SUVIN, On the Poetics of the Science Fiction Genre.

conhecido como *SFRA Newsletter*. Ali, novos títulos de Ficção Científica, tanto de literatura, teoria ou história eram divulgados. O que Clareson fez foi integrar a ETP, que já existia há onze anos na SFRA e com isso aumentar o seu público, além de fazer circular em paralelo com a Newsletter. Desta forma, a SFRA, enquanto primeira organização direcionada ao estudo de Ficção Científica tinha dois canais de comunicação e divulgação do campo.

Em 1971 foi lançado o *SF: The Other Side Realism* (Ficção Científica: Do Outro do Realismo). Editado por Clareson, o livro tem cerca de 360 páginas e foi publicado pela *Bowling Green State Press*. Clareson escreveu o artigo introdutório, mas mobilizou um vasto conjunto de contribuições. Entre elas: Judith Merril, Brian W. Aldiss, Samuel R. Delany, James Blish, Norman Spinrad, H. Bruce Franklin, R. D. Mullen, Robert Plank, Alex Eisenstein, Mark R. Hillegas, Franz Rottensteiner, Stanislaw Lem e Alexei Panshin.

Em 1972, Bailey foi republicado pela *Greenwood Press*. A arte da capa original de Ronald Clyne foi substituída por uma genérica de Josiah Lupton e houve a integração dum ensaio introdutório redigido por Clareson. Em 1977 Clareson recebeu o prêmio Pilgrim, indicando que o campo reconhecia os seus esforços em torno do estudo da Ficção Científica.

Suvin publicou a sua resenha sobre Clareson em 1973 no *College of English*, o mesmo periódico que lançara o seu artigo anterior. O primeiro ponto levantado por Suvin foi que os textos organizados por Clareson foram escritos na década de 1960 e poderiam ser divididos em dois conjuntos: um grupo limitado pela crítica do século XIX e outro não limitado. Suvin inclusive considera que Clareson está no grupo dos limitados, pois não mobiliza conceitos que haviam se tornado importantes para a crítica literária (principalmente após a Nova Crítica).

O que mais incomoda Suvin é a presença de dois artigos sobre J. G. Ballard (1930–2009) enquanto Olaf Stapledon recebia menos que meio artigo. Além disso haviam artigos que beiravam a inutilidade, como um que comentava sobre as publicações de *The Time Machine* (A Máquina do Tempo) de H.G. Wells. Suvin também critica a falta de revisão textual, a bibliografia que omite obras fundamentais e a carência de um index. Por fim, Suvin considera que *SF: The Other Side of Realism* é uma obra necessária para os estudantes de Ficção Científica, mas sua leitura era, no mínimo, problemática:

> Como a primeira antologia de criticismo de Ficção Científica e de pesquisa, ela tinha a oportunidade única de aproveitar a nata do campo e fornecer uma introdução mais do que necessária, bem como um acompanhamento para o ensino de um curso balanceado. Essa oportunidade foi desperdiçada.[631]

No cenário britânico, George Hay criou em 1971 a *Science Fiction Foundation* (SFF). Sediada na *North-East London Polytechnic*, atualmente *University of East London*, a associação tinha por objetivo a valorização do uso educacional da literatura de Ficção Científica, tomando-a fonte de inspiração para a produção tecnológica[632]. Hay era o pseudônimo de Oswyn Robert Tregonwell Hay (1922–1997) e ocupou diferentes posições dentro do cenário da Ficção Científica: escritor, organizador de antologias e ensaísta.

A SFF, apesar de ser associada ao setor universitário, era organizada de modo autônomo, comandada por um conselho que incluía tanto professores quanto sujeitos envolvidos na Ficção Científica[633]. Entre 1971 e 1977 o administrador responsável foi Peter Nicholls e, entre 1978 e 1980, o controle passou para Malcolm Edwards[634].

A ação da SFF no ensino superior estava em orientar trabalhos de graduação sobre Ficção Científica, bem como pensar em interfaces do gênero com a educação[635]. Em 1972, o periódico *Foundation: The International Review of Science Fiction* (FRS) foi criado por Nicholls e Charles Barren e integrados na SFF.

Ainda no século XX, em 1996, a SFRA criou outro prêmio dedicado àqueles que estiveram envolvidos com a Ficção Científica na totalidade, fosse nos termos do seu ensino como da sua transmissão e circulação. Assim, surgiu o *Thomas D. Clareson Award for Distinguished Service* e Pohl foi o primeiro a receber a honraria.

Em 1973, nos EUA, surgiu a *Science-Fiction Studies* (SFS), sob a chefia editorial de Richard Dale Mullen (1915-1998), e Darko Suvin (1934-). Mullen era

631 No original: “As the first anthology of SF criticism and scholarship, it had a unique opportunity to skim the cream of the field, and give us a much-needed introduction to it as well as a much-needed companion to teaching a balaced course. This opportunity has been blown.” SUVIN, Darko, SF: The Other Side of Realism by Thomas D. Clareson, **College English**, v. 34, n. 8, p. 1148–1150, 1973, p. 1150.

632 NICHOLLS, Peter; CLUTE, John; SLEIGHT, Graham, Science Fiction Foundation, *in*: CLUTE, John *et al* (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, London: Gollancz, 2018.

633 *Ibid*.

634 *Ibid*.

635 *Ibid*.

professor da *Indiana State University*, enquanto Suvin, na ocasião da criação da SFS, era professor na *McGuill University*, no Canadá.

No número inicial da SFS, composto de sete textos, era perceptível a constituição morfológica múltipla que veio a moldar a sua proposta. O primeiro artigo, de David N. Samuelson[636], era na realidade parte de sua tese de doutorado e visava discutir a obra de Arthur C. Clarke. No artigo seguinte, Patrick Parrinder[637] debateu sobre como a construção de uma imaginação distópica ganha forma a partir do trabalho de Wells e Zamiatin.

Apesar da nossa discussão no primeiro e segundo capítulo sobre os principais autores que circundavam Campbell, uma das nossas omissões foi Arthur C. Clarke. Britânico, os seus trabalhos como escritor começaram de forma modesta, como em *Loophole* de 1946 e *Againsts the Fall of Night* (Contra o cair da noite) em 1948. O alvo de análise de Samuelson no seu artigo de abertura foi *Childhood's End* (Fim da Infância), de 1953, que impulsou a fama do autor.

O terceiro texto era um ensaio do literato Stanislaw Lem[638], que argumentava a necessidade duma análise estrutural da Ficção Científica, visando definir o que deveria ser aceito como parte do gênero e os motivos para tal. Em sequência, Marc Angenot[639] comentava, a partir de uma análise bibliográfica, como o criticismo literário francês sobre a obra de Jules Verne operara. A questão da legitimidade acadêmica apareceu com Robert M. Philmus[640], que visou demarcar a origem histórica da crítica da Ficção Científica a partir da resenha de três livros[641].

Ursula Le Guin[642] resenhou uma narrativa de Norman Spinrad[643], demarcando-a como peça fundamental para a crítica política e científica do século

---

636 SAMUELSON, David N., Childhood's End: A Median Stage of Adolescence?, **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 4–17, 1973.

637 PARRINDER, Patrick, Imagining the Future: Zamyatin and Wells, **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 17–26, 1973.

638 LEM, Stanislaw, On the Structural Analysis of Science Fiction, **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 26–33, 1973.

639 ANGENOT, Marc, Jules Verne and French Literary Criticism, **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 33–37, 1973.

640 PHILMUS, The Shape of Science Fiction: Through the Historical Looking Glass.

641 MOSKOWITZ, **Explorers of the Infinite - Shapers of Science Fiction**; BAILEY, **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**; GREEN, Roger Lancelyn, **Into Other Worlds: Space-Flight in Fiction, From Lucian to Lewis**, Michigan: Abelard-Schuman, 1958.

642 LE GUIN, Ursula Kroeber, On Norman Spinrad's "The Iron Dream", **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 41–44, 1973.

643 SPINRAD, Norman, **The Iron Dream**, New York: Avon Printing, 1972.

XX. O último texto, de Suvin[644], era um diálogo que segue o modelo platônico, apresentando três personagens: um escritor de Ficção Científica, um pesquisador e um estudante. No diálogo eles debatem a importância crítica da literatura e as adversidades inerentes que despontavam desta.

O primeiro número fornece pistas para pensar que o SFS foi construído numa zona limítrofe entre disciplinas e áreas, o que levantou questões sobre sua relevância, forma, impacto e proposta. O que atravessava o SFS era a definição em torno do que efetivamente se tratava a Ficção Científica. É verdade que essa definição era um debate dentro das revistas, fosse entre os autores, os fãs, ou os próprios editores. A definição de Ficção Científica era uma condição necessária tanto para definir uma história do gênero quanto a sua análise.

Com o *Science-Fiction Studies* foi criado um espaço de debate e transmissão de ideias. Antes de 1970, a presença e análise da literatura do gênero era inexpressiva no ambiente acadêmico. Não existia um consenso ou dissenso sobre o que poderia ser caracterizado como tal. Sem essa discussão, não era possível a sistematização dum corpus de autores e obras que poderiam ser classificadas como clássicos ou dum panorama teórico aceitável para lidar com estas. No mais, a posição periférica/marginal ocupada pela Ficção Científica na época de Gernsback, foi transformada em algo distinto (o que podemos perceber com a questão da dianética).

A proposta da Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze (1925–1995) denunciou como um discurso filosófico dominou o pensamento desde Platão até o século XX. A representação a partir da “identidade do conceito, oposição no predicado, a analogia no juízo, e a semelhança na percepção”[645] moldou uma ontologia do Mesmo que anulou a diferença enquanto um equívoco e um desvio.

Na análise feita por Clayton Crockett, o resultado do trabalho de Deleuze é “liberar o simulacro que retorna das correntes da representação e da semelhança[646]” . Já para Levi Bryant, Deleuze vai além do Outro como a mera continuidade do sujeito/subjetividade para o Outro como uma possibilidade, “a

644 SUVIN, Darko, The Significant Context of SF: A Dialogue of Comfort Against Tribulation, **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 44–50, 1973.

645 DELEUZE, Gilles, **Diferença e Repetição**, Rio de Janeiro: Graal, 2006, p. 375.

646 No original: “Deleuze liberates que simulacra that return from the chains of representation and resemblance in which they have been trapped [….].” Tradução nossa.
CROCKETT, Clayton, Deleuze Beyond Badiou: Ontology, Multiplicity and Event, New York: Columbia University Press, 2013, p. 55.

estrutura-Outro não é a expressão, mas o signo-função que liga a expressão ao expresso num campo de continuidade[647]".

Com Félix Guattari (1930–1992) houve uma guinada em direção à Psicanálise. Crockett pontuou que a partir de *Capitalisme et Schizophrénie 1 - L'Anti-Oedipe* (1972), Deleuze e Guattari pensam o desejo como máquinas em processo de autoprodução que operam e produzem o real na medida em que são sociais e políticas[648]. Tratava-se duma crítica ao processo capitalista na medida em que revelava como essa captura estava integrada com um mecanismo de regulação dos fluxos, bem como outras máquinas[649].

A proposta de utilizar a teoria de Deleuze no SFS aparece em 1975 com um artigo[650] de Boris Eizykman sobre Ficção Científica que havia sido publicado um ano antes em francês. A tradução foi feita por Peter Fitting. Eizykman sustentou o argumento de que a Ficção Científica era uma literatura revolucionária, pois era capaz de dissolver os mecanismos institucionais que produzem e sustentam o sujeito[651]. A radicalidade dessa literatura estava em tornar possível uma conexão com outras realidades, um processo em que o desejo poderia fluir sem restrições[652].

Eizykman apontou que a sociedade mantinha uma postura acusatória sobre a experiência das drogas e da loucura enquanto fugas da realidade. A Ficção Científica, como algo próximo dessas, "reinstitui a infinidade de realidades[653]" a partir da Diferença e, ao mesmo tempo, não recai numa "literatura de reduplicação[654]", que é falsificada pela Representação como escapista.

Noutra ocasião, Peter Fitting mobilizou a proposta de Deleuze junto com a de Derrida para pensar a obra de Philip K. Dick como portadora dum potencial crítico que se volta contra a própria Ficção Científica. Fitting argumentou que os padrões de análise que existiam não poderiam lidar com a ficção de Dick a partir em *Ubik* (1969).

647No original: "The Other-structure is not the expression, but rather the sign-function which links expression to expressed in a field of continuity." Tradução nossa.
BRYANT, Levi R., **Difference and Givenness - Deleuze's Transcendental Empiricism and the Ontology of Immanence**, Evanston: Northwestern University Press, 2008, p. 258.
648CROCKETT, **Deleuze Beyond Badiou: Ontology, Multiplicity and Event**, p. 77,78.
649*Ibid*., p. 78.
650EIZYKMAN, Boris, On Science Fiction, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 2, p. 164–166, 1975.
651*Ibid*., p. 165.
652EIZYKMAN, On Science Fiction.
653No original: "[…] in that SF reinstitutes this infinity of realities". Tradução nossa.*Ibid*., p. 165.
654No original: "[…] the literature of reduplication". Tradução nossa. *Ibid*.

Para Fitting, Ubik não era apenas uma desconstrução do modelo ideológico da Ficção Científica, mas da própria ciência, na medida em que os modos de percepção eram postos sob ataque[655]. Ressaltando que "a posição do observador é uma perspectiva extremamente subjetiva e que a partir da qual as leis universais são deduzidas[656]" e essa ontologia produz uma realidade, é uma amarração mental que pode rachar a qualquer momento.

Logo abaixo do título do artigo de Eizykman duas notas revelam algo dos bastidores da SFS e sugerem que a recepção francesa não era tão simples quanto fizemos parecer. A primeira nota é editorial e assinada por Darko Suvin, que considera o texto como interessante, mas carente de qualquer disciplina[657]. Na sequência, o editor revelou que a proposta feita por Fitting sobre a publicação do texto causou reações negativas em todo o corpo editorial[658].

Outra pista para essa recusa é que não houve publicação de resposta à análise de Fitting entre 1973 e 1979. Foram publicados textos que se propuseram a discutir as obras de Dick, mas nenhum deles interagiu com as ideias que pontuamos. O que não significa que a análise de Fitting está errada, mas que a partir das nossas fontes parece existir uma resistência a certas teorias francesas.

A recusa de Suvin pode ser a soma duma trajetória intelectual que tomava como referência um conjunto conceitual e teórico do qual as propostas pós-estruturalistas não pareciam ter uma relação imediata. No mesmo número que Fitting publicou a sua análise, Suvin também avançou com uma interpretação sobre Dick, mas com conclusões diferentes[659].

Outro fator que pode ter contribuído para esse resfriamento das teorias francesas é que os principais trabalhos não foram traduzidos imediatamente. O primeiro volume do Anti-Édipo, que é a principal referência de Eizykman foi publicado em 1972 em francês e apenas em 1977 ganhou uma tradução para o inglês. *De la grammatologie* (Da Gramatologia) e *L'écriture et la différence* (A escritura e a diferença), ambos lançados em 1967 na França também demoraram

---

655FITTING, Peter, Ubik: The Desconstruction of Bourgeois SF, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 1, p. 47–53, 1975, p. 49.

656No original: "[…] the position of the observer is an extremely subjective perspective from which to deduce universal laws […]." Tradução nossa. *Ibid*.

657EIZYKMAN, On Science Fiction.

658*Ibid*., p. 164.

659SUVIN, Darko, P.K. Dick's Opus: Artifice as Refuge and World View (Introductory Reflections), **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 1, p. 8–22, 1975.

para receber traduções ao inglês. O primeiro em 1976, por Gayatri Spivak e o segundo em 1978, por Alan Bass.

3.3 CONCLUSÃO

Com o cenário anglófono do começo da década de 1970 esboçado, passamos agora para os seus anos finais, 1978 e 1979, visando pontuar as transformações perpassadas. É neste período que a SFRA aproximou-se da SFS e passou a oferecer descontos especiais para os membros que assinassem o periódico, prática que permanece até hoje. No âmbito financeiro, a *McGuill University* cedeu verbas para a SFS, uma atitude que foi seguida pelo governo canadense e durou até o começo de 1990. O resultado disso foi que a sede do periódico se deslocou para a McGuill. Suvin e Mullen passaram a contribuir de modo esporádico para a SFS e o controle efetivo passou para Angenot, também professor na *McGuill University*, Charles Elkins, professor da *Florida International University* e Philmus, professor da *Concordia University*.

A Foundation, em 1978, também experimentou mudanças no seu trato editorial. Nicholls desligou-se e foi substituído por Malcolm Edwards. Formado em Antropologia Social pela *University of Cambridge*, Edwards era ativo no setor de publicações de Ficção Científica na Inglaterra, como escritor e também na função de editor. Em 1979, junto com John Clute, Nicholls e Brian Stableford, publicaram a *Encyclopedia of Science Fiction*[660], primeira do gênero e que, atualmente em sua terceira edição, conta com mais de dezessete mil entradas.

O reconhecimento da Ficção Científica também foi marcado pela atuação de duas editoras. A Greg Press, orientada para a publicação de literatura norte-americana clássica, que compilou os primeiros dez volumes da ETP e, em 1978, lançou-os na forma duma antologia. No ano seguinte, a sede da ETP passou para a Universidade Estadual de Kent, que cedeu recursos, bem como sua efetiva impressão pela editora da universidade.

O debate que Suvin iniciou com seu artigo em 1972 ganhou proporções cada vez maiores no ambiente crítico. A sua apótese ocorreu através do efetivo reconhecimento, por parte da editora da *Yale University*, que, em 1979, publicou

660CLUTE, John; NICHOLLS, Peter; STANFORD, Brian (Orgs.), **The Encyclopedia of Science Fiction**, New York: St. Martin's Press, 1979.

Metamorphoses of Science Fiction[661] (Metamorfoses da Ficção Científica), texto que teve sementes lançadas anos antes e se transformou no principal trabalho crítico do gênero. Algo que não passou despercebido da SFRA, que agraciou Suvin e o seu trabalho com o *Pilgrim Award*, marcando um ponto de inflexão na legitimação do campo, e também pessoal, uma vez que consolidava a sua influência.

Entre 1970 e 1979, foi perceptível a transformação no status que a SF recebeu no ambiente acadêmico. A articulação entre as associações e os periódicos se revelou fundamental para garantir uma circulação interna de ideias, produzindo um debate em torno do gênero. Definindo os seus principais autores, a partir dum trabalho crítico de indivíduos localizados no ensino universitário, seja nos EUA, Canadá ou Inglaterra, percebeu-se que as próprias universidades, bem como as editoras, passaram se interessar por estes trabalhos, investindo neles e, com isso, permitindo a sua ampliação.

661SUVIN, **Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre**.

4 ETNOGRAFANDO OUTROS MUNDOS

Entre 1973 e 1979, o nome de Ursula Kroeber Le Guin destacou-se no *Science-Fiction Studies* e isso refletia uma trajetória de sucesso que decolou anos antes. Participando como crítica, Le Guin fez várias contribuições para o *SFS* e mobilizou um posicionamento de recusa em relação à tradição de Ficção Científica estabelecida até o momento.

Crítica das gerações anteriores, Le Guin era também uma autora que acumulava os principais prêmios do campo. Os seus trabalhos refletiam, em certa maneira, aquela mudança de postura sobre a ciência que Campbell havia argumentado.

Ou seja, Le Guin realizou a virada para as Ciências Sociais. Todavia tratava-se duma virada que era altamente crítica sobre a Ficção Científica, que entendemos ter sido viabilizada por sua trajetória pessoal. Filha de Alfred Kroeber, Le Guin se nutriu dum cenário de consolidação da Antropologia nos Estados Unidos.

O projeto de Franz Boas e Alfred Kroeber almejava uma proposta metodológica que recusava os modelos evolucionistas sociais tradicionais, bem como minava as teorias raciais em voga no período.

Além disso, Le Guin construiu uma carreira acadêmica no campo dos English Studies, possuindo com isso um conhecimento técnico detalhado sobre a literatura. Assim, quando ela escreve como crítica do gênero, o seu embasamento era feito a partir de rica experiência. No mais, Le Guin se interessava pelos trabalhos de Carl G. Jung, o que refletiu na sua escrita.

Queremos mostrar neste capítulo qual foi a trajetória de Le Guin e as suas publicações principais até 1973–1974, com o intuito de fornecer para o leitor a posição que ela ocupava quando escreveu para o *Science-Fiction Studies*. Na sequência, pretendemos discutir como Le Guin atuou dentro do SFS entre 1973 e 1979.

A partir das suas críticas e dos temas sobre os quais ela escreveu, buscamos compreender qual era a visão dela sobre o campo. Depois trataremos dos trabalhos sobre Le Guin feitos dentro do *SFS* e como estes organizam um núcleo interpretativo sobre a autora e sobre o gênero.

4.1 ANTROPOLOGIA NOS ESTADOS UNIDOS

No começo do século XX, a Antropologia alçou o seu espaço dentro da universidade norte-americana, a partir dos trabalhos de Franz Boas. A sua recusa ao modelo evolucionista tradicional preparou o terreno para uma concepção na qual o estudo da cultura deve ser feito a partir do seu contexto (a confluência entre condições ambientais, psicológicas e históricas)[662].

Em *The Mind of the Primitive Man*[663] (A Mente do Homem Primitivo), de 1911, Boas recusou as teorias raciais. Esta nova Antropologia[664] estava interessada em compreender como as culturas operavam em seus próprios termos. Boas não estava sozinho e a década de 1920–1930 é muito rica com trabalhos que criticam o evolucionismo (Robert Lowie em *Primitive Society*[665], 1922), pautam pela relativização cultural (Alexander Goldenweiser em *Early Civilization*[666], 1923) e situam a Antropologia como um terceiro campo entre a História e a Biologia (Alfred Kroeber em *Anthropology*[667], 1923).

Mas foi na proposta de Boas que houve a convergência entre a crítica sobre o trabalho antropológico feito nos Estados Unidos e o uso dos recursos universitários para estabelecer um núcleo de alunos que expandiram as suas pesquisas iniciais[668]. No começo da década de 1920, os alunos de Boas ocupavam posições nas principais universidades da nação[669].

O evolucionismo social[670], em voga na Antropologia do século XIX, pensava a relação entre as culturas a partir da oposição entre selvagens e civilizados. Para Edmund Tylor[671], essa interação era pensada a partir de três estágios: selvagens,

---

662GILKESON, John S., **Anthropologists and the Rediscovery of America, 1886-1965**, New York: Cambridge University Press, 2010, p. 30,31.

663BOAS, Franz, **The Mind of Primitive Man**, New York: The Macmillan Company, 1938.

664DARNELL, Regna, **And along came Boas: Continuity and Revolution in Americanist Anthropology**, Amsterdam: John Benkamins Publishing Company, 1998.

665LOWIE, Robert H., **Primitive Society**, New York: Liveright Publishing Corporation, 1920.

666ALEXANDER, Goldenweiser, **Early Civilization: An Introducion to Anthropology**, New York: A. A. Knopf, 1922.

667KROEBER, Alfred L., **Anthropology**, New York: Harcourt Brace & Company, 1923.

668DARNELL, **And along came Boas: Continuity and Revolution in Americanist Anthropology**, p. 6.

669*Ibid*.

670O Evolucionismo Social cairá em desuso dentro da Antropologia, todavia permaneceu dentro do imaginário popular norte-americano. É possível constatar essa visão em filmes e séries contemporâneos, como em **Doctor Who** (1963-), **Stargate SG-1** (1997-2007) e mesmo em diferentes produções de **Star Trek**. Em 2017 tivemos a oportunidade de realizar duas palestras, uma na UFPR e outra na PUCPR, sobre tais questões. A apresentação está sendo transformada em um artigo para ser publicado em 2019.

671TYLOR, Edward B., **Anthropology: An Introduction to the Study of Man and Civilization**, New York: D. Appleton and Company, 1896.

bárbaros e civilizados. Já em James Frazer, a crença dos povos ditos primitivos em ritos mágicos era fruto dum erro em torno da relação entre causa e efeito[672].

Nas Ciências Sociais, vários autores questionaram essas ideias, como Émile Durkheim[673], Claude Lévi-Strauss[674] (apesar de serem de gerações diferentes) e também Boas. Para o último, cada cultura precisa ser pensada nos seus próprios termos e não a partir duma linha evolutiva geral[675]. Recusando a hierarquia de valores e pautando por uma relatividade entre unidades culturais distintas que se estabeleciam em mediação com o ambiente geográfico em que estavam situadas, bem como através de interações para com os grupos vizinhos[676].

> Todos os casos de mudanças no ambiente geográfico ou econômico implicam mudanças na estrutura da sociedade, mas esses eventos são acidentais e não têm relação com o funcionamento interno da sociedade. […] Cada cultura deve ser entendida no seu crescimento histórico próprio. Sendo determinada por ocorrências externas que não são originadas na vida interna dos sujeitos.[677]

Em termos metodológicos, Boas valorizava o trabalho de campo como fundamental para a investigação antropológica e os seus alunos foram amplamente estimulados a realizá-las[678]. A crítica relativista colocou em xeque as teorias racialistas e estabeleceu que a base biológica entre as culturas era idêntica[679]. Nas suas palavras: “nós não temos evidências para mostrar como teriam variações desse tipo numa raça humana pura e não é provável que algum tipo de evidência seja um dia apresentado, pois, nós não temos raças puras”[680].

As teorias de Kroeber compartilham com Boas os pontos citados, mas seguem outros caminhos. Além de ser o primeiro a receber um doutorado com

---

672FRAZER, James George, **The Golden Bough - A Study in Magic and Religion. Part I The Magic Art and the Evolution of Kings**, London: MacMillan & Company, 1911.

673DURKHEIM, Emile, **Les Formes Élementaires de la Vie Religieuse. Le Système Totémique en Australie. Livre I. Questions préliminaires**, 5. ed. Paris: Les Presses universitaires de France, 1968.

674LÉVI-STRAUSS, Claude, **O pensamento selvagem**, São Paulo: Papirus, 1989.

675BOAS, Franz, **Race, Language and Culture**, New York: The Macmillan Company, 1940, p. 275.

676*Ibid*., p. 286.

677No original: “All cases of change of geographical or economic environment entail changes in the structure of society, but these are accidental events in no way related to the inner working of the society itself. […] Every culture can be understood only as an historical growth. It is determined to a great extent by outer occurrences that do not originate in the inner life of the people.” BOAS, Franz, **Anthropology and Modern Life**, New York: The Norton Library, 1962, p. 211.

678BOAS, **Race, Language and Culture**, p. 633.

679*Ibid*., p. 11,15.

680No original: “We have no evidence to show to what extent variations of this kind might develop in a pure human race and it is not probable that satisfactory evidence will ever be forthcoming, because we have no pure races.” BOAS, **Anthropology and Modern Life**, p. 28.

orientação de Boas, em 1901, na *Columbia University*, Kroeber complexificou o estudo antropológico. Partindo da cultura enquanto uma entidade autônoma e não inscrita numa hierarquia de valores, o seu argumento sustenta que a cultura possui um funcionamento orgânico e não artificial[681].

> Culturas são sistemas (isso é, são organizados) pois as suas variáveis são interdependentes. Todos os sistemas adquirem certas propriedades que caracterizam o sistema quanto sistema e não a soma de seus elementos isolados. […] Como um construto lógico, a cultura é baseada no estudo dos produtos comportamentais na medida que o conceito de cultura torna o comportamento inteligível, e em certa extensão, torna possível previsões sobre o comportamento em áreas particulares. Mas a cultura não é o comportamento ou a investigação do comportamento em toda a sua concretude manifesta. Parte da cultura consiste em normas ou padrões de comportamento. E outra parte consiste em ideologias que justificam ou racionalizam certos tipos de comportamento. Por fim, toda cultura tem um conjunto geral de princípios de seletividade e ordenamento [….] nos termos dos quais padrões de e para, bem como comportamento nas mais variadas áreas do conteúdo cultural são reduzidas em generalizações parcimoniosas[682].

A cultura é externa ao sujeito, sendo um meio através do qual a cognição humana produz e estabelece suas representações. Os fatores culturais operam de forma que modulam o comportamento social e o conferem forma[683]. Isso significa dizer que a cultura é uma prática discursiva simbólica, composta por conhecimentos, valores e crenças que o sujeito faz uso no coletivo.

Além de Kroeber, outras duas alunas de Boas também consolidavam o seu espaço dentro da Antropologia e podem ter contribuído para o trabalho posterior de Ursula Kroeber Le Guin: Margaret Mead e Ruth Benedict.

681KROEBER, Alfred L.; KLUCKHOHN, Clyde, **Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions**, Cambridge: Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, 1952, p. 135.

682No original: “Cultures are systems (that is, are organized) because the variables are interdependent. All systems appear to acquire certain properties that characterize the system *qua* system rather than the sum of isolable elements. […] The logical construct, culture, is based upon the study of behavioral products in that the concept of culture makes more behavior intelligible and, to an appreciable extent, makes possible predictions about behavior in particular areas. But culture is not behavior nor the investigation of behavior in all its concrete completeness. Part of culture consists in norms for or standards of behavior. Still another part consists in ideologies justifying or rationalizing certain selected ways of behavior. Finally, every culture includes broad general principles of selectivity and ordering […] in terms of which patterns of and for and about behavior in very varied areas of culture content are reducible to parsimonious generalization.” *Ibid*., p. 189.

683*Ibid*., p. 156.

Os três principais livros de Mead, *Coming of Age in Samoa*[684] (1928), *Growing Up in New Guinea*[685] (1930) e *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*[686] (1935) ganharam evidência ao combinar o trabalho de campo e a relativização cultural com a comparação entre sociedades — nativa e norte-americana — objetificando-as e demonstrando os problemas da segunda.

Ruth Benedict, em 1934 com *Patterns of Culture*[687], contrastou os Zuni do Novo México, os Dobu do Pacífico Sul e os Kwakiutl de *Vancouver Island* para demonstrar como as culturas poderiam ser pensadas a partir de configurações específicas, chamadas pela antropóloga de padrões culturais.

> Os comportamentos se dirigem como formas de viver, acasalamento, guerrear e venerar os deuses, sendo feitos a partir de padrões consistentes que estão de acordo com cânons de escolhas inconscientes que se desenvolvem na cultura. Algumas culturas, como alguns períodos da Arte, fracassam em ter tal integração e muitos outros nós sabemos pouco para entender aquilo que os motiva. Mas as culturas em todos os níveis de complexidade, mesmo os mais simples, alcançaram isso. Tais culturas têm sucesso, maior ou menor, em integrar o comportamento, sendo essa apenas dentre várias configurações possíveis.[688]

O conceito de padrões culturais já aparecia em Kroeber como aquele aspecto da cultura que viabiliza nossa cognição[689]. Mas, com os trabalhos de Benedict essa ideia é potencializada e viabiliza uma percepção sobre como uma cultura pode produzir estímulos favoráveis para certos tipos de comportamento que se tornam a norma, mas que em outra cultura são vistos de forma negativa e desestimulados[690]. No mais, Benedict e Le Guin compartilhavam o interesse pela teoria junguiana[691].

---

684 MEAD, Margaret, **Coming of Age in Samoa - A Psychology Study of Primitive Youth for Western Civilisation**, New York: William Morrow & Company, 1928.

685 MEAD, Margaret, **Growing Up in New Guinea - A Comparative Study of Primitive Education**, New York: Blue Ribbon Books, Inc., 1930.

686 MEAD, Margaret, **Sex and Temperament in Three Primitive Societies**, New York: Morrow, 1935.

687 BENEDICT, Ruth, **Patterns of Culture**, New York: The New American Library, 1934.

688 No original: All the miscellaneous behaviour directed toward getting a living, mating, warring, and worshipping the gods, is made over into consistent patterns in accordance with unconscious canons of choice that develop within the culture. Some cultures, like some of periods of art, fail of such integration, and about many others we know too little to understand the motives that acuate them. But cultures at every level of complexity, even the simplest, have achieved it. Such cultures are more or less successful attainments of integrated behaviour, and the marvel is that there can be só many of these possible configurations." Tradução nossa. *Ibid*., p. 54.

689 KROEBER; KLUCKHOHN, **Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions**, p. 188.

690 BENEDICT, **Patterns of Culture**, p. 239.

691 SHAMDASANI, Sonu, **Jung e a Construção da Psicologia Moderna: O Sonho de uma Ciência**, São Paulo: Idéias e Letras, 2011.

Quando a década de 1950 estava começando, o conceito de cultura havia ganhado proporção na sociedade americana[692]. O conceito servia para que os antropólogos e outros cientistas sociais, pudessem atacar o etnocentrismo, bem como estabelecer uma crítica cultural em torno do provincialismo norte-americano e repensar políticas sociais problemáticas e racistas[693]. A etnografia era responsável por “levantar questões sobre a relação entre culturas particulares e a cultura americana como um todo, delineando as subculturas distintas das classes sociais, étnicas, e dos grupos raciais[694]”.

4.2 KROEBER’S

Ursula Kroeber nasceu em 21 de outubro de 1929, em Berkeley na Califórnia[695]. Filha de Theodora Covel Kracaw Brown Kroeber (1897–1979) e Alfred Kroeber (1876–1960)[696].

A mãe de Le Guin, originária de Denver no Colorado, começou seus estudos em 1915 na *University of California*[697]. A graduação finalizada em 1919 se seguiu dum mestrado em Psicologia Clínica em 1920[698], quando casou com o seu primeiro marido, Clifton Spencer Brown[699]. O primeiro filho do casal, Clifton Jr., nasceu em 1921 e a sua irmã Theodora em 1923, ano de falecimento de Brown[700].

A Antropologia estava no campo de interesses de Theodora, que passou a frequentar os cursos de Alfred Kroeber e se casou com ele em 1926[701]. Alfred adotou as duas crianças e, em 1926, nasceu Karl Kroeber[702].

Após o nascimento de Ursula, a família, em 1930, mudou-se para um rancho no Vale de Napa, espaço visitado e frequentado por amigos de Alfred, como J.

692GILKESON, **Anthropologists and the Rediscovery of America, 1886-1965**, p. 14.
693*Ibid*., p. 68.
694No original: “[…]raised questions about the relation of particular cultures to American culture in general by delineating the distinctive subcultures of social classes and of ethnic and racial groups.” Tradução nossa.
Ibid.
695BUCKNALL, Barbara J., **Ursula K. Le Guin**, New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1981, p. 1.
696BUCKNALL, **Ursula K. Le Guin**.
697KROEBER, Theodora, **Alfred Kroeber: A Personal Configuration**, Berkeley: University of California Press, 1970, p. 129.
698*Ibid*.
699*Ibid*.
700*Ibid*., p. 130.
701*Ibid*., p. 132.
702*Ibid*., p. 137.

Robert Oppenheimer, nativos ameríndios e antropólogos, etnógrafos e pesquisadores[703].

Alfred costumava narrar para Ursula várias lendas indígenas e o contato com os mitos nórdicos tiveram um papel importante na sua infância[704]. Os livros eram abundantes na residência dos Kroeber[705] e com a obra de Lord Dunsany (1878–1957), ela se apaixonou pelo fantástico[706].

Sua vida escolar começou em 1944, na *Berkeley High School*[707]. quando teve contato com as obras de Tolstoi, Jane Austen, Turgenev, Dickens e Lao Tzu[708]. O colegial se encerrou em 1947 e entre as fileiras de alunos se encontrava Philip K. Dick, ainda assim, eles não se conheceram[709] neste período.

A ideia de Ursula era realizar os seus estudos na *University of California*, mas optou por cursar o *Radcliffe College*[710]. Os principais estudos que fez eram sobre literatura francesa e italiana. Em junho de 1951, Ursula se graduou com uma monografia intitulada *The Metaphor of the Rose as an Illustration of the "Carpe Dien" Theme in French and Italian Poetry of the Renaissance*[711]. Seguiu para a Europa com Karl Kroeber, onde realizou a tentativa de escrever o seu primeiro romance.

A ideia sobre Orsínia havia surgido anos antes, quando ela imaginou um espaço nas bordas leste da Europa[712]. Nas suas palavras:

> Comecei a sentir que estava a chegar perto. Comecei a ouvir os nomes. Orsenya – em latim e inglês, Orsínia. Vejo o rio, o Molsen, correr através duma abertura campestre e ensolarada para a antiga capital, Krasnoy (krasniy, eslavo, "maravilhoso"). Krasnoy com as suas três colinas: o Palácio, a Universidade e a Catedral. A Catedral de Santa Theodora, uma notória santa que não era santa, o nome da minha mãe… comecei a encontrar o meu caminho e sentir-me em casa aqui em Orsenya, matrya miya, a minha terra natal. Eu poderia viver aqui, encontrar quem mais vive aqui e o que eles fazem e contar histórias sobre[713].

703*Ibid*., p. 140.
704BUCKNALL, **Ursula K. Le Guin**, p. 03.
705LE GUIN, **The Language of the Night - Essays on Fantasy and Science Fiction**.
706*Ibid*., p. 20.
707BUCKNALL, **Ursula K. Le Guin**, p. 06.
708*Ibid*., p. 04.
709*Ibid*., p. 06.
710LE GUIN, Ursula Kroeber, **Five Ways to Forgiveness**, Kindle. New York: Literary Classics of United States, 2017, p. n.
711*Ibid*.
712*Ibid*.
713No original: "I begin to feel I'm coming close. I begin to hear the names. Orsenya – in Latin and English, Orsinia. I see the river, the Molsen, running through an open, sunny countryside to the old capital, Krasnoy (krasniy, Slavic, "beautiful"). Krasnoy on its three hills: the Palace, the University, the Cathedral. The Cathedral of St Theodora, an egregiously unsaintly saint, my mother's name...I begin to find my way about, to feel myself at home, here in Orsenya, matrya miya, my motherland. I can live here, and find out who else lives here and what they do, and tell stories about it."

Ao retornar aos Estados Unidos, começou a escrever e submeter poesias para publicação, auxiliada por seu pai. Ingressou no mestrado na *Columbia University*, terminando-o em 1952 com uma dissertação sobre a representação da morte na poesia de Pierre de Ronsard (1524–1585).

Começou seu doutorado na sequência, também na *Columbia University*. Recebeu uma bolsa *Fulbright*[714] para realizar sua pesquisa na França. Seu objeto de estudo era o poeta século XVI, Jean Lemaire de Belges (1473–1525).

O romance que começou a escrever na França foi enviado para Alfred Knopft, que o rejeitou. No mesmo ano ela começou outro romance, *Malafrena*. O que mais chama atenção nessa primeira tentativa é que a própria autora viria a considerar que a maior parte dos personagens era do sexo masculino, pois na década de 1950, "ficção era em sua maioria sobre homens e a história era sobre homens e eu pensei que livros deveriam ser sobre homens"[715].

Sua viagem começou em *New York*, no dia 23 de setembro. Lá, conheceu Charles Alfred Le Guin, outro bolsista que trabalhava com Revolução Francesa[716]. Em 22 de dezembro, Ursula e Charles se casaram[717].

O casal voltou para os Estados Unidos e, em 1954, mudou-se para a Georgia, onde Ursula passou a ministrar aulas de francês na *Mercer University*, em Macon[718], e Charles dava aulas de História[719]. No ano seguinte, Malafrena foi finalizado e, enquanto Charles terminava o doutorado na *Emory University*, Ursula assumiu o cargo de secretária do Departamento de Física da universidade[720].

Charles terminou o doutorado em 1956 e eles se mudaram para Moscow em Idaho, onde ambos assumiram o cargo de professor na *University of Idaho*[721]. Ursula escreveu alguns poemas usando o pseudônimo de R. R. Korsatoff e conseguiu ser publicada em um jornal local. Em 1957, a primeira filha do casal, Elisabeth Covel, nasceu.

Tradução nossa.LE GUIN, Ursula Kroeber, **The Complete Orsinia: Malafrena, Stories and Songs**, Kindle. New York: The Library of America, 2016, p. n.

714A bolsa surgiu no pós-Segunda Guerra, proposta por J. William Fulbright, que na ocasião (1945), ocupava a posição de senador no governo americano. No ano seguinte, foi ratificada pelo então presidente Harry S. Truman. É a principal bolsa do ensino superior, e pode ser obtida por alunos de doutorado, mas também por professores.

715LE GUIN, **The Complete Orsinia: Malafrena, Stories and Songs**, p. n.

716LE GUIN, **Five Ways to Forgiveness**.

717*Ibid*.

718*Ibid*.

719*Ibid*.

720*Ibid*.

721*Ibid*.

A família mudou-se novamente em 1958 para Portland (Oregon), onde Charles assumiu a posição de professor de história francesa na *Portland State University*[722]. O verão do ano seguinte eles passaram em Berkley, com os pais de Ursula e a família de Karl[723].

Em 1959, O poema *Folksong From the Montayna Province* apareceu no *Prairie Poet*[724]. A segunda filha do casal, Caroline, nasceu em quatro de novembro[725]. Theodora, mãe de Le Guin, publicou *The Inland Whale*, uma narração de vários mitos oriundos dos nativos da California, que foram transmitidos em parte por Robert Spott, um contador de histórias Yurok[726].

No dia cinco de outubro de 1960, Alfred Kroeber faleceu. Foi um marco para o amadurecimento de Ursula, com 31 anos[727].

Em 1961 a obra de sua mãe *Ishi in Two Worlds*[728] foi publicada e narra a transformação da Califórnia, dum espaço indígena para um estado norte-americano. Ishi (1861–1916), o personagem principal da narrativa, era conhecido dos Kroeber e o último representante dos Yana, grupo que foi exterminado. Além de extensas entrevistas para Kroeber, Ishi forneceu material para que Edward Sapir pudesse estudar a língua Yana[729]. A primeira parte da obra de Theodora narrou a vida e eliminação dos Yana[730]. Na segunda parte, Theodora abandonou o viés coletivo e focou nas dificuldades de Ishi em se adaptar, sendo exibido em museus e morrendo como um item de inventário[731].

An die Musik[732], uma história situada em Orsinia, saiu pela *Western Humanities Review*, em 1961. A primeira venda de Le Guin se deu logo na sequência, com *April in Paris*[733], para Cele Goldsmith Lalli, editora da *Fantastic Stories of Imagination*. A publicação foi impressa na edição de setembro de 1962 e rendeu U$30,00 para a autora[734].

722*Ibid*.
723*Ibid*.
724*Ibid*.
725*Ibid*.
726*Ibid*.
727*Ibid*.
728KROEBER, Theodora, **Ishi in Two Worlds - A Biography of the Last Wild Indian in North America**, Berkeley: University of California Press, 1961.
729SAPIR, Edward, **The Fundamental Elements of Northern Yana**, Berkeley: University of California Press, 1922.
730KROEBER, **Ishi in Two Worlds - A Biography of the Last Wild Indian in North America**.
731*Ibid*.
732LE GUIN, Ursula K., An die Musik, The Westerner Humanities Review, v. XV, n. 3, 1961.
733LE GUIN, Ursula K., April in Paris, **Fantastic Stories of Imagination**, v. 11, n. 9, 1962.
734LE GUIN, **Five Ways to Forgiveness**.

Goldsmith Lalli (1933–2002) assumiu a *Fantastic Stories of Imagination* e a *Amazing Stories* em 1958. Sua proposta editorial não era definida previamente e ela apostava em trabalhos experimentais que estivessem fora dos padrões do que vinha sendo feito na Ficção Científica[735].

A aposta da editora em Le Guin frutificou, com a publicação de *Darkness Box* em 1964, *The World of Unbinding*[736] em janeiro, *The Rule of Names*[737] em abril, *Selection* em agosto e de *The Dowry of Angyar* em setembro. As duas últimas na Amazing Stories. Na visão de Le Guin[738], as publicações foram possíveis, pois, a editora responsável apreciou a proposta e aceitou investir em uma "novata"[739].

Theodore, terceiro filho de Le Guin, nasceu em 1964[740]. Le Guin escrevia durante a noite, pois passava o dia cuidando das crianças[741]. O casal se mudou para Palo Alto, na Califórnia, por conta do ingresso de Charles no *Center for Study and Behavioral Science*[742].

Ainda em 1964, Le Guin e seu marido visitaram a *22º World Science Fiction Conferece*, Pacificon II, realizada entre quatro e sete de setembro em Oakland. A premiação do *Hugo Award*, na ocasião, era dividida em seis categorias: melhor narrativa, melhor história curta, melhor artista profissional, melhor revista profissional, melhor revista amadora e melhor editora de Ficção Científica.

No Pacificon II, o livro premiado com o Hugo Award foi *Way Station*[743], de Clifford D. Simak, publicado em 1963. Já a melhor história curta ficou com Poul Anderson, com *No Truce with Kings*[744]**.** Ed Emshwiller (1925-1990) levou o prêmio de melhor artista profissional. A revista profissional premiada foi a *Analog*, a revista amadora foi a Amra e a editora foi a *Ace Books*.

735ASHLEY, Mike, **Transformations: The Story of the Science-Fiction Magazines from 1950 to 1970.**, Cambridge: Liverpool University Press, 2005, p. 223.

736LE GUIN, Ursula K., The Word of Unbinding, **Fantastic Stories of Imagination**, v. 13, n. 1, p. 66–73, 1964.

737LE GUIN, Ursula K., The Rule of Names, **Fantastic Stories of Imagination**, v. 13, n. 4, p. 79–89, 1964.

738LE GUIN, **The Language of the Night - Essays on Fantasy and Science Fiction**.

739*Ibid*., p. 23.

740LE GUIN, **Five Ways to Forgiveness**.

741*Ibid*.

742*Ibid*.

743SIMAK, Clifford D., **Way Station**, New York: Doubleday, 1963.

744ANDERSON, Poul, No Truce With Kings, **The Magazine of Fantasy and Science Fiction**, v. 24, n. 6, p. 5–58, 1963.

4.3 ANTROPÓLOGOS, MAGOS, BRUXOS E ALIENÍGENAS

O primeiro livro de Ficção Científica, redigido por Le Guin foi encaminhado para a editora vencedora do Hugo, Ace Books, que estava sob o comando de Wollheim. O manuscrito ficou numa pilha e por acaso o editor cruzou com a história e decidiu publicá-la.

A edição era um *double* da *Ace Books*. A capa e a história de Le Guin aparecia dum lado e do outro, *The Kar-Chee Reing de Avram Davidson* (1923-1993), que estava numa emergência semelhante. Havia publicado *Joyleg* (1962), *Mutiny in Space* (1964), *Rogue Dragon* (1965), *Masters of the Maze* (1965), *Rork!* (1965) e *Clash of Star-Kings* (1965). As histórias curtas de Davidson circulavam desde a década anterior, o que sugere que a estratégia de Wollheim era uma aposta rentável, lançando um autor conhecido ao mesmo tempo, em que apresentava Le Guin.

Terry Carr (1937-1987), que na época trabalhava com Wollheim, sugeriu a criação de um selo — *Ace Science Fiction Specials* — com o intuito de publicar trabalhos como o de Le Guin, mas também de Joanna Russ. Na publicação seguinte de Le Guin, *Planet of Exile*, Wollheim manteve o modelo dos *doubles*. O selo de Carr estreou no ano seguinte e em 1969 teria a presença de Le Guin com *Left Hand of Darkness.*

Rocannon's World[745], de 1966, centrou-se num antropólogo, Gaverel Rocannon, enviado para o planeta Fomalhaut II para conduzir pesquisas. Antes de adentrar na história, convém pontuar alguns elementos. Rocannon faz parte da Liga de Todos os Planetas, organização que era capaz de viajar através do espaço usando o *Nearly as Fast as Light* (NAFAL).

Esse equipamento, apesar de viabilizar tal processo, não provê locomoção imediata. As viagens entre planetas demoram anos e aqueles que as realizam são postos em estado de hibernação. A comunicação entre planetas é possível, por conta do ANSIBLE, que recebe imediatamente mensagens de qualquer ponto da galáxia.

Durante a sua investigação em Fomalhaut II, a expedição da qual Rocannon fazia parte foi atacada por rebeldes separatistas. Sendo o único sobrevivente, o antropólogo precisava enviar uma mensagem avisando à Liga sobre a posição do

745LE GUIN, **Rocannon's World**.

grupo, pois a sua presença ali ameaçava as culturas locais. Todavia, o único ANSIBLE disponível estava na base do inimigo.

O relato sobre o planeta de Fomalhaut II oferece dados sobre algumas das espécies inteligentes que lá vivem: Gdemiar, Füa, Liuar. Há uma quarta que parecia ser tecnologicamente avançada, mas os aventureiros descobriram ser algo diferente.

Os Gdemiar e os Füa têm baixa estatura, mas diferem na sua organização social e cultura. Os primeiros vivem numa sociedade de cunho urbano e estratificada, e o seu conhecimento tecnológico foi avançado por uma missão da Liga.

Os segundos são nômades, não fazem uso da tecnologia e têm o domínio da telepatia. Já os Liuar são os mais próximos dos humanos em estatura, tendo uma sociedade feudal e uma tecnologia restrita à era do Bronze. Além disso, há uma divisão interna entre os Olgyor, que têm peles brancas e cabelo preto e os Angyar, que são negros com cabelo claro.

Rocannon, auxiliado por alguns Angyar e um Füa, conseguiu ir até à base do inimigo e enviar uma mensagem a seus aliados. A base foi destruída com os rebeldes, mas vários membros do grupo do antropólogo também foram mortos ao longo da jornada. O momento mais importante do texto é o encontro de Rocannon com uma criatura que aparenta ser um ancestral tanto dos Füa quanto dos Gdemiar, que lhe confere um presente: a telepatia.

> Era um estranho presente aquele que ele havia recebido do habitante da caverna, o guardião do quente poço nas montanhas sem nome; um presente que desmotivou toda a sua vontade de perguntar. Ali no escuro, na fonte profunda e quente, ele aprendeu uma habilidade dos sentidos que a sua raça e todos os homens da Terra haviam testemunhado e estudado noutras raças, mas para os quais eram surdos e cegos, salvo pequenos lampejos e raras exceções. Agarrando-se na sua humanidade, ele apequenou-se diante da totalidade do poder que o guardião da fonte possuía e oferecia. Ele tinha aprendido a escutar as mentes duma raça, dum tipo de criatura, entre todas as vontades do mundo, uma única voz: a do seu inimigo.[746]

---

746 No original: "It was a strange gift he had got from the dweller in the cave, the guardian of the warm well in the unnamed mountains; a gift that went all against his grain to ask. There in the dark by the deep warm spring he had been taught a skill of the senses that his race and the men of Earth had witnessed and studied in other races, but to which they were deaf and blind, save for brief glimpses and rare exceptions. Clinging into his humanity, he had drawn back from the totality of the power that the guardian of the well possessed and offered. He had learned to listen to the minds of one race, one kind of creature, among all the voices of all the worlds one voice: that of his enemy." Tradução nossa. *Ibid*., p. 104.

O desenvolvimento de Rocannon como heroi movimenta-se na jornada para vingar seus amigos, mas seus impactos são internos. O caminho é o que permite um contato intenso com as culturas e espécies do planeta, sincronicamente assumindo a posição de “andarilho”, presente na teologia nativa. Isso remete às histórias nórdicas sobre Odin e que se apresentam numa forma inicial na história publicada em 1964, *The Dowry of the Angyar*, que serviu como introdução para o texto.

Le Guin afirmou[747] que T*he Dowry of the Angyar* foi baseada na narrativa mítica da deusa Freya para recuperar o colar de Brísingamen. A roupagem que a autora conferiu para a obra foi trocar a deusa por uma nativa de Fomahault, Semley, e que buscava algo que lhe pertencia, mas estava na posse dum grupo de alienígenas — aquele do qual Rocannon fazia parte[748].

O encontro entre Semley e Rocannon acontece num museu espacial, onde várias culturas alienígenas são expostas. A presença dum museu, no contexto do encontro entre um nativo e um antropólogo, reforça o diálogo entre a literatura e a situação da disciplina nos Estados Unidos.

Planet of Exile[749], também de 1966, se passa em Werel e a história é centrada na integração entre dois grupos que ali habitavam, mas não estabeleciam relações entre si por uma série de preconceitos construídos ao longo do tempo. Sob ameaça duma invasão dos Gaals durante o inverno, os grupos antagonistas estabelecem uma integração, garantindo a sua sobrevivência e abrindo caminho para a construção duma nova comunidade.

Le Guin passou tempo descrevendo as diferenças culturais entre os grupos e as dificuldades que as comunidades nômades e as sedentárias experimentaram ao tentar se relacionar. A integração narrada não foi apenas cultural, mas biológica:

> Adapta-se. Reage. Mudanças! Com pressão suficiente e após várias gerações, as adaptações favoráveis tenderam a prevalecer… A radiação solar pode trabalhar ao longo do tempo direcionando algum tipo de norma bioquímica local… mas os natimortos e os abortos vão ser adaptações extras, ou incompatibilidades entre a mãe e o fetus normalizado. [….] Estranho, estranho, estranho!… Isso implicaria, você sabe, que a fertilização cruzada poderia vir a ocorrer.[750]

747LE GUIN, **The Language of the Night - Essays on Fantasy and Science Fiction**.

748SPIVACK, Charlotte, **Ursula K. Le Guin**, Boston: Twayne Publishers, 1984, p. 12.

749LE GUIN, Ursula K., **Planet of Exile**, New York: Ace Books, 1966.

750No original: “Adapts. Reacts. Changes! Give enough pressure, and enough generations, the favorable adaption tends to prevail...Would the solar radiation work in the long run towards a sort of local biochemical norm...all the stillbirths and miscarriages then would be overadaptations, or maybe incompatibility between the mother and a normalized fetus […] Strange, strange, strange! … That would imply, you know, that cross-fertilization might take place.” Tradução nossa. *Ibid.*,

A antropologia se manifesta no texto a partir da maneira como Le Guin constrói as diferenças culturais entre os grupos, um nômade e o outro sedentário[751]. Essas diferenças se desenvolvem na forma de rituais e na construção de vidas que se contrastam[752].

City of Illusions[753], de 1967, ocorre na Terra. A Liga de Todos os Planetas foi derrotada pelos Shing e a população terráquea foi reduzida a alguns grupos rurais e outros nômades. Os Shing exercem sua dominação a partir do controle mental. A capacidade da telepatia que Rocannon havia recebido foi invertida pelos Shing, uma vez que são capazes de produzir mentiras telepáticas. A história investe no problema da relação entre personalidade e memória e na produção de visões sobre um passado fabricado a partir destas.

> É claro que não havia sobreposição entre as duas seções de memórias. Falk havia chego ao ser e a consciência em meio a um vasto número de neurônios que um cérebro altamente inteligente deixava sem uso — os campos incultos da mente de Ramarren. O caminho motor e sensório nunca foi bloqueado e o sentido era compartilhado entre ambos, apesar de as dificuldades causadas por um conjunto duplo de habilidades motoras e modos de percepção. Um objeto parecia diferente para ele, dependendo se ele olhava como Falk ou Ramarren, em longo prazo essa reduplicação poderia servir para aumentar a sua inteligência e o seu poder de percepção, nesse momento era confuso ao ponto da vertigem. […] Longe de alcançar a coerência. Uma ou outra das duas estruturas de memória deveria predominar, se ele queria pensar ou agir com alguma competência.[754]

Publicada em 1968, a capa da primeira edição de *Wizard of Earthsea* foi desenhada por Ruth Robbins. Le Guin apontou em várias ocasiões que o ato de escolher um negro como capa era um movimento arriscado.

O protagonismo que não fosse branco escapava da aceitação do público-alvo das editoras, tanto dos jovens quanto dos adultos. A capa passou despercebida pelo

p. 105.

751 SPIVACK, Charlotte, **Ursula K. Le Guin**, Boston: Twayne Publishers, 1984, p. 16–7.

752 *Ibid.*, p. 17.

753 LE GUIN, Ursula K., **City of Illusions**, New York: Ace Books, 1967.

754 No original: “There was of course no actual overlap of his two sects of memories. Falk had come to conscious being in the vast number of neurons that in a highly intelligent brain remain unused – the fallow fields of Ramarren`s mind. The basic motor and sensory paths has never been blocked off and so in a sense had been shared all along, though difficulties arose there caused by the doubling of the sets of motor habits and modes of perception. An object looked different to him depending on whether he looked at it as Falk or as Ramarren, and though in the long run this reduplication might prove an augmentation of his intelligence and perceptive power, at the moment it was confusing to the point of vertigo. […] Coherence was far from being gained. One or the other of the two memory-structures still had to dominate, if he was to think and act with any competence.” Tradução nossa. *Ibid.*, p. 140.

público, mas edições posteriores da obra utilizam artes que neutralizam esse posicionamento político.

A história de *Wizard of Earthsea* tratou da infância e juventude de Ged, também conhecido como Sparrowhawk, futuro Senhor dos Dragões e Arqui-mago. Le Guin havia lido Tolkien, bem como as narrativas arthurianas e se questionava sobre os grandes magos, como Merlin e Gandalf.

Ainda em 1968, Le Guin se mudou para a Inglaterra e escreveu *The Word for World is Forest*, publicado em 1972[755]. Na época, ela começou a se comunicar com Virginia Kidd, escritora, editora e agente literária de Ficção Científica[756]. O intuito de Le Guin era vender os direitos de *The Left Hand of Darkness*. A transação teve sucesso e Kidd permaneceu como agente de Le Guin até 2003, quando morreu.

Le Guin lançou *The Left Hand of Darkness*[757] em 1969, livro considerado por muitos como a principal referência da autora dentro da Ficção Científica. Situado em um momento posterior do Ciclo Hainish. Os Shing já foram derrotados e a liga foi reorganizada em torno duma confederação, o Ekumen[758], responsável por enviar pesquisadores para analisar os planetas, relatando as suas questões sociais, culturais, históricas e políticas.

Em específico, a história se foca em Genly Ai, um terráqueo negro enviado pelo Ekumen para o planeta de Gethen, planeta a quem a confederação oferecia a possibilidade de ingresso.

A sociedade Gethen difere da humana em termos de sexualidade. Os gethens são, na maior parte do ano, andrógenos. Durante um período chamado kemmer, os indivíduos assumiam a sexualidade, podendo ser machos ou fêmeas. Como homem, Genly Ai é visto pelos nativos como um “pervertido”, uma vez que a sua sexualidade não sofre alterações. No mais, Gethen é um planeta em constante estado invernal, de modo que a combinação entre a sexualidade fluida e o frio implicou na ausência de guerra. Este contexto fornece uma série de barreiras para que Genly Ai possa compreender os Gethen.

755LE GUIN, **Five Ways to Forgiveness**.
756*Ibid*.
757LE GUIN, Ursula K., **The Left Hand of Darkness**, New York: Ace Books, 1969.
758O *Ekumen* nos parece ter relação com a ideia de *oikismós* grega, que diz respeito ao processo de fundação da cidade. Todavia, enquanto no mundo antigo, a cidade está associada com uma ideia de civilização, por oposição ao bárbaro/estrangeiro, o *ekumen* tem uma proposta inversa, e almeja estabelecer um diálogo com o diferente. Discutiremos mais sobre isso na conclusão de nossa dissertação.

Le Guin intercala a narrativa de Gently Ai com relatórios doutros antropólogos enviados para observar o planeta no passado, bem como mitos daquele povo. Isto fornece ao leitor uma perspectiva etnográfica para o texto, que também deve ser considerada.

O livro de Le Guin contou com uma introdução em que a autora discutiu sobre a Ficção Científica. Para ela, a Ficção Científica de cunho extrapolativo resulta num futuro onde não há liberdade, ou não há vida. Não sendo o que ela se propôs a fazer.

> As previsões são proferidas pelos profetas (gratuitamente); por clarividentes (que geralmente cobram uma taxa e, portanto, mais honrados em seu dia do que os profetas); e por futurólogos (assalariados). A previsão é o negócio de profetas, clarividentes e futurólogos. Não é o negócio dos romancistas. O negócio dum romancista é mentir.[759]

Para Le Guin, a Ficção Científica é uma descrição. Descreve-se o presente fazendo uso daquilo que é expresso como falso, simbólico e metafórico. O escritor coloca "em palavras o que não pode ser dito em palavras[760]". Ela definiu Ficção Científica como:

> Toda ficção é metáfora. A ficção científica é metáfora. O que o diferencia das formas mais antigas de ficção parece ser o uso de novas metáforas, tiradas de certos grandes dominantes da nossa vida contemporânea - ciência, todas as ciências e tecnologia, e as perspectivas relativista e histórica, entre elas. A viagem espacial é uma dessas metáforas; é uma sociedade alternativa, uma biologia alternativa; o futuro é outro. O futuro, na ficção, é uma metáfora. Uma metáfora para o que? Se eu pudesse tê-lo dito não metaforicamente, não teria escrito todas essas palavras, esse romance; e Genly Ai nunca teria se sentado na minha mesa e usado a minha fita de tinta e máquina de escrever informando a mim e a você, solenemente, que a verdade é uma questão de imaginação[761].

---

759 No original: "Predictions are uttered by prophets (free of charge); by clairvoyants (who usually charge a fee, and therefore more honored in their day than prophets); and by futurologists (salaried). Prediction is the business of prophets, clairvoyants, and futurologists. It is not the business of novelists. A novelist's business is lying." Tradução nossa. LE GUIN, **The Left Hand of Darkness**, p. n.

760 No original: "in words what cannot be said in words." Tradução nossa. *Ibid*.

761 No original: "All fiction is metaphor. Science Fiction is metaphor. Science fiction is metaphor. What sets it apart from older forms of fiction seems to be its use of new metaphors, drawn from certain great dominants of our contemporary life – science, all the sciences, and technology, and the relativistic and the historical outlook, among them. Space travel is one of these metaphors; so is an alternative society, an alternative biology; the future is another. The future, in fiction, is a metaphor. A metaphor for what? If I could have said it non metaphorically, I would not have written all these words, this novel; and Genly Ai would never have sat down at my desk and used up my ink and typewriter ribbon in informing me, and you, rather solemnly, *that the truth is a matter of the imagination*." Tradução nossa. *Ibid*.

The Left Hand of Darkness recebeu o *Hugo Award* na *28th World Science Fiction Convention* (Heicon 70), que ocorreu entre 20 e 24 de agosto na *Stadthalle Heidelberg* (Alemanha Ocidental). Le Guin concorreu com autores expressivos dentro da Ficção Científica. Entre os nomes indicados estavam: Robert Silverberg com *Up the Line*[762], Piers Anthony com *Macroscope*[763], Kurt Vonnegut Jr com *Slaughterhouse-Five*[764], e Norman Spinrad com *Bug Jack Barron*[765].

The Left Hand of Darkness também recebeu, em 1970, o *Nebula Award*. Além de concorrer com Silverberg, Spinrad e Vonnegut Jr, outros títulos haviam sido recomendados: *The Jagged Orbit*[766], de John Brunner, e *Isle of the Dead*[767], de Roger Zelazny.

Portanto, em 1970, antes da criação da SFS, Le Guin já havia sido reconhecida pelas duas principais organizações de Ficção Científica — a SFRA e a SFWRA, e consolidado a sua posição como autora do gênero.

4.4 VIETNÃ, LE GUIN E A FICÇÃO CIENTÍFICA

A Guerra do Vietnã é datada de primeiro de novembro de 1955 a trinta de abril de 1975. De um lado, o Vietnã do Norte, sendo apoiado por uma base comunista liderada pela União Soviética. Do outro, o Vietnã do Sul e os Estados Unidos. Outrora colônia da França, as forças de independência vietnamitas causaram uma série de derrotas aos primeiros ocupantes, bem como a sua retirada.

Os Estados Unidos, visando garantir o apoio da França começaram uma ocupação indireta no sul do Vietnã, na década de 1950. Em 1964, após duas embarcações americanas serem atacadas, os Estados Unidos responderam com operações aéreas contra o Vietnã do Norte.

A Ofensiva Tet foi um conjunto de operações do Vietnã do Norte e seus aliados contra as forças de ocupação. Sua primeira fase começou em trinta de janeiro de 1968 e seguiu até 28 de março do mesmo ano. A segunda fase foi de

762SILVERBERG, Robert, Up the Line, **Amazing Stories**, v. 43, n. 2, p. 6–75, 1969.
763PIERS, Anthony, **Macroscope**, New York: Avon Printing, 1969.
764VONNEGUT, Kurt Jr., **Slaughterhouse-Five: or The Children's Crusade**, New York: Delacorte Press, 1969.
765SPINRAD, Norman, Bug Jack Barron, **New Worlds**, n. 178, p. 5–16, 1967.
766BRUNNER, John, **The Jagged Orbit**, New York: Ace Books, 1969.
767ZELAZNY, Roger, **Isle of the Dead**, New York: Ace Books, 1969.

cinco de maio até quinze de junho de 1968 e a terceira de dezessete de agosto até vinte e três de setembro de 1968.

Apesar das baixas sofridas pelo Vietnã do Norte, a ofensiva foi considerada um sucesso, na medida em que foi central para transformar a opinião do grande público americano sobre a guerra. Criou-se um antagonismo entre os cidadãos e o governo, bem como se colocou em primeiro plano que seria necessário um esforço monetário e bélico maior para a sua solução[768].

O que havia ocorrido na ofensiva se chocou com o que o governo e a mídia vinham relatando de forma otimista[769]. As baixas sofridas pelos atacantes, apesar de enfraquecer as posições territoriais, não foram suficientes para determinar o fim do conflito[770]. Ao contrário, foi uma vitória.

Os Estados Unidos mantiveram os seus ataques pelo ar, mas em termos terrestres houve uma expressiva diminuição no efetivo. Assim, “os militares dos EUA não estavam dispostos a reinventar-se para lutar no Vietnã e arriscar pôr em risco a competitividade militar na Europa ou em outras frentes[771]”.

O custo da campanha no ar não foi apenas monetário, mas também teve efeitos no público, pois, enfatizava “o bombardeio maciço dum pequeno país agrícola[772]” por uma potência que parecia acertar mais os civis do que os militares.

Em 16 de março de 1968 ocorreu o Massacre de My Lai, atribuindo-se a execução de centenas de civis vietnamitas pelas forças norte-americanas. O evento foi fotografado por Robert L. Harberle, membro do exército, mas inicialmente o material não foi divulgado. Quando isso ocorreu, em novembro de 1969, causou impactos e deu mais força para os movimentos contrários à guerra.

> […] Embora as fotografias de Harberle pareçam fornecer evidências diretas da vitimização do povo vietnamita como resultado do envolvimento americano na guerra, elas tornaram-se símbolos dum tipo diferente de vitimização, a do soldado americano[773].

---

768 CHONG, Sylvia Shin Huey, **The Oriental Obscene - Violence and Racial Fantasies in the Vietnam Era**, Durham & London: Duke University Press, 2012.

769 HALL, Mitchell K., **The Vietnam War. Revised second edition**, London: Pearson Edutication Limited, 2008, p. 52.

770 LEBOVIC, James H., **The Limits of U.S. Miltary Capabiltiy - Lessons from Vietnam and Iraq**, Baltimore: John Hopkins University Press, 2010.

771 No original: “the US military was unwilling to reinvent itself to fight in Vietnam and risk endangering the military’s competitiveness in Europe or on other fronts.” Tradução nossa. *Ibid*., p. 39.

772 No original: “the massive bombing of a small agricultural country”. Tradução nossa. HALL, **The Vietnam War. Revised second edition**, p. 28.

773 No original: “[…] although Harberle’s photographs seems to provide direct evidence of the victimization of the Vietnamese people a a result of American involvement in the war, they became instead symbols of a different sort of victimization, that of the American soldier.” Tradução nossa.

O evento se tornou um ponto de referência para os movimentos contrários à guerra pois:

> […] Fotografias dos cadáveres na estrada tornaram-se as imagens icônicas dessa atrocidade. Não só foi reproduzida frequentemente como uma imagem independente por jornais e livros referenciando o massacre; também foi usado como base de um pôster anti-guerra popular da Coalisão de Trabalhadores de Arte[774].

Os movimentos contra a guerra começaram a se organizar no começo da década de 1960, mas em 1967 houve o ingresso de Martin Luther King Jr., nos debates, bem como a criação do *Spring Mobilization Committee to End the War in Vietnam*, organização que financiou protestos e integrava diferentes perspectivas políticas[775].

O efeito da Ofensiva Tet na Ficção Cientifica ocorreu em junho de 1968, quando começou a circular o volume 26 e número 5 da *Galaxy Magazine*. Editada por Frederik Pohl e custando U$0,60, há duas páginas que ficaram na história da Ficção Científica. Na página quatro há o nome de todos os autores que eram a favor da intervenção dos Estados Unidos no Vietnam e na página 5 todos aqueles que eram contrários.

Entre os nomes favoráveis se encontravam: John W. Campbell, L. Sprague de Camp, Robert A. Henlein e Sam Moskowitz. Já nos nomes contrários, apareciam: Isaac Asimov, James Blish, Ray Bradbury, Samuel R. Delany, Philip K. Dick, Virginia Kidd, Damon Knight, Ursula Kroeber Le Guin, Gene Roddenbery, Judith Merril, Joanna Russ, Norman Spinrad e Donald A. Wolheim. Para a lista completa ver o **Anexo 1** dessa dissertação.

O clima favorável da invasão norte-americana no Vietnã da década de 1950 (1955–1975) cedeu espaço para movimentos de contestação que partiam de diferentes setores da sociedade civil norte-americana. Isso repercutiu na própria ficção, como o caso de *Star Trek* atesta[776].

CHONG, **The Oriental Obscene - Violence and Racial Fantasies in the Vietnam Era**, p. 93.

774 No original: "[…] photographs of the corpses in the road became of the iconic images of this atrocity. Not only was it reproduced frequently as a stand-alone image by newspapers and books referencing the massacre; it was also used as the basis of a popular anti war poster by the Art Workers' Coalition". Tradução nossa.

775 HALL, **The Vietnam War. Revised second edition**, p. 46.

776 FRANKLIN, H. Bruce, Vietnam, Star Trek, and the Real Future, *in*: REAGIN, Nancy R. (Org.), **Star Trek Hist.**, New Jersey: John Wiley, 2013.

A convergência da busca por direitos pela população negra, os movimentos pacifistas e a segunda onda feminista convergiram para uma onda global de protestos em 1968. Em quatro de maio de 1970, um grupo de estudantes que protestava na *Kent State University* foi alvejado pela Guarda Nacional, resultando em quatro mortes.

O evento em Kent foi um dentro dum vasto conjunto situacional que demonstrava as tensões experimentadas na sociedade norte-americana. Junto com a emergência duma unidade geracional que recusava a crença na benevolência do Estado, a popularização das substâncias psicodélicas[777] permitiram uma nova forma de exploração da espiritualidade que não dependia da autoridade institucional.

Em 1970, Le Guin publicou *A Trip to the Head* na *Quark*, editada por Delany e Hacker, *Things* na Orbit de Knight e *The Good Trip* na *Fantastic*. *Tombs of Atuan*, continuação das aventuras de Ged, foi serializada na *Worlds of Fantasy* e depois publicada pela editora Atheneum em junho de 1971.

The Tombs of Atuan, diferente do primeiro livro, em que há exclusividade em seu protagonismo e ponto de vista, fala sobre uma jovem sacerdotisa que guarda o templo de divindades sombrias, os *Nameless Ones* (*Os Inomináveis*). O templo é composto por um labirinto e ao longo dos séculos vários tesouros foram deixados ali. Ged vai até lá recuperar um anel e acaba sendo salvo pela sacerdotisa. A partir da relação de amizade entre os dois, ela liberta-se do controle das entidades malévolas e ambos escapam do tenebroso labirinto.

No mesmo ano, Le Guin publicou *The Lathe of Heaven*[778] e passou a ministrar um workshop sobre leitura e escrita de Ficção Científica na Pacific University. *The Lathe of Heaven* foi indicado ao Hugo Award e ao Nebula. Todavia, perdeu o primeiro para Philip José Farmer com *To Your Scattered Bodies Go*[779] e o segundo para *A Time of Changes*[780], de Robert Silverberg.

The Lathe of Heaven é uma Ficção Científica, mas não faz parte da mesma saga de universos que Le Guin havia criado. Num futuro próximo, a população vive

777ISSITT, Micah, **Hippies - A Guide to an American Subculture**, Santa Barbara, Denver & Oxford: Greenwood Press, 2009.

778LE GUIN, Ursula K., The Lathe of Heaven (Part 1 of 2), **Amazing Science Fiction**, v. 44, n. 6, p. 6–61, 1971; LE GUIN, Ursula K., The Lathe of Heaven (Part 2 of 2), **Amazing Science Fiction**, v. 45, n. 1, p. 6–36, 1971.

779FARMER, Philip José, **To Your Scattered Bodies Go**, New York: G. P. Putman's Sons, 1971.

780SILVERBERG, Robert, A Time of Changes (Part 1 of 3), **Galaxy Magazine**, v. 31, n. 4, p. 06–19, 1971; SILVERBERG, Robert, A Time of Changes (Part 2 of 3), **Galaxy Magazine**, v. 31, n. 5, p. 144–191, 1971; SILVERBERG, Robert, A Time of Changes (Part 3 of 3), **Galaxy Magazine**, v. 31, n. 6, p. 108–166, 1971.

num estado miserável. O protagonista, que tem problemas com substâncias químicas, começa a ter sonhos que alteram a realidade.

Sob a orientação dum psiquiatra/psicanalista que percebe o impacto ontológico do mundo onírico, os sonhos são guiados e as transformações pioram o estado universal. Quando George Orr sonha com uma sociedade sem racismo, ao acordar todos os sujeitos agora têm a mesma cor: cinza. Já quando sonha com a possibilidade de resolver o excesso populacional, o resultado é uma praga que dizima a humanidade.

Em 1972, Le Guin publicou *The Farthest Shore*[781] (Fantasia) e *The Word for World is Forest*[782]. O primeiro recebeu, em 1973, o *National Book Award*. T*he Tombs of Atuan* foi selecionado para o *Newbery Honor Book* da *American Library Association* e *The Lathe of Heaven* levou o *Locus Award*.

The Word for World is Forest[783] é ambientado no planeta de Athshe, onde um grupo de terráqueos estabeleceu um posto militar, explorando os recursos naturais e escravizando os nativos Athsheans, que se revoltaram contra a ocupação. Todavia a sua própria cultura viria a ser alterada. Isto porque se tratava dum grupo que, tal como os getheans, era de natureza pacífica. A postura anticolonial de Le Guin, pensada num contexto de contestação em torno da ação norte-americana no Vietnã, é perpassada por reflexões sobre as relações transversais entre linguagem e cultura.

Os personagens principais de *The Word for World is Forest* são: Cap. Don Davidson, líder da ocupação terráquea em Athshe, Selver, um xamã atshean em treinamento que foi capturado e escravizado pelos humanos, e Raj Lyubov, um antropólogo que trabalha num dicionário humano-atshean. Como pesquisador, Lyubov passa a simpatizar pela cultura nativa, e a sua relação de lealdade foi modificada ao longo do processo, uma vez que ele percebe que a ocupação da qual fazia parte estava sendo responsável por danos irreversíveis no planeta, e na própria sociedade de Selver.

A continuação das aventuras de Ged ocorrem em *The Farthest Shore*. Após construir para si uma história de grandes feitos, bem como ocupar o posto de arqui-mago, Ged na sua velhice é auxiliado pelo futuro príncipe Arren. Juntos eles desvendam que a mágica estava enfraquecendo no mundo, por conta de Cob, um

781LE GUIN, Ursula K., **The Farthest Shore**, New York: Atheneum, 1972.
782LE GUIN, Ursula K., **The Word for World is Forest**, New York: Berkley Medallion Books, 1972.
783LE GUIN, Ursula K., **The Word for World is Forest**, New York: Berkley Medallion Books, 1972.

antigo inimigo de Ged. Manipulando as energias da vida, Cob almejava ter posse da vida eterna. A jornada no mundo dos vivos é completada por uma jornada no mundo dos mortos e, apesar de o sucesso em derrotar Cob, o custo para isso foi alto e Ged perdeu os seus poderes.

Le Guin manteria a história de Ged encerrada por décadas. Em 1990, a primeira continuação saiu com o título de *Tehanu: The Last Book of Earthsea*. Em 2001 é editada uma coleção de crônicas escritas por Le Guin ao longo da sua vida sobre Earthsea e esse material foi publicado como *Tales from Earthsea*. No mesmo ano também foi lançado *The Other Wind*, que continua a história do livro de 1990 e encerra as aventuras de Ged e Tenar, a sacerdotisa que havia sido resgatada no segundo livro.

The Word for World is Forest[784] foi indicado ao Hugo Award de 1973 em uma nova categoria: melhor novela. Até então, havia a premiação para histórias longas e para histórias curtas. Com essa categoria, passou a existir uma divisão intermediária para histórias que tivessem entre dezessete mil e quinhentas até quarenta mil palavras. Algo similar ocorreu com o *Nebula Award*, para o qual o texto de Le Guin também foi nomeado.

A autora venceu o *Hugo Award*, concorrendo contra Frederik Pohl, Gene Wolfe, Joe Haldeman e Jerry Pournelle. Já no Nebula, Le Guin foi derrotada por Arthur C. Clarke, com *A Meeting with Medusa*[785]. Na outra categoria, Isaac Asimov com *The Gods Themselves*[786] venceu Norman Spinrad com *The Iron Dream*[787], John Brunner com *The Sheep Look Up*[788], George Alec Effinger com *What Entropy Means to Me*[789], David Gerrold com *When Harlie Was One*[790], e Robert Silverberg que concorria com dois títulos: *Dying Inside*[791] e *The Book of Skulls*[792].

784 *Ibid*.
785 CLARKE, Arthur C., A Meeting with Medusa, **Playboy**, 1971.
786 ASIMOV, Isaac, **The Gods Themselves**, New York: Doubleday, 1972.
787 SPINRAD, **The Iron Dream**.
788 BRUNNER, John, **The Sheep Look Up**, New York: Harper & Row Publishers, 1972.
789 EFFINGER, George Alec, **What Entropy Means to Me**, New York: Doubleday, 1972.
790 GERROLD, David, **When Harlie Was One**, New York: Nelson Doubleday & SFBC, 1972.
791 SILVERBERG, Robert, Dying Inside (Part 1 of 2), **Galaxy Magazine**, v. 33, n. 1, p. 6–76, 1972; SILVERBERG, Robert, Dying Inside (Part 2 of 2), **Galaxy Magazine**, v. 33, n. 2, p. 102–171, 1972.
792 SILVERBERG, Robert, **The Book of Skulls**, New York: Charles Scribner's Sons, 1971.

4.5 LE GUIN E A SCIENCE-FICTION STUDIES

Voltemos agora à atuação exclusivamente acadêmica de Le Guin. Em 1973, a autora fez duas contribuições para a SFS, sendo uma resenha[793] do livro *The Iron Dream*[794] de Norman Spinrad, e uma nota[795], que dizia respeito ao debate travado entre James Blish e Franz Rottesnteiner. Em 1973, dentro da *Science-Fiction Studies*, o primeiro a referir-se a ela foi Fredric Jameson[796], seguido por Darko Suvin[797] e Peter Fitting[798]. Todavia, estes são menções indiretas, conforme trataremos em breve.

Le Guin, quando contribuiu com a resenha[799] de *The Iron Dream*[800] de Norman Spinrad, o fez a partir duma dupla posição. Primeiro, como uma escritora de Ficção Científica amplamente reconhecida e que estava no processo de consolidação. E, segundo, como uma pesquisadora do campo de estudos literários com bacharel e mestrado.

A resenha de Le Guin começou com a interessante sugestão: "Adolf Hitler com o seu romance vencedor do Hugo de 1954, Senhor da Suástica, é apresentado por Norman Spirand como The Iron Dream, e é um livro extraordinário. Talvez ele também mereça o Hugo de 1973[801]". O tom humorístico de Le Guin tinha motivo.

The Iron Dream[802], de Spinrad, era uma história dentro doutra história. Num mundo paralelo, Adolf Hitler se mudou da Alemanha para os Estados Unidos após a Primeira Guerra, e usou as suas habilidades como artista para se tornar um ilustrador e escritor de Ficção Científica. *Lords of Swastika* foi o livro que essa versão alternativa de Hitler escreveu. Além desse texto, há uma análise "falsa" no fim do livro, por Homer Whipple (personagem ficcional), da *New York University*. É,

---

793 LE GUIN, On Norman Spinrad's "The Iron Dream".
794 SPINRAD, **The Iron Dream**.
795 LE GUIN, Ursula K., Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universe? Surveying the Battlefield, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 88–90, 1973.
796 JAMESON, Fredric, Generic Discontinuities in SF: Brian Aldiss' "Starship", **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 57–68, 1973.
797 SUVIN, Darko, Notes by Several Hands: SF Writers, The Great Consensus, and Non-Alignment, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 135–136, 1973.
798 FITTING, Peter, SF Criticism in France, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 164–173, 1974.
799 LE GUIN, On Norman Spinrad's "The Iron Dream".
800 SPINRAD, **The Iron Dream**.
801 No original: "Adolf Hitler's Hugo-Winning novel of 1954, **Lord of the Swastika**, presented by Norman Spinrad as **The Iron Dream,** is a extraordinary book. Perhaps it deserves the 1973 Hugo, as well."
LE GUIN, On Norman Spinrad's "The Iron Dream", p. 41.
802 SPINRAD, **The Iron Dream**.

portanto, o Hitler como autor de Ficção Científica para quem Le Guin sugeriu um Hugo.

Para Le Guin, Spinrad estava criticando uma tradição literária que era representada por autores como Howard e aqueles que haviam continuado o seu trabalho. Na Inglaterra, quem havia reabilitado os trabalhos de Howard era Michael Moorcock (1939-), editor da *New Worlds*. Este era um dos principais representantes duma modalidade literária de cunho fantástico que, na ocasião, era rotulada como "Espada e Capa[803]".

O alvo de Le Guin, no caso de Moorcock, é a série *The History of the Runestaff,* composta na ocasião por *The Jewel in the Skull* (1967), *The Mad God's Amulet* (1968), *The Sword of the Dawn* (1968) e *The Secret of the Runestaff* (1969). O protagonista da história é Dorian Hawkmoon, de origem ariana e com uma grande proeza bélica, faria frente ao terrível reino da Granbretan, num futuro medieval que espelha uma visão da Europa dominada pela Inglaterra

Para Le Guin, o elemento nuclear desses autores era a ideia de "Macho Alfa", tal figura "com os seus músculos de aço e os seus olhos claros e destino manifestado[804]" servia como reificação da ideia de super-homem[805]. Uma proposta ideológica que não estava contida apenas na Fantasia e também afetava a Ficção Científica.

No caso de Robert Heinlein, um dos possíveis alvos de Le Guin é *Starship Troopers*[806] (1959). A história se passa em um futuro onde o regime democrático é restrito apenas para aqueles que serviram nalgum dos ramos das Forças Armadas.

O planeta Terra é atacado por uma espécie alienígena de insetos gigantes que aniquilam a cidade de Buenos Aires e matam os pais do protagonista, John Rico. Logo após terminar os seus estudos no que seria equivalente ao ensino básico, optou por recrutar-se ao exército e foi enviado para a Infantaria Móvel. Após um extenso treinamento, Rico experimenta a realidade do combate, matando insetos e perdendo vários dos seus amigos e companheiros.

O livro de Heinlein é um elogio à proeza militar, defendendo uma democracia indireta e a possibilidade do sujeito solucionar todos os seus problemas, desde que haja esforço para isso. A sobrevivência de Rico e a sua eventual ascensão na

803Em inglês: *Sword and Sorcery*.
804LE GUIN, On Norman Spinrad's "The Iron Dream", p. 41.
805No sentido de Nietzsche que havia sido apropriado pelos nazistas.
806HEINLEIN, **Starship Troopers**.

titulação militar não é feita por indicação dalgum político ou pela influência da sua família, mas por seus feitos no campo de batalha.

Le Guin aponta que Heinlein é responsável por apresentar outra versão do "Macho Alfa", sendo definido como no "papel dum homem inato e geneticamente superior, a partir das suas virtudes militares heroicas, marcados pelo desejo e pela necessidade de controle autoritário[807]".

A dificuldade de Spinrad para Le Guin era como estabelecer uma crítica sobre algo, que por si só, já era uma completa distorção da realidade. A estratégia foi a produção dum distanciamento do leitor com a realidade, a partir da objetificação.

Apresentando esse Hitler como autor de Ficção Científica, e demonstrando como a ideia nazista foi presentificada, a literatura serviu como uma plataforma para colocar em questão "nossos pressupostos morais, nossas ideias de heroísmo, nossos desejos de liderar ou de ser liderados, nossas guerras justas[808]". Uma crítica que não estava interessada em projetar um futuro a partir da ciência (modelo Gernsback), mas, sim, algo do presente pois "Spinrad está tentando nos dizer algo que está acontecendo aqui[809]".

A segunda participação de Le Guin no nosso recorte foi no debate entre Franz Rottensteiner e James Blish. Em 1970, George Hay havia editado uma coletânea de artigos sobre Ficção Científica, com o título de *The Disappearing Future: A Symposium of Speculation*[810], mais uma contribuição para a legitimação do campo. Contava com a participação de nomes conhecidos no gênero, como: Moorcock, Samuel R. Delany, Campbell e Blish. Franz Rottensteiner, criador da *Quarber Merkur: Aufsätze Zur Science Fiction U Phantast Literatur*, e o seu cacique supremo, escreveu uma crítica ao artigo de Blish, *Future Recall*[811].

Essa discussão ganhou corpo quando foi traduzida para o inglês e publicada no SFS em 1973, no segundo número, apesar de parte desta crítica ter aparecido na *SF Commentary*[812] de maio de 1971. Os editores do SFS, Darko Suvin e R.D.

---

807 No original: "role of the innately (genetically) superior man, in the heroic virtues of militarism, in the desirability and necessity of authoritarian control." LE GUIN, On Norman Spinrad's "The Iron Dream", p. 42.

808 No original: "our moral assumptions, our ideas of heroism, our desires to lead or to be lead, our righteous wars". *Ibid*., p. 43.

809 No original: "Spinrad is trying to tell us is that it is happening here." *Ibid*.

810 HAY, George (Org.), **The Disappearing Future: A Symposium of Speculation**, London: Panther, 1970.

811 BLISH, James, Future Recall, *in*: HAY, George (Org.), **The Disappearing Future: A Symposium of Speculation**, London: Panther, 1970, p. 97–105.

812 ROTTENSTEINER, Franz, Letter (SF Commentary 24), **SF Commentary**, n. 24, p. 44, 1971.

Mullen, solicitaram uma resposta de Blish[813], além de contribuições de Le Guin[814], H. Bruce Franklin[815] e Chandler Davis[816].

A troca de opiniões era restrita, pelos editores, a 1000 palavras, e seguiu-se no terceiro número, de 1974, com a participação de Robert Scholes[817]. No número seguinte, foi publicada a resposta de Rottensteiner[818] e uma análise final sobre a questão do Marxismo por uma estrela acadêmica emergente: Fredric Jameson[819].

Rottensteiner recusava a proposta de James Blish, para quem a Ficção Científica seria uma literatura de mudança. Na sua perspectiva, a Ficção Científica era constituída por uma natureza conservadora, avessa à ideia de mudança. Uma das estratégias da literatura tradicional para ressaltar a mudança era colocar duas gerações em choque, marcando as suas semelhanças e diferenças. Mas quando algo parecido acontecia na Ficção Científica, o resultado não era produtivo. Como exemplo, Rottensteiner citou o caso de Heinlein, que superficialmente retrata o conflito entre gerações, mas não vai além disso. Não há mudança, apenas a repetição de uma mesma ideia.

O motivo disto era que "na Ficção Científica não há como existir desenvolvimento de personagens, pois não há personagens. Se as ideias de um 'personagem' mudam, então somos forçados a acreditar em milagres, uma vez que não é demonstrado nenhuma outra motivação psicológica[820]".

Outro ponto na argumentação de Blish era que, por conta da Ficção Científica ser uma literatura de mudança, os leitores desta estariam melhores equipados para lidar com as transformações da sociedade. Rottensteiner também rejeitou isso, pois a Ficção Científica não tem relação com o mundo, e seu conteúdo era baseado em crendices populares de homens com pouco conhecimento científico. A Ficção

---

813BLISH, James, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universe? - A reply to Mr. Rottensteiner, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 86–88, 1973.

814LE GUIN, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universe? Surveying the Battlefield.

815DAVIS, Chandler, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes?, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 93–94, 1973.

816*Ibid*.

817SCHOLES, Robert, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes?, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 213–214, 1974.

818DAVIS, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes?

819REYNOLDS, Mack; ROTTENSTEINER, Franz; JAMESON, Fredric, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes?, **Sci. Fict. Stud.**, v. 1, n. 4, p. 269–276, 1974.

820No original: "in SF there can be no development of character, because there are no characters. If a "character's" ideas change, then we are forced to believe in miracles, since we are shown no other psychological motivation".

DAVIS, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes?

Científica não era uma literatura científica, mas um dispositivo de alienação. E, com isso, o debate sobre Marxismo dentro da SFS começou.

Rottensteiner[821] postulou uma maneira que tornava nítida a percepção em torno da debilidade da literatura de Ficção Científica era considerar o silêncio desta sobre o Marxismo. O fato dos autores de Ficção Científica não reconhecerem a importância do Marxismo, mesmo que fosse a partir de perspectivas discordantes, demonstrava uma posição conservadora e completamente avessa às mudanças.

Rottensteiner entendia que a Ficção Científica era um tipo de literatura restrita a um grupo, e dada a existência doutras áreas que falam sobre mudança, e abrangem públicos maiores, como o Jornalismo e Futurologia, não fazia muito sentido incumbir a questão para ela.

Blish[822], em resposta, apontou que a estratégia de Rottensteiner era fazer uso da literatura a partir de dois sentidos diferentes. O primeiro dizia respeito à qualquer coisa que fosse impressa em um papel. E, o segundo, é a literatura como poesia, drama, ficção, etc. Neste segundo campo, para Blish, é onde o criticismo se encontra, e também a Ficção Científica. Cabe a esta demonstrar, ou almejar, como os seres humanos podem reagir às mudanças, sejam estas sociais ou tecnológicas. Blish, entretanto, salientou que nem toda a Ficção Científica era capaz de atingir isso, mas apenas uma pequena parcela.

Em torno da questão do Marxismo, Blish[823] contra-atacou citando Stapledon como alguém que foi significativamente influenciado por tais questões. No mais, na década de 1930, vários autores eram favoráveis ao projeto socialista. Em específico, Blish citou o caso dos *Futurians*, fundada em 1938 em Nova York e liderada por Wollheim.

Vários dos seus membros construíram carreiras profissionais na Ficção Científica, como Asimov, Lowndes, Knight, Kornbluth, Merril, Pohl, Blish e Virginia Kidd, sua futura esposa. Vários destes membros eram do Partido Comunista, e produziam Ficção Científica a partir duma proposta de imaginação sobre o futuro, recusando os modelos partidários que estavam ganhando força na Europa.

821*Ibid*.
822BLISH, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universe? - A reply to Mr. Rottensteiner.
823*Ibid*.

Com o debate construído desta forma, o título da participação de Le Guin já indica parte do seu interesse: *Surveying the Battlefield* (Sobrevoando o Campo de Batalha)[824].

A primeira parte do texto visou compreender e caracterizar quais eram as posições — de Rottensteiner e Blish e comentar os seus pontos positivos e negativos. Em relação a Rottensteiner, a autora concordou que era necessário estabelecer uma crítica da Ficção Científica, bem como colocar em alta que há vários autores que, mesmo vivendo em sociedades em que não havia censura literária, optavam por não colocar em questão o Capitalismo como modelo econômico ou o Darwinismo Social.

Todavia, Le Guin critica o tom de Rottensteiner, que apesar de fazer uso de questões teóricas importantes, não considerou qual era o principal elemento da Ficção Científica: a humanidade. Assim, a posição de Rottensteiner que tinha uma aparência libertária, era, na realidade, autoritária.

O que não significou que Le Guin concordava com Blish em torno da noção de existir um uso prático para a Ficção Científica. Para ela: “eu tenho suspeitas extremas sobre qualquer tipo de utilidade que pode ser imputada na literatura[825]”, ou melhor, “de todo o tipo de critério aplicado para definir a aplicabilidade em literatura, músicas, árvores, oceanos, pessoas, etc[826].” Le Guin também enfatizou que a noção de sistema aberta sugerida por Blish era importante para pensar como uma narrativa de Ficção Científica poderia operar num arranjo social.

Como exemplo, Le Guin[827] entendeu que o Marxismo era um sistema aberto quando a referência deste era Karl Marx. Todavia, poderia ser um sistema fechado se a referência fosse a política soviética liderada por Stalin. Havia uma relação análoga com a sociedade norte-americana, uma vez que se tratava dum sistema aberto quando a referência era Thomas Jefferson, ou um sistema fechado, com Richard Nixon. Assim era possível que um autor de Ficção Científica vivesse num sistema fechado, mas, mesmo assim, pudesse escrever literatura de Ficção

---

824LE GUIN, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universe? Surveying the Battlefield.
825No original: “I am extremely suspicious of any usefulness at all being ascribed to literature”.
Ibid.
826No original: “in fact, of the whole criterion of usefulness as applied to literature, music, oak trees, oceans, persons, etc.”
Ibid.
827DAVIS, Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes?

Científica que tivesse como pauta um sistema aberto. Tal era o caso de Zamiatin, com *We*[828]. Apesar de membro da Revolução, o seu livro foi proibido na URSS.

Em 1974[829], Le Guin contribuiu com uma resenha. Todavia, diferente de 1973, várias obras eram consideradas. A primeira era *View from Another Shore*[830], uma antologia de Franz Rottesnteiner que contava com textos de Lem, Gérard Klein, Andrevon, Madsen, Herbert W. Franke, Nesvadba, Rogoz, Aldani, Gansovsk, Ivanov e Shefner. A autora elogiou o trabalho de todos, mas demarcou que a seleção feita por Rottesnteiner sobre Lem não era tão boa quanto outra, feita por Darko Suvin, em 1970, com *Other Worlds, Other Seas*[831]. No mais, ela considerou a tradução feita por Michael Kendel satisfatória.

A segunda etapa da resenha fala sobre o livro *Hard to be a God*[832], dos irmãos Strugatski. Le Guin comparou este trabalho com aquele de Marion Zimmer Bradley e de Poul Anderson, pois, ambos tratam da cultura europeia medieval. Para ela, a principal diferença diz respeito à maneira como o herói foi construído.

No caso de Anderson, "heróis geralmente refletem uma mistura de virtudes aristocráticas heróicas com valores burgueses capitalistas[833]". Já com os Strugatskys, há um passo além, pois, o herói é "um comunista — Vermelho de coração[834]". A superioridade do segundo para com o primeiro era dada por conta da capacidade a Ficção Científica, como sátira, não ser dominada por uma pregação ideológica, mas sim uma literatura "próxima da condição humana geral, passada, presente e futura[835]".

Todavia, a questão não fica apenas nisso. Le Guin[836] pontuou como a relação entre protagonista e cultura alienígena marcavam as diferenças entre a Ficção Científica. No caso dos Strugalskys, o foco não estava no que o aventureiro fazia, mas em como ele era e como ele mudou a partir do contato com o outro. O peso literário para trazer essas mudanças a tona advinha da inserção dos Strugalskys na tradição literária russa e do realismo do comportamento humano.

828ZAMIATIN, **We**.
829LE GUIN, Ursula K., European SF: Rottensteiner's Anthology, the Strugatskys, and Lem, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 181–185, 1974.
830ROTTENSTEINER, Franz (Org.), **View From Another Shore**, New York: Seabury Press, 1973.
831SUVIN, Darko, **Other Worlds, Other Seas**, New York: Random House, 1970.
832STRUGATZKI, Arkadi; STRUGATZKI, Boris, **Hard to be a God**, New York: Seabury Press, 1973.
833No original: "heroes often represent a blending of the aristocratic-heroic virtues with bourgeois-capitalist values".
LE GUIN, European SF: Rottensteiner's Anthology, the Strugatskys, and Lem.
834No original: "a communist - Red to the core". *Ibid*.
835No original: "close to the general human condition, past, present, and to come".*Ibid*.
836*Ibid*.

O terceiro título analisado por Le Guin foi *The Invincible*[837], de Stanislaw Lem. Ela comparou com o sucesso anterior, Solaris, para demonstrar que ambos se completam. Tratava-se da construção de universos onde "o homem não é a medida de todas as coisas[838]", e o cosmos não era "totalmente compreensível à mente humana[839]", através da cognição científica ou da magia. O que não resultava numa condição niilista e pessimista, mas na construção da responsabilidade ética em torno das ações humanas.

Em 1974, Le Guin publicou *The Dispossessed*[840], que foi indicado tanto ao Hugo quanto ao Nebula. No Hugo, os concorrentes eram Poul Anderson com *Fire Time*[841], Philip K. Dick com *Flow my Tears, the Policeman Said*[842], Larry Niven e Jerry Pournelle com *The Mote in God's Eye*[843], e Christopher Priest com *Inverted World*[844]. O texto de Philip K. Dick também concorria ao Nebula, junto com *The Godwhale*[845] de T.J. Bass e 334[846] de Thomas M. Disch. Le Guin venceu ambos.

The Dispossessed[847] tem uma vaga ligação com as outras obras da autora, mas em termos cronológicos os seus acontecimentos são anteriores (invenção do ANSIBLE). A história se passa em Anarres e Urras, dois mundos habitados em Tau Ceti. A organização política de cada um dos mundos é diferente, de modo que Urras é dividido entre dois grupos, A-Lo e Thu, que estão em conflito. A-lo é uma sociedade capitalista estruturada por um sistema patriarcal, enquanto Thu estava sob o controle dum governo totalitário que se afirmava como proletário. Já Anarres, um planeta com condições muito mais hostis em termos geográficos e climáticos, tem uma colonização pacífica que se organizava num modelo anarquista, sociedade que emergiu se isolando de Urras.

837LEM, Stanislaw, **The Invincible**, New York: Seabury Press, 1973.
838No original: "man is not the measure of all things." LE GUIN, European SF: Rottensteiner's Anthology, the Strugatskys, and Lem.
839No original: "wholly comprehensible to the human mind."*Ibid*.
840LE GUIN, Ursula K., **The Dispossessed: An Ambiguous Utopia**, New York: Harper & Row Publishers, 1974.
841ANDERSON, Poul, **Fire Time**, New York: Doubleday, 1974.
842DICK, Philip k., **Flow my Tears, the Policeman Said**, New York: Doubleday, 1974.
843NIVEN, Larry; POURNELLE, Jerry, **The Mote in God's Eye**, New York: Simon & Schuster, 1974.
844PRIEST, Christopher, Inverted World (Part 1 of 4), **Galaxy**, v. 34, n. 3, p. 6–57, 1973; PRIEST, Christopher, Inverted World (Part 2 of 4), **Galaxy**, v. 34, n. 4, p. 127–179, 1974; PRIEST, Christopher, Inverted World (Part 3 of 4), **Galaxy**, v. 34, n. 5, p. 133–179, 1974; PRIEST, Christopher, Inverted World (Part 4 of 4), **Galaxy**, v. 34, n. 6, p. 134–179, 1974.
845BASS, T. J., **The Godwhale**, New York: Ballantine Books, 1974.
846DISCH, Thomas M., **334**, London: MacGibbon & Kee, 1972.
847LE GUIN, **The Dispossessed: An Ambiguous Utopia**.

O protagonista é Shevek, de Anarres, um cientista que estudava teoria temporal, baseada numa epistemologia que considerava não apenas questões exatas, como morais e filosóficas. Todavia, as teorias do cientista são tratadas com desconfiança pela sociedade anarquista da qual ele fazia parte. No mais, a pesquisa acabou se tornando inviável, pois, Shevek precisava trabalhar no setor agrícola, uma vez que Anarres possuía poucos recursos.

O cientista viaja para Urras, com o intuito de terminar as suas pesquisas. Lá a situação é pior que Shevek imaginava. O protagonista estranha a maneira como uma sociedade hierárquica capitalista se organiza e estabelece convenções sexuais que não fazem sentido no modelo anarquista. Após participar duma manifestação contra o sistema, que é suprimida pelo aparelho estatal, Shevek retorna para Anarres.

No número seguinte, Le Guin travou um debate[848] com David Ketterer em torno da interpretação de *The Left Hand of Darkness*. Para a autora, o principal problema estava na maneira como a ideia de mito e de símbolo era trabalhada, na medida em que estes eram entendidos dentro duma percepção na qual o seu conteúdo era conhecido e determinado. Isso transformava o mito numa alegoria e o símbolo num signo. Para a autora: "esse uso é totalmente o contrário do meu próprio e não me espanta que o senhor Ketterer veja tão pouco valor no meu livro quanto vejo no seu artigo: uma autodefinição estéril e circular[849]".

Le Guin definiu o mito como um "elemento vivo, uma constelação simbólica[850]". Um empréstimo teórico que ela fazia do trabalho de Jung e projetando na narrativa um processo de manifestação da psique. A tarefa do artista seria fazer um processo de comunicação entre consciências. A noção de jornada no inverno que vimos ser central em *The Left Hand of Darkness*[851], era uma expressão da autora: "meu intelecto certamente está envolvido, junto com as minhas capacidades para sensação, sentimento e intuição[852]". O mito e o símbolo são "primariamente e

---

848LE GUIN, Ursula K., Ketterer on "The Left Hand of Darkness", **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 2, p. 137–139, 1975.

849No original: "this usage is so totally the reverse of my own that it's little wonder Mr. Ketterer sees as little value in my book as I do in his essay: a sterile circulatory self-definition." *Ibid*.

850No original: "living element, a symbolic constellation".*Ibid*.

851LE GUIN, **The Left Hand of Darkness**.

852No original: "my intellect is certain involved, along with my capacities for sensation, feeling and intuition".LE GUIN, Ketterer on "The Left Hand of Darkness".

ultimamente dados suprarracionais, um datum, e não é meu trabalho distinguir isso, mas expressá-lo de forma vivida e comunicável[853]".

Os mitos, para Le Guin, não são ideias imutáveis, mas noções vivas e em transformação. Em *The Left Hand of Darkness*[854], a questão do andrógino era fundamental e, para ela, tal fenômeno tinha relação com os movimentos feministas, a liberação gay, roupas unissex etc. "Quando os grandes mitos se movem, é a partir do movimento da pessoa na totalidade, intelecto, sentimento, sensação, intuição que podemos segui-lo. E nós não sabemos onde isso irá nos levar[855]".

Le Guin encerrou o seu texto do seguinte modo: "o senhor Ketterer, apesar de toda a sua capacidade crítica, inteligência e paciência, termina com: notícias que o seu livro é um livro sobre um livro", e ela, a autora, "gastou dois anos na era do gelo com alienígenas andrógenos para construir pouco em torno duma definição teorética da ficção científica[856]".

A terceira contribuição de Le Guin foi uma comunicação proferida no *Khatru Symposium of Women in Science Fiction*. Organizado por Jeffrey D. Smith, foi integralmente feito na forma de correspondências trocadas ao longo de sete meses e depois publicadas na zine *Kathru*. Participaram vários escritores de Ficção Científica, como Suzy McKee Charnas, Samuel R. Delany, Virginia Kidd [Blish], Vonda N. McIntyre, Raylyn Moore, Joanna Russ, James Tiptree Jr (pseudônimo de Alice Shelson), Luise White, Kate Wilhelm e Chelsea Quinn Yabro.

Todavia, essa informação de que o texto de Le Guin era uma comunicação num simpósio e não um artigo foi perdida durante o processo editorial da SFS, o que resultou em confusões nos números posteriores. Com o título de *American SF and the Other*[857], Le Guin apresentou como as formas de alteridades características da Ficção Científica podem ser pensadas em termos sexuais, sociais, culturais e raciais. A Ficção Científica era responsável por não ser capaz de construir

---

853No original: ""is primarily and ultimately a supra-rational given, a datum, which it is not my job to disguise cleverly, but to express vividly and to communicate". *Ibid*.

854LE GUIN, **The Left Hand of Darkness**.

855No original: "When one of the great myths moves, it is only by a movement of the whole person, intellect, feeling, sensation, intuition, that we can follow it. And we don't know where it will lead us." LE GUIN, Ketterer on "The Left Hand of Darkness".

856No original: ""Mr. Ketterer, despite all his critical skill and intelligence and patience, ends up with: the news that this book is a book about a book", e que a própria autora, "spent two years in the Ice Age with a lot of androgynous aliens in order to make a little remark about "the theoretical definition of science fiction"
Ibid.

857LE GUIN, Ursula K., American SF and the Other, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 208–210, 1975.

personagens, mas massas que tinham a função de cumprir a ordem dos seus governantes.

Le Guin denuncia, a partir da questão social, como a Ficção Científica era conservadora e a sua base imaginativa vinha do modelo imperial britânico do século XVIII. Os planetas eram colônias, sendo organizadas e gestadas pelas pretensões dum império terrano. Em torno da cultura e da questão racional, a situação não era muito diferente e a partir do estereótipo transformava o outro em inferior ao homem branco colonizador: o alienígena deveria ser morto.

Autores como Weinbaum[858], Kornbluth, Sturgeon e Smith haviam começado a estabelecer uma ruptura, mas não tinha sido o suficiente. Para Le Guin, em vez de se pensar a alteridade como tal, esses autores produziam imagens do alien (e do robô) como espelhos do humano. Mas humanos que não tinham direito a existir, sendo suprimidos pela autoridade e hierarquia imperial[859].

Essa Ficção Científica criticada por Le Guin recusava o socialismo, ao mesmo tempo em que tirava a importância da democracia. A sua base era a transformação das virtudes militares como a forma ética universal e o capitalismo seriam o destino econômico galáctico.

O "macho alfa" era a inversão da imagem norte-americana e se tratava duma "hierarquia permanente de superiores e inferiores, com machos agressivos, ricos e ambiciosos no topo, seguidos por um grande vazio, e na base os pobres, os analfabetos, as massas sem face e todas as mulheres[860]". Para Le Guin, era necessário derrubar esse pensamento a partir dum idealismo humano, que estivesse embasado em considerações radicais, bem como "conceitos futuristas como liberdade, igualdade e fraternidade[861]".

O segundo aspecto da presença de Le Guin dentro da SFS é como uma autora de Ficção Científica. Em 1973, o primeiro a referir-se a ela foi Fredric

858WEINBAUM, Stanley G., A Martian Odyssey, **Wonder Stories**, p. 174–189, 1934.

859LE GUIN, American SF and the Other.

860No original: "permanent hierarchy of superiors and inferiors, with rich, ambitious, aggressive males at the top, then a great gap, and then at the bottom the poor, the uneducated, the faceless masses, and all the woman". *Ibid*.

861No original: "futuristics concepts as Liberty, Equality and Fraternity."*Ibid*.

Jameson[862], seguido por Darko Suvin[863] e Peter Fitting[864]. Douglas Barbour dedicaria, em 1974, um artigo[865] para discutir uma parte do conjunto de produções da autora.

Douglas Barbour dedicaria, em 1974, um artigo[866] evidenciando que o universo Hainish se apoiavam por uma relação temporal e imagética. As imagens conectam, "o bem emerge da escuridão ambígua, o mal da luz ofuscante. Assim, há uma imagem local específica em cada romance e uma imagem clara/escura penetrante em todos eles."[867].

As operações com essas imagens equivalem ao que chamamos de símbolos ao longo deste trabalho, intercalam e costuram a visão de Le Guin[868]. A cultura é valorizada na sua multiplicidade, ambiguidade e relatividade[869]. A interação e a relação entre diferentes culturas é o que permite a aprendizagem dos personagens[870].

S.C. Fredericks[871] foi outro que fez menção ao trabalho de Le Guin, utilizando *The Left Hand of Darkness*[872] para fazer um contraponto à proposta de interpretação de Ketterer[873].

As considerações de Le Guin sobre o debate entre Blish e Rottensteiner foram respondidos pelo segundo[874], e R.D. Mullen[875] viria a mencionar Le Guin como uma referência para a pertinência contemporânea do conceito de utopia. Ainda no debate Blish-Rottensteiner, Joanna Russ[876] e Darko Suvin argumentariam de modo favorável à posição tomada por Le Guin.

862JAMESON, Fredric, Generic Discontinuities in SF: Brian Aldiss Starship, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 57–68, 1973.
863SUVIN, Darko, Notes by Several Hands: SF Writers, The Great Consensus, and Non-Alignment, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 135–136, 1973.
864FITTING, Peter, SF Criticism in France, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 164–173, 1974.
865BARBOUR, Douglas, Wholeness and Balance in the Hainish Novels of Ursula K. Le Guin, **Sci. Fict. Stud.**, v. 1, n. 3, p. 164–173, 1974.
866BARBOUR, Douglas, Wholeness and Balance in the Hainish Novels of Ursula K. Le Guin, **Sci. Fict. Stud.**, v. 1, n. 3, p. 164–173, 1974.
867*Ibid*., p. 164.
868*Ibid*., p. 167.
869*Ibid*., p. 172.
870*Ibid*.
871FREDERICKS, S. C., David Ketterer on SF as Apocalyptic Literature. New Worlds for Old: The Apocalyptic Imagination, Science Fiction, and American Literature by David Ketterer, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 217–219, 1974.
872LE GUIN, **The Left Hand of Darkness**.
873KETTERER, David, **New Worlds of Old: The Apocalyptic Imagination, Science Fiction, and American Literature**, Indianopolis: Indiana University Press, 1974.
874ROTTENSTEINER, Franz, In Rebuttal, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 271–272, 1974.
875MULLEN, R.D., The Sunken World: Also Two Vision in One, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 292–297, .
876RUSS, Joanna, Four Complaints, **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 307–309, 1974.

Em 1975, Le Guin foi mencionada por Suvin, na introdução[877] para o número dedicado ao trabalho de Philip K. Dick. Ainda sob a visão de Suvin, Le Guin reapareceu em um artigo sequencial[878].

O terceiro número de 1975 foi dedicado a Le Guin. Darko Suvin, fez a nota de introdução[879], bem como o artigo final[880] e foi o responsável pela organização da edição. Além dele, Jeff Levin[881], Rafail Nudelman[882], Fredric Jameson[883], Ian Watson[884], John Huntington[885], David L Porter[886], Douglas Barbour[887], Judah Bierman[888] e Donald F. Theall[889] se focaram exclusivamente no trabalho de Le Guin. Para além destes, ainda no último número de 1975, R.D. Mullen[890] também comentou sobre *Rocannon's World*[891], *Planet of Exile*[892] e *City of Illusions*[893].

Suvin[894] sugeriu que a maior força no trabalho de Le Guin é a maneira como um sistema coletivo é construído a partir das interações entre sujeitos. Em estilo, a escrita operava de modo espiral, e a cada volta, o objeto (aprendizagem, contato, interação) ganhava mais destaque. Já Jeff Levin[895] não teceu nenhum comentário específico, de modo que sua contribuição é a cronologia de publicação dos livros de Le Guin, bem como seus contos e artigos.

877SUVIN, Darko, Introductory Note. The Science Fiction of Philip K. Dick., **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 1, p. 3–4, 1975.
878SUVIN, P.K. Dick's Opus: Artifice as Refuge and World View (Introductory Reflections).
879SUVIN, Darko, Introductory Note, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 203–204, 1975.
880SUVIN, Darko, Parables of De-Alienation: Le Guin's Widdershins Dance, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 265–274, 1975.
881LEVIN, Jeff, Ursula K. Le Guin: A Select Bibliography, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 204–208, 1975.
882NUDELMAN, Rafail, An Approach to the Structure of Le Guin's SF, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 210–220, 1975.
883JAMESON, Fredric, World-Reduction in Le Guin: The Emergence of Utopian Narrative, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 221–230, 1975.
884WATSON, Ian, The Forest as Metaphor for Mind: "The Word for World Is Forest" and "Vaster than Empires and More Slow", **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 231–237, 1975.
885HUNTINGTON, John, Public and Private Imperatives in Le Guin's Novels, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 237–243, 1975.
886PORTER, David L., The Politics of Le Guin's Opus, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 243–248, 1975.
887BARBOUR, Douglas, Wholeness and Balance: An Addendum, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 248–249, 1975.
888BIERMAN, Judah, Ambiguity in Utopia: "The Dispossessed", **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 249–255, 1975.
889THEALL, Donald F., The Art of Social-Science Fiction: The Ambiguous Utopian Dialectics of Ursula K. Le Guin., **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 256–264, 1975.
890MULLEN, R.D., The Garland Library of Science Fiction, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 280–288, 1975, p. 280.
891LE GUIN, **Rocannon's World**.
892LE GUIN, **Planet of Exile**.
893LE GUIN, **City of Illusions**.
894SUVIN, Introductory Note.
895LEVIN, Ursula K. Le Guin: A Select Bibliography.

Nudelman[896] optou por perceber como a conexão entre os trabalhos de Le Guin era produzido, apesar de serem episódios distintos. A existência da liga é um ponto de conexão, mas apenas parcial quando visto em torno duma perspectiva maior, onde o que se está em questão é um universo que perdeu sua unidade e almeja restaurar isso.

Já Fredric Jameson[897] se afasta do modelo estruturalista de Nudelman, e direciona o seu olhar para a relação entre *Left Hand of Darkness* e a ideia de utopia. Seja a sexualidade de Gethen, ou a sua sociedade pacifista, a autora vai acumulando no seu texto um arsenal que serve para questionar o liberalismo e a banalização da guerra, bem como do capitalismo. A utopia aparece, assim, não como uma sociedade ideal, mas em torno da capacidade de o presente em conceber uma utopia.

Watson[898] direcionou a sua discussão para *The Word for World is Forest*, e viu nesta um procedimento de crítica que diz respeito a situação dos indígenas na América do Sul, bem como a destruição das floretas, algo que é feito a partir dos interesses do capital.

Huntington[899], partindo do herói como visitante, discute como Le Guin utilizaria como estratégia a valorização duma economia tribal e menor nas suas sociedades em oposição ao modelo capital e moderno. Porter[900] também pensou na questão política em Le Guin, na medida em que esta é um ponto de partida para a produção de uma jornada espiritual, que por sua vez reconfigura a política.

Barbour[901] fez um rápido retorno para situar o seu argumento em função da publicação de *The Dispossessed*, considerada para ele como o ápice filosófico e literário da autora. E, que confere para a noção de totalidade uma percepção que não é linear, ou progressiva, mas próxima dum tapete, feito com cuidado e que ganha cores a partir das tensões metafísicas das diferentes narrativas.

No artigo de Bierman[902], Le Guin se destaca em confeccionar histórias nas quais os sujeitos são efetivamente pessoais com responsabilidades em relação a suas ações. A noção de conhecimento não é restrita à produção de equipamentos

---

896NUDELMAN, An Approach to the Structure of Le Guin's SF.
897JAMESON, World-Reduction in Le Guin: The Emergence of Utopian Narrative.
898WATSON, The Forest as Metaphor for Mind: "The Word for World Is Forest" and "Vaster than Empires and More Slow".
899HUNTINGTON, Public and Private Imperatives in Le Guin's Novels.
900PORTER, The Politics of Le Guin's Opus.
901BARBOUR, Wholeness and Balance: An Addendum.
902BIERMAN, Ambiguity in Utopia: "The Dispossessed".

de destruição, mas sua posse implica na própria reconfiguração da moral, e com isso, Le Guin seria a autora responsável por transformar a Ficção Científica numa literatura humanista maior.

Theall[903], no seu turno, explanou que a lógica dialética de Le Guin estava em produzir uma crítica da sociedade do presente e não a especulação em torno dum futuro. Isso funciona a partir da experiência corporal dos protagonistas e do contato destes com as formas de vida doutrem que conferem uma ambivalência polissêmica.

O que, para Theall, está amarrado com a noção de utopia no sentido que esta se manifesta a partir da dinâmica entre oposições, ganhando a sua forma desenvolvida em torno da comunicação, ou melhor, das diferenças e incomensurabilidades características destas.

Neste espírito de comparação entre Dick e Le Guin, Ian Watson redigiu um argumento a partir de *The Lathe of Heaven*[904], considerando este um trabalho problemático, pois, se inspirava nos trabalhos de Dick, mas não conseguia contribuir para além da fragmentação ontológica da realidade.

Roy Arthur Swanson[905], que propôs os aspectos de especulação presentes em *Ada or Ardor: A Family Chronicle* (1969) de Vladimir Nabokov, mencionou *The Left Hand of Darkness*[906].

Robert Plank, em 1976, trataria da obra de Le Guin, e no mesmo número, Anthony Wolk escreveria uma nota sobre a edição dedicada a autora. Plank[907] reitera que Le Guin produziu um novo tipo de Ficção Científica, desinteressada nas *Hard Sciences*, e, ao mesmo tempo apresentando uma noção de humanidade como definida a partir da realização dum potencial – a produção da tolerância com outrem.

Wolk[908] menciona brevemente que as análises sobre Le Guin na SFS se equivocavam, na medida em que restringiram a sua obra às de Ficção Científica, o que limitava as capacidades textuais da autora. Suvin também é atacado por Wolk, que discorda da importância *a priori* do viés político dos textos, algo que deve ser

---

903 THEALL, The Art of Social-Science Fiction: The Ambiguous Utopian Dialectics of Ursula K. Le Guin.
904 LE GUIN, The Lathe of Heaven (Part 1 of 2); LE GUIN, The Lathe of Heaven (Part 2 of 2).
905 SWANSON, Roy Arthur, Nabokov's Ada as Science Fiction, **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 1, p. 76–88, 1975.
906 LE GUIN, **The Left Hand of Darkness**.
907 PLANK, Robert, Ursula K. Le Guin and the Decline of Romantic Love, **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 36–43, 1976.
908 WOLK, Anthony, On the Le Guin Issue, **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 95–96, 1976.

pensado em relação ao *corpus* do autor e não apenas a um ou outro evento determinado.

A resposta de Le Guin viria no ano seguinte[909]. A questão familiar, tocada por nós, é retomada por ela, e junto com isso, a ideia de que nenhum daqueles que visaram tratar da sua obra problematizou o que significava ser mulher dentro da universidade, que sonhava secretamente em se tornar uma escritora.

Uma perspectiva de futuro pensada pela metáfora da Rosa, que está presente na sua análise da literatura e depois ganharia forma com o Taoismo e com Jung, além da sua posição política enquanto anarquista e uma percepção de migrante dentro dos EUA, corroboravam para a sua construção enquanto indivíduo. Sua participação também se deu na forma duma resposta[910] para Alex Eisenstein, que criticou[911] aquele último "comentário" de 1975.

Mais um artigo[912] sobre Le Guin apareceu em 1977, por Gérard Kelin e Richard Astle. Em nota, Richard D. Erlich[913] retornou ao artigo de Barbour[914], e recolocou algumas questões têm em vista D.H. Lawrence e a maneira como ambos fizeram uso do pensamento chinês para produzir ideias de totalidade.

Le Guin volta a ser discutida, com Martin Bickman[915] tratando, de modo específico, de *The Left Hand Of Darkness*. A narrativa é vista como uma interconexão entre mitos, lendas, e a própria história, que ganham coerência na medida em que os personagens vão amadurecendo as suas relações e saindo do seu lugar inicial.

Charles Nicol[916] fez uma resenha de um livro sobre Le Guin: *The Farthest Shore* of Ursula K. Le Guin[917], de George E. Slusser. Publicada em 1976, o trabalho de Slusser considerou como a carreira de Le Guin atingiu tamanho estatuto entre

---

909 LE GUIN, Ursula K., A Response to the Le Guin Issue (SFS #7), **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 43–46, 1976.

910 LE GUIN, Ursula K., In Response to Mr Eisenstein, **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 98, 1976.

911 EISENSTEIN, Alex, On Le Guin's "American SF and the Other", **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 97, 1976.

912 KLEIN, Gérard; ASTLE, Richard, Le Guin's "Aberrant" Opus: Escaping the Trap of Discontent, **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 3, p. 287–295, 1977.

913 ERLICH, Richard D., On Barbour on Le Guin, **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 3, p. 317–318, 1977.

914 BARBOUR, Wholeness and Balance in the Hainish Novels of Ursula K. Le Guin.

915 BICKMAN, Martin, Le Guin's the Left Hand of Darkness: Form and Content, **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 42–47, 1977.

916 NICOL, Charles, Review: Finding Le Guin's Right Hand, **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 86, 1977.

917 SLUSSER, George E., **The Farthest Shores of Ursula K. Le Guin**, New York: Borgo Press, 1976.

1960 e 1970. Chegando em 1979, é Patrick Parrinder[918] que vem a frente com um artigo sobre Le Guin e Ms. Brown. Em nota, Gérard Klein[919] escreve sobre a autora, e é respondido por outra nota, de Joanna Russ[920].

Em 1977, Le Guin faria a sua participação final na SFS dentro do nosso recorte. Primeiro com uma resenha[921] de *The Best from the Rest of the World: European Science Fiction*[922], editada por Donald A. Wollheim, e publicada um ano antes.

Na sequência, numa nota[923], ela posicionou-se diante do "Lem Affair", uma situação que envolvia Stanislaw Lem e a SFWA. E, por fim, no número seguinte, uma resenha sobre novas obras dos irmãos Strugastsky[924] que haviam sido disponibilizadas nos EUA.

Stanislaw Lem (1921–2006), de origem polonesa, começou a sua carreira literária no fim da década de 1940, tornando-se um ícone importante. Seus trabalhos foram traduzidos para os EUA e tanto Suvin quanto Le Guin expressaram em diversas ocasiões opiniões favoráveis.

A SFWA havia, anteriormente, conferido a Lem um reconhecimento honorário para que este pudesse participar do grupo de escritores. Todavia, a opinião de Lem sobre a Ficção Científica norte-americana não era muito positiva, algo que pode ser atestado inclusive por artigos publicados na SFS[925].

Por conta disto, Lem foi expulso da SFWA e convidado a se associar novamente, mas sem a honraria conferida anteriormente. Para Le Guin[926], que também participava da SFWA, a atitude contra Lem revelava um conjunto de preconceitos diante de se tratar dum estrangeiro comunista.

---

918 PARRINDER, Patrick, The Alien Encounter: Or, Ms Brown and Mrs. Le Guin (la Rencontre de l'extraterrestre), **Science Fiction Studies**, v. 6, n. 1, p. 46–58, 1979.

919 KLEIN, Gérard, On Ursula Le Guin, **Science Fiction Studies**, v. 6, n. 1, p. 117, 1979.

920 RUSS, Joanna, On Klein's Comments on Ursula Le Guin, **Science Fiction Studies**, v. 6, n. 1, p. 117–118, 1979.

921 LE GUIN, Ursula K., A Review, **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 64, 1976.

922 WOLLHEIM, Donald A. (Org.), **The Best from the Rest of the World**, New York: Doubleday, 1976.

923 LE GUIN, Ursula K., Concerning the "Lem Affair", **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 100, 1977.

924 LE GUIN, Ursula K., A New Book by Strugatskys, **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 2, p. 157–159, 1977.

925 LEM, On the Structural Analysis of Science Fiction.

926 LE GUIN, Concerning the "Lem Affair".

Logo na sequência da opinião de Le Guin sobre o “Lem Affair”[927], Darko Suvin[928] teceu um comentário sobre o assunto, posicionando mais uma vez como favorável a opinião da autora.

4.6 CONCLUSÃO

Os autores que citamos no primeiro e segundo capítulo constituem o núcleo da Ficção Científica e refletem os seus preconceitos e anseios a partir de como se representam e como representam outrem. Numa grotesca imitação dos saques espanhóis nas Américas, a “Era de Ouro” é banhada em sangue alienígena e, através disso, o herói tem a sua apoteose.

O contato entre a Ficção Científica e o cenário acadêmico norte-americano não se deu de forma imediata. As produções dum lado eram criticadas pelo outro e vice-versa. Tais discussões nos permitem ressaltar algo que havíamos percebido no primeiro capítulo, mas com menor força: o papel do escritor e o do crítico não são excludentes.

Le Guin nos parece o maior exemplo disso pelo modo como ela atua dentro e fora da SFS. Buscamos pensar Le Guin como uma convergência de trajetórias entre literatura e antropologia. A sua crítica revela aspectos da sua literatura e também carregam consigo heranças culturais e teóricas, como a importância da relativização cultural, do processo de contato e compreensão cultural e a ideia do Oikoumen, que coloca a margem em primeiro plano.

Se o centro da Ficção Científica estava com autores como Asimov e Heinlein, a base disso era a combinação da postura militarista que Le Guin denuncia que se combinava com uma perspectiva tecnicista. A ciência que serve para a função bélica é pautada pelo hardware. É o equipamento na sua mais alta potência que permite a invasão doutros mundos, a aniquilação dos inimigos e a conquista.

Na perspectiva do Oikoumen, quando o centro faz uso das Ciências Sociais, é para integrá-las no seu projeto tecno-militarista. Seja na forma da Dianética ou com o Psi, o conhecimento social não é modulado para integrar diferentes comunidades, mas para potencializar a dominação.

---

927 *Ibid*.
928 SUVIN, Darko, A First Comment on Ms. Le Guin’s Note on the “Lem Affair”, **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 101–102, 1977.

Le Guin se levanta contra essa perspectiva e o seu uso das Ciências Sociais demonstra que a margem é o lugar de mudança e de resistência. A partir da margem é possível olhar para o centro e perceber quais são os padrões de cultura que reificam uma cultura racista, militarista e machista. Esse movimento marginal possui várias formas em Le Guin.

O seu gosto por autores de Ficção Científica que tinham um teor comunista anti-stalinista ou alguma relação com o Leste Europeu e com o mundo soviético é uma evidência disto, na prática, que está além da produção literária. A recusa pela "Idade de Ouro" adquire mais uma camada de complexidade com esse ato. É evidente que Le Guin não é uma autora com ideias imutáveis. As questões de gênero que são levantadas por ela, como em *The Left Hand of Darkness*, usam o masculino como um gênero neutro e revelam posições que vão mudar.

Le Guin dirige para si uma crítica sobre as questões de gênero e aponta para estratégias de escrita futuras e assim reiterando a sua dinâmica como escritora e crítica. Há outros aspectos que a nossa análise deixou de lado e consideramos que não é um demérito apontá-los. Um deles é a relação de Le Guin com o Tao Te Ching e a tradução que ela inclusive vai fazer da obra.

Falar sobre o confronto duma minoria com a maioria implica em escolhas e em silenciamentos. Le Guin toca neste ponto com a sua literatura, dando protagonismo e mostrando culturas onde a oposição entre branco e negro é invertida e não há uma dominação necessária do primeiro em relação ao segundo (*Rocannon's World,* por exemplo).

Mas os autores negros vão construir um espaço na Ficção Científica que começa nesse período e perdura até os dias atuais. A referência dessa época era Samuel R. Delany e, posteriormente, Octavia Butler como ícones de resistência dentro duma literatura que historicamente os colocou numa posição subalterna.
A construção da Ficção Científica em Le Guin tem um contorno simbólico que carrega potencialidades diferenciais que advém da trajetória do seu pai (e da Antropologia nos Estados Unidos), bem como da sua experiência na academia e os seus interesses na literatura.

O herói é um cientista que observa e a transformação é interna. A construção duma máquina (como no caso do Ansible em *Dispossessed*) não é o ponto central da narrativa, mas sim a transformação do indivíduo mediante o contato com outrem.

A posição de Le Guin como feminista começou a se construir nesse período, mas foi desenvolvida posteriormente. No seu momento de ascensão dentro da Ficção Científica, seu alvo foi a tradição militarista que ela identifica em Heinlein, mas que, através dos capítulos 1 e 2, percebemos ser ramificação do projeto editorial de Campbell, e que ganhou diferentes facetas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como Gernsback e Campbell, os trabalhos de Le Guin projetavam uma visão sobre a ciência nos seus leitores. A Ficção Científica nesse conjunto simbólico visava incultar uma visão tecnicista, que dava valor para os dispositivos técnicos. A referência epistêmica advém da engenharia.

Considerando a primeira parte de *Hainish (Roccanon's World*[929], *Planet of Exile*[930], *City of Illusions*[931] e *The Left Hand of Darkness*[932]), percebemos que ao Le Guin tratar do processo de encontro entre diferentes culturas, ou de sujeitos que são desenraízados da sua cultura original e postos noutra, gera-se uma relação positiva.

Há uma integração da diferença, na medida em que esta é respeitada e produz uma totalidade. Já na segunda parte do conjunto, as coisas mudam. De *The Word for World is Forest*[933] até *Dispossessed*[934], permanece a construção de diferenças entre grupos. Todavia, em ambas, a resolução do protagonista é negativa e a sensação de destruição e perda são constantes.

O herói de Burroughs — veterano da Guerra Civil — é substituído por um outro tipo: o antropólogo. Essa relação entre culturas, e a posição do antropólogo herói no meio disto, podem ser aprofundadas. Kroeber e o seu orientador, Boas, estavam interessados em instalar uma Antropologia nos Estados Unidos que estivesse baseada numa compreensão da cultura como plural, relativa, integrada e condicionada pela história[935]. Para Boas[936], era necessário considerar os costumes dum grupo a partir do seu contexto, em condições ambientais e psicológicas[937].

Le Guin compartilha com Campbell a manipulação de um vocabulário e uma compreensão detalhada sobre o funcionamento das ciências. Diferente de Campbell, não se trata da Física e sim da Antropologia. Neste sentido, a posição do herói antropólogo de Le Guin é a dum intermediário entre duas culturas. Trata-se daquilo que Roy Wagner chamou de “objetividade relativa[938]”, em que se descobre quais as

929LE GUIN, **Rocannon's World**.
930LE GUIN, **Planet of Exile**.
931LE GUIN, **City of Illusions**.
932LE GUIN, **The Left Hand of Darkness**.
933LE GUIN, **The Word for World is Forest**.
934LE GUIN, **The Dispossessed: An Ambiguous Utopia**.
935DARNELL, **And along came Boas: Continuity and Revolution in Americanist Anthropology**; STOCKING, George W. Jr. (Org.), **Volkgeist as Method and Ethic: Essays on Boasin Ethnography and the German Anthropological Tradition**, London: The University of Wisconsin Press, 1996.
936BOAS, Franz, **The Science of Man in the Making**, New York: Charles Scribner's Sons, 1953.
937BOAS, **Anthropology and Modern Life**.
938WAGNER, **The Invention of Culture. Revised and Expanded Edition**, p. 13.

tendências e através de quais formas uma cultura pode se comunicar e compreender outra, bem como os limites deste diálogo.

O antropólogo da Ficção Científica de Le Guin é alguém que experimenta o objeto que estuda e se transforma a partir disso. É uma relação de aprendizagem, não de dominação.

Le Guin era uma figura *sui generis*, envolvida com a crítica literária e o universo acadêmico, possível por conta da sua trajetória familiar e a sua formação na área das Letras. Experimentava um momento significativo na sua carreira como escritora de Ficção Científica e Fantasia, com publicações reconhecidas em premiações importantes e traduzidas para outras línguas, o que consolidava a posição de Le Guin ao lado de nomes que já eram celebrados e considerados clássicos dentro do gênero, como Asimov e Clarke.

A questão antropológica de Le Guin realiza aquela transição apontada por Clareson e arguida noutros termos por Campbell. A Ficção Científica estava passando por uma transformação em que a questão do hardware cederia lugar ao uso das ciências para pensar no individuo e na sociedade. Todavia, esse não foi um processo determinado ou linear. Le Guin[939] não era leitora dos autores editados por Campbell, nem se identificava com tais trabalhos. O seu interesse era outro, que tinha a ver com a sua família e as mudanças na sua vida e carreira.

Tomando tanto as obras de Fantasia quanto as de Ficção Científica de Le Guin, podemos perceber algumas temáticas recorrentes. O herói costuma enfrentar um obstáculo que mudará a sua forma de ver o mundo. Esta transição pode ser um presente recebido, como o dom da telepatia em Rocannon's World, mas é sempre acompanhada por um conflito de vida ou morte. A partir disso, algum tipo de integração é produzido, que não se resume apenas ao indivíduo, mas estende-se a toda a sociedade (ou para mais de uma, como em *Planet of Exile* e *The Left Hand of Darkness*).

Em alguns dos trabalhos, a perspectiva alterada a partir do encontro com o Outro se confunde com a do pesquisador, como em *Rocannon`s World, The Left Hand of Darkness*, *The Word for World is Forest* e, em parte, em *Dispossessed*. O herói antropólogo, que começa a história portando um tipo de saber, aprende com os nativos uma nova maneira de existir e ver o mundo, que suspende premissas

---

939LE GUIN, **The Language of the Night - Essays on Fantasy and Science Fiction**.

originais. Noutros termos, é uma literatura que fala sobre um aprendizado com outrem.

Em *A Wizard of Earthsea*, é apenas nas últimas páginas que Ged descobre que a entidade que o estava caçando era sua própria sombra. Tal perspectiva remete aos trabalhos de Carl G. Jung e às reflexões deste sobre o inconsciente coletivo. Para Jung, a experiência humana individual advém a partir do contato com diferentes manifestações arquetípicas do inconsciente coletivo, que ele tipificou como: persona, sombra, anima/animus e Si-Mesmo[940].

Quando o eu confunde-se com a persona, as suas ações no mundo são definidas a partir do cargo que ele ocupa socialmente e não com quem ele é, além disso. Nas tumbas, a sacerdotisa não tem uma identidade, sendo definida por seu cargo e adoração à escuridão.

A sombra pode se manifestar de forma individual, como é o caso de *Wizard of Earthsea*, mas também de forma coletiva a partir dum tipo de postura predatória. Para Jung, "a sombra constitui um problema de ordem moral"[941] que carrega "uma atmosfera sufocante de subjetividade egocêntrica"[942] que uma vez em movimento permite que outrem seja vivenciando "em mim, e outro que não sou, me vivencia[943]". Este é o caso da ocupação militar em *Word for World is Forest*, onde o sujeito é posto a serviço dum ideal do qual não há uma reflexão sobre. E quando essa reflexão ocorre (aquilo que Jung chama de individuação), há uma separação e uma recusa disso.

A questão do anima e do animus não é percebida imediatamente. Para Jung, a anima é uma manifestação feminina que oferece excessos e prazeres e vicia o eu nisso. É uma certa tentação dos sentidos, "algo que vive por si mesma e que nos faz viver; é a vida por detrás da consciência[944]". O animus é masculino, associado por Jung ao Logos[945], e diz respeito a um juízo internalizado produzido na forma de uma crítica masculina. O excesso não é dos sentidos, mas de uma postura moralista e hipócrita.

940JUNG, Carl Gustav, **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
941JUNG, Carl Gustav, **Aion - Estudo sobre o Simbolismo do Si-Mesmo**, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 19.
942JUNG, **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**, p. 30.
943*Ibid*., p. 32.
944*Ibid*., p. 37.
945JUNG, **Aion - Estudo sobre o Simbolismo do Si-Mesmo**, p. 27.

A anima parece ganhar forma em textos nos quais o protagonista enfrenta algum tipo de tentação. Em *City of Illusions*, a possibilidade de viver numa memória falsa e não se preocupar com as implicações disso é um exemplo. Outro ocorre em *Dispossessed*, no qual as sociedades cujo cientista não faz parte parecem ser melhores. Mas, principalmente em *The Lathe of Heaven*, na maneira pela qual os sonhos são usados para produzir uma realidade cada vez mais manipulada e esvaziada, uma vez que o desejo é levado à sua plena realização e, portanto, à sua aniquilação.

Jung considera que o animus é algo da psique feminina, enquanto a anima advém da psique masculina. A maior parte dos protagonistas de Le Guin são homens, salvo duas situações: *The Tombs of Atuan* e em *The Left Hand of Darkness*. No caso das tumbas, a persona, a sombra e o animus se confundem e isso demarca como a totalidade será produzida a partir dum confronto e pela integração. Quando Tanar começa a questionar o que foi ensinada ao longo da sua vida, produz vozes críticas sobre si e tenta se anular constantemente.

Em *The Left Hand of Darkness*, o protagonista Genly Ai é, em certa medida, a manifestação de um animus que separa a sociedade entre dois gêneros diferentes. Enquanto esse animus heteronormativo domina a cena, Genly é incapaz de compreender o que é dito para ele pelos nativos. Isso porque eles não estão restritos nesse binarismo e, portanto, não são reféns dele. É só numa epifania final, que remete para um ato sexual, que esse animus é integrado.

O último ponto que queremos destacar é a ideia da Liga de Todos os Planetas, que posteriormente é destruída e substituída por um Ekumen. Nesse segundo caso, como já mencionamos, trata-se dum grupo que envia pesquisadores para diferentes planetas. A partir do estudo realizado por esses, é preparado um contato que oferece a possibilidade de o planeta fazer parte da aliança, visando construir uma rede de aprendizagem, bem como de trocas culturais. A Liga em Rocannon tem um tom militarista, mas isso desaparece com o Ekumen. Caso o emissário seja morto pelos nativos, após algumas gerações, será enviado outro e o diálogo começará novamente.

Sugerimos que Le Guin desenvolveu na sua ficção uma teoria criada por seu pai e sua mãe. Num artigo publicado logo após o fim da Segunda Guerra, com o título de *The Ancient Oikoumene as an Historic Culture Aggregate*, Kroeber defende

uma proposta sobre o desenvolvimento e a invenção histórica[946]. A definição original de Oikoumene vem dos gregos, para falar sobre o espaço que é habitado. Kroeber a expande para pensar em algo que designe o alcance das culturas no globo[947]. Dizendo de outra forma, a palavra significa "comunidade".

A ideia do Oikoumene é que o desenvolvimento e o avanço cultural nunca é feito no centro emissor original, mas sempre nas suas fronteiras e margens[948]. Os grupos culturais que são receptores de culturas externas podem reagir a ela de diferentes maneiras, seja adotando para si aquelas ideias ou recusando-as, integralmente ou parcialmente[949]. É nessa dinâmica marginal, no qual o centro não consegue exercer hegemonia absoluta, que novas formas culturais surgem e se tornam, com isso, novos centros[950].

Como Le Guin utiliza isso? Pois, bem, considerando que as nossas afirmações anteriores sobre a autora estão corretas e a sua literatura porta um processo de encontros culturais a partir de perspectivas individuais, os contatos têm um lugar para ocorrer: sempre nas margens, em planetas distantes do centro. Pensando nas obras de Ficção Científica, isso ocorre na maior parte dos casos.

Em *Rocannon's World*, é na margem que a telepatia será descoberta e depois transmitida para a humanidade. Já em *Planet of Exile*, a partir do contato entre os grupos ganha forma uma civilização que, no futuro, expulsa os invasores que ocupam a Terra. Mais ainda, em *City of Illusions*, a história se passa no planeta que poderia se considerar como central para a Liga e depois o Ekumen, mas não é o caso. É um momento de devastação onde aquele lugar deixou de ter uma posição central e dependerá da margem para ser liberado.

A aprendizagem de *The Left Hand of Darkness* parece ser paralela, pois, o debate em torno da sexualidade diz mais sobre a sociedade de Le Guin e os seus leitores do que o Ekumen. O ponto é que não há diferença entre um e outro. A sociedade Gethen na sua sexualidade fluída possibilita uma desconstrução do protagonista que não afeta apenas o seu corpo, mas principalmente o seu modo de cognição. A contribuição a partir do gênero de Gethen é, antes de mais nada, ontológica.

946KROEBER, Alfred L., The Ancient Oikoumene as an Historic Culture Aggregate, **The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, v. 75, n. 1–2, p. 9–20, 1945.

947*Ibid*., p. 09.

948*Ibid*., p. 12.

949*Ibid*., p. 18.

950*Ibid*., p. 19.

Os eventos de *The Word for World is Forest* e de *The Dispossessed* ocorrem antes da formação da Liga. No primeiro caso, o contato entre os invasores terráqueos e os nativos athsheanos demonstram que o caminho imperialista é historicamente construído e, portanto, pode vir a ruir. Uma rachadura que começa com a experiência dolorosa de escravidão, dor e guerra. Já em *The Dispossessed*, as aventuras do cientista abrem caminho para que ele possa construir o ANSIBLE e viabilizar a comunicação imediata entre longas distâncias.

Sob a luz da interpretação de Le Guin, a Ficção Científica que surge a partir do *Western* possui um tratamento com a alteridade que é mediado pela violência, opressão e destruição. Seja a Guerra Civil, mais nítida em Burroughs, ou as Guerras Mundiais, que foram experimentadas de diferentes formas pelos autores, a perspectiva militar e masculina é dominante.

Esse movimento marginal aparece de várias formas em Le Guin. O seu gosto por autores de Ficção Científica que tinham um teor comunista ou alguma relação com o Leste Europeu e com o mundo soviético é uma evidência. A recusa pela “Idade de Ouro” adquire mais uma camada de complexidade com esse ato.

Le Guin não era uma autora com ideias imutáveis. As questões de gênero levantadas por ela, como em *The Left Hand of Darkness*, usam o masculino como um gênero neutro e revelam posições que vão mudar. Le Guin dirige para si uma crítica dura sobre as questões de gênero e aponta estratégias de escrita futuras, reiterando a sua dinâmica como escritora e crítica.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Goldenweiser. **Early Civilization: An Introducion to Anthropology**. New York: A. A. Knopf, 1922.

ALLEN, Stuart. **Wordsworth ans thé Passions of Critical Poetics**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010.

AMIS, Kingsley. **New Maps of Hell: A Survey of Science Fiction,**. New York: Harcourt Brace & Company, 1960.

ANDERSON, Poul. **Fire Time**. New York: Doubleday, 1974.

ANDERSON, Poul. No Truce With Kings. **The Magazine of Fantasy and Science Fiction**, v. 24, n. 6, p. 5–58, 1963.

ANGENOT, Marc. Jules Verne and French Literary Criticism. **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 33–37, 1973.

ARNOLD, Matthew. The Function of Criticism at the Present Time. *In*: **Essays in Criticism**. London & Cambridge: Macmillian and Co., 1865.

ASHLEY, Mike. Science Fiction Magazines: The Crucibles of Change. *In*: SEED, David (Org.). **A Companion to Science Fiction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 60–76.

ASHLEY, Mike. **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950.** Cambridge: Liverpool University Press, 2000.

ASHLEY, Mike. **Transformations: The Story of the Science-Fiction Magazines from 1950 to 1970.** Cambridge: Liverpool University Press, 2005.

ASHLEY, Mike. Wertenbaker, G. Peyton. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/wertenbaker_g_peyton>.

ASIMOV, Isaac. And Now You Don't (Part 1 of 3). **Astounding Science-Fiction**, v. 44, n. 3, p. 5–40, 1949.

ASIMOV, Isaac. And Now You Don't (Part 2 of 3). **Astounding Science-Fiction**, v. 44, n. 4, p. 120–150, 1949.

ASIMOV, Isaac. And Now You Don't (Part 3 of 3). **Astounding Science-Fiction**, v. 44, n. 5, p. 111–152, 1950.

ASIMOV, Isaac. **Asimov's Guide to the Bible - The Old and the New Testaments**. New York: Random House, 1981.

ASIMOV, Isaac. Bridle and Saddle. **Astounding Science-Fiction**, v. 29, n. 4, p. 09–30, 1942.

ASIMOV, Isaac. Dead Hand. **Astounding Science-Fiction**, v. 35, n. 2, p. 06–60, 1945.

ASIMOV, Isaac. **Foundation**. New York: Gnome Press, 1951.

ASIMOV, Isaac. Foundation. **Astounding Science-Fiction**, v. 29, n. 3, p. 38–52, 1942.

ASIMOV, Isaac. **It's Been a Good Life**. New York: Prometheus Books, 2002.

ASIMOV, Isaac. Marooned Off Vesta. **Amazing Stories**, p. 66–77, 1939.

ASIMOV, Isaac. Nightfall. **Astounding Science-Fiction**, v. 28, n. 1, p. 9–34, 1941.

ASIMOV, Isaac. **Nightfall and Other Stories**. Kindle. New York: Doubleday & Company, 1969.

ASIMOV, Isaac. Now You See It... **Astounding Science-Fiction**, v. 40, n. 5, p. 7–61, 1948.

ASIMOV, Isaac. Reason. **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 2, p. 33–45, 1941.

ASIMOV, Isaac. Ring Around the Sun. **Future Fiction**, v. 1, n. 2, p. 89–98, 1941.
ASIMOV, Isaac. The Big and the Little. **Astounding Science-Fiction**, v. 33, n. 6, p. 7–55, 1944.
ASIMOV, Isaac. **The Early Asimov or, Eleven Years of Trying**. New York: Doubleday & Company, 1972. 3v.
ASIMOV, Isaac. **The Gods Themselves**. New York: Doubleday, 1972.
ASIMOV, Isaac. **The Greeks: A Great Adventure**. Boston: Houghton Mifflin, 1965.
ASIMOV, Isaac. **The Intelligent Man's Guide to Science**. New York: Basic Books, 1960.
ASIMOV, Isaac. The Mule (Part 1 of 2). **Astounding Science-Fiction**, v. 36, n. 3, p. 7–53, 1945.
ASIMOV, Isaac. The Mule (Part 2 of 2). **Astounding Science-Fiction**, v. 36, n. 4, p. 60–98, 1945.
ASIMOV, Isaac. **The Near East: 10,000 Years of History**. Boston: Houghton Mifflin, 1968.
ASIMOV, Isaac. **The Roman Republic**. Boston: Houghton Mifflin, 1966.
ASIMOV, Isaac. The Weapon Too Dreadful to Use. **Amazing Stories**, p. 110–125, 1939.
ASIMOV, Isaac. The Wedge. **Astounding Science-Fiction**, v. 34, n. 2, p. 64–79, 1944.
ASIMOV, Isaac. Trends. **Astounding Science-Fiction**, v. 23, n. 5, p. 33–45, 1939.
ATACK, Jon. **A Piece of Blue Sky: Scientology, Dianetics and L. Ron Hubbard Exposed**. New York: Lyle Stuart Books, 1990.
ATHELING, William Jr. **More Issues at Hand**. New York: Advent Publishers, 1970.
ATHELING, William Jr. **The Issue at Hand: Studies in Contemporary Magazine Science Fiction**. New York: Advent Publishers, 1964.
ATTEBERY, Brian. The Magazine Era: 1926-1960. *In*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 32–47.
AYRE, Thornton. Penal World. **Astounding Stories**, p. 111–121, 1937.
BAILEY, James Osler. An Early American Utopian Fiction. **Am. Lit.**, v. 14, n. 3, p. 285–293, 1942.
BAILEY, James Osler. **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**. New York: Argus Books, 1947.
BALIO, Tino. **Grand Design - Hollywood as a modern business enterprise, 1930-1939**. New York: Simon & Schuster, 1993.
BARASH, Jeffrey Andrew (Org.). **The Symbolic Construction of Reality - The Legacy of Ernst Cassirer**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2008.
BARBOUR, Douglas. Wholeness and Balance: An Addendum. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 248–249, 1975.
BARBOUR, Douglas. Wholeness and Balance in the Hainish Novels of Ursula K. Le Guin. **Sci. Fict. Stud.**, v. 1, n. 3, p. 164–173, 1974.
BARRISH, Phillip. **American Literary Realism, Critical Theory and Intellectual Prestige 1880-1995**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
BASS, T. J. **The Godwhale**. New York: Ballantine Books, 1974.
BAYER, Thora Ilin. **Cassirer's Metaphysics of Symbolic Forms - A Philosophical Commentary**. New Haven & London: Yale University Press, 2001.
BEAUVOIR, Simone de. **La Deuxième Sexe I-II**. Paris: Gallimard, 1949.
BENEDICT, Ruth. **Patterns of Culture**. New York: The New American Library, 1934.

BERGER, Albert I. Love, Death, and the Atomic Bomb: Sexuality and Community in Science Fiction, 1935-55. **Science Fiction Studies**, v. 8, n. 3, p. 280–296, 1981.
BERGER, Albert I. Theories of History and Social Order in “Astounding Science Fiction”, 1934-55. **Science Fiction Studies**, v. 15, n. 1, p. 12–35, 1988.
BERTENS, Hans. **Literary Theory: The Basics**. London: Routledge, 2001.
BICKMAN, Martin. Le Guin’s the Left Hand of Darkness: Form and Content. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 42–47, 1977.
BIERMAN, Judah. Ambiguity in Utopia: “The Dispossessed”. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 249–255, 1975.
BLEILER, Everett; BLEILER, Richard J. **Science-Fiction: The Gernsback Years. A Complete coverage of the genre magazines Amazing, Astounding, and others from 1926 through 1936**. Kent, Ohio and London: The Kent State University Press, 1998.
BLISH, James. **A Case of Conscience**. New York: Ballantine Books, 1958.
BLISH, James. Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universe? - A reply to Mr. Rottensteiner. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 86–88, 1973.
BLISH, James. Future Recall. *In*: HAY, George (Org.). **The Disappearing Future: A Symposium of Speculation**. London: Panther, 1970, p. 97–105.
BOAS, Franz. **Anthropology and Modern Life**. New York: The Norton Library, 1962.
BOAS, Franz. **Race, Language and Culture**. New York: The Macmillan Company, 1940.
BOAS, Franz. **The Mind of Primitive Man**. New York: The Macmillan Company, 1938.
BOAS, Franz. **The Science of Man in the Making**. New York: Charles Scribner’s Sons, 1953.
BROOKS, Cleanth. **The Well Wrought Urn - Studies in the Structure of Poetry**. London: Harvest Books, 1947.
BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert P. **Understanding Fiction**. New Jersey: Prentice-Hall Inc., 1959.
BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert P. **Understanding Poetry - An Anthology for College Students**. New York: Henry Holt and Company, 1938.
BROWN, Peter. **The World of Late Antiquity (150-750)**. New York: Harcourt Brace & Company, 1971.
BRUNNER, John. **The Jagged Orbit**. New York: Ace Books, 1969.
BRUNNER, John. **The Sheep Look Up**. New York: Harper & Row Publishers, 1972.
BRYANT, Levi R. **Difference and Givenness - Deleuze’s Transcendental Empiricism and the Ontology of Immanence**. Evanston: Northwestern University Press, 2008.
BUCKNALL, Barbara J. **Ursula K. Le Guin**. New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1981.
BURKS, Arthur J. The Golden Horseshoe. **Astounding Stories**, p. 12–41, 1937.
BURROUGHS, Edgar Rice. **A Princess of Mars**. New York: A. C. McClurg & Co, 1917.
BURROUGHS, Edgar Rice. Tarzan of the Apes (Complete Novel). **The All-Story**, p. 241–397, 1912.
BURROUGHS, Edgar Rice. Under the Moons of Mars (Part 1 of 6). **The All-Story**, p. 193–233, 1912.
BURROUGHS, Edgar Rice. Under the Moons of Mars (Part 2 of 6). **The All-Story**, p. 404–480, 1912.

BURROUGHS, Edgar Rice. Under the Moons of Mars (Part 3 of 6). **The All-Story**, p. 621–688, 1912.
BURROUGHS, Edgar Rice. Under the Moons of Mars (Part 4 of 6). **The All-Story**, p. 71–112, 1912.
BURROUGHS, Edgar Rice. Under the Moons of Mars (Part 5 of 6). **The All-Story**, p. 256–278, 1912.
BURROUGHS, Edgar Rice. Under the Moons of Mars (Part 6 of 6). **The All-Story**, p. 256–278, 1912.
BUSS, Jared S. **Willy Ley - Prophet of Space Age**. Gainesville: University Press of Florida, 2017.
CAMPBELL, John W. Jr. (Org.). **Astounding Stories**. New York: Street & Smith Publications, 1937. (2).
CAMPBELL, John W. Jr. Beyond the End of Space (Part 1). **Amazing Stories**, v. 7, n. 12, p. 1096–1112, 1933.
CAMPBELL, John W. Jr. Beyond the End of Space (Part 2). **Amazing Stories**, v. 8, n. 1, p. 26–44, 1933.
CAMPBELL, John W. Jr. Concerning Dianetics. **Astounding Science Fiction**, v. 45, n. 3, p. 4–6, 1950.
CAMPBELL, John W. Jr. Editorial - We Must Study Psi. **Astounding Science Fiction**, v. LXII, n. 5, p. 4–7; 159–162, 1959.
CAMPBELL, John W. Jr. Into the Future. **Astounding Stories**, p. 57, 1937.
CAMPBELL, John W. Jr. Invaders from the Infinite. **Amazing Stories Quarterly**, p. 146–229, 1932.
CAMPBELL, John W. Jr. Sleet Storm. **Astounding Stories**, p. 151–155, 1937.
CAMPBELL, John W. Jr. Space Rays. **Wonder Stories**, p. 584–584, 1932.
CAMPBELL, John W. Jr. The Battery of Hate. **Amazing Stories**, v. 8, n. 7, p. 52–77, 1933.
CAMPBELL, John W. Jr. The Derelitcs of Ganymede. **Wonder Stories**, p. 938–948, 1932.
CAMPBELL, John W. Jr. The Electronic Siege. **Wonder Stories**, p. 1246–1255, 1932.
CAMPBELL, John W. Jr. The Last Evolution. **Amazing Stories**, v. 7, n. 5, p. 413–420, 1932.
CAMPBELL, John W. Jr. The Mightiest Machine (Part 1 of 5). **Astounding Stories**, v. 14, n. 4, p. 10–30, 1934.
CAMPBELL, John W. Jr. The Mightiest Machine (Part 2 of 5). **Astounding Stories**, v. 14, n. 5, p. 124–138, 1935.
CAMPBELL, John W. Jr. The Mightiest Machine (Part 3 of 5). **Astounding Stories**, v. 14, n. 6, p. 108–135, 1935.
CAMPBELL, John W. Jr. The Mightiest Machine (Part 4 of 5). **Astounding Stories**, v. 15, n. 1, p. 110–131, 1935.
CAMPBELL, John W. Jr. The Mightiest Machine (Part 5 of 5). **Astounding Stories**, v. 15, n. 2, p. 82–101, 1935.
CAMPBELL, John W. Jr. When the Atoms Failed. **Amazing Stories**, v. 4, n. 10, p. 910–925, 1930.
CAMPBELL, Neil. The Western. *In*: SEED, David (Org.). **A Companion to Twentieth-Century United States Fiction**. Malden & Oxford: Blackwell Publishing, 2010, p. 36–47.
CARPENTER, John. **The Thing**. United States: Universal Pictures, 1982.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas: I. A Linguagem**. Trad. Marion Fleishcher. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas: II. O Pensamento Mítico**. Trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas: III. Fenomenologia do Conhecimento**. Trad. Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Trad. J Guinsburg; Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CASSIRER, Ernst. **The Philosophy of Symbolic Forms. Vol. IV - The Metaphysics of Symbolic Forms**. Trad. John Michael Krvis. New Haven & London: Yale University Press, 1996.

CASTLE, Gregory. **The Blackwell Guide to Literary Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CHONG, Sylvia Shin Huey. **The Oriental Obscene - Violence and Racial Fantasies in the Vietnam Era**. Durham & London: Duke University Press, 2012.

CHUN, Clayton K. S. **Japan 1945 - From Operation Downfall to Hiroshima and Nagasaki**. New York: Osprey Publishing, 2008.

CLARESON, Thomas D. The Evolution of Science Fiction. **Science Fiction Quarterly**, v. 2, n. 4, p. 85–108, 1953.

CLARKE, Arthur C. A Meeting with Medusa. **Playboy**, 1971.

CLUTE, John; EDWARDS, Malcolm. de Camp, L Sprague. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/de_camp_l_sprangue>.

CLUTE, John; EDWARDS, Malcolm. Wollheim, Donald A. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/sturgeon_theodore>.

CLUTE, John; PRINGLE, David. Heinlein, Robert A. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/heinlein_robert_a>.

CLUTE, John; STABLEFORD, Brian; LANGFORD, David. Kornbluth, C M. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/kornbluth_c_m>.

COLERIDGE, Samuel Taylor. **Biographia Literaria or Biographical Sketches of my literary life and opinions**. London: S. Curtis, 1817.

COOPER, Dan. **Enrico Fermi and the Revolutions of Modern Physics**. Oxford, New York: Oxford University Press, 1998.

COOPER, Paulette. **The Scandal of Scientology**. New York: Tower Publications, 1971.

CORMAN, Roger. **The Haunted Palace**. United States: American International Pictures, 1963.

CRAMER, Kathryn. Hard science fiction. *In*: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 186–196.

CROCKETT, Clayton. **Deleuze Beyond Badiou: Ontology, Multiplicity and Event**. New York: Columbia University Press, 2013.

CUSSET, François. **French Theory - How Foucault, Derrida, Deleuze, & Co. Transformed the Intellectual Life of the United States**. Trad. Jeff Fort. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.
DARNELL, Regna. **And along came Boas: Continuity and Revolution in Americanist Anthropology**. Amsterdam: John Benkamins Publishing Company, 1998.
DAVENPORT, John C. **The Attack on Pearl Harbor - The United States Enters World War II**. New York: Infobase Publishing, 2009.
DAVIDSON, Eugene. **The Making of Adolf Hitler: The Birth and Rise of Nazism**. Missouri: University of Missouri Press, 1997.
DAVIS, Chandler. Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes? **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 93–94, 1973.
DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
DERLETH, August. The Thing That Walked on the Wind. **Strange Tales of Mystery and Terror**, v. 8, n. 1, p. 18–26, 1933.
DERRIDA, Jacques. **De la grammatologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.
DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman; Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2000.
DICK, Philip k. **Flow my Tears, the Policeman Said**. New York: Doubleday, 1974.
DISCH, Thomas M. **334**. London: MacGibbon & Kee, 1972.
DOSSE, François. **History of Structuralism V.1 - The Rising Sign, 1945-1966**. Trad. Deborah Glassman. Minneapolis & London: University of Minnesota Press, 1997.
DURKHEIM, Emile. **Les Formes Élementaires de la Vie Religieuse. Le Système Totémique en Australie. Livre I. Questions préliminaires**. 5. ed. Paris: Les Presses universitaires de France, 1968.
EFFINGER, George Alec. **What Entropy Means to Me**. New York: Doubleday, 1972.
EISENSTEIN, Alex. On Le Guin's "American SF and the Other". **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 97, 1976.
EIZYKMAN, Boris. On Science Fiction. **Science Fiction Studies**, Trad. Peter Fitting. v. 2, n. 2, p. 164–166, 1975.
EIZYKMAN, Boris. Temporality in Science-Fiction Narrative. **Science Fiction Studies**, Trad. Ronald Rosenthall. v. 12, n. 1, p. 66–87, 1985.
ELIOT, T. S. From Poe to Valéry. **The Hudson Review**, v. 2, n. 3, p. 327–342, 1949.
ELIOT, T. S. Hamlet and His Problems (1941). *In*: **Selected Essays**. London: Faber and Faber Limited, 1932, p. 141–146.
ELIOT, T. S. **The Sacred Wood: Essays on Poetry and Criticism**. London: Methuen & Co, Ltd., 1920.
ELIOT, T. S. Tradition and Individual Talent (1917). *In*: **Selected Essays**. London: Faber and Faber Limited, 1932, p. 13–22.
ELKINS, Charles. Isaac Asimov's "Foundation" Novels: Historical Materialism Distorted into Cyclical Psycho-History. **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 26–36, 1976.
ELSTAR, Dow; MCCREADY, Robert S. Stardust Gods. **Astounding Stories**, p. 122–150, 1937.
ERLICH, Richard D. On Barbour on Le Guin. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 3, p. 317–318, 1977.
EVANS, Arthur B. Jules Verne and the French Literary Canon. *In*: SMYTH, Edmund J. (Org.). **Jules Verne: Narratives of Modernity**. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.

EVANS, Arthur B. Nineteenth-Century SF. *In*: BOULD, Mark; M. BUTLER, Andrew; ROBERTS, Adam; *et al* (Orgs.). **Routledge Companion to Sci. Fict.** New York: Routledge, 2009.

FARMER, Philip José. **To Your Scattered Bodies Go**. New York: G. P. Putman's Sons, 1971.

FITTING, Peter. SF Criticism in France. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 164–173, 1974.

FITTING, Peter. Ubik: The Desconstruction of Bourgeois SF. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 1, p. 47–53, 1975.

FLEISHCHER, Richard. **Conan the Destroyer**. United States: Universal Pictures, 1984.

FORMAN, Jan. Mr. Ellerbee Transplanted. **Astounding Stories**, p. 39–50, 1937.

FORT, Charles Hoy. **The Book of the Damned**. New York: Boni and Liverlight, 1919.

FORT, Charles Hoy. **The Complete Books of Charles Fort: The Book of the Damned, New Lands, Lo!, Wild Talents**. New York: Dover Publications, 1974.

FRANKLIN, H. Bruce. **Robert A. Heinlein - America as Science Fiction**. Oxford: Oxford University Press, 1980.

FRANKLIN, H. Bruce. Vietnam, Star Trek, and the Real Future. *In*: REAGIN, Nancy R. (Org.). **Star Trek Hist.** New Jersey: John Wiley, 2013.

FRAZER, James George. **The Golden Bough - A Study in Magic and Religion. Part I The Magic Art and the Evolution of Kings**. London: MacMillan & Company, 1911. 12v.

FREDERICKS, S. C. David Ketterer on SF as Apocalyptic Literature. New Worlds for Old: The Apocalyptic Imagination, Science Fiction, and American Literature by David Ketterer. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 217–219, 1974.

FRIEDAN, Betty. **The Feminine Mystique**. New York: W. W. Norton and Co., 1963.

FRYE, Northrop. **Anatomy of Criticism - Four Essays**. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 1957.

GALLUN, Raymond Z. A Menace in Miniature. **Astounding Stories**, p. 88–100, 1937.

GERNSBACK, Hugo. A New Sort of Magazine. **Amazing Stories**, v. 1, n. 1, p. 3, 1926.

GERNSBACK, Hugo. Ralph 124C 41+. **Modern Electrics**, v. 4, n. 1, p. 19, 1911.

GERNSBACK, Hugo. Ralph 124C 41+. **Modern Electrics**, v. 4, n. 9, p. 593, 1911.

GERROLD, David. **When Harlie Was One**. New York: Nelson Doubleday & SFBC, 1972.

GILKESON, John S. **Anthropologists and the Rediscovery of America, 1886-1965**. New York: Cambridge University Press, 2010.

GORDON, Stuart. **From Beyond**. United States: Empire Pictures, 1986.

GORDON, Stuart. **Re-Animator**. United States: Empire International Pictures, 1985.

GOSTAK, Greg Pickersgill. **The International Fantasy Award**. Greg Pickersgill's Gostak. Disponível em: <www.gostak.org.uk/ifa/ifaindex.htm>.

GRAFF, Gerald. **Professing Literature - An Institutional History**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2007.

GRAY, Richard. **A Brief History of American Literature**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.

GREEN, Roger Lancelyn. **Into Other Worlds: Space-Flight in Fiction, From Lucian to Lewis**. Michigan: Abelard-Schuman, 1958.

GUNN, James. **Isaac Asimov: The Foundations of Science Fiction**. Oxford: Oxford University Press, 1982.

HABIB, M. A. R. **A History of Literary Criticism: From Plato to the Present**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
HALL, Mitchell K. **The Vietnam War. Revised second edition**. London: Pearson Edutication Limited, 2008.
HALL, Sheldon; NEALE, Steve. **Epics, spectacles, and blockbusters: A Hollywood history**. Detroit: Wayne State University Press, 2010.
HALLEY, Edmund. An Account of the cause of the change of the variation of the magnetic needle; with an hypothesis of the structure of the internal parts of the earth. **The Philosophical Transactions of the Royal Society of London**, v. 16, n. 179–191, p. 470–476, 1692.
HARMAN, Graham. **Weird Realism: Lovecraft and Philosophy**. Washington: Zero Books, 2012.
HAY, George (Org.). **The Disappearing Future: A Symposium of Speculation**. London: Panther, 1970.
HEIJNINGEN, Matthijs van. **The Thing**. United States: Universal Pictures, 2001.
HEINLEIN, Robert. **Citizen of the Galaxy**. New York: Charles Scribner's Sons, 1957.
HEINLEIN, Robert. Life-Line. **Astounding Science Fiction**, v. 23, n. 6, p. 83–95, 1939.
HEINLEIN, Robert. Misfit. **Astounding Science Fiction**, v. 24, n. 3, p. 53–66, 1939.
HEINLEIN, Robert. **Rocket Ship Galileo**. New York: Charles Scribner's Sons, 1947.
HEINLEIN, Robert. **Space Cadet**. New York: Charles Scribner's Sons, 1948.
HEINLEIN, Robert. Starship Soldier (Part 1 of 2). **The Magazine of Fantasy and Science Fiction**, v. 17, n. 4, p. 103–164, 1959.
HEINLEIN, Robert. Starship Soldier (Part 2 of 2). **The Magazine of Fantasy and Science Fiction**, v. 17, n. 5, p. 51–94, 1959.
HEINLEIN, Robert. **Starship Troopers**. New York: G. P. Putnam's Sons, 1959.
HEINLEIN, Robert. The Puppet Masters (Part 1 of 3). **Galaxy Science Fiction**, v. 2, n. 6, p. 5–66, 1951.
HEINLEIN, Robert. The Puppet Masters (Part 2 of 3). **Galaxy Science Fiction**, v. 3, n. 1, p. 100–156, 1951.
HEINLEIN, Robert. The Puppet Masters (Part 3 of 3). **Galaxy Science Fiction**, v. 3, n. 2, p. 101–158, 1951.
HEINLEIN, Robert A. Blowups Happen. **Astounding Science-Fiction**, v. 26, n. 1, p. 51–85, 1940.
HEINLEIN, Robert A. Coventry. **Astounding Science-Fiction**, v. 25, n. 5, p. 56–92, 1940.
HEINLEIN, Robert A. **Expanded Universe**. New York: Ace Books, 1980.
HEINLEIN, Robert A. If This Goes On - (Part 1 of 2). **Astounding Science-Fiction**, p. 9–40, 1940.
HEINLEIN, Robert A. If This Goes On - (Part 2 of 2). **Astounding Science-Fiction**, p. 117–151, 1940.
HEINLEIN, Robert A. Methuselah's Children (Part 1 of 3). **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 5, p. 9–43, 1941.
HEINLEIN, Robert A. Methuselah's Children (Part 2 of 3). **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 6, p. 63–108, 1941.
HEINLEIN, Robert A. Methuselah's Children (Part 3 of 3). **Astounding Science-Fiction**, v. 28, n. 1, p. 133–164, 1941.
HEINLEIN, Robert A. Requiem. **Astounding Science-Fiction**, v. 24, n. 5, p. 80–91, 1940.

HEINLEIN, Robert A. Solution Unsatisfactory. **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 3, p. 56–86, 1941.
HEINLEIN, Robert A. The Roads Must Roll. **Astounding Science-Fiction**, v. 25, n. 4, p. 9–37, 1940.
HEINLEIN, Robert A. Universe. **Astounding Science-Fiction**, v. 27, n. 3, p. 9–42, 1941.
HOLTSMARK, Erling B. **Edgar Rice Burroughs**. Boston: Twayne Publishers, 1986.
HOWARD, Robert. The Scarlet Citadel [Conan]. **Weird Tales**, v. 21, n. 1, p. 51–77, 1933.
HOWE, Marvine. T.D. Clareson, 66, A Leading Scholar on Science Fiction. **The New York Times**, p. D000118, 1993. Disponível em: <https://nyti.ms/29dV34o>. Acesso em: 1 jul. 2018.
HUBBARD, L. Ron. The Dangerous Dimension. **Astounding Science Fiction**, v. 21, n. 5, p. 100–112, 1938.
HUBBARD, L. Ron. The Tramp (Part 1 of 3). **Astounding Science-Fiction**, p. 70–86, 1938.
HUBBARD, L. Ron. The Tramp (Part 2 of 3). **Astounding Science-Fiction**, p. 90–105, 1938.
HUBBARD, L. Ron. The Tramp (Part 3 of 3). **Astounding Science-Fiction**, p. 46–65, 1938.
HUNTINGTON, John. Public and Private Imperatives in Le Guin's Novels. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 237–243, 1975.
ISSITT, Micah. **Hippies - A Guide to an American Subculture**. Santa Barbara, Denver & Oxford: Greenwood Press, 2009.
JAMESON, Fredric. Generic Discontinuities in SF: Brian Aldiss' "Starship". **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 57–68, 1973.
JAMESON, Fredric. World-Reduction in Le Guin: The Emergence of Utopian Narrative. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 221–230, 1975.
JENKINS, Henry. **Textual Poachers: Televison Fans & Participatory Culture**. London: Routledge, 1992.
JOSHI, S. T. **A Dreamer and a Visionary - H. P. Lovecraft and his Time**. Kindle Edition. Liverpool: Liverpool University Press, 2001.
JOSHI, S. T.; SCHULTZ, David E. **An H.P. Lovecraft Encyclopedia**. New York: Greenwood Press, 2001.
JUNG, Carl Gustav. **Aion - Estudo sobre o Simbolismo do Si-Mesmo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
JUNG, Carl Gustav. **Civilization in Transition**. Trad. R. F. C. Hull. New York: Bollingen Foundation, 1970. (The Collected Works of Carl Jung).
JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
JUNG, Carl Gustav. **The Collect Works of C. G. Jung - Complete Digital Editions Volumes 1-19**. Trad. Gerhard Adler; R. F. C. Hull. Princeton: Princeton University Press, 2014.
KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
KAUFMANN, J. E; KAUFMANN, H. W. **Hitler's Blitzkrieg Campaings: The Invasion and Defense of Western Europe, 1939-1940**. Pennsylvania: Combined Books, 1993.
KETTERER, David. **New Worlds of Old: The Apocalyptic Imagination, Science Fiction, and American Literature**. Indianopolis: Indiana University Press, 1974.

KETTERER, David. The SF Element in the Work of Poe: A Chronological Survey. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 197–213, 1974.
KIPLING, Rudyard. **Many Inventions**. New York: Macmillan and Co., 1893.
KLEIN, Gérard. On Ursula Le Guin. **Science Fiction Studies**, v. 6, n. 1, p. 117, 1979.
KLEIN, Gérard; ASTLE, Richard. Le Guin's "Aberrant" Opus: Escaping the Trap of Discontent. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 3, p. 287–295, 1977.
KNIGHT, Damon. **Charles Fort: Prophet of the Unexplained**. Michigan: Doubleday, 1970.
KOEDT, Anne. **The Myth of the Vaginal Orgasm**. New England: New England Free Press, 1970.
KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith. Gunner Cade (Part 1 of 3). **Astounding Science Fiction**, v. 49, n. 1, p. 8–53, 1952.
KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith. Gunner Cade (Part 2 of 3). **Astounding Science Fiction**, v. 49, n. 2, p. 114–159, 1952.
KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith. Gunner Cade (Part 3 of 3). **Astounding Science Fiction**, v. 49, n. 3, p. 108–155, 1952.
KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith. Mars Child (Part 1 of 3). **Galaxy Science Fiction**, v. 2, n. 2, p. 18–76, 1951.
KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith. Mars Child (Part 2 of 3). **Galaxy Science Fiction**, v. 2, n. 3, p. 94–163, 1951.
KORNBLUTH, C. M.; MERRIL, Judith. Mars Child (Part 3 of 3). **Galaxy Science Fiction**, v. 2, n. 4, p. 44–115, 1951.
KROEBER, Alfred L. **Anthropology**. New York: Harcourt Brace & Company, 1923.
KROEBER, Alfred L. The Ancient Oikoumene as an Historic Culture Aggregate. **The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, v. 75, n. 1–2, p. 9–20, 1945.
KROEBER, Alfred L.; KLUCKHOHN, Clyde. **Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions**. Cambridge: Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, 1952.
KROEBER, Theodora. **Alfred Kroeber: A Personal Configuration**. Berkeley: University of California Press, 1970.
KROEBER, Theodora. **Ishi in Two Worlds - A Biography of the Last Wild Indian in North America**. Berkeley: University of California Press, 1961.
LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954**. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
LACAN, Jacques. **Seminário, Livro 7: A Ética da Psicanálise, 1959-1960.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
LAMONT, Steward. **Religion Inc. The Church of Scientology**. London: Harrap, 1986.
LANGER, Julian. **Feral Consciousness: Deconstruction of the Modern Myth and Return to the Woods**. Berkeley: Aragorn Moser, 2016.
LARSON, Erik. **Dead Wake: The Last Crossing of the Lusitania**. New York: Crown Publishing Group, 2015.
LATHAM, Rob. The New Wave. *In*: SEED, David (Org.). **A Companion to Science Fiction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 202–216.
LAUTERBACH, Edward S.; CLARESON, Thomas D. From the Lauching Pad. **Extrapolation**, v. 1, n. 1, p. 1, 1959.

LAYCOCK, Joseph P. Approaching the Paranormal. **Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions**, v. 18, n. 1, p. 5–15, 2014.
LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
LE GUIN, Ursula K. A New Book by Strugatskys. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 2, p. 157–159, 1977.
LE GUIN, Ursula K. A Response to the Le Guin Issue (SFS #7). **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 43–46, 1976.
LE GUIN, Ursula K. A Review. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 64, 1976.
LE GUIN, Ursula K. American SF and the Other. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 208–210, 1975.
LE GUIN, Ursula K. April in Paris. **Fantastic Stories of Imagination**, v. 11, n. 9, 1962.
LE GUIN, Ursula K. Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universe? Surveying the Battlefield. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 88–90, 1973.
LE GUIN, Ursula K. **City of Illusions**. New York: Ace Books, 1967.
LE GUIN, Ursula K. Concerning the “Lem Affair”. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 100, 1977.
LE GUIN, Ursula K. European SF: Rottensteiner’s Anthology, the Strugatskys, and Lem. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 181–185, 1974.
LE GUIN, Ursula K. In Response to Mr Eisenstein. **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 98, 1976.
LE GUIN, Ursula K. Ketterer on “The Left Hand of Darkness”. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 2, p. 137–139, 1975.
LE GUIN, Ursula K. **Planet of Exile**. New York: Ace Books, 1966.
LE GUIN, Ursula K. **The Dispossessed: An Ambiguous Utopia**. New York: Harper & Row Publishers, 1974.
LE GUIN, Ursula K. **The Language of the Night - Essays on Fantasy and Science Fiction**. Revised Edition. New York: HarperCollins, 1993.
LE GUIN, Ursula K. The Lathe of Heaven (Part 1 of 2). **Amazing Science Fiction**, v. 44, n. 6, p. 6–61, 1971.
LE GUIN, Ursula K. The Lathe of Heaven (Part 2 of 2). **Amazing Science Fiction**, v. 45, n. 1, p. 6–36, 1971.
LE GUIN, Ursula K. **The Left Hand of Darkness**. New York: Ace Books, 1969.
LE GUIN, Ursula K. The Rule of Names. **Fantastic Stories of Imagination**, v. 13, n. 4, p. 79–89, 1964.
LE GUIN, Ursula K. **The Word for World is Forest**. New York: Berkley Medallion Books, 1972.
LE GUIN, Ursula K. The Word of Unbinding. **Fantastic Stories of Imagination**, v. 13, n. 1, p. 66–73, 1964.
LE GUIN, Ursula Kroeber. **Five Ways to Forgiveness**. Kindle. New York: Literary Classics of United States, 2017.
LE GUIN, Ursula Kroeber. On Norman Spinrad’s “The Iron Dream”. **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 41–44, 1973.
LE GUIN, Ursula Kroeber. **Rocannon’s World**. New York: Ace Books, 1966.
LE GUIN, Ursula Kroeber. **The Complete Orsinia: Malafrena, Stories and Songs**. Kindle. New York: The Library of America, 2016.
LEBOVIC, James H. **The Limits of U.S. Miltary Capabiltiy - Lessons from Vietnam and Iraq**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2010.

LEITCH, Vincent B. **American Literary Criticism from the Thirties to the Eighties**. New York: Columbia University Press, 1988.
LEM, Stanislaw. On the Structural Analysis of Science Fiction. **Science-Fiction Studies**, Trad. Franz Rottensteiner; Bruce R. Gillespie. v. 1, n. 1, p. 26–33, 1973.
LEM, Stanislaw. **The Invincible**. New York: Seabury Press, 1973.
LEVIN, Jeff. Ursula K. Le Guin: A Select Bibliography. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 204–208, 1975.
LÉVI-STRAUSS, Claude. A análise estrutural em linguística e antropologia. *In*: **Antropol. Estrutural**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac-Naify, 2012, p. 57–86.
LÉVI-STRAUSS, Claude. **Anthropologie Structurale**. Paris: Plon, 1958.
LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguagem e Sociedade. *In*: **Antropol. Estrutural**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac-Naify, 2012, p. 103–122.
LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papirus, 1989.
LEVY-BRUHL, Lucien. **Primitive Mentality**. New York: AMS Press, 1975.
LEWIS, Paul. From Emerson to Edmundson: The Case Against Poe. **The Edgar Allan Poe Review**, v. 11, n. 2, p. 73–84, 2010.
LEY, Willy. Book Review. **Astounding Science Fiction**, v. 41, n. 1, p. 153–156, 1948.
LEY, Willy. **The Future of Travel Beyond the Stratosphere**. New York: The Viking Press, 1944.
LOVECRAFT, H. P. A Reminiscence of Dr. Samuel Johnson. **United Amateur**, 1917.
LOVECRAFT, H. P. At the Mountains of Madness (Part 1 of 3). **Astounding Stories**, v. 16, n. 6, p. 8–32, 1936.
LOVECRAFT, H. P. At the Mountains of Madness (Part 2 of 3). **Astounding Stories**, v. 17, n. 1, p. 125–155, 1936.
LOVECRAFT, H. P. At the Mountains of Madness (Part 3 of 3). **Astounding Stories**, v. 17, n. 2, p. 132–150, 1936.
LOVECRAFT, H. P. Beyond the Wall of Sleep. **Pine Cones**, 1919.
LOVECRAFT, H. P. Dagon. **Weird Tales**, v. 2, n. 3, p. 23–25, 1923.
LOVECRAFT, H. P. Letter. **Weird Tales**, v. 2, n. 2, p. 80, 1923.
LOVECRAFT, H. P. Supernatural Horrors in Literature. **The Recluse**, p. 23–60, 1927.
LOVECRAFT, H. P. The Call of Cthulhu. **Weird Tales**, v. 11, n. 2, p. 159–178, 1928.
LOVECRAFT, H. P. The case of Charles Dexter Ward (Part 1 of 2). **Weird Tales**, v. 35, n. 9, p. 6–20, 1941.
LOVECRAFT, H. P. The case of Charles Dexter Ward (Part 2 of 2). **Weird Tales**, v. 35, n. 9, p. 84–121, 1941.
LOVECRAFT, H. P. The Colour Out of Space. **Amazing Stories**, p. 556–567, 1927.
LOVECRAFT, H. P. **The Complete Fiction**. New York: Barnes and Noble, 2011.
LOVECRAFT, H. P. The Dunwich Horror. **Weird Tales**, v. 13, n. 4, p. 481–508, 1929.
LOVECRAFT, H. P. The Haunter of Dark. **Weird Tales**, v. 28, n. 5, p. 538–553, 1936.
LOVECRAFT, H. P. The Shadow Out of Time. **Astounding Stories**, v. 17, n. 4, p. 110–156, 1936.
LOVECRAFT, H. P. **The Shadow Over Innsmouth**. New York: Visionary Publishing Company, 1936.
LOVECRAFT, H. P. The Whisperer in Darkness. **Weird Tales**, v. 18, n. 1, p. 32–71, 1931.
LOWELL, James Russell. **A Fable for Critics; or, Better, A Glace at a Few of Our Literary Progenies**. Boston: Ticknor and Fields, 1848.

LOWIE, Robert H. **Primitive Society**. New York: Liveright Publishing Corporation, 1920.

LOWNDES, Robert A. A Legend of Lanth. **Spaceways**, v. 1, n. 7, p. 11–12, 1939.

LOWNDES, Robert A. Letter: Report of the Plutonian Ambassador by Sir Doc Lowndes. **Wonder Stories**, p. 500, 1935.

MACKSEY, Richard; DONATO, Eugenio (Orgs.). **The Structuralist Controversty - The Languages of Criticism and the Sciences of Man**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1972.

MARTIN, Wallace. Criticism and Academy. *In*: LITZ, A. Walton; MENAND, Louis; RAINEY, Lawrence (Orgs.). **Cambridge Hist. Lit. Crit. Vol. 7 - Mod. New Crit.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 269–321.

MASCO, Joseph. **The Nuclear Borderlands - The Manhattan Project in Post-Cold War New Mexico**. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2006.

MEAD, Margaret. **Coming of Age in Samoa - A Psychology Study of Primitive Youth for Western Civilisation**. New York: William Morrow & Company, 1928.

MEAD, Margaret. **Growing Up in New Guinea - A Comparative Study of Primitive Education**. New York: Blue Ribbon Books, Inc., 1930.

MEAD, Margaret. **Sex and Temperament in Three Primitive Societies**. New York: Morrow, 1935.

MENDLESOHN, Farah. Fiction, 1926-1949. *In*: BOULD, Mark; BUTLER, Andrew M.; ROBERTS, Adam; *et al* (Orgs.). **The Routledge Companion to Science Fiction**. London & New York: Routledge, 2009, p. 52–61.

MERWIN, Sam. Review: The Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom by Sam Moskowitz. **Amazing Stories**, v. 25, n. 1, p. 150, 1952.

MILIUS, John. **Conan the Barbarin**. United States: Universal Pictures, 1982.

MILLER, Jacques-Alain. **Matemas I**. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MILLER, P. Schuyler. Review: The Immortal Storm by Sam Moskowitz. **Astounding Science Fiction**, v. 50, n. 1, p. 162–164, 1952.

MILLER, R. DeWitt. Ra, the Inscrutable. **Astounding Stories**, p. 101–109, 1937.

MILLER, Russell. **Bare-Faced Messiah: The True History of L. Ron Hubbard**. London: Michael Joseph, 1987.

MILLETT, Kate. **Sexual Politics**. London: Doubleday, 1970.

MOSKOWITZ, Sam. **Explorers of the Infinite - Shapers of Science Fiction**. New York: World Publishing Company, 1963.

MOSKOWITZ, Sam. **Seekers of Tomorrow**. New York: World Publishing Company, 1966.

MOSKOWITZ, Sam. **The Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom**. New York: Hyperion, 1974.

MULLEN, R.D. The Garland Library of Science Fiction. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 280–288, 1975.

MULLEN, R.D. The SF Writer as a Young Man: Asimov, del Rey, and Williamson. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 278–280, 1975.

MULLEN, R.D. The Sunken World: Also Two Vision in One. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 292–297, .

NEVALA-LEE, Alec. **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**. New York: Harper Collins, 2018.

NICHOLLS, Peter. Ley, Willy. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/ley_willy>.

NICHOLLS, Peter; CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan. Science Fiction and Fantasy Writers of America. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/sfwa>.

NICHOLLS, Peter; CLUTE, John; SLEIGHT, Graham. Science Fiction Foundation. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/science_fiction_foundation>.

NICHOLLS, Peter; LANGFORD, David. Critical and Historical Works About SF. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/space_opera>.

NICHOLLS, Peter; LANGFORD, Jonathan. Milford Science Fiction Writers' Conference. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/milford_science_fiction_writers_conference>.

NICHOLLS, Peter; ROBERTS, Adam. Bailey, J. O. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/bailey_j_o>.

NICOL, Charles. Review: Finding Le Guin's Right Hand. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 86, 1977.

NIVEN, Larry; POURNELLE, Jerry. **The Mote in God's Eye**. New York: Simon & Schuster, 1974.

NUDELMAN, Rafail. An Approach to the Structure of Le Guin's SF. **Science Fiction Studies**, Trad. Alan G. Myers. v. 2, n. 3, p. 210–220, 1975.

NYBY, Christian. **The Thing from Another World**. United States: RKO Radio Pictures, 1951.

PARRINDER, Patrick. Imagining the Future: Zamyatin and Wells. **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 17–26, 1973.

PARRINDER, Patrick. The Alien Encounter: Or, Ms Brown and Mrs. Le Guin (la Rencontre de l'extraterrestre). **Science Fiction Studies**, v. 6, n. 1, p. 46–58, 1979.

PHILMUS, Robert M. The Shape of Science Fiction: Through the Historical Looking Glass. **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 37–41, 1973.

PIERS, Anthony. **Macroscope**. New York: Avon Printing, 1969.

PLANK, Robert. Ursula K. Le Guin and the Decline of Romantic Love. **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 36–43, 1976.

POCOCK, John G. A. **Barbarism and Religion Vol. 1 - The Enlightenments of Edward Gibbon, 1737-1764**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

POHL, Frederik. Elegy to a Dead Satellite: Luna. **Amazing Stories**, v. 11, n. 5, p. 136, 1937.

PORGES, Irwin. **Edgar Rice Burroughs: The Man Who Created Tarzan**. Provo: Brigham Young University Press, 1975.

PORTER, David L. The Politics of Le Guin's Opus. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 243–248, 1975.

PRIEST, Christopher. Inverted World (Part 1 of 4). **Galaxy**, v. 34, n. 3, p. 6–57, 1973.

PRIEST, Christopher. Inverted World (Part 2 of 4). **Galaxy**, v. 34, n. 4, p. 127–179, 1974.

PRIEST, Christopher. Inverted World (Part 3 of 4). **Galaxy**, v. 34, n. 5, p. 133–179, 1974.
PRIEST, Christopher. Inverted World (Part 4 of 4). **Galaxy**, v. 34, n. 6, p. 134–179, 1974.
PUKALLUS, Horst. An Interview with Darko Suvin: Science Fiction and History, Cyberpunk, Russia. **Sci. Fict. Stud.**, v. 18, n. 2, p. 253–261, 1991.
RANSOM, John Crowe. Criticism as Pure Speculation. *In*: STAUFFER, Donald A. (Org.). **The Intention of the Critic**. Princeton: Princeton University Press, [s.d.].
RAUCHWAY, Eric. **The Great Depression: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
REYNOLDS, Mack; ROTTENSTEINER, Franz; JAMESON, Fredric. Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes? **Sci. Fict. Stud.**, v. 1, n. 4, p. 269–276, 1974.
RICHARDS, I. A. **Practical Criticism - A Study of Literary Judgment**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co, 1930.
RICHARDS, I. A. **Science and Poetry**. Michigan: The University of Michigan Press, 1926.
RICHTER, Virginia. **Literature After Darwin - Human Beasts in Western Fiction, 1859-1939**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
ROBERTS, Adam. **The History of Science Fiction**. Second Edition. New York: Palgrave Macmillan, 2016.
ROTTENSTEINER, Franz. Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes? **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 269–276, 1974.
ROTTENSTEINER, Franz. In Rebuttal. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 271–272, 1974.
ROTTENSTEINER, Franz. Letter (SF Commentary 24). **SF Commentary**, n. 24, p. 44, 1971.
ROTTENSTEINER, Franz. Lovecraft as Philosopher. H.P. Lovecraft: The Decline of the West by S. T. Joshi. **Science Fiction Studies**, v. 19, n. 1, p. 117–121, 1992.
ROTTENSTEINER, Franz (Org.). **View From Another Shore**. New York: Seabury Press, 1973.
ROWBOTHAM, Sheila. **Women, Resistence and Revolution**. New York: Verso, 1973.
RUDOLPH, Frederick. **The American College and University: A History**. New York: Alfred A. Knopf, 1962.
RUSS, Joanna. Four Complaints. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 307–309, 1974.
RUSS, Joanna. On Klein's Comments on Ursula Le Guin. **Science Fiction Studies**, v. 6, n. 1, p. 117–118, 1979.
RUSSELL, Eric Frank. Sinister Barrier. **Unknown**, v. 1, n. 1, p. 09–93, 1939.
RUSSELL, Eric Frank. The Great Radio Peril. **Astounding Stories**, v. 19, n. 2, p. 47–56, 1937.
RUSSELL, Eric Frank. The Prr-r-eet. **Tales of Wonder**, n. 1, p. 76–91, 1937.
RUSSELL, Eric Frank. The Saga of Pelican West. **Astounding Stories**, v. 18, n. 6, p. 12–28, 1937.
SAMUELSON, David N. Childhood's End: A Median Stage of Adolescence? **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 4–17, 1973.
SAPIR, Edward. **The Fundamental Elements of Northern Yana**. Berkeley: University of California Press, 1922.
SARTRE, Jean-Paul. **L'Être et le néant: Essai d'ontologie phénoménologique**. Paris: Gallimard, 1943.

SCARBOROUGH, Dorothy. **The Supernatural in Modern English Fiction**. New York: G. P. Putnam's Sons, 1917.
SCHOLES, Robert. Change, SF, and Marxism: Open or Closed Universes? **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 3, p. 213–214, 1974.
SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a Construção da Psicologia Moderna: O Sonho de uma Ciência**. São Paulo: Idéias e Letras, 2011.
SHIPPEY, Tom. Literary Gatekeepers and the Fabril Tradition. *In*: WESTFAHL, Gary; SLUSSER, George (Orgs.). **Sci. Fict. Canonization, Marginalization Acad.** Westport: Greenwood Press, 2002, p. 07–24.
SICLARI, Joe. **NYcon 1 – 1939 WorldCon**. The Fanac - Fan History Project. Disponível em: <http://fanac.org/worldcon/NYcon/w39-p00.html>.
SILVERBERG, Robert. A Time of Changes (Part 1 of 3). **Galaxy Magazine**, v. 31, n. 4, p. 06–19, 1971.
SILVERBERG, Robert. A Time of Changes (Part 2 of 3). **Galaxy Magazine**, v. 31, n. 5, p. 144–191, 1971.
SILVERBERG, Robert. A Time of Changes (Part 3 of 3). **Galaxy Magazine**, v. 31, n. 6, p. 108–166, 1971.
SILVERBERG, Robert. Dying Inside (Part 1 of 2). **Galaxy Magazine**, v. 33, n. 1, p. 6–76, 1972.
SILVERBERG, Robert. Dying Inside (Part 2 of 2). **Galaxy Magazine**, v. 33, n. 2, p. 102–171, 1972.
SILVERBERG, Robert. **The Book of Skulls**. New York: Charles Scribner's Sons, 1971.
SILVERBERG, Robert. Up the Line. **Amazing Stories**, v. 43, n. 2, p. 6–75, 1969.
SIMAK, Clifford D. **Way Station**. New York: Doubleday, 1963.
SIMKINS, Peter; JUKES, Geoffrey; HICKEY, Michael. **The First World War - The War to End All Wars**. Oxford: Osprey Publishing, 2003.
SLUSSER, George E. **The Farthest Shores of Ursula K. Le Guin**. New York: Borgo Press, 1976.
SMITH, Edward E. Galactic Patrol (Part 2 of 6). **Astounding Stories**, p. 58–87, 1937.
SMITH, Edward E.; GARBY, Lee Hawkins. The Skylark of Space (Part 1 of 3). **Amazing Stories**, v. 3, n. 5, p. 390–417, 1928.
SMITH, Edward E.; GARBY, Lee Hawkins. The Skylark of Space (Part 2 of 3). **Amazing Stories**, v. 3, n. 6, p. 528–558, 1928.
SMITH, Edward E.; GARBY, Lee Hawkins. The Skylark of Space (Part 3 of 3). **Amazing Stories**, v. 3, n. 7, p. 610–636, 1928.
SPINRAD, Norman. Bug Jack Barron. **New Worlds**, n. 178, p. 5–16, 1967.
SPINRAD, Norman. **The Iron Dream**. New York: Avon Printing, 1972.
SPIVACK, Charlotte. **Ursula K. Le Guin**. Boston: Twayne Publishers, 1984.
SPRAGUE DE CAMP, Lyon. Divided and Rule (Part 1 of 2). **Unknown**, p. 125–159, 1939.
SPRAGUE DE CAMP, Lyon. Divided and Rule (Part 2 of 2). **Unknown**, p. 105–129, 1939.
SPRAGUE DE CAMP, Lyon. Hyperpilosity. **Astounding Science-Fiction**, p. 39–47, 1938.
SPRAGUE DE CAMP, Lyon. Lest Darkness Fall. **Unknown**, p. 16–87, 1939.
SPRAGUE DE CAMP, Lyon. **Lovecraft: A Biography**. New York: Doubleday & Company, 1975.

SPRAGUE DE CAMP, Lyon. The Command. **Astounding Science-Fiction**, p. 70–80, 1938.
SPRAGUE DE CAMP, Lyon. The Gnarly Man. **Unknown**, p. 97–111, 1939.
SPRAGUE DE CAMP, Lyon. The Isolinguals. **Astounding Stories**, p. 108–121, 1937.
SPRAGUE DE CAMP, Lyon. The Merman. **Astounding Science-Fiction**, p. 80–90, 1938.
STABLEFORD, Brian; LANGFORD, Jonathan. Space Opera. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/space_opera>.
STABLEFORD, Brian; NICHOLLS, Peter; CLUTE, John. Lowndes, Robert A W. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/lowndes_robert_a_w>.
STOCKING, George W. Jr. (Org.). **Volkgeist as Method and Ethic: Essays on Boasin Ethnography and the German Anthropological Tradition**. London: The University of Wisconsin Press, 1996.
STOVER, Leon. **Robert A. Heinlein**. Boston: G. K. Hall & Company, 1987.
STOVER, Leon E. Anthropology and Science Fiction. **Curr. Anthropol.**, v. 14, n. 4, p. 471–474, 1973.
STOVER, Leon E. **La Science-Fiction Américaine: Essai d'anthropologie culturelle**. Paris: Aubier Montaigne, 1972.
STRUGATZKI, Arkadi; STRUGATZKI, Boris. **Hard to be a God**. New York: Seabury Press, 1973.
STUART, Don A. Out of Night. **Astounding Stories**, p. 10–38, 1937.
STUART, Don A. Twilight. **Astounding Stories**, v. 14, n. 3, p. 44–58, 1934.
STUART, Don A. Who Goes There? **Astounding Science-Fiction**, v. 21, n. 6, p. 60–98, 1938.
STURGEON, Theodore. **More Than Human**. New York: Farrar, Straus and Young, 1953.
SUVIN, Darko. A First Comment on Ms. Le Guin's Note on the "Lem Affair". **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 101–102, 1977.
SUVIN, Darko. Introductory Note. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 203–204, 1975.
SUVIN, Darko. Introductory Note. The Science Fiction of Philip K. Dick. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 1, p. 3–4, 1975.
SUVIN, Darko. **Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre**. New Haven & London: Yale University Press, 1979.
SUVIN, Darko. Notes by Several Hands: SF Writers, The Great Consensus, and Non-Alignment. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 2, p. 135–136, 1973.
SUVIN, Darko. On the Poetics of the Science Fiction Genre. **College English**, v. 34, n. 3, p. 372–382, 1972.
SUVIN, Darko. **Other Worlds, Other Seas**. New York: Random House, 1970.
SUVIN, Darko. Parables of De-Alienation: Le Guin's Widdershins Dance. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 265–274, 1975.
SUVIN, Darko. P.K. Dick's Opus: Artifice as Refuge and World View (Introductory Reflections). **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 1, p. 8–22, 1975.
SUVIN, Darko. Radical Rhapsody and Romantic Recoil in the Age of Anticipation: A Chapter in the History of SF. **Science Fiction Studies**, v. 1, n. 4, p. 255–269, 1974.

SUVIN, Darko. SF: The Other Side of Realism by Thomas D. Clareson. **College English**, v. 34, n. 8, p. 1148–1150, 1973.

SUVIN, Darko. The Significant Context of SF: A Dialogue of Comfort Against Tribulation. **Science-Fiction Studies**, v. 1, n. 1, p. 44–50, 1973.

SWANSON, Roy Arthur. Nabokov's Ada as Science Fiction. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 1, p. 76–88, 1975.

SYMMES, John Cleves. **Symzonia: A Voyage of Discovery**. South Australia: University of Adelaide, 1820.

THACKER, Eugene. **In the Dust of this Planet**. Winchester and Washington: Zero Books, 2011.

THACKER, Eugene. **Starry Speculative Corpse**. Winchester and Washington: Zero Books, 2015.

THACKER, Eugene. **Tentacles Longer than Night**. Winchester and Washington: Zero Books, 2015.

THEALL, Donald F. The Art of Social-Science Fiction: The Ambiguous Utopian Dialectics of Ursula K. Le Guin. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 256–264, 1975.

THORNHAM, Sue. Second Wave Feminism. *In*: GAMBLE, Sarah (Org.). **The Routledge Companion to Feminism and Postfeminism**. London & New York: Routledge, 2006, p. 25–35.

TRIGG, Dylan. **The Thing: A Phenomenology of Horror**. Alresford: Zero Books, 2013.

TYLOR, Edward B. **Anthropology: An Introduction to the Study of Man and Civilization**. New York: D. Appleton and Company, 1896.

TYMN, Marshall B.; ASHLEY, Mike (Orgs.). **Science Fiction, Fantasy, and Weird Fiction Magazines**. London: Greenwood Press, 1985.

VAN DYKE, W. S. **Tarzan the Ape Man**. United States: Metro-Goldwyn-Mayer, 1932.

VAN VOGHT, A. E. Black Destroyer. **Astounding Science Fiction**, v. 23, n. 5, p. 09–31, 1939.

VAN VOGHT, A. E. Slan (Part 1 of 4). **Astounding Science Fiction**, v. 26, n. 1, p. 09–40, 1940.

VAN VOGHT, A. E. Slan (Part 2 of 4). **Astounding Science Fiction**, v. 26, n. 2, p. 09–41, 1940.

VAN VOGHT, A. E. Slan (Part 3 of 4). **Astounding Science Fiction**, v. 26, n. 3, p. 119–160, 1940.

VAN VOGHT, A. E. Slan (Part 4 of 4). **Astounding Science Fiction**, v. 26, n. 4, p. 119–161, 1940.

VAN VOGHT, A. E. **The Voyage of the Space Beagle**. New York: Simon & Schuster, 1950.

VAN VOGHT, A. E.; CAMPBELL, John W. Jr. World of Null-A (Part 1 of 3). **Astounding Science Fiction**, v. 35, n. 6, p. 07–47, 1945.

VAN VOGHT, A. E.; CAMPBELL, John W. Jr. World of Null-A (Part 2 of 3). **Astounding Science Fiction**, v. 36, n. 1, p. 07–46, 1945.

VAN VOGHT, A. E.; CAMPBELL, John W. Jr. World of Null-A (Part 3 of 3). **Astounding Science Fiction**, v. 36, n. 2, p. 66–98, 1945.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VONNEGUT, Kurt Jr. **Slaughterhouse-Five: or The Children's Crusade**. New York: Delacorte Press, 1969.

WAGNER, Roy. **The Invention of Culture. Revised and Expanded Edition**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1981.
WATSON, Ian. The Forest as Metaphor for Mind: “The Word for World Is Forest” and “Vaster than Empires and More Slow”. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 231–237, 1975.
WEINBAUM, Stanley G. A Martian Odyssey. **Wonder Stories**, p. 174–189, 1934.
WELLMAN, Manly Wade. Rule of the Bee. **Astounding Stories**, p. 51–56, 1937.
WERTENBAKER, G. Peyton. The Man from the Atom. **Science and Invention**, n. 4, p. 1–19, 1923.
WHITE, Hayden. Historical Pluralism. **Crit. Inq.**, v. 12, n. 3, p. 480–493, 1986.
WHITE, Hayden. Historiography and Historiophoty. **Am. Hist. Rev.**, v. 93, n. 5, p. 1193–1199, 1988.
WHITE, Hayden. Interpretation in History. **New Lit. Hist.**, v. 4, n. 2, p. 281–314, 1973.
WHITE, Hayden. The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory. **Hist. Theory**, v. 23, n. 1, p. 1–33, 1984.
WHITE, Hayden. The Value of Narrative in the Representation of Reality. **Crit. Inq.**, v. 7, n. 1, p. 5–27, 1980.
WHITE, Hayden. **Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism**. Maryland: Johns Hopkins University Press, 1985.
WILLIAMSON, Jack. **The Legion Of Space - The Complete Book Version**. New York: World Éditions, Inc., 1950.
WILLIAMSON, Jack. The Legion of Space (Part 1 of 5). **Astounding Stories**, v. 13, n. 2, p. 10–30, 1934.
WILLIAMSON, Jack. The Legion of Space (Part 2 of 5). **Astounding Stories**, v. 13, n. 3, p. 99–109, 1934.
WILLIAMSON, Jack. The Legion of Space (Part 3 of 5). **Astounding Stories**, v. 13, n. 4, p. 113–123, 1934.
WILLIAMSON, Jack. The Legion of Space (Part 4 of 5). **Astounding Stories**, v. 13, n. 5, p. 102–123, 1934.
WILLIAMSON, Jack. The Legion of Space (Part 5 of 5). **Astounding Stories**, v. 13, n. 6, p. 123–140, 1934.
WIMSATT, W. K.; BEARDSLEY, Monroe. The Affective Fallacy. **The Sewanee Review**, v. 57, n. 1, p. 31–55, 1949.
WIMSATT, W. K.; BEARDSLEY, Monroe. The Intentional Fallacy. **The Sewanee Review**, v. 54, n. 3, p. 468–488, 1946.
WOLFE, Gary K. **Critical Terms for Science Fiction and Fantasy - A Glossary and Guide to Scholarship**. New York & London: Greenwood Press, 1986.
WOLFE, Gary K. **Evaporating Genres - Essays on Fantastic Literature**. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2011.
WOLK, Anthony. On the Le Guin Issue. **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 95–96, 1976.
WOLLHEIM, Donald A. (Org.). **The Best from the Rest of the World**. New York: Doubleday, 1976.
WOLLHEIM, Donald A. The Man from Ariel. **Wonder Stories**, p. 604–608, 1934.
WOLLHEIM, Donald A.; LOWNDES, Robert A. The Outpost at Altark. **Super Science Stories**, v. 2, n. 1, p. 112–126, 1940.
WOMACK, Jack. Come, Steam Engine Time. *In*: FORT, Charles Hoy (Ed.). **The Book of the Damned**. Kindle Edition. New York: Baen Books, 2014. (Baen Books Charles Fort Ebook Collection).

WORDSWORTH, William. Preface to Lyrical Ballads. *In*: **Lyrical Ballads, With Pastoral and Other Poems. V1**. London: Biggs and Cottle, 1802. Disponível em: <https://www.uni-due.de/lyriktheorie/texte/1802_wordsworth.html>.
YASZEK, Lisa. Cultural History. *In*: BOULD, Mark; BUTLER, Andrew M.; ROBERTS, Adam; *et al* (Orgs.). **The Routledge Companion to Science Fiction**. London & New York: Routledge, 2009, p. 194–203.
ZAMIATIN, Eugene. **We**. Trad. Gregory Zilboorg. New York: E. P. Dutton, 1924.
ZELAZNY, Roger. **Isle of the Dead**. New York: Ace Books, 1969.
1941 Retro-Hugo Awards. The Hugo Awards. Disponível em: <http://www.thehugoawards.org/hugo-history/1941-retro-hugo-awards/>. Acesso em: 1 jan. 2019.
A. E. van Vogt. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?58>.
Austin Hall. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/title.cgi?55010>. Acesso em: 6 abr. 2018.
Bernhard J. Stern papers, circa 1894-1956. Archives West. Disponível em: <http://archiveswest.orbiscascade.org/ark:/80444/xv62136>. Acesso em: 1 jan. 2019.
Beyond the White Seas. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/title.cgi?1107066>. Acesso em: 6 abr. 2018.
C. M. Kornbluth. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?285>.
Chronological Bibliography: G. Peyton Wertenbaker. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?620>. Acesso em: 5 abr. 2018.
Eric Frank Russell. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?51>. Acesso em: 11 jul. 2018.
Frederik Pohl. Science Fiction Awards Database. Disponível em: <www.sfadb.com/Frederik_Pohl_Chronology>.
Into the Infinite. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/title.cgi?55010>. Acesso em: 6 abr. 2018.
Jack Williamson. Science Fiction Awards Database. Disponível em: <www.sfadb.com/jack_williamson>. Acesso em: 17 jul. 2018.
L. Sprague de Camp. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?18>.
REH Issues FAQ. The Barbarian Keep - The Conan and Robert E. Howard Website. Disponível em: <www.barbariankeep.com/issues.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.
Robert A. W. Lowndes. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch.cgi?1360>.
Theodore Sturgeon. The Internet Speculative Fiction Database. Disponível em: <www.isfdb.org/cgi-bin/ch-cgi?56>. Acesso em: 17 jun. 2018.

ANEXO 1 – GALAXY 1968

Galaxy, junho de 1968. Páginas 04 e 05. Grifo Nosso.

AUTORES FAVORÁVEIS	AUTORES CONTRÁRIOS
Karen K. Anderson	Forrest J. Ackerman
Poul Anderson	Isaac Asimov
Harry Bates	Peter S. Beagle
Lloyd Biggle, Jr.	Jerome Bixby
J. F. Bone	James Blish
Leigh Brackett	Anthony Boucher
Marion Zimmer Bradley	Lily G. Boyd
Mario Brand	Ray Bradbury
R. Bretnor	Jonathan Brand
Doris Pitkin Buck	Stuart J. Byrne
William R. Burkett, Jr.	Terry Carr
Elinor Busby	Carroll J. Clem
F. M. Busby	Ed M. Clinton
John W. Campbell	Theodore R. Cosgwell
Louis Charbonneau	Arthur Jean Cox
Hal Clement	Allan Danzig
Compton Crook	Jon Decles
Hank Davis	Miriam Allen deFord
L. Sprague de Camp	Sameul R. Delany
Charles V. de Vet	Lester Del Rey
Willaim B. Ellern	Philip K. Dick
Richard H. Eney	Thomas M. Disch
T R. Fehrenbach	Sonya Dorman
R. C. FitzPatrick	Larry Eisenberg
Daniel F. Galouye	Harlan Ellison
Raymond Z. Gallun	Carol Emshwiller
Robert M. Green, Jr.	Philip José Farmer
Frances T. Hall	David E. Fisher
Edmond Hamilton	Ron Goulart

Robert A. Heinlein	Joseph Green
Joe L. Hensley	Jim Harmon
Paul G. Herkart	Harry Harrison
Dean C. Ing	H. H. Hollis
Jay Kay Klein	J. Hunter Holly
David A. Kyle	James D. Houston
R. A. Lafferty	Edward Jesby
Robert J. Leman	Leo P. Kelley
C. C. MacApp	Daniel Keyes
Robert Mason	Virgia Kidd
D. M. Melton	Damon Knight
Nerman Metcalf	Allen Lang
P. Schuyler Miller	March Laumer
Sam Moskowitz	Ursula K. Le Guin
John Myers Myers	Fritz Leiber
Larry Niven	Irwin Lewis
Alan Nourse	A. M. Lightner
Stuart Palmer	Robert A. W. Lowndes
Gerald W. Page	Katherine MacLean
Rachel Cosgrove Payes	Barry Malzberg
Lawrence A. Perkins	Robert E. Margroff
Jerry E. Porunelle	Anne Marple
Joe Poyer	Ardrey Marshall
E. Hoffman Price	Bruce McAllister
George W. Price	Judith Merril
Alva Rogers	Robert P. Mills
Fred Saberhagen	Howard L. Morris
George O. Smith	Kiris Neville
W. E. Sprague	Alexei Panshin
G. Harry Stine (Lee Correy)	Emil Petaja
Dwight V. Swain	J. R. Pierce
Thomas Burnett Swann	Arthur Porges

Albert Teichner	Mack Reynolds
Theodore L. Thomas	Gene Roddenberry
Rena M. Vale	Joanna Russ
Jack Vance	James Sallis
Harl Vincent	William Sambrot
Don Walsh, Jr.	Hans Stefan Santesson
Robert Moore Williams	J. W. Schutz
Jack Williamson	Robin Scott
Rosco E. Wright	Larry T. Shaw
Karl Würf	John Shepley
	T. L. Sherred
	Robert Silverberg
	Henry Slesar
	Jery Sohl
	Norman Spinrad
	Margaret St. Clair
	Jacob Transue
	Thurlow Weed
	Kate Wilhelm
	Richard Wilson
	Donald A. Wollheim